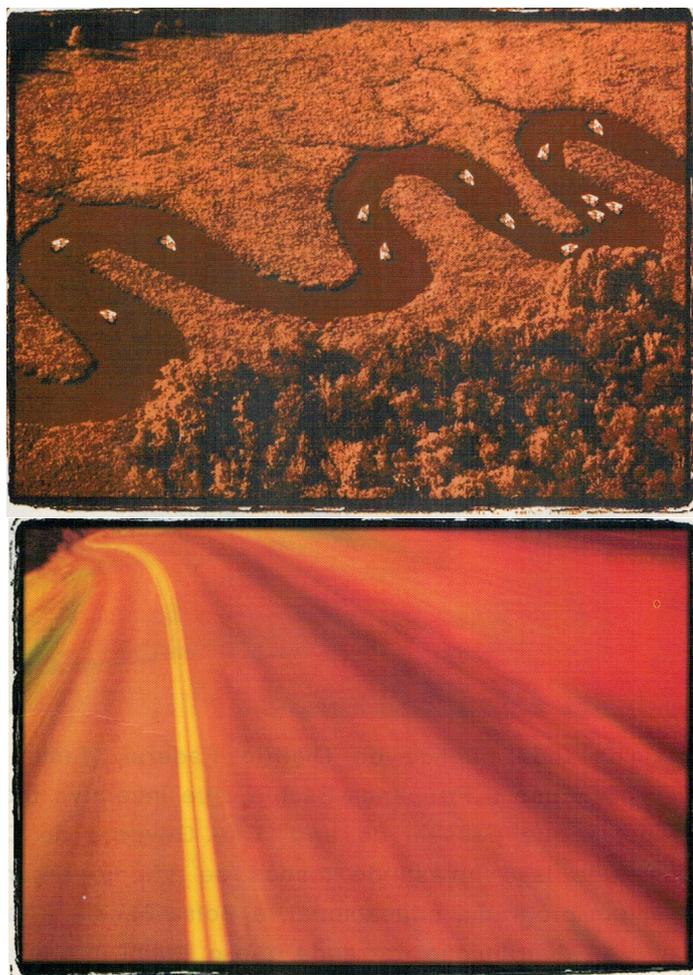


# VIAGEM INTEROCEÂNICA

uma epopeia acadêmica  
pela tríplice fronteira MAP

Guilherme Marinho Miranda



Belo Horizonte  
2018

M672v 2018 Marinho-Miranda, Guilherme.  
Viagem interoceânica [manuscrito]: uma epopeia acadêmica pela tríplice fronteira MAP / Guilherme Marinho Miranda. – 2018.  
410 f., enc.: il. (principalmente color.)

Orientador: Cássio Eduardo Viana Hissa.  
Coorientadora: Renata Moreira Marquez.  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 2018.  
Área de concentração: Produção do Espaço, Teoria e Prática.  
Bibliografia: f. 403-410.

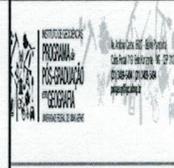
1. Geografia humana – Teses. 2. Planejamento urbano – Teses. 3. Viagens – Teses. I. Hissa, Cássio Eduardo Viana. II. Marquez, Renata Moreira. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia. IV. Título.

CDU: 911.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**A diferença das vidGeografias: perspectivas de tradução para uma viagem interoceânica**

**GUILHERME MARINHO DE MIRANDA**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA, como requisito para obtenção do grau de Doutor em GEOGRAFIA, área de concentração ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.

Aprovada em 31 de julho de 2018, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Cassio Eduardo Viana Hissa - Orientador  
UFMG

Prof(a). Renata Moreira Marquez  
UFMG

Prof(a). Rosvita Kolb Bernardes  
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof(a). Claudia Cristina Maia  
CEFET/MG

Prof(a). Rita de Cássia Lucena Velloso  
UFMG

Prof(a). Mayra Martins Redin  
Psicanalista

Belo Horizonte, 31 de julho de 2018.

Guilherme Marinho Miranda

**VIAGEM INTEROCEÂNICA**  
uma epopeia acadêmica pela trílice fronteira MAP

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Geografia, pelo Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Cássio Eduardo Viana Hissa

Coorientadora: Renata Moreira Marquez

Belo Horizonte

2018

A quem nada em vasto abismo

*Ut rari nantes in gurgite vasto*

## AGRADECIMENTOS

Neste momento de manifestar gratidão, dando graças a quem compartilhou comigo esta longa travessia, não encontro palavras capazes de alcançar os afetos vividos e que gostaria de retribuir. Tampouco há páginas suficientes.

Agradeço ao Cássio por acolher com generosidade o meu projeto, por me permitir inventar meu caminho, lidando bem com as nossas semelhanças e diferenças. Te agradeço por cada palavra dita e não dita, alegre com a amizade que nutrimos.

Agradeço à Renata pela disponibilidade da escuta que orienta, por estimular a sensibilidade do processo, atenta aos nossos limites e ao produto final. Te agradeço por cada conversa, as longas e breves águas de côco na Paraíba, e por me apresentar Lou e Manu.

Agradeço ao João, fotógrafo dedicado e responsável por cada um dos registros aqui guardados, por topar esta empreitada e se lançar com tanto brio. Te agradeço por cada um dos quilômetros compartilhados, saudoso da nossa convivência.

Agradeço à Mari, pela parceria de cada viagem e por cada momento vivido, antes, durante e depois das viagens. Te agradeço pela sabedoria do carinho presente.

Agradeço ao Rafa pelo olhar de cinema, à Luana pelo faro de jornalista e a ambos por me ensinarem, mesmo sem saber, o valor do diálogo, da alteridade e da memória.

Agradeço a cada um dos coabitantes desta pesquisa que se dispôs a compartilhar audiovisualmente suas histórias e geografias de vida cotidianas: Binho, Carla, Simone Norberto, Emanuela Palma, Luiz Tourinho, Miguel de Souza, Elza Mendoza, Maria Emília Coelho, Epaminondas Rodrigues, Celso, Família Pacífico, Damião, Antônio, Emilda, Augusto, Jimena, Eric Mendoza, Padre Renê, Eddy, Tiirsa, Cezar, Agapito, Sorayda, René, Rubens, Henry, Cícero Santos, Elmir Almeida, Minttzi Bueno, Margot Illanes, Edgar, Jorge, William, Alejandro Quispe Quispe, Alfonso Cardozo, Suécio Silva, Manoel Batista, Antônio Marinho, Nicolai Huallpa, Chola Manchineri, Purto Manchineri.

Agradeço à Cláudia Maia, ao João Tonucci, à Maria Elisa Moreira, à Mayra Redin, à Rita Velloso e à Rosvita Kolb, pela generosidade da presença de quem se dispõe à leitura de uma epopeia acadêmica.

Agradeço à Rita Pestana, pelo livro que faltava, ao Marco Scarassatti, pelo registro que faltava, à Ana Gomes e ao Edgar Barbosa pelo escritório compartilhado que faltava.

Agradeço às companheiras e aos companheiros do Grupo de Estudos Henri Lefebvre (GEHL), pelas leituras e elaborações compartilhadas.

Agradeço às colegas e aos colegas, estudantes, bolsistas, professores e funcionários do curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FaE/UFG), pelas aprendizagens práticas e pedagógicas de um cotidiano de integração e diferença.

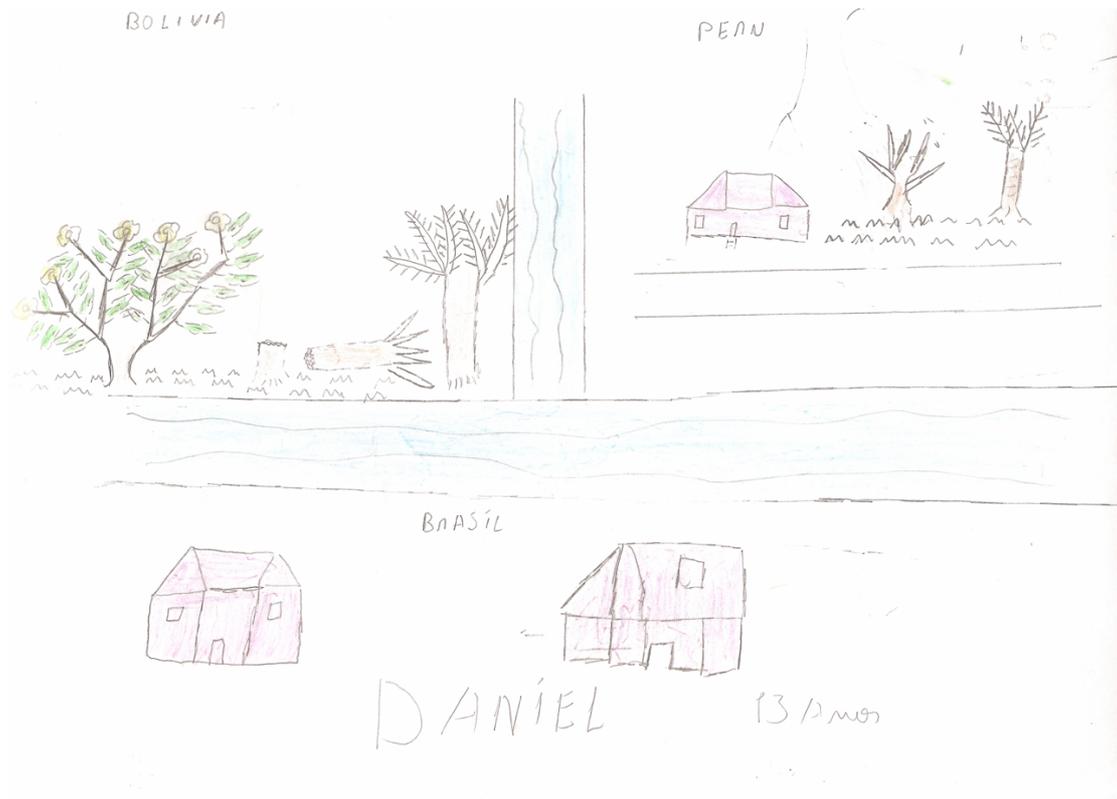
Agradeço à Marildes, minha amada mãe, por ter me ensinado desde cedo o valor da leitura e da escrita, me alfabetizado em casa, com amor e dedicação. Saudade do teu sorriso.

Agradeço ao Bosco, meu amado pai, por ter me ensinado o valor do atrevimento e da rebeldia, me ensinando a nadar em alto mar, quando a luta é pela sobrevivência de muitos. Dádiva é um dos sinônimos da tua presença.

Agradeço ao André e à Lúcia pela reciprocidade do carinho, pela amizade compartilhada e por cuidarem tão bem de pessoas que amo tanto.

Agradeço à Júlia, à Letícia, ao Bruno e ao Preto pelo afeto da fraternidade e por compreenderem minha ausência em tantas ocasiões. E através deles, agradeço a cada um dos amigos-irmãos e amigas-irmãs que encontrei ao longo da vida e que tanto me apoiaram durante esta travessia. Sublime é o amor fraterno.

Agradeço à Aninha, flor roxa de maracujá que traz cores, humores e sabores ao jardim da vida cotidiana. Te agradeço pela sensibilidade de cada afeto, pela leveza de cada palavra, por tantos anos, meses, dias, sorriso e paciência; até o último minuto. Com o amor e a dedicação dos teus gestos, esta obra ficou mais elegante e diferente.



**Mapa 1:** A tríplice fronteira "MAP"

**Autor:** Daniel Silva, 13 anos, Assis Brasil, Acre, Brasil.



**Mapa 2:** A tríplice fronteira "MAP"

**Autor:** Darlê Coila, 15 anos, Iñapari, Madre de Dios, Peru.

*papel em branco*

branco

papel

habitar

claro

desejo

apontar

segredo

obsuro

a provar

letra

preta

há girar:

pedra, papel ou tesoura?



Entre a vontade literária,  
a busca de uma linguagem própria,  
um estilo  
e o projeto essencial de mudar a vida  
havia um abismo.

**Henri Lefebvre<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> LEFEBVRE, Henri. *Tiempos equívocos*, Barcelona: Editorial Kairós, 1976, p.44; tradução minha.

Eu estava rígido e frio,  
era uma ponte  
estendida sobre um abismo.  
As pontas dos pés cravadas deste lado,  
do outro as mãos,  
eu me prendia firme com os dentes  
na argila quebradiça.  
As abas do meu casaco flutuavam  
pelos meus lados. Na profundidade  
fazia ruído o gelado riacho de trutas.  
Nenhum turista se perdia naquela altura  
intransitável, a ponte  
ainda não estava assinalada nos mapas.  
Assim eu estava estendido e esperava;  
tinha de esperar.  
Uma vez erguida, nenhuma ponte  
pode deixar de ser ponte  
sem desabar.  
(...) Uma ponte que dá voltas!  
Eu ainda não tinha me virado e já estava caindo,  
desabei,  
já estava rasgado e trespassado pelos cascalhos  
afiados, que sempre me haviam fitado  
tão pacificamente  
da água enfurecida.

**Franz Kafka<sup>2</sup>**

---

<sup>2</sup> KAFKA, Franz. *Narrativas do Espólio*, tradução: Modesto Carone, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.64

Mate você  
mesmo.  
Coma do seu morto,  
desalinhe o corpo, fique louco.  
Tome espaço  
do Estado, da polícia, da NSA,  
da mulher maravilha e meta um grelo  
na geopolítica.

**Ava Rocha<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> ROCHA, Ava. "Alto das Bacantes", In: *Ava Patrya Yndia Yracema*, São Paulo: Circus Produções Culturais & Fonográficas, 2015, faixa 5.

## SUMÁRIO

12	Resumos
16	Prólogo
39	Viagem Interoceânica
43	Canto I
75	Canto II
III	Canto III
149	Canto IV
179	Canto V
203	Canto VI
231	Canto VII
259	Canto VIII
287	Canto IX
321	Canto X
365	Epílogo
403	Referências

## RESUMO

Esta tese propõe um modo de traduzir o espaço da *Carretera Interoceánica*, também chamada de Estrada do Pacífico, concebida como um corredor global de integração – via Peru, Brasil e Bolívia – e vivida por diferentes caminhos que cruzam a tríplice fronteira MAP – Madre de Dios, Acre e Pando. Trata-se de um exercício de transposição criativa da espacialidade abstrata e geométrica de uma rodovia, para os termos da prática do espaço diferencial de uma geografia de viagem. Esta tradução objetiva dissolver o caráter duro e violento do planejamento territorial capitalista de grande escala, através da densidade afetiva de um espaço de criação compartilhada. A partir de uma viagem de pesquisa coletiva, realizada em 2010, com o propósito de registrar, em áudio e vídeo, as histórias de vida e as geografias cotidianas dos usuários da estrada, um deslocamento acontece entre uma rodovia pensada como modelo de integração viário e um conjunto de caminhos percebidos como diferenças viáveis. À pesquisa sobre um *contexto geográfico* vem se juntar a pesquisa de uma *textura videográfica*. Nesta obra, narrativas de viagem, estruturadas em 1102 fragmentos, reunidos em 10 cantos, precedidas de um prólogo e seguidas por uma argumentação metodológica. Uma estrutura que se inspira no desvio feito por Gonçalo M. Tavares, em relação a *Os Lusíadas* (1572) – a clássica epopeia de Luís V. de Camões – através de *Uma Viagem à Índia* (2010), uma epopeia ínfima. Um modelo é novamente desviado, aqui, com a função de argumentação crítica e recreativa, sob a forma de uma epopeia acadêmica. Assim, à pesquisa de uma *textura contextual* vídeo-geográfica vem se juntar, por fim, a *tessitura* de uma narrativa de viagem. No âmago desta tese encontra-se uma invenção metodológica interessada em apontar e expandir os sentidos de produção do espaço social, a partir da teoria de Henri Lefebvre (1901-91). Isto se dá através de *uma prática de tradução espacial* composta pelo entrecruzamento de vídeos, palavras e sons. Uma proposição aberta à inscrição dos diferentes posicionamentos dos corpos, com seus pontos de vista singulares e irreduzíveis, na trama comum da pesquisa. Um *caminho das diferenças* espaciais que se exprime através das perspectivas tradutórias reunidas por por Ivo C, um personagem múltiplo, e um Coletivo de pesquisadores: Elvira C, Jandira R, Jean M, Luzia T e Osmar X. Itinerários, paragens e outros deslocamentos que nos levam até as margens do ameríndio igarapé Abismo – a última fronteira do espaço capitalista ocidental.

**Palavras-chaves:** corpo, diferença, produção do espaço, tradução, viagem.

## ABSTRACT

This thesis proposes a way to translate the space of the Interoceanic Highway, also known as the Pacific Highway, conceived as an integration hub – through Peru, Brazil and Bolivia – and lived by the different paths that cross the triple border “MAP” – Madre de Dios, Acre and Pando. An exercise of creative transposition from an abstract spatiality of a road into the terms of a differential spatial practice of a trip. This translation aims to dissolve the harsh and violent character of large-scale capitalist territorial planning through the affective density of a shared creative practice. Starting from a collective research trip, held in 2010, with the purpose of recording, in audio and video, the life histories and daily geographies of the road users, an operation of passage is built between a road, thought as an integration model, and the viable path of the lived differences. Thus, the research of a geographical context is joined by the research about a certain video graphic texture. The reader will find in this work some travel narratives, structured in 1102 fragments, gathered in 10 chants, preceded by a foreword and followed by a methodological argumentation. This structure is inspired by the deviation made by Gonçalo M. Tavares, through the book *A Voyage to India* (2010), a tiny epic text based on the classic epic text of Luís de Camões (*The Lusíads*, 1572). Here, these texts are displaced with the function of a critical and a recreational argumentation, in the form of an academic epic text. Thus, to the research of a contextual video-geographical texture comes, finally, the organization of a travel narrative. At the heart of this thesis, there is a methodological invention interested in pointing out and expanding the senses of the production of social space, according to Henri Lefebvre’s theory (1901-91). It happens through a video-geographic translation practice, made up of the intertwining of videos, words and sounds. A place opened to the inscription of the different positions of the bodies, with their singular and irreducible points of view, in the common plot of the research. A *path of differences* is expressed, therefore, through the perspectives of an *academic epic* translation gathered by Ivo C, a multiple character, and his Collective of researchers: Elvira C, Jandira R, Jean M, Luzia T and Osmar X. Dislocations, stops and itineraries that take us until the borders of an Amerindian Stream called Abyss – the last frontier of Western capitalist space.

**Key words:** body, difference, the production of space, translation, travel.

## RÉSUMÉ

Cette thèse propose une démarche de traduction du contexte spatiale de la Route Interocéanique, aussi connue comme la Route du Pacifique, conçue comme un corridor global d'intégration – via Pérou, Brésil et Bolivie – et vécue par des différents chemins qui traversent la triple frontalière « MAP » : Madre de Dios, Acre et Pando. Il s'agit d'un exercice de transposition créative de la spatialité abstraite d'une autoroute en termes d'une pratique de l'espace différentiel d'un voyage. Cette traduction cherche à dissoudre le caractère dur et violent de la planification capitaliste à grande échelle, par la densité affective d'un espace de création partagée. À partir d'un voyage collectif réalisé en 2010, avec l'objectif de réunir des enregistrements audiovisuels, performants les histoires de vie et les géographies quotidiennes des usagers de la route, une opération de passage a lieu entre une pensée par modèle d'intégration routière et les différentes voies des quotidiens vécus. Ainsi, à la recherche d'un contexte géographique vient se joindre la recherche d'une certaine texture vidéographique. Dans cette thèse, le lecteur trouvera des récits d'expériences de voyage, structurés en 1102 fragments, rassemblés en 10 chants, précédés d'un prologue et suivis d'une argumentation méthodologique. Cette structure s'inspire du détournement réalisé par Gonçalo M. Tavares, dans l'œuvre *Un Voyage en Inde* (2010), une épopée infime écrite à partir d'une autre œuvre – *Les Lusitades* (1572). Ce modèle d'épopée classique est ici de nouveau détourné avec la fonction d'argumentation critique et récréative, sous la forme d'une épopée académique. Or, à la recherche d'une texture contextuel vidéo-géographique vient s'ajouter, enfin, la tessiture d'un récit de voyage. Au cœur de cette thèse, il y a une invention méthodologique qui cherche à amplifier les sens de la production de l'espace social, à partir de la théorie d'Henri Lefebvre (1901-1991). Elle se fait à travers une pratique de traduction spatiale composée par l'entrecroisement d'images, de mots et de sons. Une proposition ouverte à l'inscription des différents positionnements des corps, selon leurs points de vue singuliers et irréductibles, dans la trame commune de la recherche. Ici, une voie des différences spatiales s'exprime à travers les perspectives de traduction réunies par Ivo C, un personnage multiple et un collectif de chercheurs : Elvira C, Jandira R, Jean M, Luzia T et Osmar X. Des itinéraires, des arrêts et d'autres déplacements nous conduisent jusqu'aux bords du ruisseau amérindien appelé Abîme – la dernière frontière de l'espace capitaliste occidental.

**Mots-clés :** corps, différence, production de l'espace, traduction, voyage.

## RESUMO (outro)

Manual de instruções para transcriar o espaço-mundo das vias:

1. Identifique a porta de partida onde se encontra sua embarcação
2. Perceba os horizontes de seus sentidos de localização
3. Verifique a quantidade e a qualidade dos nós
4. Imagine a possibilidade de entrelaçá-los *autrement*
5. Caso essa imagem não fique nítida, acalme-se, persista sem insistir
6. Recorde os mares, oceanos e rios já atravessados
7. Aponte um conjunto possível de portas de chegada
8. Areje com vigor a trama de significantes que constitui esse conjunto
9. Imagine os rios, oceanos e mares ainda por navegar
10. Firme parceria
11. Trace uma diagonal local-global qualquer; provisória e providencial
12. Cultive seus limites
13. Veja se para cada limite há uma ou mais fronteiras correspondentes
14. Caso essa imagem não fique nítida, inspire, expire, siga adiante
15. Tome o tempo de experimentar um espaço-mundo de fronteira
16. Atravesse duas ou três pontes sobre imaginárias linhas abissais
17. Percorra itinerários transfronteiriços
18. Repita esse movimento até criar diferenças
19. Suba rios ameríndios até a borda de cá do Abismo
20. Habite a singularidade dos mundos como uma pessoa múltipla
21. Perceba a (im)possibilidade de um corpo inteiro
22. Escute por outros ângulos
23. Verifique se o seu fim é o contraste da mistura
24. Caso essa imagem não fique nítida, aproxime-se de um estuário
25. Reúna os diferentes cursos e olhos d'água num mesmo corpo espacial
26. Experimente-os resguardando os intervalos criados entre eles
27. Atualize a diagonal traçada em termos de um espaçamento
28. Fite o Abismo, sem atravessá-lo
29. Contemple o sorriso de um meandro de rio
30. Olhe... mais um!
31. Receba o sorriso dos outros "eus"
32. Reconsidere todo e qualquer manual de transcrição
33. Atravesse apenas fabulações, como um peixe-pássaro
34. Perceba: há já uma nova amarração.
35. Deixe o barco descer rio abaixo
36. Ancore-o com cuidado
37. Chegue mais perto caso queira ir mais longe
38. Quando a alegria do sol raiar
39. Recomece por outro espaçamento
40. Apura-te lentamente

# PRÓLOGO

## PALAVRAS INICIAIS

Fruto dos percursos de pesquisa que vivi entre 2010 e 2018, sobre os quais pensei e através dos quais encontrei alguns discernimentos, esta obra<sup>4</sup> aponta um modo de traduzir a produção do espaço da *Carretera Interoceánica* ou *Estrada do Pacífico*, uma rodovia concebida, na virada do século XXI, por parcerias público-privadas (PPP), como um corredor global de transporte para além da Bolívia, do Peru, do Brasil e aquém dos territórios ameríndios que tangencia. Do Atlântico ao Pacífico, através da Floresta Amazônica e da Cordilheira dos Andes, essa estrada é vivida como uma multiplicidade de vias diferentes, através dos singulares e irredutíveis caminhos de quem chega e parte ou passa e fica pelas habitações, cidades e territórios da *tríplice fronteira MAP* – sigla formada pelas unidades político-administrativas de Madre de Dios, Acre e Pando.

Meus interesses e compreensões de mundo mudaram significativamente ao longo dessa travessia de pesquisa, mas um traço marcante persiste: a vontade de traduzir.<sup>5</sup> A tradução de um espaço histórico socialmente produzido, ao buscar ir além de seus sentidos figurados, é compreendida aqui como uma metodologia de transposição de um *modelo* rodoviário abstrato e representacional, pelos termos práticos e sensíveis de *caminhos* de viagem vividos. Trata-se de um exercício de transcrição<sup>6</sup> de uma experiência viária, conforme os termos de uma narrativa. Como uma espécie de operação de passagem, ou viragem, entre distintas perspectivas de tradução espacial.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> HESS, Remi. *Produire son œuvre: le moment de la thèse*. Paris: Téraèdre, 2003.

<sup>5</sup> “O passarinho não é um doutor em ciências capaz de explicar o segredo do voo, aos seus colegas. Enquanto a gente discute o seu caso, a andorinha, sem quaisquer explicações, some diante dos doutores perplexos... Assim também, não há vontade sábia capaz de explicar à Academia o mecanismo da decisão: em menos tempo que o necessário para dizer a palavra *Luz*, o passarinho chamado Vontade já deu o salto, o passo aventureiro, o heróico voo do querer; deixando o firme apoio do ser, a vontade já se lançou no vazio.” JANKÉLÉVITCH, Vladimir, *Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien*: 3. La volonté de vouloir, Paris: Ed. Seuil 1980; tradução minha.

<sup>6</sup> Proposta por Haroldo de Campos, a transcrição é um modo de traduzir que expressa “uma insatisfação com a ideia ‘naturalizada’ de tradução, ligada aos pressupostos ideológicos de restituição da verdade (fidelidade) e literalidade (subserviência da tradução a um presumido ‘significado transcendental’ do original) – ideia que subjaz a definições usuais, mais ‘neutras’ (tradução literal) ou mais pejorativas (tradução ‘servil’), da operação tradutora.” Cf. CAMPOS, Haroldo de. *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011, p.10.

<sup>7</sup> Em outras palavras, uma tradução do espaço produzido implica submeter uma prática espacial cotidiana a um exercício maiêutico: método socrático que consiste na multiplicação de perguntas, induzindo o interlocutor na descoberta de suas

A problemática da relação entre tempos cósmicos e espaços cotidianos circunscreve-se, historicamente, consoante as transformações sociais de cada corpo de mundo específico. Sob a perspectiva do mundo capitalista contemporâneo, a que nos interessa aqui transladar, essa relação é profundamente chacoalhada, em sentidos diversos e sob vários aspectos, por um modo de produção pós-industrial, cada vez mais abstrato, financeiro e cognitivo; pela subsequente expansão urbana em escala planetária (Revolução Urbana); pela difusão das chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (Revolução Digital), entre outros.<sup>8</sup> Nos termos de nossas relações espaço-temporais, o caráter da grande transformação contemporânea é paradigmático e antropomórfico, fato que nos convida a considerar a pertinência do conceito de espaço<sup>9</sup> apontado por Henri Lefebvre (1973):

Não se pode dizer que o espaço seja simplesmente um instrumento, o mais importante dos instrumentos, o pressuposto de toda produção e de toda troca. O espaço estaria essencialmente ligado à reprodução das relações (sociais) de produção. (...) Para compreender essa reprodução é preciso tomar como referência, não o processo de produção das coisas e de seu consumo, mas a reprodução das relações de produção. Em sentido expandido, o espaço da produção implicaria e conteria em si mesmo a finalidade geral, a orientação comum da sociedade neocapitalista. O espaço seria então uma espécie de estrutura dinâmica comum às diversas atividades, aos mais variados trabalhos, à vida cotidiana, às artes, aos espaços construídos pelos arquitetos e urbanistas. O espaço seria uma relação e uma sustentação de inerências, no meio da dissociação, de inclusão na separação. Seria, portanto, um espaço ao mesmo tempo abstrato-concreto, homogêneo e desarticulado o que encontramos nas novas cidades, na pintura, na escultura, na arquitetura e também no saber.<sup>10</sup>

Viver a via das diferenças e, a partir dessas vivências, procurar concebê-la de modo a manter vivas também as diferentes viagens. Com cuidado e atenção, apostar que a gente consiga perceber algo passando entre os espaços de (re)apresentação e as

---

próprias verdades e na conceituação geral de um objeto. A palavra “maieutica” deriva do grego “maieutiké” (tékhné), significando “a ciência ou arte do parto”. Enquanto conceito, define “o método de Sócrates de ensinar, de tal modo que as ideias fossem paridas no curso do diálogo”. Cf. Houaiss. Através de uma prática de tradução do espaço, propomos estimular uma das funções da crítica (artística e científica), uma *paideuma* conforme Ezra Pound: “a ordenação do conhecimento para que o próximo homem (ou geração) possa, o mais rapidamente possível, encontrar-lhe a parte viva e perder o mínimo de tempo com itens obsoletos”. Uma operação à qual Pound conferira o atributo de uma das “funções da crítica” Cf. POUND, Ezra, 1960, p.151, *apud* CAMPOS, Haroldo de. *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011, p.11.

<sup>8</sup> POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.

<sup>9</sup> Eis uma premissa desta obra: “No espaço encontram-se a abertura objetiva (socioeconômica) e a abertura subjetiva (poética). Pelo espaço inscrevem-se e, mais que isto, realizam-se as diferenças, da mínima à máxima. Desigualmente discernido, desigualmente acessível, ora apinhado de obstáculos, ora sendo o próprio obstáculo para as iniciativas, modelado por elas, o espaço torna-se o lugar e o ambiente das diferenças. A investigação dos conflitos e a do espaço tendem a coincidir, para tudo o que se afirma e busca a sua brecha, objetiva e subjetiva.” LEFEBVRE, Henri. *Hegel, Marx, Nietzsche ou le royaume des ombres*, Paris: Casterman, 1975, p.223; tradução minha.

<sup>10</sup> LEFEBVRE, Henri. *Espace et politique*, Paris: Anthropos, 1973 [2000], p.39; tradução minha.

representações do espaço: a viagem como prática coletiva (social), produtora de espaços (cotidianos) e tempos (históricos). Discernir as contradições das vias, cultivando a diferença entre uma rodovia concebida como modelo e uma viagem vivida por caminhos. Transpor um produto espacial rodoviário para os termos de uma obra espacial viageira. Viver e pensar a multiplicidade das vias até discernir a prática da viagem como uma possível prática do espaço diferencial capaz de transcriar o espaço abstrato da rodovia. Aguçar, assim, os sentidos que desviam a ética da produção do espaço capitalista contemporâneo e cultivar a percepção de que o fundamento espacial dos territórios, das cidades e das moradias são seus usos e não o ilusório valor de troca. Ao ser percebida como um conjunto de práticas sociais, sensíveis e compartilhadas, a espacialidade de uma rodovia não se separa da produção dos corpos que a produzem e reproduzem, mas ao contrário, visa distinguir os gestos sociais produtores e reprodutores de espaços. Em suma, à prática espacial da viagem correspondem as artimanhas e as opiniões dos viajantes, sobre a reprodução social.

Discernir a via, a viagem e a rodovia. Pensar a diferença dos caminhos, mas, sobretudo e antes de mais nada, perceber que a singularidade dos caminhos vividos cultiva uma ética encarnada nos sentidos de cada um. Traduzir os espaços discernidos, ao mesmo tempo vividos e concebidos. Transpor justamente o que se situa nos intervalos criados entre uma espacialidade abstrata – restrita ao pensamento e aprisionada no espaço mental – e uma prática do espaço diferencial, sensível aos gestos compartilhados por corpos que falam. A partir do entrecruzamento de experiências e de narrativas de viagem, cultivar uma prática tradutora propensa à coabitação de pontos de vista singulares e irreduzíveis. Através do discernimento que brota no intervalo entre nossos espaços de (re)apresentação e nossas representações do espaço. Árduo e prazeroso exercício de coexistência histórica e geográfica, que morre e nasce, dia após dia. Via das repetições rotineiras que ao tentar desviar dos *modelos* impostos, encontram inevitavelmente as diferenças produzidas: vias que abrem os *caminhos* do devir enquanto apontam um outro mundo por vir. Sustentada pelo *éthos* do intervalo, esse espaço entre a integração (outro nome para repetição) e a diferença, esta tese

procura apontar<sup>11</sup> um exercício de tradução do espaço cotidiano de uma rodovia, com sentidos singulares e plurais. A prática espacial da viagem como *páthos*<sup>12</sup>.

Cada um de nós sabe do que se trata quando se evoca a espacialidade de uma via. Assim como de uma ponte, de uma praça ou de uma fronteira. Para além de diferentes construções arquitetônicas e conexões territoriais, estes termos indicam usos sociais do espaço que tendem a ser ora confundidos, ora separados, mas raramente discernidos como um conjunto disjunto de práticas cotidianas. Como se ao mudar de forma ou de função, a estrutura de produção e de apropriação desses usos também mudasse. Ou como se as formas, as funções e as estruturas dos diferentes espaços sociais seguissem intactas, sem assimilarmos a poderosa tendência contemporânea de transformação das rodovias em corredores, das praças em rotatórias, das cidades em conurbações metropolitanas e das moradias em mercadorias quaisquer.

A facilidade com a qual percebemos a produção do espaço como algo dado *à priori*, ou como representações espaciais abstratas (mapas, croquis, planos, etc.), com conteúdos opacos, ela é tão grande quanto a dificuldade de compreendermos a complexidade da vida cotidiana que cria, engendra ou produz os usos sociais dos espaços, ao longo de momentos históricos distintos, através de diferentes lugares. Em pleno século XXI, quem percebe um megaprojeto de infraestrutura como um espaço vivido? Seria o próprio gesto de nomeação o que começaria por dificultar essa percepção? Como uma rodovia pode seguir sendo um *caminho* ou um conjunto de *vias*, sem deixar de ser um *modelo* hegemônico? Portos (masculino plural de porta), pontes, alfândegas, hidrelétricas, minas, *plantations* mecanizadas: como transpor esses supostos “não-lugares”<sup>13</sup>, espaços abstratos, técnico-científicos, burocraticamente

---

<sup>11</sup> “Apontar” é um verbo polissêmico e a multiplicidade de sentidos que uma palavra, uma imagem e um som possam vir a assumir é um traço marcante desta pesquisa. Assim como a “via” e o “viajar”, a “ponte” e o “apontar” tiveram deveras seus sentidos aguçados, ao longo deste ritual de passagem. Além de “fazer a ponta para tornar mais penetrante”, apontar também significa “estar voltado para um ponto” ou, com alguma nuance, “indicar uma direção”. Ademais, “apontar” quer dizer “começar a aparecer, vir surgindo, dar a ver, germinar, brotar, desabrochar, romper, despontar”. E ainda tem o sentido de “registrar, anotar, fazer apontamentos” ou em sentido pronominal apontar-se tem a ver com “aperfeiçoar-se, caprichar, esmerar-se”. (Cf. Dicionário Houaiss)

<sup>12</sup> Cf. Dicionário Houaiss: “1. Qualidade no escrever, no falar, no musicar ou na representação artística (e, por extensão de sentido, em fatos, circunstâncias, pessoas) que estimula o sentimento; poder de tocar o sentimento da melancolia ou o da ternura; caráter ou influência tocante ou patética; 2. Na antiga arte grega, qualidade do que é transiente ou emocional (em oposição ao permanente ou ideal).”

<sup>13</sup> Cf. AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da sobremodernidade, Campinas: Papirus, 1994.

concebidos a serviço dos mercados e dos Estados capitalistas (parcerias público-privadas), para um regime sensível, lúdico e compartilhado, a não ser através da arte?

Não seria a arte, ora rebelde, ora submissa, agonizando e ressuscitando, uma das formas mais ativas da resistência? Sob esta luz, o grande mal-estar do mundo moderno revela uma orientação. Há uma relação, frequentemente escondida (não explicitada) entre a *luta por diferir* e todas as demais lutas, os dramas e combates, todos os sofrimentos. Esta perspectiva não é somente “inter-nacional”; ela é *mundial*. (...) Por que a *diferença*? Esta questão não faz mais sentido. Vocês estão nela, nós estamos nela, e cada um de nós, no diferente. Aquele que não quer e não pode imitar, nem de longe, um grande modelo qualquer, nem se identifica com ele, esse aí não possui outra saída além de se querer *outro*. Ele já é!<sup>14</sup>

A via é, por excelência, o espaço prático e sensível do deslocamento, do trânsito, do devir. Anamorfose da trilha, da travessa e da passagem. Para além do entroncamento, entre duas curvas ou diante do atalho, não se sabe o que pode vir a acontecer. Sobre a via, a constância da mudança é o único traço que não varia. O que não deixa de incluir, entre um percurso e outro, movimentos de repouso – as paragens. A espacialidade da via é permanentemente nutrida pelas contingências dos viajantes; lugar propenso e propício ao acolhimento do acaso. O caráter múltiplo de seus tempos e espaços, altamente variável, é difícil de ser assimilado, a não ser por meio de conexões parciais. Contudo, há algo certo sobre o espaço-tempo da via: a coagulação do caminho, a rota criada, entre uma porta e outra, por via das pontes e outras conexões. A via tem como corolário a expansão da consciência. Enquanto caminhamos, encaminhamos encantos. O que em outras palavras quer dizer que as vias têm uma história de quando foi e uma geografia de onde está – uma escritura corporal. Uma vez abertos, os caminhos são feitos para serem refeitos por outros acontecimentos. Entre uma repetição e outra, diferenças espaciais são produzidas. À deriva, assumindo o risco de errar, realizando desvios, os caminhos vividos parecem significar perda de tempo, diante de outros mais bem concebidos. Mas haveria outro modo de conceber os espaços a não ser vivendo os seus tempos? Para onde vais com tanta pressa? Ainda realizamos percursos aptos a transformar o tédio em fruição? De avião, barco ou bonde? Enquanto prática espacial, a transposição criativa de uma experiência rodoviária para uma prática de viagem se faz por via da desaceleração das narrativas.

---

<sup>14</sup> LEFEBVRE, Henri, *Le manifeste différentialiste*, Paris: Gallimard, 1970, p.51; tradução minha.

## APONTANDO A ÚLTIMA FRONTEIRA: uma problemática de tradução espacial

Caminho por um corredor carpetado – atmosfera de ar condicionado – quando, de repente, letras garrafais de uma reportagem parecem ecoar um grito pelo espaço: “BRIDGES TO THE FUTURE”! Ivo C escuta isso? Pergunto à pessoa ao lado – alguém que lê comigo – para confirmar se aquela ressonância também o alcança. Sim, sei dessas vozes<sup>15</sup> que chegam, dessas que se afastam, só não sei bem como chegar à boa tradução de seus sentidos espaciais. “PONTES PARA O FUTURO”, diria. Sim: faz sentido; já que guarda subjacente uma certa ética, comprometida com o progresso e com o critério da literalidade. Mas também poderia ser “BRIGITE, TUDO É FÚTIL”, caso o critério de tradução fosse a assonância entre as palavras? Claro! Ivo C responde e acrescenta: mas como ficaria, caso o discernimento passasse pela verdade da relatividade, isto é, pelo caráter indiscernível de um espaço ocupado por corpos que falam? Não diria nada além do já dito por Umberto Eco: só conseguimos “dizer *quase* a mesma coisa”.<sup>16</sup> Ora, mas o que isto quer dizer? Aquela primeira tradução da frase não diz *exatamente* o que foi dito pela frase original? Para responder a esta pergunta, Ivo C precisa compreender o contexto de escrita de um texto. Somente assim chegaremos, talvez, às bordas dos sentidos transmitidos pela aproximação entre dois mundos.

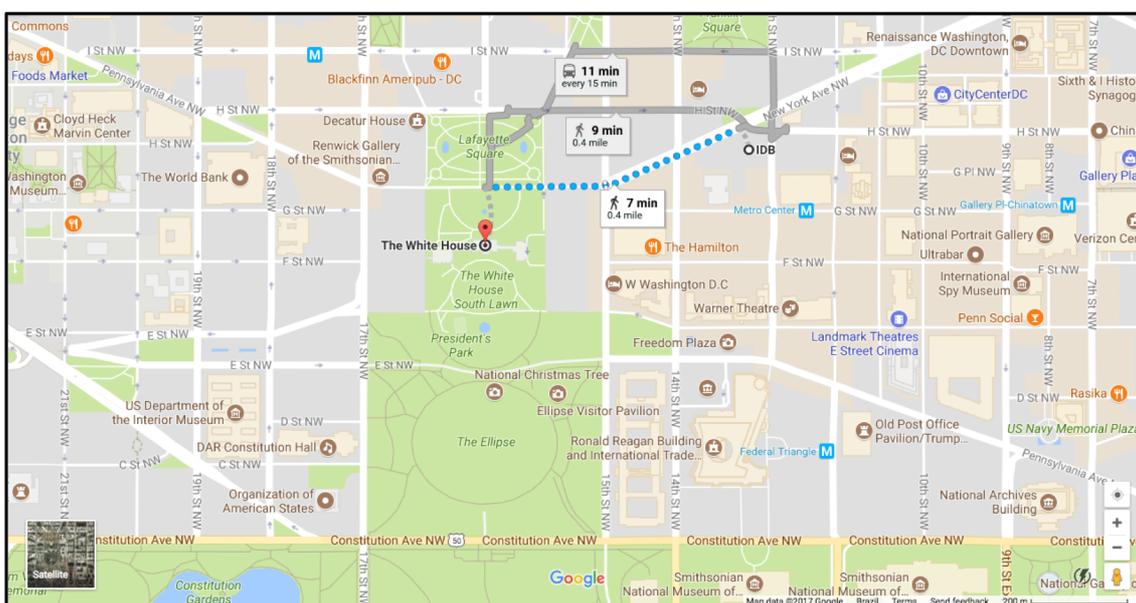
Aquela voz que aponta futuros dissonantes vem lá do Norte. Sentado em sua cadeira confortável, na sede do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Washington-USA, um publicitário da revista IDBAmerica manda imprimir uma resma de reportagens para anunciar, aos quatro cantos do Planeta, que uma incerta “revolução na América do Sul” está prestes a eclodir. Estamos em novembro de 2005.

---

<sup>15</sup> Na língua francesa os termos “voie” (via) e “voix” (voz) são pronunciados de maneira semelhante.

<sup>16</sup> A transposição de palavras de uma língua para outra, por mais simples que seja, não consegue evitar, inexoravelmente, a transposição de significados. Para Umberto Eco, a tradução é uma experiência em que a condição para a fidelidade “não é a reposição de palavra a palavra, mas de mundo a mundo”, o que quer dizer quase a mesma coisa que a conjunção de mundos disjuntos, conectadas pelo gesto de tradução. Mas como dar passagem aos espíritos de um corpo de mundo a outro? A tomada de consciência das necessidades, dos processos e dos pensamentos que são criados e ao mesmo tempo criam os dois mundos em tradução constituem o fundamento da intenção do tradutor, este terceiro corpo que ocupa intervalos entre mundos, procurando caminhos para validar a fiel negociação da passagem. Portanto, o problema da tradução textual encontra-se na transmissão de uma mensagem verbal específica, “tendo sempre em mente que a gente nunca diz a mesma coisa, a gente diz *quase* a mesma coisa”. Numa prática tradutora, as fronteiras de um inevitável “quase” delimitam a negociação do que se transpõe entre os mundos. Mediação feita pelo tradutor. ECO, Umberto, *Dire Presque la même chose: expériences de traduction*. Paris: Grasset, 2006, p.9.

Através de uma série de metáforas panfletárias, Roger Hamilton exalta que, graças à uma vasta rede de projetos de infraestrutura, povos “ainda isolados”, habitantes da última fronteira, serão finalmente ungidos pelo destino manifesto da integração sul-americana. Apontando para a confluência entre o rio Acre e o rio Yaverija – ponto de convergência das linhas-limites entre a Bolívia, o Peru e o Brasil – o indiferente portavoiz do progresso sugere que a construção de uma ponte internacional assemelha-se à *Criação de Adão*, o célebre afresco de Michelangelo (1475-1564), pintado no teto da Capela Sistina (2,8 x 5,7 metros), representação da criação de Adão, “o primeiro homem”, segundo o Livro do Gênesis. Lá do Norte vem o grito. Cá no Sul, quem escuta?



ITINERÁRIO 1: Roger Hamilton, 7', Washington D.C., Estados Unidos.

Alejandro Quispe Quispe (1980), ex-operário de uma madeireira peruana, investe seu suado dinheirinho na compra de um *tuk-tuk*<sup>17</sup>, para se tornar mototaxista em Iñapari, uma cidade amazônica da *tríplice fronteira MAP*, uma das comunidades mais isoladas do Peru, sob um certo ponto de vista. Durante um itinerário compartilhado, Alejandro diz acreditar em Deus, mas não reconhece Michelangelo, nem onde fica o tal banco revolucionário. Apenas afirma conhecer bem os caminhos

<sup>17</sup> “O Tuk Tuk (em tailandês: ตุ๊กตุ๊ก or ตุ๊ก ๆ; IPA: [túk túk]), também conhecido como auto-riquixá ou auto-riquexó fora da Tailândia, é um modelo de riquixá (ou triciclo) motorizado com cabine para transporte de passageiros ou mercadorias, muito utilizado em diversos países em desenvolvimento, sobretudo no Sul e no Sudeste da Ásia. Existem modelos movidos a motor (auto-riquixá), à pedais, e à tração humana (riquixá). Alguns países europeus adotaram também este meio de transporte para fins turísticos.” Cf.: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tuk-tuk>

cotidianos que perfaz, através da Ponte da Integração<sup>18</sup>, transportando passageiros por uma via de iluminação futurista, arquitetura moderna e cada vez mais turística.

Nicolai Cazón Huallpa (1969), agroecologista e liderança do município boliviano de San Pedro de Bolpebra, praticamente não utiliza o serviço oferecido por Alejandro. É que em Bolpebra não há ponte. “A Ponte da Integração fica a cerca de mil metros daqui de Bolpebra, Bolívia, e permanece praticamente inutilizada por nós, moradores bolivianos”, ele diz. Alejandro também tem algo a dizer, enquanto nos conduz rumo à praça onde um monumento em forma de torre foi instalado, em 1929, pela missão de inspeção das fronteiras brasileiras – o *marco Rondon*. Ali se encontra a *extremidade* rodoviária mais próxima de Bolpebra. “É impossível chegar de moto-taxi até o lugar aonde vocês desejam ir. Aquele vilarejo vizinho está acessível somente de barco e durante o dia. Mesmo sem nunca ter colocado os pés em Bolpebra, ele afirma: não há quase nada do lado de lá.” E com seu corpo espacial de *torito* (apelido dado ao mototaxi tuk-tuk), ele segue reinventando itinerários, paradas e narrativas espaciais, pela ponte, entre Iñapari, no Peru e Assis Brasil, no Acre, sem por os pés na Bolívia.

| *espaçamento* |

Todavia, façamos aqui um intervalo, antes de seguir adiante. Por um parágrafo apenas. Em 2010, com propósitos diversos e proposições diferentes, um afetuoso grupo de pesquisadores topa se reunir e compartilhar o momento que traz fundamento a esta tese. Juntos, realizamos uma viagem concebida e vivida como uma prática de criação audiovisual compartilhada, entre o Atlântico e o Pacífico, por via da tríplice fronteira “MAP”. Após alguns meses de pré-produção, colocamos o pé na estrada de uma viagem interoceânica. João Castelo Branco e Rafael Urban queriam conhecer Bolpebra, curiosos de compreender essa comunidade boliviana, supostamente “isolada”, surpreendentemente “sem ponte”. Luana Lila e Mariana Streit também se animaram, manifestando seus interesses de viagem e pesquisa, pensando, construindo e habitando uma proposta de criação coletiva.<sup>19</sup> Partindo de lugares distintos, cruzando

---

<sup>18</sup> Para mais informações sobre a Ponte da Integração, acesse:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte\\_da\\_Integra%C3%A7%C3%A3o\\_Brasil%E2%80%93Peru](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Integra%C3%A7%C3%A3o_Brasil%E2%80%93Peru)

<sup>19</sup> Em 2010, Luana Lila era estudante de jornalismo na PUC-SP e desejava escrever seu trabalho de conclusão de curso (TCC), sobre alguma temática relacionada à Amazônia. Com a intenção de saber se alguém poderia ajudá-la, enviou uma mensagem a um grupo de e-mail do qual eu fazia parte. Sensibilizado por sua história, marcamos um encontro geográfico, sentimos uma empatia recíproca e seu projeto veio se juntar ao projeto de pesquisa compartilhada (viagem interoceânica) que já estava sendo arquitetado com os demais. Para ler o seu TCC, *Da Floresta ao Pacífico* (dez/2010), que expressa

a Floresta Amazônica e a Cordilheira dos Andes, ultrapassamos os riscos e encaramos o desconhecido. Logo, uma primeira transformação: o projeto de pesquisa científica, sobre um contexto espacial geopolítico, passa a receber cores e teores de um projeto estético compartilhado<sup>20</sup>, ainda sem compreender bem os rumos, mas com uma intuição forte, passível de ser traduzida, agora, da seguinte maneira: “o poder é inimigo dos versos, eis o fato”.<sup>21</sup> Juntos, amadurecemos e realizamos um roteiro, um modo de registrar itinerários cotidianos e narrativas audiovisuais. Em foco estariam os caminhos evocados a cada encontro, convocando as histórias de vida e as geografias cotidianas de quem habita e usa uma rodovia em construção.<sup>22</sup>

| *espaçamento* |

Agora sim, retomemos a problemática da ponte sobre um meandro de rio tripartite. De maneira específica, agucemos a possibilidade de encaminhá-la também como objetivo, como verbo ou ação, afinando suas pontas, envolvendo-se com a arte de fazer apontamentos. Para tal, é preciso apontar com moderação, as adjetivações do que se desponta como qualidade cotidiana do espaço e seus eventuais desapontamentos. Não foi por acaso que, ao deixar para trás o ar condicionado, daquele corredor carpetado, Ivo C enviou uma mensagem a Elvira C, sua filha, que à época estava viajando, contando a ela que havia escutado uma certa “voz de futuro” e que estava interessado em pesquisar uma tal ponte, supostamente parecida com “o famoso afresco de Michelangelo”. Com a intenção de convidá-la a organizar uma

---

uma perspectiva singular e irreduzível de tradução o espaço da rodovia nos termos da prática espacial da viagem, basta acessar o link a seguir: [https://issuu.com/luana.lila/docs/da\\_floresta\\_ao\\_pacifico](https://issuu.com/luana.lila/docs/da_floresta_ao_pacifico).

<sup>20</sup> RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*, São Paulo: Editora 34, 2005.

<sup>21</sup> TAVARES, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia*, São Paulo: Leya, 2010, p.239.

<sup>22</sup> Desde já gostaria de registrar meu imenso agradecimento às minhas companheiras e aos meus companheiros de viagem, João Castelo Branco Machado, Luana Lila, Mariana Streit e Rafael Urban, cujas presenças e contribuições foram essenciais para a realização da viagem, o que inclui uma grande quantidade de tarefas aparentemente invisíveis, de caráter logístico, burocrático, organizacional (função de produção), todas as tarefas referentes à operação dos registros de áudio e de vídeo e muito mais, considerando toda a dimensão afetiva que traz a convivência de uma viagem e de uma montagem filmica. Conversas preparatórias amadureceram o projeto de realização de uma experiência do tipo *roadmovie*, com um argumento sobre a integração espacial das fronteiras, com um roteiro orientado pelos deslocamentos através de uma estrada em construção. Em julho de 2010, após alguns meses de preparação, começamos nossa viagem em lugares distintos do sul do Brasil, de avião até Porto Velho – Rondônia; seguimos visitando e pernoitando alguns dias nas cidades atravessadas pela rodovia federal BR 317 – Rio Branco, Brasiléia, Epitaciolândia; permanecemos alguns dias entre as cidades fronteiriças de Assis Brasil, Iñapari e Bolpebra; cruzamos a Floresta Amazônica peruana – Ibéria, Puerto Maldonado; a Cordilheira dos Andes, até Cusco e Puno; depois regressamos, cada um à sua respectiva casa, em Belo Horizonte-MG, em Curitiba-PR, em Porto Alegre-RS e em São Paulo-SP.

viagem coletiva, que passasse por aquela tal ponte transfronteiriça, Ivo C encaminha para Elvira C uma versão (online) da reportagem (impressa) que havia cruzado o seu caminho.<sup>23</sup> No entanto, ao abrir o documento Elvira C se depara com um enunciado diferente: “BRIDGING THE LAST FRONTIER”. E fica intrigada por não conseguir escutar, nem ler, o suposto “eco de futuro” que Ivo C havia comentado. Assim, por também estar familiarizada com a arte da tradução por assonância, ela ensaia uma versão, tateando sentidos possíveis: “HIBRIDINHO DELETA AS FRONTES”?

Assim, ao evocar a ideia de “testa”, Elvira C atesta a intuição de seu pai, a respeito do que se coloca como a parte mais avançada (o tempo nesse caso), ou de quem mira algo que ainda está por vir (o futuro). Entusiasmada, ela topa organizar uma viagem coletiva com propósitos de pesquisa, sobre a construção da tal ponte, sobre uma tríplice fronteira amazônica. Mas entende que, para isso, precisa de uma boa pergunta de pesquisa, uma pergunta simples<sup>24</sup> e capaz de convencer outros pesquisadores. Uma pergunta que finda por reformular a frase anteriormente traduzida, buscando o aperfeiçoamento da tradução – “APONTANDO A ÚLTIMA FRONTEIRA” – explicitando, desde o início, a tradução como transformação. Assim, o substantivo “ponte” vira verbo “apontar”; o assunto “tradução” torna-se “ato de transcriar” e a “metodologia” o “objeto” da pesquisa.

Eis a problemática de tradução espacial desta travessia: seria possível apontar a última fronteira do espaço-mundo capitalista? E seu corolário metodológico, isto é: pensar, construir e habitar um modo de fazer esse apontamento. Como traduzir um espaço de fronteira amazônico? Construindo pontes para o futuro? Atravessando o igarapé Abismo, entre o mundo capitalista ocidental e o mundo ameríndio amazônico? Com qual justificativa? Ivo C e o Coletivo de pesquisadores não construirão pontes através de um igarapé chamado Abismo. Apenas apontarão o valor de um espaçamento, ou seja, a importância de criar intervalos em relação a esse curso de rio que, em termos sociais, cósmicos e mundanos, distingue sem separar o espaço

---

<sup>23</sup> Talvez caiba traduzir a metáfora associada à construção desta ponte, formulada pelo publicitário do BID: “os dois braços da ponte parcialmente acabada alcançam um ao outro, tal como as mãos estendidas no famoso afresco de Michelangelo, no teto da Capela Sistina. Embaixo, corre o lamacento rio Acre, que demarca a fronteira entre o Brasil e o Peru.” Para outras informações, confira essa *webstory* no site:

<https://www.iadb.org/en/news/webstories/2005-11-01/bridging-the-last-frontier%2C5047.html>

<sup>24</sup> “[Há] urgência de dar resposta a perguntas simples, elementares, inteligíveis. Uma pergunta elementar é uma pergunta que atinge o magma mais profundo da nossa perplexidade individual e colectiva com a transparência técnica de uma fisga.” SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Um discurso sobre as ciências*, Porto: Afrontamento, 1998 [1987], p.8.

ocidental capitalista e o espaço ameríndio em “isolamento voluntário”. Algo que se torna explícito ao final da narrativa de *Viagem Interoceânica*.

O propósito de construir um caminho para apontar a última fronteira do espaço capitalista, pode ser pensado como um exercício de transposição de um espaço abstrato, tecnocraticamente concebido e comandado à distância, para os termos de um espaço diferencial, cotidianamente vivido e concebido próximo às experiências cotidianas, consoante aos usos dos territórios. Mas como operacionalizar essa passagem? De que modo realizar essa transposição? Seria possível criar intervalos entre um mundo comandado por repetições absurdas e um mundo afinado pela potência das diferenças? O que caberia possivelmente habitar esse espaçamento? Seria o próprio sentido da transição paradigmática em curso, na virada do século XXI? Ou de forma mais específica, como transformar um árido assunto em um campo de ressonâncias sensíveis e dialógicas? Como transpor um espaço abstrato para os termos de um espaço diferencial? Um igarapé ameríndio poderia ressoar como a caixa acústica de um discernimento? E uma rodovia, pensada e vivida em gabinetes, poderia ser percebida, em termos práticos e sensíveis, como uma prática sócio-espacial de viagem? Como construir, pensar e habitar uma prática de pesquisa propícia à ressonância de uma multiplicidade de experiências históricas e geográficas, de uma multiposicionalidade de perspectivas e de desejos? Como se apropriar de espaços em que a integração é concebida mentalmente, ou fisicamente a quilômetros de distância, representada por mapas, croquis, gráficos e tabelas, enquanto as diferenças sociais são vividas cotidianamente, apresentadas pelos sucessivos ritmos dos corpos, dia após dia?

A proposição dessa prática de tradução sócio-espacial, ao ser afetada pela presença ameríndia, aponta um modo de chacoalhar nossas convicções cósmicas e mundanas.<sup>25</sup> Aqui se realiza, portanto, uma aproximação de práticas cotidianas e epistêmicas da geografia e da tradução, com a intenção de fortalecer a zona de contato entre diferentes saberes sócio-espaciais, socioambientais, territoriais, cultivados com sentidos comuns e não necessariamente institucionalizados. A *tradução intercultural* parece ter se tornado um atributo de variadas práticas de conhecimento contemporâneas, sob diferentes enquadramentos disciplinares, mas também com pretensões *interdisciplinares* cada vez mais recorrentes.<sup>26</sup> Só não ousou dizer que a

---

<sup>25</sup> FAVRET-SAADA, J. “Être Affecté”. *Gradhiva – Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, n.8. pp.3-9, 1990.

<sup>26</sup> A tradução intercultural também é um traço constituinte da “Ecologia de saberes”, o programa encaminhado por Boaventura de Sousa Santos como uma das proposições amadurecidas durante décadas de reflexão epistemológica sobre o campo expandido das ciências sociais. Precisamente sobre este assunto, consultar: SANTOS, Boaventura de

tradução está na moda porque desconfio da capacidade de uma banalização conseguir subjugar a engenhosidade diplomática e a potência diferencial desta prática. E porque o interesse dessa pesquisa reside na possibilidade de abordar a tradução como quem adentra uma luta<sup>27</sup>, procurando decidi-la com um golpe dado com mão esquerda.<sup>28</sup>

Caminhavam então os três homens, com Anish  
no meio, traduzindo de uma língua para a outra  
como se estivesse ao mesmo tempo no meio do espaço e no  
meio das línguas. Um tradutor habita um país intermédio,  
um  
país que não existe no mapa, país  
hesitante, país que é feito de invenção vocal  
de dois amantes aparentemente  
incompatíveis. Se existissem mais tradutores  
o número de guerras diminuiria, quem  
duvida?  
Como? – perguntou Bloom, de novo.<sup>29</sup>

Assim, um coletivo de pesquisadores discute e acorda, juntos, um possível roteiro, um argumento e as possibilidades de *mise-en-scène* de uma viagem. A partir daí, diante das múltiplas possibilidades de encaminhamento das formas e dos processos audiovisuais, propõe-se de modo didático, dois grupos distintos: os itinerários e as paragens. Em todos eles, os encontros geográficos e as histórias de vida assumem a centralidade, tornando-se um gatilho que dispara possíveis caminhos de tradução.

Para dar um exemplo, o curta-metragem BOLPEBRA (8'04") pode ser compreendido como uma tentativa de traduzir a “ausência de ponte” (implicação da “ausência de rodovia”) nos termos da “presença de praça” (explicação da “presença de urbanidade”), comunicando assim a produção do espaço da tríplice fronteira entre a Bolívia, o Peru e o Brasil. Esta tradução encontra-se codificada no *Código QR* abaixo:<sup>30</sup>

---

Sousa. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. Eurozine. Viena. Disponível em: [http://www.eurozine.com/articles/article\\_2008-02-19-santos-pt.html](http://www.eurozine.com/articles/article_2008-02-19-santos-pt.html) Acesso em 4 de junho de 2018.

<sup>27</sup> “Uma luta desigual, ora implacável, ora relaxada, acontece entre o Logos e o Anti-Logos, sendo esses termos assumidos no amplo sentido acordado por Nietzsche. O Logos classifica; inventaria; organiza; cultiva o saber e dele se serve para ter poder. O Grande Desejo nietzschiano quer superar as separações, aquelas da obra e do produto, do repetitivo e do diferencial, das necessidades e dos desejos.” LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, Paris: Anthropos, 1974; tradução minha.

<sup>28</sup> TAVARES, Gonçalo M.; HISSA, Cássio E. V. “De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda”. In: HISSA, Cássio E. V. (org.), *Conversações: de artes e de ciências*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, pp.125-50, 2011.

<sup>29</sup> TAVARES, Gonçalo M. *Uma viagem à Índia: melancolia contemporânea (um itinerário)*, São Paulo: Leya, 2010, p.303.

<sup>30</sup> Para decodificá-la habilite a função “Escanear Código QR”, acessível a partir do item “Câmera” do menu “Ajustes”, de alguns aparelhos celulares e tabletes. Se não for o seu caso, será necessário instalar um aplicativo de leitura de Códigos QR. Com a sigla oriunda do inglês *Quick Response*, reposta rápida em português, o QR é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente decodificado, através da maioria dos telefones celulares e tabletes, via câmera fotográfica ou aplicativo previamente instalado. Os QRs apresentados nesta tese são caminhos de acesso a sítios da rede mundial de computadores (*websites*), onde se encontram excertos dos registros realizados. Através dessa



## ITINERÁRIO 2 – “BOLPEBRA” [8'04"]

De BOLPEBRA – o filme – até esta tese, um longo e sinuoso caminho de pesquisa é percorrido.<sup>31</sup> Diante da dificuldade de encaminhar um filme como tese acadêmica, um outro caminho tornou-se mais propício, quiçá mais potente, por estabelecer a possibilidade do entrelaçamento de imagens, escritas e sons. Qual caminho? O que propõe um modo de transposição criativa de um contexto específico, através da tradução de um texto peculiar, a saber, *Uma Viagem à Índia: melancolia contemporânea (um itinerário)*, de Gonçalo M. Tavares (2010).

Esse livro passa a compor a plataforma desta pesquisa, não de um modo qualquer, mas como um corpo espacial instalado como uma encruzilhada. O que era para ser a reta final de uma longa travessia torna-se, assim, um último desvio. O exercício de leituras repetidas, com um olhar e uma escuta diferente a cada ocasião, me leva a perceber o livro de Gonçalo M. Tavares não como um produto poderoso, mas como uma obra potente, não como um objeto, mas como um sujeito peculiar, detentor de um ponto de vista, criação espacial de um escritor, produto social de um contexto histórico, extensão de uma sociedade europeia, de origem lusitana. Enquanto procuro captar as mensagens que ele tenta me transmitir, sou capturado. Entra em curso a silenciosa negociação de uma tradução: outro modo de dizer “agenciamento”. O acaso lança suas flechas, as quais atingem a estrutura corporal do espaço desta pesquisa: a espacialidade do meu organismo vivo. A transformação efetua-se com a inscrição da obra sobre a plataforma metodológica de pesquisa. Através desse “bom encontro”,

---

decodificação, o leitor encontrará textos audiovisuais que compõem a prática tradutora de *Viagem Interoceânica*. Para acessá-los, o leitor precisará aproximar do polígono corresponde ao código de barra o leitor de seu celular (câmera e/ou aplicativo já ligados e prontos para fazerem a decodificação). Uma vez decodificado o QR, a imagem-áudio-texto que reside por trás do aparecerá na tela e nas caixas sonoras do celular/tablete. Boa recreação!

<sup>31</sup> O curta-metragem “BOLPEBRA” (8m04s) estreou em 2011, no 14<sup>o</sup>. Festival Internacional de Cinema de Tiradentes, seguiu sua trajetória própria através de vários festivais de cinema nacionais e internacionais e foi premiado como melhor curta-metragem, em 2011, no 2<sup>o</sup> CachoeiraDoc, na Bahia. Segue o link para o filme e mais detalhes: <https://vimeo.com/29390248>

realizo a reviravolta necessária à prática tradutora em gestação. Agora, a intenção de traduzir um contexto rodoviário torna-se também a intenção de transpor um texto de viagem.

Na transposição criativa realizada por Gonçalo M. Tavares em relação a *Os Lusíadas* – clássica *epopeia* de uma nação gloriosa – encontro uma via de reformulação de minha pergunta de tese: seria possível encaminhar como argumentação de tese o processo criativo de tradução de uma *epopeia acadêmica*? Caso afirmativo, como fazer? Quais seriam as evidências a serem reunidas para sustentar esta argumentação? O que precisaria ser apontado, em relação ao texto de Gonçalo M. Tavares, e que se apresenta também ligado ao que ele fez em relação ao texto de Luís V. de Camões?

## EPOPÉIA ACADÊMICA

A prática de tradução espacial tecida ao longo dessa travessia de pesquisa, fruto de variadas *experimentações intencionais de mundo*<sup>32</sup>, culminou na escrita de uma *epopeia acadêmica*. Com a intenção de traduzir o caráter espacial de uma rodovia, encontrei um modo de amarrar os fios, reunindo os diferentes pontos de vista de uma viagem, através da transposição criativa do romance de Gonçalo M. Tavares (2010). Ao tomar emprestado o seu caminho aberto, sigo seus rastros com o interesse de expandir o desvio que realiza em relação a *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (1572) – considerado como um modelo clássico de *epopeia*. A narrativa de *Viagem Interoceânica* (2018) enfatiza, portanto, a paródia de um caminho e não a cópia de um modelo. O que se realiza a partir da ênfase dada aos espaços percebidos durante uma prática de pesquisa, experiências e narrativas de viagem singulares e plurais, cujas correspondências com as obras anteriores acontecem pela repetição de uma estrutura e pela possibilidade de encaminhar diferentes formas e funções textuais.

Estive à procura, durante anos, de um modo de restituir uma longa e sinuosa travessia acadêmica, sem abrir mão das diferentes linhas compositoras do processo. Ao encontrar *Uma Viagem à Índia* (2010), várias questões relacionadas ao desafio de comunicar uma densa elaboração foram amarradas, a ponto de serem sustentadas como tese. Ao encaminhar como tese a possibilidade de uma argumentação vir

---

<sup>32</sup> Cf. HISSA, Cássio E. V. *Entrenotas*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013, pp. 129-38.

estruturada como epopeia, busco expressar um conjunto de desvios que aguçam o sentido relacional existente entre *apropriação espacial, invenção morfológica e fruição*, tal como proposto por Henri Lefebvre (1974). Isso me permite encaminhar algumas proposições que se amarram em três pontos, feito um triplo enlace ou multiplicidade mínima.

Primeiramente, a livre apropriação da estrutura de *Os Lusíadas* – um poema lírico, com (10) dez cantos e (1102) mil cento e dois versos – aponta a *possibilidade de uma estrutura inovadora* para estudos envolvidos com práticas de viagem; para trânsitos extra disciplinares entre campos de conhecimento científicos, artísticos, filosóficos e, mais especificamente, para a aproximação entre os campos da geografia e da tradução. Em seguida, o caráter real-ficcional de um texto literário vem apontar o desafio de lidar com experiências epistemológicas polifônicas, coletivamente realizadas, sensivelmente compartilhadas, orientadas por “entrevistas” que se transformam em longas conversas, registradas em áudio e vídeo. Por fim, a tradução de um contexto espacial rodoviário, cotidianamente produzido, parece funcionar melhor enquanto prática diferencial, quando vem apoiada pelo exercício de transposição criativa de um texto de viagem, de um documento que se distingue, mas historicamente não se separa, do ato geográfico em foco – uma das vias de expansão das fronteiras modernas ocidentais.

Assim, ao compreender a intenção tradutória de Gonçalo M. Tavares como um exercício de atualização histórica de uma prática de viagem, literária e geográfica, com origens renascentistas, localizamos ali uma abertura possível pela qual desferir um “golpe decisivo com a mão esquerda”.<sup>33</sup> Mas, afinal, que gesto seria este? A invenção morfológica de um espaço vivido, percebido e concebido através da metodologia de *Viagem Interoceânica*, cuja forma multimodal, via entrecruzamento de imagem, de escrita e de som, vem se juntar à uma estrutura composta de fragmentos e reunidas por cantos – *uma epopeia acadêmica* – com a função de apontar o sentido produzido por uma tese de doutorado: uma ética de tradução espacial.<sup>34</sup>

Nesse sentido, a narrativa de *Viagem Interoceânica* poderia ser compreendida como a expressão de uma repetição da viagem iniciática do Ocidente, no princípio do

---

<sup>33</sup> Cf. TAVARES, Gonçalo M.; HISSA, Cássio E. V. “De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda”. In: HISSA, Cássio E. V. (org.), *Conversações: de artes e de ciências*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, pp.125-50, 2011.

<sup>34</sup> “O que nos permite concluir que, na relação que cada um estabelece com o sentido, há sempre uma dimensão ética em jogo.” Cf. MANDIL, Ram. “Sentido”. In: MACHADO, Ondina; RIBEIRO, Vera Lúcia Avelar (org.). *Um real para o século XXI*, Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p.344.

século XXI? Em que medida ela aponta inércias da expansão colonialista rumo a recônditos cantos do Planeta? Enquanto repetição vivida antes de ser concebida como tal, como apontar as suas diferenças espaciais produzidas? Ao fazer o empréstimo de *Uma Viagem à Índia* (2010) enquanto desvio de um *modelo*, reivindico a liberdade de expressar meus pensamentos por *caminhos*. Ao propor uma transposição criativa da *epopeia ínfima* de Bloom, um indivíduo que busca aleatoriamente “um tédio surpreendente” realizo também, embora indiretamente, uma ressignificação da *clássica epopeia* de uma nação, em que são exaltados feitos pretensiosamente heroicos, de supostos descobridores.

*Os Lusíadas* (1572) é um poema lírico que exalta uma aventura nacional – a “descoberta” do caminho marítimo para a Índia, feita por heróis portugueses. A obra é considerada como um modelo de epopeia clássica por vários motivos, sendo um deles a divisão do texto em quatro partes: proposição, invocação, dedicatória e narração. Mas também pela composição estética do número de ouro grego, instaurando o clímax da narrativa, a chegada à Índia, no ponto que divide a obra na proporção áurea (início do Canto VII). O poema lírico é feito para ser cantado publicamente, acompanhado de flauta ou lira, funcionando como uma fotografia dos sentimentos e dos pensamentos do “eu lírico”, diretamente apresentada ao leitor.

*Uma Viagem à Índia* (2010), por sua vez, é um “prosaico poema, antipoema, hiper-poema”, “romance-poema ou poema-romance”, segundo Eduardo Lourenço em seu prefácio para a obra. Um texto “épico e anti-épico” que repete a viagem iniciática do Ocidente “não como exercício sofisticado de des-construção (que também é) mas como versão lúdica e paródica de uma *quête*, aleatória e como tal assumida”.<sup>35</sup> Ao transpor um conjunto disjunto de acontecimentos heroicos do século XVI para o século XXI, Gonçalo M. Tavares cria um texto que enfatiza contraposições e correspondências contextuais. Um aspecto central é a transposição da heroicidade de um percurso feito coletivamente (epopeia clássica) para uma imobilidade individual (epopeia ínfima). Se no século XVI, os heróis portugueses saíam juntos, em nome de uma nação, em busca de conquistas territoriais, hoje em dia, anti-heróis como Bloom saem de casa sozinhos, em busca de seus objetivos egoístas: “um tédio surpreendente” (I.64) ou “um outro mundo com o mesmo nome, mas mais feliz” (I.71). Sob a perspectiva de Bloom, alguém que “procura a sabedoria enquanto foge e foge enquanto aprende”,

---

<sup>35</sup> LOURENÇO, Eduardo. “Uma viagem no coração do caos”, In: TAVARES, Gonçalo M., *Uma viagem à Índia*, São Paulo: Leya, 2010, p.9.

tudo já foi descoberto e tem dono; nada resta a ser nomeado. Ao tomar o *modelo* de Camões como um *caminho*, Gonçalo M. Tavares não se dobra às imposições estilísticas, mas procura expressamente desviá-las por outras vias, ou até mesmo virá-las pelo avesso, tal como escutamos num instante de sua proposição:

É certo que os Gregos tentaram aperfeiçoar  
tanto a Verdade quanto o gesto,  
porém as ideias foram de longe as coisas mais mudadas.  
Eis pois o momento de colocar a Grécia  
de cabeça para baixo  
e de lhe esvaziar os bolsos, caro Bloom.

*Viagem Interoceânica* (2018) apresenta-se, por sua vez, como uma epopeia acadêmica, cuja narrativa enfatiza o caráter relacional de uma viagem vivida e pensada como prática de pesquisa compartilhada. Ao focalizar o processo de produção do espaço da viagem, a ênfase recai sobre os diálogos e os conflitos entre experiências e narrativas individuais e coletivas. Um longo deslocamento feito por meio das contradições entre os espaços de reapresentação e as representações do espaço de uma rodovia, buscando ampliar os discernimentos que residem entre elas. Assim, o foco se desloca para o caráter singular e plural de uma viagem como espaço de uso, de coexistência, lugar propício ao entrecruzamento de assimilações e alterações, de permuta de posicionamentos e de pontos de vista. Tudo isto sob a perspectiva de um tradutor que acompanha a viagem à distância – Ivo C. Em suma, a viagem de pesquisa como o espaço contextual que assegura a verdade relacional, de um ritual de invenção da memória: o motor do porvir.

Esta epopeia acadêmica pode ser compreendida como uma viagem tripla: ela apoia-se sobre a primazia dos espaços percebidos durante a pesquisa; ela dialoga diretamente com a epopeia ínfima de Gonçalo M. Tavares e ela faz alusão à clássica epopeia de Camões. Variadas são as diferenças e as repetições que aproximam e distanciam essas três obras, cabendo destacar um deslocamento fundamental: a ação central de *Viagem Interoceânica* não gira em torno de um indivíduo, nem de uma nação, mas de uma “pessoa múltipla” – o tradutor – interessada em reunir uma miríade de pontos de vista singulares e irreduzíveis. Uma possibilidade aberta pelo modo de realização da viagem, pela especificidade da prática de criação audiovisual compartilhada, ou seja, o acolhimento da inscrição das perspectivas pessoais e dos posicionamentos dos viajantes na trama narrativa de uma pesquisa.

Ao assumir uma certa ética do desvio, esta obra enfatiza a possibilidade de discernir uma pesquisa escrita como um caminho de apropriação espacial. Uma via

afetada pela possibilidade de produzir diferenças, a partir de seus espaços vividos. Em contraposição ao pensamento “por modelo”, próprio às imposições dos poderes homogeneizadores e à privatização das coisas e das ideias, os pensamentos “por caminhos” reivindicam a apropriação de um espaço como assimilação de seus ritmos cósmicos e mundanos. Assim, em seu momento final, este caminho de pesquisa produz diferenças que decorrem das experiências vividas coletivamente durante a viagem e se comunica através da “invenção morfológica” de uma narrativa singular.

*Viagem Interoceânica* possui uma forma bastante distinta da poesia lírica de Camões e se difere também da forma proposta por Gonçalo M. Tavares. Esta evidência expressa a impossibilidade de enquadrar os nossos espaços vividos em um molde representacional, caso o interesse seja enfatizar as máximas diferenças produzidas. Conteúdos distintos carecem ser expressos por formas distintas. A lógica, o desejo e o sentido da composição textual, sonora e imagética de *Viagem Interoceânica* mantêm-se orquestrados, do início ao fim da travessia, como uma peça acadêmica – tese de doutorado. Os encaixes e os desencaixes entre os componentes desta peça acontecem, fundamentalmente, em função dos lugares e dos momentos, em virtude das pausas, dos cortes e dos efeitos que cada acontecimento confere aos ritmos da prática de pesquisa, de leitura e de escrita.

O ponto de contato entre as três epopeias (a clássica, a ínfima e a acadêmica) reside na estrutura fragmentária de uma narrativa de viagem e na ênfase da viagem como percurso e não como destino a ser rapidamente alcançado. A viagem como um espaço produzido, repleto de encontros e desencontros, com paradas e itinerários que dão ritmo e harmonia à melodia dissonante de várias vias. Afinal, como aprender a lidar, senão viajando, com a intensificação cotidiana da repetição e da diferença, com a suspensão do passado e do futuro, com o movimento de deixar de ser e vir a ser outro, com a justaposição entre fruição e decepção, com dilemas de vida e de morte?

A diferença consiste em apontar a possibilidade de perceber uma viagem de pesquisa como uma prática espacial que traduz, em termos diferenciais, o espaço abstrato de uma rodovia. Ou seja, um espaço concebido como um corredor global de transporte e vivido segundo uma multiplicidade de pontos de vista singulares e irreduzíveis. Enquanto prática espacial, as pesquisas e as rodovias ganham a consciência de serem sensivelmente compartilhadas, socialmente produzidas, geograficamente coabitadas por uma miríade de histórias de vida. Elas passam a ser compreendidas como viagens. Deste modo, o caráter espacial da rodovia deixa de ser

percebido necessariamente como um objeto técnico-científico pelo olhar de um sujeito pensante, passando a ser discernido através dos ritmos compartilhados pelas pessoas.

Assim, o foco do discernimento é deslocado rumo às contradições do espaço socialmente produzido.<sup>36</sup> Enquanto corpo espacial de um organismo vivo, uma rodovia envolve, simultânea e diacronicamente, a “fabricação” dos corpos dos viajantes, a invenção social do espaço da viagem e a reprodução das relações entre as vias dos coabitantes. As consciências e as inconsciências também fazem parte do processo de produção espacial estendido de corpos que falam enquanto viajam.

Os caminhos apontados e os apontamentos reunidos, aqui, como argumento de tese, derivam do propósito geral de repensar radicalmente a relação entre geografia (escrita da Terra) e tradução (transposição de enunciados). Ao reunir uma multiplicidade de pontos de vista singulares e irreduzíveis, esta obra aponta possibilidades de deslocamentos críticos e criativos do espaço social de uma rodovia em termos de uma prática espacial de viagem. Enquanto viajamos, viajam nossos encantos. Enquanto cantos, encantamos as várias vias, essas vozes que, sob a perspectiva do tradutor, agem uma dentro da outra. Ao longo da viagem, elas se multiplicam e se repositonam, através dos itinerários, das paragens e das narrativas audiovisuais compartilhadas. Não basta ouvi-las. É preciso tempo para conseguir escutá-las.

| espaçamento |

“Porque isto? – pergunta Jean M”<sup>37</sup>, diante do desfecho trágico que Bloom produzira, para o carnaval *privé* que o parisiense lhe havia preparado. Bloom não soube responder, não agradeceu, nem se despediu. Apenas regressou ao lugar de onde havia partido: Lisboa. Não obstante, o narrador de *Uma Viagem à Índia* não abre mão de fazer Jean M abraçar seu amigo. Elementar! Da primeira vez em que eles haviam se separado, algo importante entrou em jogo: “energias exemplares haviam sido reunidas à porta do parisiense, de nome Jean M, que lhe prometera amizade até o fim dos

---

<sup>36</sup> “A verdade do espaço aponta assim o que há de comum ao espaço mental e ao espaço social e, por consequência, suas diferenças. Sem separações entre eles, mas uma distância. Sem confusão, mas com um momento ou elemento comum. A centralidade se torna um lugar comum ao conhecimento, à consciência, à prática social. (...). O ‘sujeito’? Um centro momentâneo. O ‘objeto’? Igualmente. O corpo? Um abrigo de energias ativas (produtivas). A cidade? O urbano? Igualmente.” LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, Paris: Anthropos, 2000 [1974], p. 459; tradução minha.

<sup>37</sup> TAVARES. Uma viagem à Índia, p.447.

espaços. Sobre o tempo nada posso prometer porque não o compreendo – dissera Jean M – mas sobre o espaço sim. Sobre ele, prometo.”<sup>38</sup>

Com o intuito de problematizar algo que não compreende – o tempo – através do espaço – algo sobre o que promete, Jean M, um fotógrafo parisiense, torna-se doutorando em Geografia, numa universidade pública de sua cidade natal. Enquanto pesquisador, ele não viaja mais por acaso. Viaja porque é preciso. E precisa, sobretudo, de uma problemática e de uma boa pergunta de tese. Naquela ocasião, à porta de sua casa, Jean M recebe o convite de sua amiga Elvira C para a realização de uma viagem interoceânica, do Atlântico ao Pacífico, ida e volta, cruzando a Floresta Amazônica e a Cordilheira dos Andes, através da tríplice fronteira “MAP”.

Elvira C explica que se trata de uma viagem de pesquisa sugerida por seu pai, Ivo C, um tradutor profissional que está interessado em cultivar perspectivas de tradução de contextos espaciais. Intuito que surge a partir de uma reportagem, da revista online do Banco Interamericano de Desenvolvimento, através da qual Ivo C formula a seguinte pergunta de pesquisa: “como traduzir a produção do espaço da última fronteira capitalista?”. Jean M, entusiasmado, não apenas aceita o convite de Elvira C, mas também reformula o seu projeto de doutorado, colocando no centro a pergunta formulada por Ivo C.

Naquela ocasião, também reunidas à porta da casa de Jean M, três outras pessoas topam integrar o Coletivo de pesquisa: Osmar X, Jandira R e Luzia T. Osmar X, além de ser o namorado de Jean M, é filósofo não profissional (metafilósofo, ele se considera) e estudioso atento da obra de Henri Lefebvre. Jandira R é poeta e ensaísta. O seu material de trabalho predileto é a palavra. As escutas de uma escuta, ela tende a escutar com fineza e precisão. Carrega consigo sempre um bloco de notas e esferográficas. Luzia T, além de namorada de Jandira R é uma jovem estudante de graduação, bolsista de iniciação científica e sonha em vir a ser xamânica. Ela diz ter muito o que aprender durante aquela viagem de campo. Ivo C fica alegre ao ver se formar um Coletivo de cinco pesquisadores entusiasmados. Elvira C também, pois, para a prática tradutora proposta por seu pai, precisarão de gente para manusear câmeras, objetivas acopláveis, tripés, cartões de memória, microfones e um gravador de áudio (“Zoom”). Uma vez formado o Coletivo, Osmar X lê um trecho de Henri Lefebvre (1974):

---

<sup>38</sup> TAVARES. Uma viagem à Índia, p.244

O estatuto do tempo, em relação ao espaço abstrato, é problemático e permanece incerto. A religião e a filosofia o assumem como duração, o tempo proclamando-se, assim, como realidade mental. Por mais que a prática espacial, aquela do espaço repressivo-opressor, restrinja o tempo ao tempo do trabalho produtivo, além de reduzir os ritmos vividos, definindo-os como gestos racionalizados e localizados do labor (do trabalho dividido). É evidente que o tempo não possa liberar-se de repente e inteiramente. Menos evidente é que esta emancipação exija invenções morfológicas, uma produção do espaço. Isto será necessário demonstrar, apontando a insuficiência do desvio de espaços (morfologias) existentes, para que a apropriação do tempo aconteça.<sup>39</sup>

Jandira R lê um poema de Paulo Leminski:

**O mínimo do máximo.**

Tempo lento,  
espaço rápido,  
quanto mais penso,  
menos capto.  
Se não pego isso  
que me passa no íntimo,  
importa muito?  
Rapto o ritmo.  
Espaçotempo ávido,  
lento espaçodentro,  
quando me aproximo,  
apenas o mínimo  
em matéria de máximo.<sup>40</sup>

Elvira C o traduz para o francês:

**Le moindre de l'extrême**

Temps lent,  
espace vite,  
plus je pense,  
moins je pige.  
Si je rate ça  
qui m'est intime,  
peu importe?  
Je ravis le rythme.  
Espacetemps avide,  
lent espacecéans,  
quand je m'approche,  
que le moindre  
en matière d'extrême.

---

<sup>39</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, 1974, p.469, tradução minha

<sup>40</sup> LEMINSKI. *Toda poesia*, 2013, p.183

Luzia T sorri. Jandira R reitera: eu sou rio de volta. E sobre a metodologia o Coletivo está de acordo: deslocamentos serão feitos de maneira multimodal; narrativas serão registradas em formato audiovisual; registros serão traduzidos criativamente, como filme documentário, como videoinstalação, ou sei lá o quê, mas apontando um argumento de tese. O resto não se antecipa. Cinco pesquisadores mais um partem numa viagem interoceânica. Ivo C, o sexto elemento, acompanha online a travessia, via *Skype, Whatsapp, e-mail, streaming* e mensagens telefônicas.

| *espaçamento* |

Henri Lefebvre (1974) argumenta que uma invenção morfológica é necessária para que uma apropriação espacial se torne “real”.<sup>41</sup> A tomada de consciência dessa relação motiva a estruturação deste texto em cânticos polifônicos, a partir de registros audiovisuais compartilhados, em contraposição ao modelo de texto acadêmico hegemônico. Artimanha que se faz conjuntamente ao desvio da forma e da função das epopeias. Se para mudar a vida é preciso mudar o espaço, o que nos impede de começar desde já, pela própria invenção morfológica de uma tese de doutorado?

---

<sup>41</sup> “Vários grupos efêmeros ou duráveis tentaram inventar uma ‘vida nova’, geralmente comunitária. As tentativas e erros, os acertos e fracassos encontraram depreciadores e louvadores suficientes, a ponto de torná-los compreensíveis. Dentre os obstáculos e razões de fracassos, há certamente a ausência de um espaço apropriado, de uma invenção morfológica. (...) Ainda está por ser inventada a arquitetura do prazer e da alegria, da comunidade de uso dos bens da terra.” LEFEBVRE, Henri. *La production de l’espace*, 1974, p.437, tradução minha.

# Viagem Interoceânica

| 2010 – 2018 |



*Poema colectivo e útil: eis a teoria científica*  
**Gonçalo M. Tavares**



# Canto I



## 1 |

As paragens e os deslocamentos compartilhados começaram bem antes daquele encontro marcado, à porta do Museu do Amanhã, na Praça Mauá. Vieram percorrendo países e paisagens, experimentando o desvio e a fruição de pesquisar os caminhos do que pode vir a ser. Afinal, além da internet, há outras mediações pelas quais um corpo reconhece a possibilidade de desdobrar-se como pessoa múltipla.

## 2 |

E também as narrativas audiovisuais compostas com quem viveu a viagem. A pé, de carona, de perua, de taxi ou de ônibus. Do Pacífico ao Atlântico, do Atlântico ao Pacífico e vice-versa, acontecimentos foram vividos e concebidos antes de serem reconcebidos e revividos. Cantar é um modo de habitar um espaçamento, assobiando textos e contextos de uma travessia, no gabinete, no campo, via celular, num automóvel...

## 3 |

Enquanto caminho, encaminho ideias em cantos. Há mares que vêm para zen, já outros não vêm a calhar bem, mas ainda assim trazem ressacas com as quais conviver. Sabedoria é aprender com o outro. O risco aponta a borda do mundo visto. O mundo aborda a ponta do vivo riso. Arrisca-se o tempo do espaço com o corpo todo.

## 4 |

Não falaremos: sim, vale repetir. Apontaremos! Tanto o cantar do japiim<sup>1</sup>, quanto o assobio dos melros<sup>2</sup>, pelo espaço entre

---

<sup>1</sup> “O japiim fala línguas que não são as suas, línguas estrangeiras que, nele, nada comunicam, exceto a sedução e a predação. Ele é uma ponte ilusória entre formas de ser. Corresponde, no mundo animal, àquela escada xamânica que liga mundos cortados em si.” CARNEIRO DA CUNHA, Manuela, 1998, p.16.

<sup>2</sup> “Eis que o assobio igual, do homem e do melro, lhe surge como uma ponte lançada sobre o abismo.” CALVINO, Italo. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1985], p.11.

as harmonias e as melodias,  
reunindo dissonâncias,  
distinguindo ressonâncias, no intervalo  
para onde caminham todos os pontos de vista  
singulares e irreduzíveis.

**5 |**

Sim, não apontaremos uma tríplice fronteira  
genérica, nem o padrão geométrico  
como são representadas: linhas divisórias  
que convergem, via de regra, para um ponto  
tripartite (a conferir num atlas).  
Apontaremos para Ivo C e um Coletivo  
em viagem Interoceânica.  
Um conjunto de pessoas que partiu de vários lugares.

**6 |**

Não apontaremos pesquisadores que se encontraram  
em torre de marfim  
nem a comanda do Currículo Lattes.  
(Não se trata aqui de exaltar a produtividade  
mas de tentar resgatar o valor de uso da invenção.)  
Não se escreverá uma tese para conquistar diploma,  
nem se cultivará em congressos  
nem em bibliotecas da França  
os valores impostos pelo produtivismo.

**7 |**

Sim, aqui não se trata de examinar um objeto  
no gélido interior do laboratório  
para que o distanciamento e as lógicas formais  
garantam análises e verdades verdadeiras.  
Vamos invocar, cuidadosamente,  
a intuição capaz de captar  
viagens de pesquisa diferentes.  
Apontaremos um Coletivo e Ivo C.

**8 |**

Sim, não iremos criticar de longe o Corredor X,  
nem montaremos sequências não-lineares,  
feito uma videoinstalação, para a surpresa da banca.  
Não argumentaremos sobre a imagem

sem o seu oposto  
julgando experiências como realidades  
absolutas, via falseamento autossuficiente.  
Não apontaremos rotas entre Berlim e Bagdá,  
com seus túneis e ferrovias  
a modelar pessoas ou estradas de fraternidade.

## 9 |

Apontaremos e não apontaremos a Depressão Challenger  
para além da Fossa das Marianas,  
nem as cavidades multinaturais frequentemente inexploradas  
de Mosi-oa-Tunya, na ilha de Livingstone.  
Apontaremos e não apontaremos essas perspectivas irredutíveis,  
um outro modo de perceber o mundo,  
extremidades insondáveis, entre Cordilheira e Abismo.  
Apontaremos para uma pessoa múltipla, Ivo C,  
junto a seu Coletivo de viajantes, em julho de 2010.

## 10 |

Não apontaremos os tédios surpreendentes,  
de um indivíduo, definitivamente,  
com enfados e aborrecimentos em Londres,  
vazio em Paris  
– o indivíduo *lato sensu* carece de método e meditação  
desde maio de 68, no melhor dos casos.  
Não apontaremos a pedra do bosque de Bloom  
e os dez cantos em que essa pedra aguarda,  
até se tornar uma ação, finalmente.  
Apontaremos Ivo C em viagem Interoceância,  
através de seu Coletivo.

## 11 |

Não apontaremos para a Ponte Vecchio  
não apontaremos para a Golden Gate,  
nem para os seus itinerários urbanos,  
cósmicos e mundanos.  
Não apontaremos para dólares e euros  
nem para livros fetichizados por sábios  
orientais e ocidentais.  
Apontaremos Ivo C e um Coletivo, em viagem Interoceânica.

12 |

Não apontaremos o longo processo geohistórico de corredores de transporte transnacionais, nem aqueles multimodais que atravessam a Ásia, a África e as Américas. Não apontaremos o desenvolvimento sustentável como se fosse uma mágica mala gigantesca, contendo as soluções para a miséria do mundo. Apontaremos uma viagem Interoceânica. E seus pesquisadores, o Coletivo de Ivo C.

13 |

Apontaremos a transitividade que o Coletivo, de nossos pesquisadores, praticaram em relação ao espaço, saindo de seus confortáveis gabinetes cotidianos numa viagem Interoceânica, à procura de integração e diferença. E apontaremos o caminho pelo qual, através da viagem audiovisual, trouxeram um argumento de tese, aqui traduzido.

14 |

Ivo C sabe se todo e qualquer espaço é traduzível?  
Como traduzir um contexto territorial específico?  
De que formas e processos Ivo C dispõe para traduzir lugares?  
Como experimentar e narrar uma prática socioespacial?  
O que seria uma boa tradução do espaço? Onde se encontram as ressonâncias, as correspondências sem adequações, as harmonias da prática dos espaçamentos?  
Tal viagem é fruto do espaço-tempo de um exercício de transposição criativa do espaço abstrato de uma rodovia, em termos diferenciais.

15 |

O Coletivo viaja com o propósito de registrar, em áudio e vídeo, geografias cotidianas da *Carretera Interoceânica* – um corredor transcontinental em construção, conectando portas e pontes, entre o Atlântico e o Pacífico. Voz, câmera, ação: narrativas derivadas de deslocamentos, paragens e itinerários por onde o Coletivo passa e fica. Via de vagar, desacelerando as narrativas.

**16 |**

Ensaíemos aqui uma argumentação (a perspectiva do espaçamento):  
Um grupo de pesquisadores procura  
um modo de apontar  
a última fronteira do espaço-mundo capitalista.  
O coletivo não é homogêneo,  
mas atravessa espaços que tendem à homogeneização.  
Ele realiza itinerários e paragens audiovisuais,  
até as margens do igarapé Abismo.

**17 |**

Ali se deparam com a impossibilidade da ponte: cuidado!  
Estudam um modo de resguardar a máxima diferença,  
o espaço-cosmos dos índios em “isolamento voluntário”,  
que coabitam, do lado de lá, mundos por vir.  
Assimilam a prática poética do espaçamento,  
a arte de criar intervalos entre mundos impossíveis.  
Eis a diferença dos atos vídeo-geográficos – uma tese.

**18 |**

Mas corpos ocidentais e corpos ameríndios podem também  
vir a fitar intervalos,  
um espaço comum: a prática da tradução.  
Os ritmos, por exemplo, que nada têm a ver  
com duração abstrata,  
mas com concretas sucessões de tempos forte e fracos,  
os ritmos podem, quem sabe espaçados, velar dissonâncias,  
revelar assonâncias, desvelar ressonâncias.

**19 |**

Esperamos, pois, Ivo C, que traduza e que traduzindo  
crie intervalos entre os mundos  
e aguarde. Porque basta  
apontares algumas diferenças,  
o que esperam de você é que reme bastante,  
mas não a ponto de alcançar o Abismo.  
Deixe o barco descer rio abaixo, com calma  
até que ancore, num lugar, por acaso.  
Depois, quando o sol raiar, Ivo C, recomece diferente.

20 |

Atravesse as fronteiras disciplinares, Ivo C,  
caso queira chegar mais perto de si.  
A disciplina científica é um equívoco,  
a fronteira, a chance do desengano.  
Porque, como todas as empresas,  
cada campo inventa  
o seu lucro privado.  
Apontamos para espaços, mas talvez  
sejam os ritmos e as diferenças que possam ser traduzidos.  
Tradutor, Coletivo, Ivo C.

21 |

É verdade que os teus leitores  
(falamos contigo, Ivo C)  
não construíram pontes e portas,  
porém já leram muito, e alguns dão aula na Universidade  
que fabrica diploma e dá nota. Porque, afora isto, não se sabe bem  
quem buscará esta obra na estante da biblioteca  
não há garantias nem promessas  
de sucesso. Para prováveis leitores exigentes,  
nem sequer uma vírgula deve ficar fora do lugar.

22 |

Consideramos, portanto, Ivo C, que cultives a escuta  
da escuta; e que escutando possa reunir em si  
mais de um ponto de vista. Porque não basta  
escutares o Coletivo,  
o que percebemos em ti é a “multiplicação fractal da pessoa”,  
tampouco basta citar o que alguém filmado disse,  
terás que dizer para quem se endereça o que escutou,  
se o dito direciona-se ao Coletivo ou ao tradutor.  
Transmitindo, desse modo, a verdade que,  
através de ti, Ivo C, quem falam são três:  
o Coletivo, alguém filmado e o tradutor, “um dentro do outro”.

23 |

Cultive bem sua cadência encantatória,  
tornando seu Coletivo tradutor, Ivo C,  
aguce a imagem e o som.  
A imagem é uma mediação,  
a experiência, sua causa e sua fruição.

Porque, como todas as representações,  
uma imagem encontra a sua ética no intervalo  
entre uma vivência e uma percepção.  
Apontamos imagens, mas talvez seja o discernimento,  
com sua vontade de extensão, que deva ser apontado.

24 |

Sobre superfície cotidiana, a produção do espaço  
é uma questão para qualquer organismo vivo,  
e o enigma do corpo varia  
porque cada um vive a dor e a delícia de conviver  
com cheiros mais ou menos apazíveis.  
Apontemos, portanto, Ivo C, as diferenças espaciais  
cotidianamente produzidas pela vida.  
Como representar a “última fronteira”  
do espaço do Estado capitalista contemporâneo?

25 |

É indispensável tornar conhecidos conceitos práticos  
e propensos a ampliar a sensibilidade dos corpos,  
e ainda faz falta, em pleno século XXI, falar do que é assim  
selvagem, camponês e periférico.  
É justo dizer que os Europeus tentaram pilhar  
tanto a Latinamérica quanto as Áfricas,  
mas os tristes trópicos ainda parecem guardar  
mundos por vir, com alegres ensinamentos.  
Eis pois o momento de disparar a bomba instalada  
nos pilares da metafísica euramericana  
e rever os limites de seus concretos banquetes, caro Ivo C.

26 |

Ivo C quer ensaiar uma tradução do espaço.  
Ele propõe à sua filha, Elvira C, que organize um Coletivo  
animado a fazer uma viagem de pesquisa Interoceânica.  
Elvira C está em Paris e lá encontra um casal de geógrafos –  
Jean M e Osmar X – um parisiense, o outro teórico;  
um cartógrafo, o outro marxista. Jandira R e Luzia T,  
outro casal – uma artista, a outra estudante de graduação  
também topam embarcar na travessia. À porta da casa de Jean M,  
um Coletivo de viagem e pesquisa se forma. Ivo C, o tradutor  
viajante, vai acompanhar à distância, por sonhos  
ou telepatias, via Skype, smartphone e outras tecnologias.

**27 |**

Do Atlântico sai um Coletivo de pesquisadores  
que lentamente se apura, entrelaçando  
espacialidades reais, simbólicas e imaginárias.  
Diferentemente do litoral, cujas terras estão aparentes  
a quem delas se aproxima, eles passarão um longo período  
imersos. O Coletivo vai em busca da última fronteira,  
ignorantes que são, de seus sentidos de localização.  
Ainda sem compreender que, a máxima diferença  
para além do igarapé Abismo é produzida.

**28 |**

Colocam seus corpos para percorrerem cidades,  
enquanto atravessam um corredor de integração.  
Desviando da lógica do planejamento territorial,  
buscam correspondências entre mundos disjuntos,  
com a intenção de traduzir as diferenças,  
de um corpo espacial em construção. Trabalham  
com o que encontram: montam, ajustam, reparam,  
pura bricolagem. Costuram incertos deslocamentos:  
itinerários e narrativas audiovisuais.

**29 |**

Compartilham uma inquietação comum pelo espaço.  
Encontram, estrada afora, mundos disjuntos  
e o corpo espacial de uma via  
desaceleradora de narrativas.  
Via o dia-a-dia da via,  
cultivam atenção e cuidado.  
Desconhecem os limites das fronteiras espaciais  
e até onde pode vir a chegar Ivo C, com seu exercício de tradução.  
Mas caminham o suficiente para sustentar um argumento.  
A última fronteira, enquanto espacialidade diferencial produzida,  
além de pensada e vivida, precisa ser socialmente  
comunicada, percebida, assimilada. Eis o argumento – fim.

**30 |**

Os ritmos também aparecem, recorrentemente,  
nesta viagem. A vida cotidiana, por exemplo,  
com suas temporalidades quase impenetráveis,  
recheadas de tesouros e armadilhas, não se descola  
nem do cosmos, nem do mundo. Eles se transformam em

práticas de consumo burocraticamente dirigidas:  
as vivacidades tornam densas as periferias,  
enquanto o tédio  
comanda o trânsito das grandes cidades.

31 |

Dos condomínios fechados saem motorizados,  
em alta velocidade,  
enquanto que, em vilas e favelas, a imobilidade decorre  
de motoristas rudes em coletivos lotados.  
Labutas diárias (com suas brutas paisagens desiguais)  
afagam corpos que se deslocam a crédito ou débito, por aplicativos,  
maltratando os pulmões de pedestres e ciclistas em risco.  
O cotidiano, Ivo C, conjuga energias espaciais  
cujas temporalidades não deverias negligenciar.

32 |

Com um gesto expresso e outrora inédito,  
acreditamos ter o mundo inteiro nas mãos.  
Basta um nome de usuário e uma senha,  
para baixarmos harmonias comprimidas,  
em formatos mp3. É isto: enquanto nos escapa  
a impossibilidade de viver diferentemente,  
músicas estão disponíveis para download.  
Pela superfície, a globalidade urbana da Terra  
reúne uma multiplicidade de lugares universais:  
espaços singulares, territórios particulares, mundos.

33 |

Abstrações concretas, fragmentadas e hierarquizadas.  
Que integrações vêm sendo impostas, há milênios,  
por mundos ocidentais? (falamos contigo, Ivo C)  
De que modo lograram exportar aquela “economia-mundo”,  
arranjada em torno do Mediterrâneo,  
às mais diferentes economias do Planeta?  
Até onde caminharão os imperialistas colonizadores,  
sedentos de dominação, acumulação, sem consternação?

34 |

Esperamos, pois, Ivo C que, junto ao seu Coletivo,  
cultives a compreensão do conjunto de mundos disjuntos,  
e que pares de escrever obcecadamente.

Basta de mover tuas fronteiras, como se fossem infinitas!  
Uma prática tradutora nada mais te ensina além de repetição  
e diferença (experiência e conceito). Sentidos ficam  
o conhecimento, o reconhecimento e o autoconhecimento.  
Basta de travessias de mundos: é preciso espaçar.  
Nem todos os corpos espaciais demandam integração.

35 |

Ivo C coloca em contato uma turma de pesquisadores  
com o intuito de reunir, sem confundir, espacialidades de uma via,  
entre dois litorais. Partem do Atlântico rumo ao Pacífico,  
através de uma estrada em construção.  
Cruzam a Amazônia e os Andes, ida e volta.  
Osmar X passa e fica  
na fronteira tripartite, entre a Bolívia, o Peru e o Brasil.  
O que Jean M dirá? Ivo C não percorreu esta estrada antes:  
saberá lhe dar valor? Diferente é o espaço espraiado  
de corpos vividos, lado a lado.

36 |

De um ponto de vista superficial,  
via prática do desvio,  
talvez sejamos capazes de criar espaços.  
Porém, já perpendicular ao desvio,  
o espaçamento será o último a aparecer.  
Milimétrica mente: após uma ação planejada,  
tanto a da rodovia em construção, quanto a de sua comunicação.  
Do concreto armado que destila óleos e minerais,  
nada escapa. Resta a Jean M desviar  
da última fronteira, ainda não assinalada no mapa.

37 |

Na superfície, a urbanização planetária é assunto da pluralidade das singularidades, cada vez mais particulares e universais.

E a forma, além de conferir diferença, dá ânimo.

Quando estimula a percepção dos intervalos, entre vivências e concepções espaciais. Falemos disto, Ivo C; do espaçamento na prática. Os desvios seriam espécies de diferenças produzidas, em relação à tentativa de homogeneização espacial? Um corpo científico reconheceria que os espaços que ocupa têm limites? Espaço, assim, é verbo. O que faz o outro aonde vamos chegar?

38 |

Um espaçamento precisa acontecer, mesmo impossível, revelando, ao menos que: acolá eles vivem!

É pela prudência de uma vida decente, justamente por isso, guardemos uma distância elegante em relação à última fronteira. Ela guarda uma diferença máxima, em termos teóricos, temporais, práticos e espaciais.

Ivo C antecipa seu argumento, a perspectiva do espaçamento.

Um conjunto de gestos, vestígios e marcas passível de ser usado para o reconhecimento da alteridade.

39 |

Via que vai absorver, para além do olhar e da escuta, o corpo inteiro de um organismo vivo, ou quase.

Se queres ter razão sobre o futuro, Ivo C, escute os homens das metrópoles.

Mas se buscas uma empreitada de dessubjetivação<sup>3</sup> apta a findar com a hipnose das hegemônias, com rigor e exatidão, invente um modo de ligar para um sonho de verdade. Nem que seja através de um orelhão.

Pois nem tudo o que é percebido precisa ser escrito, mas vivido: eis o que negligencia um cientista.

---

<sup>3</sup> Uma empreitada de dessubjetivação “tem por função arrancar o sujeito de si próprio, de fazer com que não seja mais ele próprio ou que seja levado a seu aniquilamento ou à sua dissolução.” (FOUCAULT, 2010, p.291) FOUCAULT, Michel. « Conversa com Michel Foucault ». In: *Ditos e escritos, volume VI: Repensar a política*. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel de Barros da Motta. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

40 |

Mas sua via prática foi sendo (lentamente) criada.  
No princípio, a paragem, o itinerário e a narrativa  
obedeciam a um princípio de equivalência.  
Entre as palavras dos pesquisadores e as dos pesquisados.  
Almejavam a desestabilização relativa dos conceitos,  
apostando na primazia da experiência. Com o outro.  
Graças à multiplicação dos deslocamentos foi-se amadurecendo  
o tempo das falas, o espaço das escutas  
e a possibilidade dos entrelaçamentos.

41 |

O Coletivo leva consigo adequada tecnologia  
de pesquisa: dois gravadores; um de imagem, outro de som.  
Estão a bolar uma certa prática espacial de fronteira.  
Com o primeiro, ensaiam paralaxes diferenciais, alterando  
a posição da objetiva, deslocando-a consoante os sentidos  
de localização dos corpos.  
Com o segundo, ensaiam escutas espaciais,  
apontando limites entre o possível e o impossível,  
a partir do que se capta em trezentos e sessenta graus.

42 |

Quem estava atônito,  
pouco a pouco fica atento.  
É quando Osmar X se dá conta  
da travessia proposta por Ivo C.  
Viajar: porque é preciso transbordar a cegueira,  
escolhendo um modo distinto de caminhar.  
Voltar: para que os desdobramentos das vias  
possam ser reencaminhados, a outros cegos demais.  
Mas caberia o “nosso Planeta” como recorte original,  
circunscritos pelo fulcro de uma prática audiovisual?

43 |

Convenientemente, um itinerário – deslocamentos quaisquer – é uma prática espacial, sonora e imagética.

Transposição feita, na superfície,  
para provocar qualquer coisa, menos a transportação  
do que é sentido primeiro antes de se tornar memória.  
(Após três dezenas de parágrafos, o leitor já deve estar  
se perguntando quando começaremos a falar do Coletivo,  
de Ivo C e da viagem de pesquisa)

44 |

Não podemos deixar de dizer (já pedindo ao leitor paciência  
com os parênteses - este não é o primeiro nem será o último),  
que o caráter espacial das sociedades humanas,  
por ser percebido como nomotético ou idiográfico,  
assevera a magnânima particularidade de poder ser concebido  
e vivido como um fenômeno singular, ou como uma lei universal.  
O desafio de Ivo C e seus pesquisadores é cultivar a compreensão  
de ambas as possibilidades, o Coletivo junto,  
sincrônica e diacronicamente.

45 |

Enquanto isso, alguém poderá perguntar se,  
diante do Museu do Amanhã, vale a pena entrar e percorrer  
a exposição principal chamada de “Antropoceno”,  
sobre “o momento em que nos encontramos hoje”,  
ou o melhor seria permanecerem à porta, contemplando de longe,  
a Baía de Guanabara e a ponte Rio-Niterói.  
De um modo ou de outro, uma urbanização abstrata  
será contrastada com um Planeta vivido e cantado,  
por superfícies de concreto, dos passeios e das vias.

46 |

Neste exato instante (outra sincronia?)  
Um xamã ameríndio viaja pelo cosmos  
que começa nos mundos de uma floresta equatorial,  
tal como outrora viajara entre mundos de uma floresta que  
começava num cosmos, o dito mito, lógico,  
sob a perspectiva onírica de Jean M.  
Escuta vozes oriundas de seres humanos e não humanos.  
Escolhe uma e a traduz; cantando e dançando: sua tarefa é  
generalizar um ponto de vista particular. Para um xamã,

todas as naturezas são humanas, e esta expressão - todas as naturezas são humanas - torna-se tão exótica quanto a dita declaração universal, de que todo ser humano nasce livre e igual em dignidade e direitos.

**47 |**

E eis então que a referência natureza humana é substituída pela natureza técnica. Seres que antes agiam ecoando a floresta agora agem ecoando o Google, via satélite. E digamos que: ecoando florestas, age quem ainda percebe as relações sociais existentes entre os animais e outros seres não humanos, entre nós, os rios e as montanhas como se a gente não fosse o todo e como se tudo fosse gente.

**48 |**

Ecoando satélites, pelo contrário, age quem crê que as tecnologias computacionais são a mais potente redenção capaz de remir o mundo. Quem duvida que haverá, para sempre, chamadas em aberto, para a solução de problemas técnicos? Mas não compreende o valor que têm as aprendizagens de outras línguas. Transportar, transcrever, transcriar – eis, em síntese, três formas humanas de traduzir a multiplicidade de mundos. (Ivo C vai praticar cada uma delas.)

**49 |**

Escutemos com atenção o silêncio que, nos intervalos criados, Ivo C ecoa, entre mundos supostamente disjuntos. Como habitar um espaçamento? A não ser poeticamente, teríamos algo a aprender com os ritmos que se dão entre as casas, as cidades, os territórios e o sei-lá-o-quê ou o quase-nada que há do lado de lá do Abismo? Ivo C, com suas parcerias, fará rapapés à desaceleração: procurando distinguir sem separar; e reunir sem confundir, o caráter diferencial do espaço.

50 |

Não apontaremos para um indivíduo,  
que é demasiado ínfimo, nem para um Estado-nação,  
matriz de violência e dominação.

Apontaremos, através desta epopeia acadêmica, uma pessoa  
múltipla:

Ivo C e o seu Coletivo. O tradutor abriu seus aplicativos de  
comunicação

(um de chat, outro para videoconferência)

apontando seus ouvidos rumo aos seus pesquisadores em ação.

Ivo C, o nosso tradutor. Eis o que faz primeiro: conecta-se.

51 |

Onde estão os habitantes e usuários da Interoceânica?

Estaria o Coletivo atento à dimensão do viver

ou seriam as imagens a coletar o que deveria prevalecer?

Eis uma questão que requer tempo para a elaboração.

Quem conclui uma tradução: quem traduz, quem escuta  
ou quem é traduzido? Pode a última fronteira localizar-se

apenas entre dois mundos?

52 |

Enquanto Ivo C prepara para entrar, online, na viagem

Jandira R relê um trecho de seu autor predileto:

O futuro vem aí como o pastor que guarda o  
seu rebanho lento, isto é: não vem,  
atrasa-se, gera impaciência nas coisas que existem.  
Certos acontecimentos, é certo, podem aumentar  
dois ou três andares à vida. Mas nada de mais.  
Toda matéria tem futuro,  
e mesmo a memória particular é, neste particular-particular,  
matéria a ter em conta. A memória tem futuro,  
eis uma ideia nada pessimista.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> TAVARES. *Uma viagem à Índia*, 2010, p.84-5 TAVARES, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia: melancolia contemporânea (itinerário)*. São Paulo: Leya, 2010, p.84-5.

53 |

O Coletivo encontra-se, agora, na primeira paragem de sua viagem Interoceânica, em Porto Velho, Rondônia, alegres, decididos e animados e com fraternos anfitriões: Carla e Binho. Não procuram nada além de outros viajantes. Será? E, afinal, seria o viajante quem cria a via ou a via quem cria o viajante? Já a viagem, ela é *sujeitobjeto* de qual ponto de vista?

54 |

O coletivo desloca-se até o Hotel Rondon, pois ali se encontra o primeiro viajante filmado: Miguel S com quem terão a chance de experimentar o agenciamento da tradução. Estamos na unidade federativa de Rondônia e neste estado, se o mundo fosse o espelho do cosmos, todos os conselhos seriam no imperativo, começando por R. E se os espaços fossem produzidos, sob uma lógica assonante, um lugar seria curado com a mudança do seu apelido.

55 |

Um corpo como coabitação de múltiplas existências, eis uma premissa:

Todo ser a que se atribui um ponto de vista será assim sujeito, espírito; ou melhor, ali onde estiver o ponto de vista, também estará a posição do sujeito. Enquanto nossa cosmologia construcionista pode ser resumida na fórmula saussuriana: o ponto de vista cria o objeto – o sujeito sendo a condição originária fixa de onde emana o ponto de vista –, o perspectivismo ameríndio procede segundo o princípio de que o ponto de vista cria o sujeito; será sujeito quem se encontrar ativado ou “agenciado” pelo ponto de vista.<sup>5</sup>

56 |

O Coletivo inicia o ritual de registro:  
Jean M e Osmar X armam o tripé.  
Jandira R faz a fotometria e o foco.  
Elvira C observa o rito ser preparado,  
enquanto convida Ivo C para um chat.  
Em breve estarão todos conectados,  
online, em fluxo de mídia, com imagem e som.

---

<sup>5</sup> CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana*, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, Out., 1996, p.126.

57 |

O asfalto público-privado não impermeabiliza apenas. A ordem do progresso também inviabiliza que alguns lugares deixem de se tornar mercadorias. A consciência de um caos produzido invoca o múltiplo.

Enquanto a destruição repete-se, difere-se a criação. Assim, uma viagem, vivida, pensada e percebida como o corpo espacial de um organismo vivo, torna-se, transitivamente, o invólucro de múltiplas perspectivas singulares.

58 |

Elvira C mostra para Jandira R, através da tela de seu celular, uma mensagem que Ivo C acabara de lhe enviar, via chat:

Por favor, me avisem quando a filmagem irá começar. Para o meu exercício de tradução, todo e qualquer gesto ou ruído requer escuta e transposição. Por favor, me avisem com antecedência, pois o streaming nem sempre funciona bem por aqui. Elvira C responde: Miguel S está pronto. Estamos todos a postos. Vamos começar os registros... já!

59 |

Miguel S (5' 52''):



Brasil, Rondônia, Porto Velho.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Um registro audiovisual encontra-se codificado através do Códigos QR a seguir. Para decodificá-lo, através de seu aparelho celular ou tablete, habilite a função "Escanear Códigos QR", acessível a partir do menu "Ajustes", item "Câmera". Em modelos que não possuem esta função, será necessário instalar um aplicativo de leitura de Códigos QR. Com a sigla oriunda do inglês Quick Response, reposta rápida em português, o QR é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente decodificado, através da maioria dos telefones celulares e tabletes, via câmera fotográfica ou aplicativo previamente instalado. Os QRs apresentados nesta tese são caminhos de acesso a sítios da rede mundial de computadores (websites), onde se encontram excertos audiovisuais previamente registrados, que compõem a prática tradutora da viagem. Para acessá-los, o leitor precisará aproximar do código de barra o leitor de seu

60 |

Um buraco negro entra em cena.  
E ao se expandir transforma-se num indicador.  
Um dedo que toca, sem furar, o olho de Miguel S.  
E ao se aproximar de seu rosto, parece tentar  
acariciá-lo.  
Mas o que almeja esta mão que toca e roça  
um desconhecido, levemente?

61 |

O buraco negro abre-se feito uma mão,  
e as suas costas passam  
sobre o rosto de Miguel S.  
O que era carícia, arma-se agora  
como o gesto preliminar de um bofetão.  
Essa mão é de Jean M, Ivo C diz.  
Mas sob a perspectiva do tradutor,  
ela é a via da fruição.

62 |

Enquanto a mão manipula a câmera,  
Miguel S segue em silêncio.  
O espírito da manipulação é ambíguo,  
já que a mão que mata  
não é a mesma que dá tesão.  
O que não impede que essas mãos  
se confundam, requerendo assim uma acareação.  
Entre a vida e a morte há um espaçamento primordial.

63 |

Mas quem virá pôr cara a cara  
essas pulsões, Ivo C pergunta,  
como se algum sujeito lacaniano rondasse  
aquele ritual, sob a escuta de um analista virtual.  
Estou aguardando a sequência: quem aparece?  
Em cerca de alguns décimos de segundo, um estouro.

---

celular (câmera e/ou aplicativo já ligados e prontos para fazerem a decodificação). Uma vez decodificado o QR, a imagem-áudio-texto aparecerá na tela e nas caixas sonoras do aparelho. Para assistir o mesmo registro audiovisual do QR Code, serão disponibilizados hiperlinks para o acesso direto, tal como este a seguir: Miguel S (5' 52''): <https://vimeo.com/237990432>

Este que se direciona ao tradutor como tapa.  
E que para Miguel S como um tiro.  
Está finalizada a acareação.

**64 |**

Miguel S volta a falar, citando o espírito da viagem  
esse que tende a nos acompanhar  
até o fim. Voltemos ao vídeo para escutar  
o que eles têm a dizer.

Ivo C, que é um só, mas múltiplo, ouve os dois  
e através deles uma multiplicidade de vozes  
que transitam, reposicionando-se em perspectivas  
diferentes, com pontos de vista singulares.

**65 |**

Sentada ao lado de Miguel S uma publicação,  
evoca uma perspectiva singular, a imagem da Cordilheira,  
agora estriada por sinuosas vias: A Saída para o Pacífico.  
Encaixa, ali, o sujeito onírico, sujeito supremo,  
o Espírito dos espíritos, digamos: o sonho.  
Sim, o sonho! Mas que sonho é esse?  
O que vem dizer sobre a realidade?

**66 |**

Ao lado de Miguel S, uma publicação  
com a contracapa encoberta por várias cópias.  
Sobre o papel impresso, o embaralhado alfabeto  
inventa um título: Roteiro do Poder.  
Jandira R não está feliz: sujeito esquisito,  
inimigo dos versos.

**67 |**

Miguel S, em áudio e vídeo registrado,  
transmite o que diz esse espírito empresarial,  
custoso, hidroelétrico. O fractal do capitalismo,  
reino privado da troca  
de mercadorias.

68 |

Ivo C parecia aguardar essa presença.  
Enquanto o ritual acontece  
ele vai discernindo o que a ele se encaminha:  
o espírito do Sonho.  
E o que se dirige ao Coletivo:  
espírito do Poder.  
Como se a primeira diferença a ser percebida  
morasse no espaço entre  
um sonho socioespacial e um espaço de poder.

69 |

Já era início de noite, quando Miguel S recebeu  
Ivo C e suas parcerias, no hall do Hotel Rondon,  
no centro de Porto Velho. Local mais confortável não há,  
para conversar com um empresário político,  
apaixonado por Rondônia, o novo coração da América,  
como ele diz. Esta primeira narrativa ocorre parada,  
mas remete-se a uma viagem vivida por Miguel S,  
anos atrás. Quando começava a ser idealizada  
uma incerta ideia: a “Saída para o Pacífico”.<sup>7</sup>

70 |

O retrato de Miguel S está na capa  
daquela publicação. E junto dele uma legenda  
que o aponta como o idealizador do corredor  
de integração. Um sonho de ligação  
entre o longínquo centro-oeste do Brasil e o litoral do Peru  
viraria realidade?  
Supostamente. Um possível quase impossível.  
Uma rota de superação de muralhas: os Andes e a Amazônia.  
Tamanha é a empolgação, de um desacanhado publicitário,  
que até Drummond ganha uma citação.

71 |

“No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas

---

<sup>7</sup> Para mais detalhes: Miguel de SOUZA (ed.). *A saída para o Pacífico*. Porto Velho: SEBRAE, 1993.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.”<sup>8</sup>

**72 |**

Jandira R quase sorri ao ver esse poema, neste contexto. Já é noite e ela está tão cansada. O Coletivo vem de longe, do outro lado de lá do Atlântico, mais precisamente. Haviam percorrido, ao chegarem de Paris, os estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Mato Grosso, e até agora o máximo que tinham conseguido, em termos de representação socioespacial, eram alguns singelos mapas mentais. Talvez falaremos disso mais adiante, mas agora é preciso reconduzir essa travessia para o seu diferencial: a prática do espaço audiovisual.

**73 |**

Não é evidente, porém, que a origem de uma percepção ajuste-se perfeitamente à origem da ocupação de um espaço, pelo corpo de um indivíduo, de um povo ou de uma comunidade. Digamos assim: se alguém fala de seu território enquanto por ele caminha, reabilitado fica o caráter compartilhado desse território. A narrativa itinerária como mediação sensível das diferenças práticas e espaciais, eis uma hipótese. Começemos por escutar o que tem a nos dizer nosso empresário político.

**74 |**

Mal haviam montado o dispositivo da paragem, ali mesmo no saguão do Rondon Palace Hotel bastou Miguel S sentar-se no desbotado sofá, para disparar a falar, alfanumericamente, de estradas que dali partiam e chegavam, como se fossem artérias ou veias abertas, mais ou menos entupidas, mas instauradoras de distâncias relativas ao coração da América.

---

<sup>8</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. “No meio do caminho”. In: *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.36.

75 |

De Porto Velho a Brasília são dois mil  
quinhentos e sessenta e oito quilômetros.  
Até o porto de Ilo, há dois mil e treze.  
De Porto Velho até a tríplice fronteira,  
cerca de trezentos e vinte quilômetros.  
Até Cuiabá, a cidade mais próxima,  
são mil quinhentos e um.  
Está provado, portanto, Jean M, que Rondônia é  
o verdadeiro coração da América do Sul,  
Miguel S argumenta.

76 |

Até o litoral do Atlântico,  
são cerca de três mil quilômetros e mais nada.  
Até as portas do Pacífico,  
são cerca de dois mil quilômetros e,  
mais que nada, dali Ivo C fica de cara  
com a China, a bola da vez.  
Ela e seus vizinhos conformam  
dois terços da população do Planeta:  
são bilhões de pessoas, milhões de dólares  
comprando e vendendo, semanalmente.

77 |

A Saída para o Pacífico objetiva inverter uma equação.  
Ela pretende desviar as rotas marítimas do Canal do Panamá,  
pela Carretera Interoceânica, cortando a Floresta Amazônica  
e a Cordilheira dos Andes, até o litoral do Pacífico.  
Para cada milímetro quadrado de asfalto no chão  
um maço milionário de dinheiro na mão, pensa Osmar X.  
Uma saída que disfarça múltiplas entradas  
de verdes notas, nas cuecas, nos bolsos e nas bolsas,  
nas podres contas suíças de miseráveis tecnocratas.  
Tudo em nome do frete e da exportação  
de propinas.<sup>9</sup> Mas isto é só o começo, Ivo C verá.

---

<sup>9</sup> Para mais informações, leia a reportagem de Malu GASPARG, “Uma história do Peru: a ascensão e a queda da Odebrecht na América Latina”, *Revista Piauí*, Edição 130, Julho/2017. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-historia-do-peru/>

**78 |**

Um Sr. mercado, com “S” maiúsculo, isso é Miguel S quem diz:

Peru,

Colômbia,

Equador,

Venezuela,

Cerca de cento e cinquenta milhões de consumidores  
são quase dois terços da população brasileira.

Ivo C está diante de um mercado gigantesco  
e carente, deveras.

**79 |**

Miguel S assegura que mandar alguém à China,  
verbalmente, não é mais um insulto, hoje em dia.

Diferentemente de Cuba, claro, ele reconhece.

À maneira de um gatilho, a palavra China  
faz brilhar cifrões nos olhos de alguém outrora insultado.

Fala sério, Ivo C, todos nós... ele diz: quem não gostaria?

Encabulada, Jandira R quase chora com a anedota, mas não ri.

Antes de chegarem à China, porém, mais dia ou menos dia,  
será a China quem chegará primeiro aos corações de Rondônia.

Quem impediria? Ou melhor: quem não compraria? Pensa Osmar X.

**80 |**

Jandira R grava as palavras de Miguel S com atenção.

Contudo, segue também ligada no futuro

daquela imagem, daquele som, isto é, na montagem.

Com o intuito de deixar um rastro na pista, diante da brecha,

Jean M aproveita para inserir na narrativa

novamente a claquete: uma mão na outra batida.

E adverte aos demais: impertinente aqui são as interjeições!

**81 |**

Miguel S também tenta ocupar a brecha,  
com perguntas clássicas de um corpo filmado.

Narrativa? Sequência lógica?

Como deixar registrado meu relato?

Começo pelo fim e termino pelo começo,

ou seria melhor o avesso? É como se,

diante da objetiva de Jean M, esse Miguel S

se perguntasse: o que quer esse olho de mim?

## 82 |

Jean M comunica o dispositivo da narrativa.  
Começamos, Miguel S, por sua história de vida.  
Falemos de sua trajetória pessoal, de seu contexto laboral.  
A partir daí, teçamos relações com a Interoceânica,  
reunindo essas vias sem confundi-las.  
Façamos deste encontro uma prática socioespacial,  
para além de respostas e perguntas, algo entre  
a conversa e a entrevista, uma conversação.  
Miguel S quase entende, mas fica animado.  
Sobre esses assuntos adora ser perguntado.

## 83 |

Quem é esse Miguel S,  
além de ex-vice governador de Rondônia,  
ex-secretário da Agricultura, Indústria e Comércio,  
ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de Rondônia?  
Alguém que ergue e defende três grandes bandeiras.  
Uma: novos mercados; dois: energia; três: incentivo fiscal.  
Sem descartar a fibra ótica, conectando Rondônia,  
o “grande coração” sul-americano, com o resto do planeta.

## 84 |

Miguel S já foi chamado de louco, maluco e sonhador  
Disseram que vã seria a sua luta,  
que seu sonho seria só mais um  
sonho que se sonha só.  
Mas ele diz que para isto nunca deu bola.  
Pois um sonho que se sonha junto  
com outros políticos também empresários, há de virar realidade.  
(Miguel S faz um parêntese para agradecer ao ex-presidente Lula S,  
por ter sonhado junto com ele, emprestando centenas de milhões de  
dólares ao Peru, para pagar a Odebrecht, pela Interoceânica).

## 85 |

Mas o sonho da integração não é somente econômico, diz Miguel S.  
Ele também é arqueológico e místico, cultural e turístico.  
Pois tem Machu Picchu, o Vale Sagrado dos Incas,  
as Linhas de Nazca, o Deserto do Atacama.  
A questão da neve que nos fascina  
Todos nós, tropicais... não é? Ivo C vai dizer que não gosta?  
Entre a picanha e o pescado, entre a tora reflorestada

e a azeitona enlatada, entre o farelo de soja e o sal mineral,  
entre compras e vendas, canja de galinha e uma boa dose de turismo  
Inca, essa riqueza milenar, não fazem mal a ninguém.

### 86 |

O sonho da integração é o sonho de um corredor  
de mão dupla, que vai e vem de Rondônia.  
Começamos com R, mas só erra, deveras, quem pensa  
que aqui é o fim do mundo. Só se for da perspectiva  
de quem olha lá de São Paulo, ou do litoral atlântico.  
Pois quem olha de cá da Amazônia e dos Andes,  
comprova que já não somos mais o fim,  
mas o meio do novo começo. Rondônia: o coração,  
o grande coração da América.<sup>10</sup>

### 87 |

Errante e se sentindo, agora, todo errado,  
Osmar X quase não aguenta mais,  
tal como Caetano Veloso, ver toda a sua nação,  
como um vermelho balão, rolando e sangrando,  
murchando pelo chão.  
Psicótico, neurótico, desflorestado.  
Só porque tem soja e gado  
pastando vinte e quatro horas, por todo lado.  
No seu “coração”, socialmente negado.  
É Jandira R quem anota e assobia esta melodia.<sup>11</sup>

### 88 |

O asfalto leva a técnica. A estrada traz o progresso.  
A estrada traz o desenvolvimento. O asfalto leva a saúde.  
O asfalto leva o livro escolar. A estrada traz a modernização.  
A estrada traz o médico. O asfalto leva com velocidade.  
O asfalto leva a renda. A estrada traz a educação.  
O asfalto leva a dignidade dos homens do campo.  
A estrada traz a segurança do emprego, a carteira assinada.

---

<sup>10</sup> Miguel S (3m 12s): <https://vimeo.com/237989509>

<sup>11</sup> Para mais detalhes, assista o videoclipe da música de Caetano Veloso, “Todo errado”, do disco “Eu não peço desculpa”, lançado em 2002, em parceria com Jorge Mautner.

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/70923/>

89 |

E traz também um paradoxo, comenta Osmar X:  
mais mobilidade para que ex-isolados, agora integrados  
sejam pela agroindústria afixados e asfixiados.  
Gesto comandado por uma retórica pragmática:  
menos frete e mais valor aos seus produtos.  
É o jogo do ganha-ganha!  
Miguel S afirma que, principalmente,  
ganha o meio-ambiente, a agulha e o avião.

90 |

Jean M pergunta sobre o papel da Bolívia,  
neste jogo. Miguel S diz que ela fez sua escolha:  
conectar-se com o Mundo mais ao Sul.  
Um Estado pode definir  
as prioridades de territórios vizinhos?  
Quem define os sentidos da integração alheia?  
Poderíamos pensar que gringos não-identificados  
modelam, via satélite, a Carretera Interoceânica?

91 |

No coração da América Latina,  
onde se encontra a última fronteira?  
Onde tudo e nada mais está por fazer?  
Jean M experimenta uma territorialidade  
onde os paradoxos tendem a ficar  
mais explícitos. Inclusive aqueles  
entre a cumeeira, a superfície  
e o Abismo. Isto começa a ficar evidente desde o início  
da narrativa de Miguel S, sobre sua viagem interoceânica.<sup>12</sup>

92 |

Jean M e suas parcerias deixam Miguel S  
no hotel. E seguem para um bar, não muito longe dali.  
Uma de suas amigas, a anfitriã, tem outro amigo,  
também de Porto Velho. E este tem duas outras amigas.  
De modo que todos se encontram, agora, entre *amigoas*,  
em torno de uma porção de macaxeira,  
esvaziando copos cheios de alguma bebida,  
mais ou menos light.

---

<sup>12</sup> MIGUEL S, 8m34s: <https://vimeo.com/237987398>.

**93 |**

Jandira R lê ao Coletivo, um trecho de seu livro predileto:

A boa imagem do coração deve-se, em grande parte,  
ao seu eficaz esconderijo. Sabe melhor isso  
do que eu, Jean M. Os outros  
são apenas alguém que nos olha.  
Vigiar ou seduzir. Todo o resto é cegueira.<sup>13</sup>

**94 |**

Manu e Simone são amigas de Binho  
e também já fizeram uma viagem interoceânica,  
de Rondônia ao Pacífico. Elas contam histórias com geografias  
distintas daquelas vividas por Miguel S.  
Afim, as rodas de seus veículos apoiaram-se  
em estradas asfaltadas, ao longo de quase todo o trajeto.  
Ademais, elas são jornalistas  
e recolhem informação de naturezas diversas.  
Enquanto viajam, buscam reportagens

**95 |**

Enquanto comem e bebem, transformavam juntos  
aquele botequim numa mexericada, tamanha é a mistura  
de gesto, de fala e de outras coisas aparentemente tão díspares  
quanto um sachê de ketchup e a ideia de integração.  
Dentre as notícias recebidas, Jean M notou e anotou uma:  
o nome e o telefone de Maria E, uma jornalista paulista.  
Ela também anda escrevendo enquanto viaja, pela Interoceânica.  
O que não imagina Jean M é a densidade didática e emocional  
de seu texto audiovisual: “Me voy”  
é o nome do documentário de Maria E.

**96 |**

Na manhã seguinte, não muito cedo, o Coletivo entra num ônibus  
disposto a vencer os 512 quilômetros  
que o separam de Rio Branco, capital do Acre.  
Cientes de que transformariam os aéreos cinquenta  
e cinco minutos estimados pela Gol Linhas Aéreas,  
em cerca de oito horas sobre rodas, rodoviariamente  
ao rés-do-chão.

---

<sup>13</sup> TAVARES, Gonçalo. *Uma viagem à Índia*, 2010, p.150.

**97 |**

Mas tinham uma boa justificativa  
e não se tratava de medo de avião.  
Os mundos que intencionavam vivenciar  
eram aqueles passíveis de serem escutados o mais rente possível,  
por mais distantes que fossem.  
Que chances de sucesso teriam,  
caso tentassem aproximar, em pouco tempo,  
de corpos sentados no meio do céu, em cadeiras tão irreclináveis?

**98 |**

Nossos viajantes pesquisadores parecem defrontar  
a necessidade de escolher entre duas saídas  
contraditórias e insatisfatórias.  
Peço licença, portanto, caro leitor, para comentar uma questão de  
método. (Outro breve parêntese). Em alguns cantos do Planeta,  
o ato de caminhar, só deixou de ser uma performance semanal,  
mensal ou anual, há muito pouco tempo. Inclusive,  
para alguns corpos menos asfálticos, somente agora  
isto está deixando de ser um dilema.

**99 |**

Não sabemos, mas talvez neste exato instante,  
um terminal rodoviário está sendo inaugurado, em algum canto,  
enquanto estão sendo lidas ou escritas estas palavras.  
Mas deixemos de miudezas sincrônicas  
e voltemos à diacronia.  
Jean M e suas parcerias estão atrás de espaços  
mais lentos, logo, mais rigorosos. Lugares passíveis e afáveis  
à desaceleração das narrativas.

**100 |**

Exaustos, recém almoçados, no conforto reclinável  
de um convencional ônibus sem ar condicionado,  
dormem e sonham, com as janelas abertas.  
Acordam diante de um rio, sem ponte,  
mas que deve ser atravessado.  
Acordam, mais precisamente, com a conversa  
e a movimentação resultante da justaposição  
entre um automóvel e uma plataforma flutuante.

### **101 |**

Uma balsa presa por um cabo cumpre o papel  
de uma ponte móvel,  
entre as duas margens da rodovia.

Acordado, o Coletivo liga suas máquinas registradoras  
de imagem e som.

Já estão a aprender, como adentrar o ritmo compartilhado  
da itinerância narrativa.

### **102 |**

Elvira C comenta com Luzia T  
algo que aprendera com Bloom,  
um português de nome irlandês, amigo de Jean M.

A atenção que inventa a alma é  
irmã gêmea da imobilidade.

Desacelerar o ritmo de uma conversa  
é como desviá-la da cegueira.<sup>14</sup>

### **103 |**

Atravessaram, por fim, o Rio Madeira, nos limites de Vista Alegre  
do Abunã, ali, onde na margem oposta já é Bolívia.

A fila de espera para a travessia estava curta  
e a profundidade fluvial em torno de 15 metros, um nível bom.  
Mas acontece do nível do manancial abaixar 70 centímetros  
em um dia, em época de seca. Um dos passageiros do ônibus  
relata à Luzia T que, uma certo dia, precisou esperar 22 horas para  
atravessar. A balsa é o único meio que liga o Acre e o Peru também,  
ao resto do Brasil, por via terrestre. Naquele dia a seca do rio  
traduziu-se como demora da viagem.

### **104 |**

Claro que o Coletivo não queria esperar tanto tempo,  
porém estão interessados, em alguma medida, na desaceleração das  
narrativas. O que também implica renovar a relação com as  
experiências. Para uma estudante de graduação como Luzia T,  
viajar de ônibus é algo quase banal. Já Jean M, nascido e vivido em  
Paris, vira e mexe pega um trem bala, seja TGV ou Eurostar,

---

<sup>14</sup> TAVARES, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia: melancolia contemporânea (itinerário)*. São Paulo: Leya, 2010, p.409.

e em poucas horas, atravessa o hexágono (nome carinhoso dado ao mapa da França). Ah! Essa chance de tomar café com brioches na Gare du Nord, pela manhã, e tomar uma *pint*, em St. Pancras, do outro lado do Canal da Mancha, antes de almoçar.

### 105 |

Os ritmos trazem interferências na compreensão dos itinerários de uma viagem e, esses, nem sempre muito claros, são balizas através das quais podemos cultivar os discernimentos.

De que modo a viagem pode vir a ser um solo fértil de inspiração, onde a possibilidade do encanto é nutrida a cada encontro? A criação compartilhada como prática de pesquisa e de vida, onde se busca atentar-se às diferenças produzidas, fruto da vontade que não se explica pelo pensamento.

### 106 |

Voltando a recolocar os pés no chão: há um desafio metodológico aos pesquisadores que se reúnem para viver e pensar, juntos, os sinais de um novo espaço, tempo.

Porque, através da pesquisa compartilhada, passamos a compreender como um Coletivo é algo frágil (e efêmero), portanto bem distinto de um indivíduo e de uma Nação. Foi a indústria que inventou a especialização (e provavelmente a disciplina). Juntos, os pesquisadores questionam demais, e não raro elaboram ideias críticas; separados, pelo contrário, inventam identidades para seus quadrados. Reunidas as metodologias, o Coletivo quer alcançar o Pacífico e a integração, mas de um jeito diferente. E por aqui seguem, encaixando as possibilidades e desencaixando as impossibilidades.

# Canto II



1 |

O Coletivo tem um encontro marcado, entre eles, justamente para conversar sobre a travessia.

Estão todos no Rio de Janeiro. Alguém sugeriu a Praça Mauá, na Porta do Museu do Amanhã.

Marcaram ali, mais por afeição à Baía, à Praça e à Ponte que por considerarem o local apropriado

às artes visuais,

às ciências espaciais ou às filosofias do futuro.

Inspirada por esta palavra, Jandira R recita para Luzia T um poema:

2 |

Do futuro

amor

só uma diferença asseguro

sem tu

não passa de um furo.

3 |

No museu as conversas podem, em dias ensolarados, ser desviadas para os bares, tornando-se mais divertidas, Qualquer conversa metodológica, uma prática de campo ou uma cartografia não-convencional, quando bem animada cabe no tempo de um canto ou de dezenas de fragmentos, o que pode ser surpreendente. Esta experiência é ainda relevante para quem quer discernir, sem confundir, o tempo da vida cotidiana ou do gasto de energia excedentária na prática de um Coletivo de pesquisa.

4 |

Jean M ajusta as suas miras, ao escutar Jandira R.

O Coletivo tem sede de experiências espaciais,

via espacialidade das vias

e através de suas diferentes fronteiras,

via espacialidade das cidades

e pelas suas conexões diversas,

via espacialidade das moradias,

e por meio de suas distintas extremidades.

Ajusta o foco na multiplicidade singular dos caminhos,

delimitando os distanciamentos

e expandindo as proximidades.

5 |

Osmar X começa falando sério,  
quando o modo de abordar os espaços é o assunto.  
Enquanto filósofo não-profissional,  
Osmar X parece exercer uma pedagogia da pergunta<sup>15</sup>.  
O Coletivo cuida de escutar com atenção.  
Você acha que esses espaços em que se faz morada  
podem ser apreendidos como laboratório de experimentação?  
Que tradição investigativa vamos seguir?  
Ivo C toparia experimentar uma certa  
*metafilosofia do cotidiano*?

6 |

Mas o que isto quer dizer, Luzia T pergunta.  
Ecologia urbana? Antropologia do imaginário?  
Sociologia dos modos de vida? Semiologia da paisagem?  
Como chegar à zona de contato dos mundos vividos?  
Seria possível testá-la? De que modo?  
Mapas mentais? Histórias de vida?  
Grupos focais? Redes sociais?  
Conseguiríamos desviar a tal da  
observação participante?

7 |

Segue-se a conversa.  
É próprio da corporeidade do saber  
buscar fragmentações passíveis de hierarquização.  
Uma certa estratégia de homogeneização.  
A pluralidade possível das abordagens na mira da redução.  
Onde estão os métodos disponíveis? Luzia T pergunta,  
como se estivesse com uma escada, diante de uma alta prateleira.  
Desconfiada, insatisfeita e já destilando críticas,  
Jandira R insiste em dar valor às premissas.  
Mas como acessar o limite inferior dos espaços?  
Antes de adentrarem a infindável lista de receitas metodológicas,  
Ivo C diz algo que precisa ser escutado e salta à vista.

---

<sup>15</sup> FREIRE, Paulo Freire. FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação: v. 15)

## 8 |

Busco um modo de traduzir os espaços de integração, enquanto as integrações do espaço estão sendo traduzidas. Assim prosseguem as energias cósmicas e mundanas: transformando-se.

O cotidiano não consegue deixar de ser invenção prática e teórica. Osmar X escuta Ivo C da seguinte maneira: Um comando estrangeiro – uma telecomanda tecnocrática – não deveria poder enquadrar qualquer perspectiva de pesquisa que seja.

## 9 |

Jandira R lembra o que Gonçalo M. Tavares ouvira de Walter Benjamin e dissera a Cássio E. V. Hissa, através da página 62 de suas *Breves Notas sobre a Ciência* (2006):

Tu não usas uma metodologia.  
Tu és a metodologia que usas.  
(Ou: tu não chegas a um resultado.  
Tu chegas a uma metodologia.  
Ou ainda: tu não provas um facto ou uma teoria,  
tu provas uma metodologia).<sup>16</sup>

## 10 |

Osmar X tenta convencer o Coletivo que as representações e as vivências espaciais encontram-se entrelaçadas, por práticas que se repetem e se diferenciam, cotidianamente. Por mais que as práticas científicas insistam em atribuir uma medida ao momento das experiências e outra ao momento das narrativas. Talvez por ser filósofo, mas não profissional, Osmar X quase chegue a começar a sentir compaixão pelos cientistas que disputam, entre si, a supremacia formal, estrutural ou funcional dos ambientes materiais, idealmente construídos.

---

<sup>16</sup> HISSA, Cássio. *Breves Notas sobre a Ciência*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.62, 2006.

## II |

Osmar X pergunta-se: por que os modelos técnicos científicos tornaram-se os únicos autorizados a conceber os espaços?  
Por que poucos concordariam com a ideia-prática de que nós que vivemos e percebemos os diferentes mundos, cotidianamente, somos os especialistas do espaço?  
Como não lembrar de Armando Corrêa da Silva?  
De sua obra intitulada *De quem é o pedaço?* (1986)<sup>17</sup>.  
Divididos, fragmentados e hesitantes, em universidades público-privadas, encontram-se os pesquisadores, modernizados e ocidentalizados, como trabalhadores mais ou menos integrados.

## 12 |

Na praça de serviço das ciências,  
as investigações espaciais são feitas  
por corpos antropológicos,  
por corpos, lógico!  
bio-lógicos; geo-lógicos.  
Psicológicos corpos sociais  
dos sociólogos,  
mais ou menos históricos e geográficos,  
quase nunca metafilosóficos.

## 13 |

A não ser ao final do corredor das humanidades,  
numa porta epistemológica à esquerda,  
comprovaremos ter realizado  
uma prática espacial,  
no intervalo do entrelaçamento  
de um espaço ao mesmo tempo  
vivido, percebido e concebido.

---

<sup>17</sup> Ele lê, para o Coletivo, um pedaço extraído à página 131: “A crise da Geografia tem uma vantagem em relação à crise dos demais campos do conhecimento. A reflexão filosófica dela esteve ausente durante muito tempo: mais precisamente, alguns clássicos ainda a praticaram, mas a deficiência de preparo filosófico constituiu sempre uma barreira ao encaminhamento da solução.” CORRÊA DA SILVA, Armando. *De quem é o pedaço?* Espaço e Cultura. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986, p.131.

#### 14 |

Osmar X pergunta a Jean M, quem ele considera ser os principais donos do pedaço, em sua disciplina.

Com sua objetiva em foco, ele responde com outra pergunta.

Como seriam as cidades sem os especialistas em códigos legais, sedentos por cálculos estruturais?

O que seria de nossas casas, de nossos territórios se não tivéssemos, por perto, os engenheiros e os advogados?

Ivo C diria: “restariam os médicos!”

Afinal, como desconsiderar estes corpos-especializadíssimos em cada centímetro quadrado dos corpos humanos?

#### 15 |

A questão, meu caro Jean M,

é que a nossa espacialidade,

ao mesmo tempo cósmica e mundana, cabe a nós vivê-la,

mas também pensá-la, construí-la e habitá-la,

queiramos ou não,

com os mais diferentes graus de apropriação.

Como desconsiderar o modo pelo qual uma sociedade produz seu espaço?

Como negligenciar a perspectiva de quem ocupa um espaço?

Como aprender a discernir os diferentes corpos espaciais cósmicos e mundanos?

#### 16 |

Imundos cosmos de mundos cômicos,

para não dizer

abstratos corpos trágicos em comunhão.

Jean M, enquanto cientista do espaço,

embora de Humanas,

sente empatia pela perspectiva crítica,

em relação à decadente divisão epistemológica

do Planeta,

entre espaços que geram mundos

e espaços do cosmos oriundos.

**17 |**

As chances de inovar cientificamente o espaço  
estão em expansão, no século XXI.

Tudo parece caminhar cada vez mais rápido,  
embora desconheçamos a direção.

Inclusive certos gestos burocráticos, com soluções on-line,  
sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia.

De cima para baixo,  
verticalmente nada escapa  
ao ato fotográfico dos satélites.

**18 |**

Os cientistas do século XX  
cultivavam modelos explicativos.

Com a autônoma mente da universalidade verdadeira,  
insistiam, enganando-se, que singulares moradores  
não tinham capacidade suficiente,  
nem recurso, nem competência,  
para conceber, autonomamente, o bem-viver  
de seus próprios territórios comuns.

**19 |**

Ivo C aposta que Jean M é um sujeito sensível.

Além de um gravador de som, leva consigo um par de objetivas  
acopláveis, com diferentes extensões angulares  
e distâncias focais múltiplas.

Como se assim suprisse a necessidade de superar  
o mundo das técnicas positivistas,  
e também o das linguagens niilistas,  
criando intervalos, entre objetividades e subjetividades espaciais,  
a favor do corpo.

20 |

Inspirações simultaneamente dialéticas e fenomenológicas,  
aspira o Coletivo.

Jandira R diz estar perplexa

por ainda haver quem vê, no espaço, uma superfície neutra  
indiferenciada.

Com Jean M e suas objetivas será diferente? Ivo C pergunta.

Tens nesta caixa preta um dispositivo de agenciamento potente!,  
aponta Elvira C. Potência sensível à expressividade

de corpos em movimento,

de pontos de vista sonhados, falados, compartilhados,  
em tradução.

21 |

Pela partilha do sensível já bastante afetados,

o Coletivo encarna, cada um à sua maneira,

o desejo de produzir juntos

um espaço de viagem como uma obra comum.

A partir deste encontro preliminar,

o método dos passeios e dos deslocamentos,

feitos de paragens, de percursos e de itinerários variados

entra em gestação. Ivo C está feliz!

22 |

Produzir imagens

como quem está a produzir uma mediação

entre experiências e discernimentos territoriais.

Enquanto os momentos sucedem-se,

o que vai sendo percebido?

O que pode significar tal prática?

O que compreendo passa por meus posicionamentos ou não?

Jean M presta atenção

à centralidade dos corpos espaciais,

sem negligenciar o que Jandira R e Osmar X dirão em termos  
conceituais.

O Coletivo parece haver detectado um enigma metodológico  
a ser inventado.

**23 |**

Luzia T, diante da complexidade urbana dos mundos,  
perde-se pelos corredores, campus e departamentos.

Antropologia da paisagem?

Anatomia do lugar?

Psicologia do habitar?

Política da experiência?

Etologia da fronteira?

Sociologia do caminhar?

Geografia da diferença?

Economia da libido: onde encontro a tal metafilosofia?

Onde me encontro: pergunta-se.

**24 |**

Quanto mais aguda a sagacidade,

mais rara a possibilidade

do corpo inteiro vir a ser

fragmentado

por quadradas disciplinaridades.

Felizmente Jandira R está por perto.

Neste momento, peço licença ao leitor para antecipar uma

argumentação: basta auscultar a crítica vivaz de um quadrado,

com cuidado e atenção, para que a sua extradisciplinaridade

venha assumir os rumos epistemológicos da elaboração.

**25 |**

Argumento, abordagem, modo de fazer.

Estilo, vocabulário, modo de dizer.

De tanto falar, o cientista não evita

o risco de ser redundante, para não dizer, chato.

Eis que ele tece uma consideração a mais.

Mais uma. Uma que Jandira R está careca de saber.

Fundamental é o caminho que escolhe um pesquisador,

seu método encaminhar.

O que se percebe pelo modo em que vamos,

dos coabitantes de uma pesquisa, nos aproximar.

**26 |**

Mas de tanto falar, Jean M talvez deixe

sua escuta, por instantes, algo negligenciar.

Com suas objetivas, são compreensões viárias

multimodais: o que ele quer cultivar.

Aquelas daqueles intervalos criados: propícios espaçamentos.  
Afinal, entre objetos pesquisados e sujeitos pesquisadores,  
como se realiza uma prática de pesquisa polifônica?

**27 |**

Neste momento o leitor pode deleitar um raro prazer.  
Ver aqui reunidos os fios condutores do método  
inventado por Ivo C e seu Coletivo.  
Simbólicas linhas reais, mas também imaginárias,  
por onde circulam energias-espaços-tempos  
de uma prática espacial de pesquisa.  
Meridianos corporais de pesquisadores em cruzamento.  
A estrutura itinerante,  
tal como esta viagem foi pensada.  
A forma audiovisual,  
tal como esta viagem foi construída.  
A função didática,  
daquelas experiências narradas, agora aqui traduzidas.

**28 |**

A originalidade dessa travessia passa e fica  
pela combinação de diferentes modos de encaminhar  
os momentos que produzem os espaços.  
A contemporaneidade dos mundos por vir  
produzidos pela urbanização capitalista.  
Sem descartar as tentativas de descrição, nem as abstratas  
representações, aposta na retomada das fabulações.  
A dessubjetivação levada ao ápice da desobjetivação.  
Sem deixar de levar seus opostos em consideração.

**29 |**

Ivo C e o Coletivo tentam conversar  
sobre as possíveis relações entre performance e tradução.  
Enquanto Jean M fala, cientificamente, da multiplicidade  
de modos de pensar um objeto de pesquisa.  
Jandira R já imagina as possibilidades de encenação.  
Sobre a escuta como operação de ajuste da visão.  
Eis que definem, assim, o ponto de partida  
da reflexão.  
Sobre o gesto de discernir e o valor polissêmico  
do verbo apontar, reflete Osmar X.

30 |

Com que roupa sai de casa um pesquisador?  
Com a mesma em que entra num laboratório?  
Com os trajes de um cidadão comum?  
Como a mãe que luta pela sobrevivência das filhas?  
Pode o corpo de um pesquisador  
atravessar territorialidades autóctones  
sem delas se distinguir?  
Se pensas nisso, Jean M,  
deves pensar como se veste  
um habitante da fronteira,  
numa tarde de terça-feira.

31 |

Além disso, é preciso camuflar  
retinas, cones e bastonetes  
para que os olhos desempenhem o papel  
de câmara discreta.  
O carácter observável dos comportamentos alheios  
não envolve tarefas simples, caro Jean M.

32 |

Podes até rir, mas procedimentos que capturam espacialidades  
corporais abstratas cultivam o rigor da indiferença  
bio-etno-geológica.  
Se consideras importante inventariar  
os detalhes de conduta, de cada subespécie urbana,  
é preciso que sua câmara funcione  
consoante as estruturas de um olho absoluto.  
Ora, suponho que não seja este o teu caso,  
o de um observador distanciado.  
Não é verdade, Jean M?

33 |

Jean M responde com um célere sorriso,  
silenciosamente. Aprendeu a escutar.  
E sabe usar esta qualidade preciosa,  
tão rara de encontrar entre cientistas, inclusive os humanos.  
Jean M se posiciona, claramente, lá no item Z da página Y,  
logo após o Coletivo aferir o último traço,  
dos contornos do método  
que estão a criar.

**34 |**

Sem deixar aquele silêncio se prolongar, Ivo C logo traz um aspecto que tende a ser mais do agrado do Coletivo. Usando seus termos, no século XXI, os espaços urbanos são demasiadamente vistos, insuficientemente degustados e pouco escutados. Tu te dá conta, Luzia T, da diversidade de barulhos, de ruídos, de músicas, além das cores, dos odores e dos sabores que estão a nos abalar sem nos embalar aqui; agora?

**35 |**

Que cidadãos conseguem escutar os espaços com os quais convivem? Esta ideia material sentida como 'som ambiente' pode ou não pode revelar um caminho propício aos bons insights? Pow! É o som do tapa que Ivo C solta na mesa. (À esta altura o Coletivo já sentou-se num bar) E se inventássemos um método envolvido com o deslocamento do olhar, em favor da escuta e apto a reativar sensorialidades adormecidas?

**36 |**

Deste modo, dedicaríamos metade do tempo de nossa jornada de pesquisa, escutando a metade anteriormente registrada. Feito uma dobra, um monte, um abismo. Agenciaríamos um dispositivo apoiado sobre dois pilares incompatíveis, o da familiaridade e o do estranhamento. Um modo de lidar com paradoxos sensoriais.

**37 |**

Luzia T não se contém, contorce-se na gargalhada. Pois tem deveras bastante estima pelos paradoxos. E não apenas. Também sente afeições pelas contradições e coabitações mundanas. Enquanto ela aterrissa o riso, Ivo C não para, ele avança, com as ponderações. Diz que a presença dos gravadores

dobra o desafio da situação de pesquisa.  
Há peleja na lida com as palavras, caro Jean M.  
Ter trato com as pessoas, via conversas indirigíveis,  
com diálogos desestruturados, significa aprender a reformular  
o problema geral da análise.

**38 |**

Como apreender a profundidade emocional,  
a riqueza de conteúdo e a complexidade intelectual  
de espaços simultaneamente percorridos e falados,  
por pernas, bocas de corpos inteiros?  
Como construir uma prática espacial de pesquisa  
configurada por expressões de corpos que falam, em cena?  
Como coabitar um espaço repleto de vozes  
e diferenças?

**39 |**

Ivo C está tentando convencer o Coletivo  
de algo ao mesmo tempo geral e específico.  
Tal como as demais práticas espaciais contemporâneas,  
as práticas de pesquisa também são espaços.  
Semelhantemente às demais, elas podem ser vividas  
como eventos interativos, assimiladas  
como acontecimentos intersubjetivos, concebidas  
como narrativas compartilhadas. É preciso aprender a negociar as  
práticas como entrecruzamento de vivências e conceitos espaciais.  
Negociações que se dão através de nossas relações sociais,  
e ao longo das conversações que mantemos.  
A prática de pesquisa como um modo de conversação.

**40 |**

Nesse instante, Jandira R percebe que Jean M  
tem os dois olhos e Luzia T os dois ouvidos  
bem abertos. Mais que isto,  
eles têm os corpos inteiros dispostos e disponíveis  
a transpirar países e paisagens.  
Calma e profundamente, o Coletivo transforma  
o ritmo de sua aspiração, inspirando-se  
conforme o rito de cada expiração.  
O meio, geohistoricamente prático e socialmente sensível,  
respira como um organismo vivo,  
nesse contexto.

41 |

Pois é claro, caro leitor, são mesmo muito variadas as sensações que envolvem as perspectivas aqui apontadas. Muita transformação, estou para te dizer. Aquela gargalhada de Jean M cessou, há alguns minutos, mas segue ecoando certamente, a quilômetros daqui: Ivo C ri. O tradutor encontra-se, agora, de olhos bem fechados. Transpira fundo. Medita, despovoando os pensamentos de números, de letras, de pontuações.

42 |

Seu corpo espacial é extenso e necessário como o de uma via aberta e vazia. Uma via que se esvazia, pouco a pouco, conforme a estrutura de um motor *totalflex* e abastecido; que cumpre a função de um espaçamento, – um hífen – dis-tin-guin-do, sem\_separar, reunindo sem confundir, corpos espaciais socialmente produzidos.

43 |

O Coletivo reflete como pode e com a objetiva de Jean M tenta reinventar os sentidos de localização da via, focalizando o caráter situacional dos espaços vividos. Experiências espaciais vividas: fenômenos, processos, apresentações? Uns e outros, via algo amplo e irrestrito. O que Osmar X apontaria, logo mais, como prática do espaço diferencial.

44 |

Neste momento, pode o leitor perceber que, aquela conversa inicial à porta do Museu do Amanhã, encaminhada para um bar, já está sendo retomada, agora, durante a própria narrativa da viagem. Enquanto viajam, encaminham as viagens metodológicas sobre a viagem. Osmar X leva consigo um *tablet e-reader*, mas não é um Kindle<sup>®</sup>. Através dele, uma miríade de textos em formato .pdf estão livremente acessíveis ao Coletivo. Durante a viagem, todos farão uso.

45 |

Mas o Coletivo carrega consigo também alguns livros de papel, pois ainda há quem diga que a experiência gestual da leitura é o seu aspecto fundamental. O uso do livro *La production de l'espace*<sup>18</sup> (1974) será intenso e recorrente, ficando o leitor sobreavisado, desde já. Quem carrega este livro é Osmar X, mas seu marido, Jean M, entre fotometrias silenciosas e narrativas audiovisuais, também cultivará, entusiasmadamente, os apontamentos metafilosóficos de Lefebvre.

46 |

O Coletivo segue em viagem. Saíram de Porto Velho, a capital de Rondônia, pela manhã. No final da tarde, chegam a Rio Branco. Chegaram à capital acreana e já no dia seguinte procuram uma pessoa para conversar, sobre uma tal de Iniciativa MAP, uma espécie de rede política, um grupo de militantes articulados um movimento social de fronteira, que reivindica interesses coletivos, geralmente ecológicos, já que estamos no Acre.

47 |

Mas sem sucesso, pois a pessoa está viajando para o Peru. Caminhando pela rua, acabam encontrando, por acaso, alguém com uma câmera Super-8. O Coletivo passa o dia, por ali, conversando sobre a geografia do cinema acreano, desde os seus primórdios.

---

<sup>18</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

Escutam a história da formação do Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos – o Ecaja, descobrem que o Festival Acreano de Filme Super-8 já teve cinco edições que dele surgiram diferentes iniciativas independentes, de trabalho audiovisual no estado: a Associação Acreana de Cinema, o Cineclubes Aquiri, o Centro de Antropologia do Teatro e Antropofagia do Cinema (Catac) e até mesmo a criação de uma seccional acreana da Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas.

**48 |**

A chegada em Rio Branco não coincide, portanto, com o encontro com Maria E. Algo totalmente contornável, através do espaço de dois dias. Já é sábado à noite, finalmente, quando o Coletivo é recebido, aliás, muito bem recebido, por Maria E e seu cachorro Bob, na cozinha de seu sobrado, em um bairro não muito distante da periferia de Rio Branco.

**49 |**

Juntos, Maria E, o Coletivo e, como não dizer também, Ivo C transformam sua cozinha em sala de cinema, para transformar, em seguida, a exibição de um filme na realização de outro filme. Como se duas claquetes pudessem bater em uníssono, como se uma segunda lente só alcançasse o seu foco, na medida em que a primeira também,

**50 |**

como se as baterias das máquinas, finas e grandes ou pequenas e grossas, pudessem recarregar-se mutuamente. Como se os círculos de confusão – que delimitam opticamente a profundidade de campo – atingissem o máximo patamar da acuidade visual humana, no espaço que reside entre dois. Como se Ivo C pudesse experimentar a possibilidade, aqui, de objetos mais ou menos nítidos virem a ser percebidos como sujeitos.

51 |

Neste instante, cabe ao leitor pouco afeito aos Códigos QR ,  
e que por esse motivo, eventualmente, não tenha se dado conta  
do que está se passando,  
por aqui, cabe-te pedir auxílio a um celular menos obsoleto  
e colocar o teu próprio corpo em posição confortável,  
ajustando a postura, substituindo cadeiras duras  
por almofadas macias; sapatos amarrados por pés descalços.  
Produzindo o espaço da fruição, similar ao de uma sala de cinema.  
Ivo C já está online, com seu *tablet* à mão; e o Coletivo, com tudo  
pronto, tem fome de *luzcameração*.

52 |

Maria E (4' 15''):



Brasil, Acre, Rio Branco.<sup>19</sup>

53 |

Ivo C acaba de assistir um trecho de “Me voy”,  
o curta-metragem de Maria E.  
A produção de um filme,  
sobre a produção do espaço  
de uma estrada, tende a começar e a terminar,  
como gênero “aventura”. Mas isto não exclui sua eventual  
catalogação como “drama” ou “terror”.  
Como traduzir o espaço de um documentário produzido,  
a não ser com a produção de outro documentário?

54 |

Através do Coletivo, Ivo C e Maria E tentam  
aproximar-se conversando,  
enquanto falam sobre a distância que os reúne.  
Ambos vêm de muito longe,  
por mais que os abismos que separam o Acre

---

<sup>19</sup> Maria E (4' 15''): <https://vimeo.com/277081283>

de Paris ou de São Paulo tenham dimensões distintas  
do igarapé Abismo, em plena Floresta Amazônica;

55 |

Sobre provocar e sentir emoção,  
enquanto se evoca outras dimensões da locomoção;  
Sobre mover-se, comover-se, remover-se  
e outras remexidas indizíveis;  
Sobre a vida urbana na metrópole,  
e a vontade de voar livremente, de lutar por uma vida decente;  
Sobre a potência e as dificuldades de sobrevivência  
de um documentário e de uma documentarista, respectivamente.  
Sobre isto conversam: vias, viagens e rodovias.

56 |

Sim, viemos de muito longe, concorda Maria E,  
olhando nos olhos de Jean M.  
Não sei quanto aos demais, sobre Ivo C muito menos,  
mas o meu envolvimento com essa estrada  
é muito forte.  
Movidos ou capturados pelo mito do desenvolvimento,  
buscamos algum afeto concreto e real e, assim,  
desviamos. Não sei explicar como vim parar aqui.  
Era aquela vida levada em Sampa, que precisava ser mudada.  
Precisa!

57 |

A conversa com Maria E dura horas.  
Após assistirem juntos o filme, ficam por ali,  
trocando ideias sobre o que significa e o que pode vir a significar  
a tal Carretera Interoceânica,  
uma rodovia que, ao procurar integrar Estados nacionais,  
expõe povos e naturezas aos chamados impactos socioambientais.  
Dos Andes à Amazônia, e vice-versa,  
o petróleo transformado em asfalto,  
entre comunidades em isolamento voluntário,  
serpenteia.

## 58 |

Com a chegada do asfalto, não apenas o turismo torna-se uma atividade rentável.

A extração de ouro, o garimpo e o corte ilegal de madeira também prometem oportunidades de emprego, crescimento desordenado e um novo impulso à produção do espaço urbano da região de Madre de Dios, que possui a mais baixa taxa de densidade demográfica do Peru.

## 59 |

A demanda por mão-de-obra é sempre o que vem primeiro, gerando valor e criando espaço para a chegada do capital.

A terra possui rendas múltiplas e a produção do espaço é histórica por não se separar dessas rentabilidades que variam, até se esgotarem (ou não). O mundo urbano torna-se um fato, dentre os mundos amazônicos, por menos e mais empoeirados que sejam os vilarejos, as comunidades, as redes de cidades.

## 60 |

O mundo capitalista ocidental expande-se, aos quatro cantos dos mundos, a ritmos cada vez mais rápidos e tão variados quanto o do asfaltamento de rodovias interoceânicas, do lançamento de satélites interplanetários, da instalação de antenas interurbanas e dos eventuais contratemplos. Entre os Andes e a Amazônia, surgem novos estabelecimentos comerciais e ruas pavimentadas, a cada dia. Os sons da floresta, tão diversos, vão se transformando em cacofonia, ecoando os milhares de mototaxis da região.

## 61 |

O que nem todo mundo percebe é que,  
o crescimento urbano da selva é uma tentativa de  
homogeneização.  
Com o asfalto e a carteira de trabalho, as cidades, as casas  
e os territórios vão ficando cada vez mais parecidos.  
E não há quem duvide que a rodovia é o caminho  
de novos negócios e mais  
des-envolvimento. Cresce o número de tábuas para exportação,  
de móveis sem certificação e quem era amigo, primo  
ou vizinho torna-se, agora, concorrente em competição.

## 62 |

Maria E entrega ao Coletivo, além de seu curta-metragem,  
algumas reportagens que publicou, como jornalista freelancer.  
Ivo C recebe os arquivos por e-mail, de onde seleciona um trecho:

No início do século passado, o escritor, repórter e engenheiro brasileiro Euclides da Cunha (1866 – 1909) viajou à fronteira do Acre com o Peru para desvendar uma “terra sem história”. Sob as ordens do Barão de Rio Branco, juntou-se a uma comissão peruana com a missão de conferir o traçado do rio Purus, para esclarecer dúvidas a respeito de sua bacia e nascente, para um possível acordo sobre a fronteira entre os dois países. Suas impressões durante a expedição foram publicadas no livro póstumo “A Margem da História”, onde o engenheiro fala da importância de um acesso direto ao Oceano Pacífico, através da Amazônia, além da necessidade de políticas integradas com os nossos vizinhos sul-americanos. Em 2000, os chefes de estado da América do Sul se reuniram em Brasília para promover ações de impulso ao desenvolvimento do subcontinente. Do encontro, surgiu a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA), que prevê investimentos bilionários em mais de 500 projetos de transporte, comunicação e energia. Entre eles está o projeto da Interoceânica e a materialização do sonho de conectar Atlântico ao Pacífico. Cem anos depois da sua morte, Euclides é lembrado como um homem à frente do seu tempo.<sup>20</sup>

## 63 |

A conversa com Maria E não consegue ficar ruim,  
até o final, mas a noite nem sempre é  
uma criança,  
quando se faz parte de um Coletivo de pesquisa  
e de uma viagem Interoceânica. Felizes se despedem,  
após a terceira garrafa de vinho.

---

<sup>20</sup> COELHO, Maria E. “Do Acre ao Pacífico, dos Andes à Amazônia”, *Horizonte Geográfico*, s.n., 2010, p.32.

Em breve se reencontrarão.

Ivo C bebeu sozinho ou já foi dormir. Amanhã voltam a se falar, com os pés na estrada ou com dedos e olhos na telinha.

**64 |**

Ivo C ficou com uma questão, ainda por compartilhar.

Um filme documentário,

em tempos de profusão desmedida de imagens,

ainda cumpre uma função didática? E contestatória?

O que procura Maria E, ao circular reportagens

que questionam um corredor de integração?

Como traduzir a famosa Estrada do Pacífico,

réplica de um modelo de transporte violento e desigual

por onde escoarão muitos grãos?

**65 |**

Jandira R, sem que Ivo C veja antes de dormir, lhe envia por mensagem de texto, uma citação. É sobre a impressão que teve ao encontrar Maria E:

O passarinho não é um doutor em ciências capaz de explicar o segredo do voo, aos seus colegas. Enquanto a gente discute o seu caso, a andorinha, sem quaisquer explicações, some diante dos doutores perplexos... Assim também, não há vontade sábia capaz de explicar à Academia o mecanismo da decisão: em menos tempo que o necessário para dizer a palavra “Luz”, o passarinho chamado Vontade já deu o salto, o passo aventureiro, o heroico voo do querer; deixando o firme apoio do ser, a vontade já se lançou no vazio.<sup>21</sup>

**66 |**

Em viagem, as pessoas se transformam e, até mesmo

quem não tem o hábito de acordar cedo,

pode vir a se encontrar sozinho, na mesa do café da manhã,

esperando os demais companheiros. Osmar X caiu da cama.

Nem bem precisou o despertador tocar e lá estavam seus olhos

já abertos. Enquanto aguarda alguém para partilhar a ceia matinal,

ele lê um dos livros que trouxe, em formato pdf.

Nada como uma boa leitura de desjejum.

---

<sup>21</sup> JANKÉLÉVITCH, Vladimir, “Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien”. Paris: Ed. Seuil, Vol.3: *La volonté de vouloir*, 1980; tradução minha.

## 67 |

Aos poucos cada um vai chegando, e o Coletivo novamente vai se formando. A primeira é Luzia T, com quem Osmar X comenta sobre as muitas maneiras possíveis que há, para atravessar o raciocínio dialético de Lefebvre sobre a prática do espaço diferencial.

Osmar X argumenta que, mais do que elencá-las, é preciso experimentar uma via, discerni-la e reconcebê-la, com o rigor e a ousadia, de um gesto de extrapolação do olhar.

## 68 |

Ele dá um exemplo, guardando primeiramente o seu *tablet* e retirando de seu bernal o seu livro predileto:

*La production de l'espace* (1974). Abre, aleatoriamente na página 456 e lê para Luzia T o penúltimo parágrafo:

O arquiteto encara, pessoalmente, uma desconfortável situação. Como técnico e homem da ciência, com a produção enquadrada por uma especialização, ele aposta no repetitivo. Como artista, inspirado e sensível ao uso e aos 'usuários', ele aposta no diferencial. Seu lugar apresenta uma contradição dolorosa, da infundável oscilação de um a outro. Cabe ao arquiteto uma tarefa difícil: superar a separação entre obra e produto. Seu destino é viver os conflitos, procurando ir além, desesperadamente, da separação diante dele cada vez mais profunda, entre o saber e a criação.<sup>22</sup>

## 69 |

Em seguida, empresta o livro a Luzia T, sem poupar provocação. De que modo te ilude um espaço? Como percebes tuas ilusões? Senão vejamos, por um exercício simples de percepção. Abra os olhos! Isto que estás a ver é o espaço? Sentes clareza, nitidez, ausência de ambiguidades? Agora feche os olhos! Consegues deixar de ver o espaço? Sentes obscuridade, despovoamento, orientações incompreensíveis? Captura-te mais a transparência ou a opacidade? Lê este livro, Luzia T. Ele apontará, até onde podem te levar as ilusões do espaço abstrato.

---

<sup>22</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974], p.456.

70 |

Mas a que se propõe o autor de *La production de l'espace*?  
Aos poucos cada um do Coletivo vai assimilar  
a prática espacial metafilosófica.

Ivo C já sabe que Lefebvre não impõe um modelo,  
mas aponta um caminho.

E que a sua teoria prática do espaço social se constrói  
a partir da confrontação da vivência e de concepção espacial,  
traduzindo, através de múltiplas tríades,  
a perspectiva do mundo capitalista ocidental.

71 |

Pela via da metafilosofia, Lefebvre propicia  
a transformação de conceitos filosóficos  
em imagens reveladoras das diferenças  
entre hipóteses científicas e livres pensamentos.

Uma confrontação cuja centralidade está  
nos dilemas existentes entre as perspectivas de Hegel, Marx  
e Nietzsche, acrescenta Osmar X.

72 |

Com sua teórica prática do espaço diferencial, Lefebvre propõe um  
discernimento epistêmico. Ao invés de destruir concepções  
espaciais,

cabe ao pensamento metafilosófico assimilá-las  
e procurar subvertê-las através de um elevado rigor crítico.

Porque os sinais do tempo indicam: a contestação radical caducou.

Luzia T tem o livro nas mãos, mas é Osmar X quem busca a citação:

Não se trata mais de destruir códigos a favor de uma teoria crítica,  
mas de explicar sua destruição, de constatar os efeitos  
daí decorrentes e (quicá) construir um novo código  
através da sobrecodificação teórica.<sup>23</sup>

73 |

Como quem acrescenta uma camada suplementar  
rasurando e reparando uma obra – o Planeta – já desgastada.

Como se escrever ou viajar, assim como pintar,  
pudesse ser vivido e pensado como um espaço inventado,  
logo, produzido.

Eis o que faremos juntos, Luzia T diz a Osmar X.

---

<sup>23</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.35; tradução minha.

74 |

Se ainda valesse a pena inventar uma nova ciência,  
em pleno século XXI, cuja lógica se ocupasse do corpo espacial  
de um organismo vivo, essa suposta *espaciologia* deveria colocar,  
em primeiro plano, as qualidades dos espaços – seus usos!  
Vã ciência espacial que passa e fica,  
pelas percepções cotidianas da vida,  
mais ou menos inconsciente, pensa Osmar X.  
Mas resta ainda compreender o projeto ritmanalítico  
por Lefebvre apontado.

75 |

A inevitável restituição da inteireza do corpo:  
eis o desígnio das vias abertas por sua ritmanálise.  
Muito mais que um método, para além do encadeamento  
teórico de conceitos, melhor que um saber satisfeito,  
a análise dos ritmos evoca a prática social do espaço,  
com suas camadas e conexões, a partir e através do corpo.  
Agora é Luzia T quem lê: “A gênese da ordem distante só consegue  
se apresentar a partir da mais próxima ordem, a do corpo.”<sup>24</sup>

76 |

Transformaremos nosso corpo espacial, prático e teórico,  
de tal maneira a ponto de conseguir esquecê-lo?  
Separaremos os lugares e os momentos de nosso espaço vital  
a ponto de conseguir destruí-lo completamente?  
O que temos além da pele, entre a alma e o mundo,  
que fala contigo, consigo e com os Outros,  
enquanto se desloca por aí, condensando-se  
pela multiplicidade indefinida dos lugares?

---

<sup>24</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.465; tradução minha.

77 |

Permanecer transformando-se  
por uma amarração fundamental: o caráter espacial,  
sempre temporal e libidinal (ou energético) dos corpos:

O que há de mais profundo no homem é a pele  
– desde que ele se conheça.

Mas o que há de...

realmente profundo no homem,  
enquanto ele se ignora... é o fígado...

E coisas parecidas... Vagas ou... simpáticas!<sup>25</sup>

Jandira R, que parece sempre ter boas epígrafes em mente,  
chegou para o café da manhã e se junta à conversação.

78 |

Mas como fica o estatuto do tempo, em relação ao espaço,  
desde a aceleração do processo de urbanização planetária?  
Incerto e problemático, diria Lefebvre,  
porque não basta restringir o tempo a uma duração,  
como fazem certos filósofos e teólogos  
afeitos às realidades mentais.

Assim como não cabe restringir a duração  
ao tempo de trabalho produtivo, ao ócio e ao lazer.

79 |

Osmar X pede o livro, por um instante, para mais uma citação:

O estatuto do tempo, em relação ao espaço [abstrato],  
é problemático e permanece incerto.

A religião e a filosofia reivindicam para si a duração,  
o tempo proclamando-se assim como realidade mental.

Contudo, a prática espacial, aquela do espaço repressivo-opressor,  
tendia a restringir o tempo ao tempo do trabalho produtivo,  
além de reduzir os ritmos vividos, definindo-os pelos gestos  
racionalizados e localizados do ofício (do trabalho dividido).<sup>26</sup>

80 |

Feito um jogo, brincando de itinerários hermenêuticos  
Osmar X deseja apontar certas conjunções e disjunções  
dos espaços vividos, esses concretos lugares possíveis.  
Uma ambição salutar que lhe permite apresentar o Planeta,  
sob as perspectivas cotidianas, como o corpo espacial  
de um organismo vivo.

---

<sup>25</sup> “Ce qu’il y a de plus profond dans l’homme, c’est la peau, — en tant qu’il se connaît. Mais ce qu’il y a de... vraiment profond dans l’homme, en tant qu’il s’ignore... c’est le foie... Et choses semblables... Vagues ou... sympathiques ! VALÉRY, Paul. *L’idée fixe ou Deux hommes à la mer*, 1932, p.22.

<sup>26</sup> LEFEBVRE. *La production de l’espace*, 2000 [1974], p.469; tradução minha.

O ponto de vista dialético de Lefebvre jamais procurou se constituir como algo além, de um raciocínio aberto à diferença.

### **81 |**

Ao contrário, sua teoria prática espacial aponta vias habitáveis por corpos anti-sistêmicos e contra-hegemônicos. Desde que elevemos o pensamento ao limite do sensível, assumindo como teorizadores os nossos próprios sentidos. Por mais pertinentes que sejam as contradições, os conflitos e as tríades apontadas pelo autor, para atualizar suas proposições, para compreender as realidades e as virtualidades urbanas contemporâneas, precisamos caminhar pelas brechas, acidentais ou propositadas, de suas proposições.

### **82 |**

Após constatar que a filosofia judaico-cristã, de origem greco-romana, traíra a inteireza do corpo que se produz através das relações sociais das pessoas, Lefebvre abre uma via possível à sua restituição. O que implica um conjunto de compreensões. Uma delas, talvez a mais importante, envolve o discernimento do tempo vivido, isto é, de suas temporalidades sincrônicas e diacrônicas, dos tempos do mundo e do cosmos. Concebe, assim, a globalidade espacial como o corpo inteiro de um organismo vivo. E assume essa percepção como centralidade de suas elaborações práticas teóricas.

### **83 |**

Decorre daí seu projeto de uma arquitetônica do espaço diferencial e um de seus corolários: a ritmanálise. Uma elaboração resultante de uma tripla confrontação: entre a mais potente síntese filosófica europeia – aquela feita por Hegel, a partir da razão do Estado – e duas de suas críticas mais radicais – a de Marx, a partir da práxis social e a de Nietzsche, através da arte –, ambas centradas no corpo. Um projeto metafilosófico denunciador das epistemes capturadas (filosóficas, científicas e artísticas) e a serviço do hegemônico modo de produção estatal capitalista.

## 84 |

Para Lefebvre , o espaço inteiro é corporal.  
O que não exclui, mas ao contrário, inclui a alma.  
Perceber o Planeta como o corpo espacial  
de um organismo vivo é o início, o meio e o fim  
de suas proposições. Um dos fundamentos  
de sua metafilosofia<sup>27</sup>. Uma via que vai além  
dos discursos filosóficos, das ciências parcelares  
e da reprodutibilidade técnica das artes.  
Os saberes espaciais que envolvem os corpos  
evocam vastas vias.

## 85 |

Lefebvre quer apontar um entrelaçamento fundamental:  
entre a energia, o espaço e o tempo das relações sociais.  
Eis um dos fundamentos da unicidade qualitativa da prática espacial  
e, possivelmente, da coabitação entre diferentes mundos possíveis.  
O valor de uso do espaço, sua riqueza real,  
está nas possibilidades de fruição  
decorrentes do modo como empregamos nossos tempos.

## 86 |

A dominação ou a apropriação de um espaço  
Implica, fundamentalmente,  
a dominação ou a apropriação de um tempo,  
que implica, por sua vez,  
a dominação ou a apropriação de uma energia.  
Habitar um espaço, poeticamente, envolve entre outras...  
a consolidação de um novo ritmo de vida.

## 87 |

A questão é que as filosofias (incluindo as religiões)  
e as ciências envolvidas com a abstração fragmentária do espaço  
racionalizam demasiadamente o tempo  
e tentam nos convencer que a história acabou  
(seria o fim dos tempos?), que cada gesto ou lugar

---

<sup>27</sup> “Metafilosofia? Isto quer dizer: conservar a amplitude dos conceitos filosóficos deslocando os objetivos, substituindo os antigos por novos 'objetos' Isto quer dizer: liquidação da metafísica ocidental, corrente de pensamento que vai de Descartes aos dias atuais, através de Hegel, e que se incorpora numa sociedade conformada à razão de Estado, assim como numa concepção e uma realidade do espaço.” LEFEBVRE. *La production de l'espace*, p.468; tradução minha.

tem um preço (seria o tempo do dinheiro?),  
que o importante é a duração, a continuidade  
(seria a vida uma linha reta?).

### 88 |

De um modo ou de outro, são proposições que restringem  
o tempo à sua dimensão intelectual.

Como se o tempo da harmonia humana  
já tivesse chegado; como se em nossas contas bancárias  
ele estivesse guardado; como se, desgarrado  
de qualquer alma carnal, o tempo circulasse  
solto por aí, como os relógios, independente das energias  
oriundas de e destinadas aos nossos enlances sociais.

### 89 |

A ideia de sistema engana bem, Luzia T, percebes?

Pois remete a algo impossivelmente fechado.

Como se não houvesse saída para a vida, diz Osmar X.

Mas, e as aberturas cotidianas que criamos?

Os ritmos da vida abrem caminhos, apontam passagens,  
através do horizonte dos horizontes.

Pensa bem: um sentido precisa ser vivido.

Não sendo nada de mais, nem de menos  
seria uma intuição mais ou menos?

A ética do discernimento está no sentido.

### 90 |

Luzia T e Jandira R escutam Osmar X com atenção.

E ele sente que pode colaborar com Ivo C e o Coletivo  
providenciando conceitos práticos.

E se empolga com a sensação de que está a coabitar  
uma viagem de pesquisa, altamente estendida  
entre as críticas das artes, das ciências e das filosofias modernas.

Osmar X gosta do atual, do concreto, do possível  
e do modo como Ivo C orienta sua pesquisa coletiva.

Ivo C deve pensar – é Osmar X quem diz: de que serviria uma  
pesquisa espacial senão para cultivar compreensões sobre o  
temporal?

**91 |**

Osmar X conjuga miradas para frente e para trás,  
tanto em termos históricos, quanto em relação aos ritmos  
da viagem.

Quase diríamos que ele é um intelectual do século XXI,  
não fosse a insistência de um cacoete europeu  
do século XIX: para se fazer entender,  
Osmar X procede por referências, por citações;  
como se melhor comunicação não houvesse  
que a via da erudição.

**92 |**

Osmar X sugere que Luzia T assuma, como ponto de partida,  
o corpo espacial da via,  
buscando fortalecer a crítica à perspectiva anti-corporal  
da filosofia ocidental hegemônica.

Dessa maneira, poderíamos viver e pensar uma travessia que parte  
de um conceito e de uma experiência, simultânea e  
diacronicamente.

**93 |**

Elvira C que até então tomava seu café da manhã em silêncio,  
não resiste em tentar traduzir, o que não pôde evitar de escutar.

O deslocamento e a condensação

dos fios soltos,

através dos intervalos que se fazem entre nós,

enquanto alguns de nossos nós se desfazem.

Um Coletivo, corpo em viagem, tem a chance de captar,  
criativamente, a concretude dos ritmos cósmicos e mundanos  
dos caminhos. A recomposição como a arte de perfazer ritos  
apropriados?

**94 |**

Jean M, habitualmente pontual, dessa vez chega atrasado  
e quase perde o café da manhã. Faminto e com um prato de tapioca  
nas mãos, entusiasmado com o que de longe escutou,  
ele senta-se à mesa e, sem despir-se de seu pragmatismo,  
vai logo ponderando que se o interesse é traduzir uma rodovia,  
além de conceitos práticos, precisamos de um método,  
uma certa gestualidade que se repete  
ao longo de uma travessia.

## 95 |

Osmar X não iria discordar de alguém que ama na frente de pessoas queridas. Ele concorda com Jean M, embora, no fundo, alguma coisa lhe diz que o parisiense pode estar assumindo significados confusos para o significante “método”. Para evitar qualquer chance de confusão, Osmar X aponta mais um conceito:

A via opõe-se ao modelo. Fortemente. (...) Específica, diferente, a via se discerne, se constrói, através de uma perpétua invenção cotidiana. Ela ganha forma, conceitos, teoria, através de uma pesquisa incessante. Liquidemos a dúvida que nos imobiliza diante dos modelos abatidos, sem ousar pegar a via. O modelo, verticalmente atravessado, obstrui o caminho.<sup>28</sup>

## 96 |

Ivo C e o Coletivo seguem apontando (no sentido de tornar pontiagudo) seu método próprio ou caminho de pesquisa, realizando itinerários, paragens e registros audiovisuais, através da Rodovia Interoceânica. Enquanto Osmar X percorre, sem sair do lugar, uma via metafilosófica, produtora de práticas espaciais afeitas e propensas à diferença, através de seus itinerários hermenêuticos. E o seu caminho parece cativar Luzia T.

## 97 |

Esses itinerários, caro leitor, podem ser compreendidos como uma das perspectivas de tradução apontadas por Ivo C. Osmar X está interessado em transmitir ao Coletivo, as possíveis conjunções e disjunções, práticas e teóricas, de um espaço social geohistoricamente produzido. Osmar X ambiciona ver o cientista atualizar sua promessa espacial feito o *corpo inteiro de um organismo vivo*. Propõe, assim, distinguir sem separar e reunir, sem confundir, uma multiplicidade espacial indiscernível. E fará isto encadeando amarrações tal como cordas triplas.

---

<sup>28</sup> LEFEBVRE. *Le manifeste différentialiste*, 1970, p.39-40; tradução minha.

98 |

Estou de acordo que precisamos de um método, diz Osmar X.  
Eu assumo o ponto de vista da via, em termos práticos  
sem abrir mão da teoria. Proponho com minhas citações  
criar conexões  
entre as diferentes tríades espaciais apresentadas por Lefebvre  
e os espaços diferenciados da tríplice fronteira que vamos atravessar.  
Ivo C e o Coletivo tem a chance, assim, de assumir o nosso próprio  
corpo social como centralidade,  
e a nossa sociabilidade corporal como horizonte.  
E assim, quem sabe, encaminhar um modo de tradução  
do espaço da integração nos termos de suas diferenças espaciais.

99 |

Esta é uma proposta metafilosófica, de natureza transdisciplinar.  
Criticaremos, assim, a postura moderna  
do filósofo profissional, esse que se tornou refém de suas reflexões  
abstratas, preso na torre de marfim.  
A metafilosofia da vida cotidiana não suporta as confusões  
ideológicas, nem as separações das forças que compõem  
um mesmo campo.  
Ela busca um modo de pensar o dissenso,  
sem precisar abrir mão de nossas diferenças,  
através dos salutares discernimentos possíveis.  
Para além das totalidades únicas, apostemos no múltiplo.  
Busquemos um modo de reunir, sem confundir, a multiplicidade  
de pontos de vista singulares e irreduzíveis: os corpos espaciais.

100 |

Permitam-me, caros companheiros de viagem, a leitura de uma  
longa citação, para deixar claro o caminho apontado por Lefebvre,  
reitera Osmar X.

Metafilosofia?

Isto quer dizer: conservar a amplitude dos conceitos filosóficos  
deslocando os objetivos, substituindo os antigos por novos “objetos”.

Isto quer dizer: liquidação da metafísica ocidental,  
corrente de pensamento que vai de Descartes aos dias atuais,  
via Hegel, e que se incorpora numa sociedade conformada  
à razão de Estado, assim como numa concepção  
e uma realidade do espaço. (...) A filosofia ocidental traiu o corpo;  
ela contribuiu ativamente à grande metaforização  
que abandona o corpo; ela o repudiou.

(...) Hoje, com certeza, o corpo se coloca como base e fundamento:  
para além da filosofia, do discurso e da teoria do discurso.

O pensamento teórico, levando a reflexão sobre o sujeito e o objeto,  
para além dos antigos conceitos, retoma o corpo com o espaço,  
no espaço, como gerador (produtor) do espaço.

Para além do discurso quer dizer: a favor de *uma pedagogia do corpo* que leve em consideração um vasto não-saber residente na poesia, na música, na dança, no teatro.”<sup>29</sup>

### **101 |**

As disciplinas científicas, amarradas e inseridas em aparatos de produtivíssimo controle, fragmentam os saberes. Feito guetos, seguem em disputa pela supremacia do verdadeiro. Especialistas se golpeiam mutuamente, no palco da Universidade, enquanto provêm equipes e informações ao Estado, ao mercado e aos serviços por eles protagonizados. Um saber atolado de informação pode comunicar o quê? Para quê entreter brutas forças hegemônicas?

### **102 |**

O conhecimento disciplinarizado tenta institucionalizar os diferentes modos de saber. Como resistir à institucionalização dos espaços técnicos, científicos e informacionais? Como cultivar práticas espaciais que restituem corpos sensíveis e sensuais? O mundo está de cabeça para baixo. Mas ainda é possível reparar o cotidiano como solo fértil.

### **103 |**

Com sua perspectiva singular, dialética e metafísica, Lefebvre argumenta: o espaço (social) é um produto (social). O caráter existencial das relações sociais é espacial. E as mais distintas espacialidades resultam de um esforço produtivo, de uma energia coletiva, socialmente organizada, em ritmos diferentes.

### **104 |**

O corpo espacial como cais, mediação e eterno retorno: Eis o que Lefebvre propõe para estimular nossas compreensões acerca dos mundos socialmente produzidos. Em seus textos, encontramos vários trechos que nos permitem expor a perspectiva de uma certa prática do corpo espacial. Este ponto de vista está no cerne de seu projeto ritmanalítico.

---

<sup>29</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.468; tradução minha.

## 105 |

Osmar X faz questão de digitar esse trecho para Ivo C:

O espaço inteiro (social) procede do corpo,  
ainda que ele o transforme a ponto de esquecê-lo,  
ainda que dele se separe até matá-lo.  
A gênese da ordem distante só pode ser apresentada  
a partir da ordem mais próxima, a do corpo.  
Já no próprio corpo, considerado espacialmente,  
as sucessivas camadas dos sentidos (do olfato à visão,  
tidos como diferenças num campo diferencial)  
prefiguram as camadas do espaço social e suas conexões.  
O corpo passivo (os sentidos) e o corpo ativo (o trabalho)  
se conjugam no espaço.<sup>30</sup>

## 106 |

Voltemos, portanto, nossa atenção ao corpo,  
com o intuito de compreender o espaço.  
Um corpo espacial nos permite ir além das dicotomias modernas,  
sendo ao mesmo tempo Natureza e Cultura, sujeito e objeto,  
matéria e espírito. E ao mesmo tempo não sendo,  
pois o corpo se produz, produz, reproduz e se reproduz.  
O corpo espacial possui a força de adesão ao habitar construído,  
à cidade pensada, ao território vivido. Com um corpo inteiro  
transfiguremos o espaço em ato perceptivo: o entorno  
espaço-temporal pulsa feito um organismo vivo.

## 107 |

Envolver-se com os diferentes mundos feito corpos espaciais  
evoca uma experiência e um conceito de produção  
extra ou transdisciplinar. Mas há também um saber  
dito ou tido como hegemônico que precisa ser digerido,  
assimilado e expelido: aquele científico crente na salvação  
tecnológica, engajado na excessiva produção informacional.  
Ou qualquer saber está apto a cultivar valores afeitos à arte de viver  
bem e melhor?

## 108 |

Conceitos precisam ser debatidos, Ivo C sabe disso.  
Para conseguirmos ir além da vaidade das palavras.  
E talvez alcançar o real, no limite das utopias tecnológicas.  
Mas há algo em nosso método de pesquisa que expressa  
uma grande sabedoria, diz Osmar X. Ivo C nos propõe  
inverter o sentido da operação científica moderna.

---

<sup>30</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.466; tradução minha.

Este que atribui uma primazia ao “visto” e ao “sabido” em detrimento do “vivido”. Que hierarquia impertinente, não é mesmo!? Não seria isto uma espécie de crença numa cientificidade trapaceira? Para que saber sem viver?

### **109 |**

Mas onde se encontra a vida, Osmar X?

Que formas de processo e quais medidas tornam a vida mais ou menos vivida do que isto que se faz aqui, agora?

Seriam pés, palmos, polegadas ou outras partes do corpo?

Luzia T sorri, discretamente. Está animada com a perspectiva de um “corpo espacial”, o seu.

Ou seria a concepção de um certo “espaço social”, atravessada pela experiência de um certo “corpo social”, reciprocamente assimilada?

### **110 |**

Mas não será tarefa simples destronar o poderoso Rei Logos, esse que sempre carece ser pelo Eros transformado.

A razão, perdida em qualquer estação, supostamente suprema, comanda a sociedade de consumo burocraticamente dirigida. A maximização da utilidade marginal, esta ideia abstrata que, sem querer querendo torna-se o ponto de vista de exemplares consumidores.

A racionalidade técnica e econômica, ente abstrato que define e implementa o suposto espaço verdadeiro.

Abro os olhos e vejo, logo separo: o geométrico, o fálico, o visual.

Gráficos e imagens previsíveis inundam países e paisagens sensíveis.

### **111 |**

Ivo C está a ensaiar ideias capazes de expressar, com alguma harmonia, as ressonâncias das vozes que ouviu, até então.

Desde o princípio, o Coletivo procura um modo de apontar a última fronteira a ser integrada pelo espaço capitalista ocidental.

Para dentro e para fora do próprio Coletivo, transita o horizonte dos horizontes. E o caráter espacial dos mundos por virem ainda está longe de ser percebido como um espaçamento.

Conseguirão eles, através dessas narrativas, dar a conhecer as diferenças que delimitam a integração?

## II2 |

Osmar X tem muito a dizer, mas como evitar ser cansativo? Luzia T e o Coletivo têm paciência e interesse em escutar, seus papos metafilosóficos. Mas é preciso encerrar este intervalo e voltar a por o pé na estrada.

O sol está quente e o Coletivo está realizando um deslocamento interurbano, entre Rio Branco e Brasília.

Ao longo de um trecho da BR-317, onde há muitas paragens.

Enquanto as pessoas sobem e descem, Jean M e o Coletivo conversam e registram narrativas de viagem, audiovisualmente.

Mas Ivo C não verá, porque está off-line.

## II3 |

Assim, no espaço-tempo de dois fragmentos, um de partida, o outro de chegada, nosso Coletivo sai de uma cidade e chega em outra. O ônibus que os trouxeram de Rio Branco finalmente estaciona no terminal rodoviário de Brasília – um município de fronteira, cujo tecido urbano tem uma forma extraordinária. É que a cidade cresceu tanto que acabou se desdobrando em duas. Há um município gêmeo, ao lado: Epitaciolândia. E como se não bastasse esta mitose, do outro lado do Rio Acre, encontra-se Cobija, a capital de Pando, o departamento amazônico da Bolívia.

O Coletivo de Ivo C acaba de desembarcar, portanto, no meio de uma tríplice conurbação transfronteiriça. Alegres estão!

# Canto III



1 |

Fitemos, por alguns instantes, o intervalo recém criado.

E para pensarmos este espaço entre Ivo C, o Coletivo e o narrador, lancemos uma pergunta: quem habita um espaçamento?

Quem poderia fazer morada entre muitos e por ali seguir, demorando?

Enquanto o narrador tenta assobiar, o tradutor aponta presenças e ausências de ressonâncias: pontes.

Árduo exercício de comunicação entre mundos disjuntos.

2 |

Uma ponte acontece apoiada em margens homólogas, buscando relações de correspondência

e não de adequação. Tampouco de equivalência.

Reciprocidade de forma, de função, de estrutura ou de localização?

Ninguém transfere para outro lugar,

a um só golpe ou com empurrões,

um litoral como o Atlântico ou o Pacífico.

3 |

Envolvido por dilemas de transposição,

tal como um fluxo aéreo incontável,

o tradutor do espaço, transporta mundos por vir,

ciente que eles são do atual derivados.

Ivo C quer que as narrativas produzam efeitos

de fruição, desviando o tédio de mais um dia;

procura falas animadas que, transformadas em memórias,

consigam permanecer. Palavras que escritas no papel quiçá

virem cantos; imagens que, guardadas online,

transfiram encantos.

4 |

Ivo C está novamente conectado ao Coletivo,

embora à distância acompanha e prepara-se para mais um registro audiovisual.

Elvira C e os demais pesquisadores estão em Brasília,

a pouco mais de 234 km da capital acreana,

em plena Floresta Amazônica,

numa altitude de 172 m, em relação ao Atlântico,

ou ao Pacífico, tanto faz.

## 5 |

A cidade de Brasília possui cerca de 25.000 habitantes, dos quais dois terços são considerados urbanos. Engana-se quem associa paisagem de floresta e mundo rural.

Na Amazônia, a vida cotidiana é protagonizada pelas cidades.

São os serviços públicos, os comércios e as trocas cidadãs que dão ritmo aos extrativismos e cultivos periféricos.

Ivo C acompanhará a seguir a história de um nativo, ancião, atualmente padeiro, mas outrora seringueiro.

Osmar X e Luzia T conseguiram um encontro marcado com um ilustre cidadão brasileiro: Epaminondas R.

## 6 |

Já estão todos a postos, quando Jean M pede, por gentileza, que aquele senhor se apresente à câmera: como se chama, onde nasceu,

o que faz. Seria esse o gesto fundamental ao ritual de partilha de uma boa narrativa? Talvez Jandira R saiba responder.

Mas não percamos tempo abrindo, aqui e agora, uma discussão sobre ritualísticas poéticas de gestualidade.

Vejamos como interagem os coabitantes desta prática espacial de pesquisa. Sobretudo, ouçamos o que esse senhor tem a dizer.

## 7 |

Meu nome é Epaminondas Rodrigues de Souza.

Sou filho de Francisco Rodrigues de Souza, cearense, e de Iris de Moura e Souza, minha mãe. Tenho três filhos, Eric de Moura e Souza, Letícia Joaquina Rodrigues de Castro e Rodrigo Otávio. Este é bacharel em Direito.

Já o mais velho, Eric, tem trinta anos, mora em Manaus e está para se formar em Administração. Letícia é professora, em Fortaleza, de língua espanhola. Este é o meu prefácio.

## 8 |

Ivo C não viu, pois deve estar off-line, mas consta em minha identidade:

nasci em Brasília, no dia 3 de maio de 1939.

Meu pai é originário da cidade de Sobral, no Ceará.

Ele se debandou para cá nos idos de 1910.

Como é obvio, quem vinha para cá,

nessa época, não vinha de avião,

mas por hidrovía marítima e fluvial.

9 |

Saindo do Nordeste, a primeira paragem era  
São Luís do Maranhão, cidade onde se repartem  
o Norte e o Nordeste.  
Em seguida, Belém do Pará e depois por Manaus.  
Daí já se debandava para os rios que cortam a Amazônia.  
A primeira cidade como opção, para ele,  
foi Tarauacá, no Acre.  
Que naquele tempo se chamava Vila Seabra.

10 |

Por lá ficou, mais ou menos dois anos. Não se demorou muito  
até vir para o verdadeiro Acre. Porque Tarauacá,  
lá também é Acre,  
mas a gente considera Acre mesmo  
de verdade, essas glebas daqui, cortadas pelo rio Acre.  
Lá é o Rio Tarauacá, o Rio Envira e outros.  
Por aqui, meu pai se instalou no município de Xapuri,  
no seringal Pindamonhangaba,  
onde contraiu casamento com a minha mãe.  
Naquele seringal, nasceu meu irmão mais velho,  
Manoel Rodrigues de Souza, em 1928.

11 |

Meu pai veio para trabalhar na borracha,  
com aquele sonho dantesco de todo nordestino:  
a borracha era tida como um ouro preto.  
Mas naqueles idos ainda não tinha  
essa *famigeração* atual,  
essa extravagância que veio proliferar o sonho do nordestino.  
Ele veio antes da Segunda Guerra Mundial.  
Quando a borracha viria a ter seu verdadeiro auge.  
Por sinal, o Acre teve, segundo historiadores, o PIB mais alto do  
Brasil, naquela época. Riqueza que não foi distribuída  
equitativamente.

12 |

Quase nenhuma lembrança ficou, além da memória no coração,  
dos descendentes daqueles ricos antepassados.  
O Estado do Amazonas ficou com o Teatro Amazonas.  
Belém do Pará ficou com o Cais Ver-o-Peso,  
e o teatro feito por grandes escultores estrangeiros.

O Estado do Amazonas ficou também com aquele cais do porto, um dos mais evoluídos do Brasil, feito por grandes engenheiros ingleses.

### 13 |

Ivo C ainda terá oportunidade de conhecer o teatro Amazonas. E o cais onde se ancoram aqueles grandes transatlânticos. Esses que vão para a Europa e debandam para o mundo inteiro. E, como já lhes falei, o nordestino era um homem primado pela ideia de vida nômade. Ele não parava, nem ficava muito tempo em lugar nenhum. Sedentário era com muito rara exceção.

### 14 |

Meu pai veio trabalhar no primeiro ciclo da borracha. Mas, na verdade, ele tentou várias vezes sair do seringal, do agreste das matas. Eu não sei o porquê. Nem os detalhes. Daí, nós viemos morar em Eptaciolândia, cidade agregada, aqui, de Brasiléia. Hoje lá já é município: se emancipou em abril de 1986. Naquele tempo ainda era vila. Nós tínhamos uma boa gleba, ali. Ele tinha uma fazendola.

### 15 |

Lá nos idos de 1948, retornamos para a Bolívia. Pois o seringal de lá, como se diz, não comungava das condições escravizadoras ainda existentes no Brasil. Isto é o que eu acho. Ao dizer escravidão, estou sendo um pouco... meio rústico, mas era a cultura da época, né!? Como eu já disse, quem faz grandes investimentos, numa selva agreste, precisa ter retorno. Mais valia ter uma garantia por aqui. Mas de onde ela viria?

### 16 |

O que era ali produzido, para o patrão era convergido. Já que o investimento era ele quem tinha trazido. O lucro não poderia ir para quem vinha de fora, feito um forasteiro, sem nenhum centavo investido.

Este que comprava tudo pelo melhor preço,  
a mercadoria com o valor lá embaixo,  
o patrão, é lógico, ele é quem deveria lograr alto lucro.

**17 |**

O Ceará foi o estado que primeiro libertou seus escravos,  
o nordestino: corre em suas veias o sangue da liberdade.  
Nunca gostou de trabalhar agrilhado a ninguém.  
Foi quando então, na Bolívia,  
os seringais vieram a se libertar,  
graças à lei agrária de 1953.  
Embora não funcionasse na íntegra, escravos foram tomados  
dos grilhões dos patrões. Nicolau Soares: este foi o grande  
proprietário dos seringais, do vale do Rio Acre.

**18 |**

Mas isso foi há mais de 50 anos. Ave Maria!  
Durante a guerra, em 1939, Nicolau Soares era o maior  
exportador de borracha.  
Foi quando veio a revolução, em decorrência do ouro preto,  
ou melhor de sua ambição, aí sim,  
se deflagrou a confrontação. Na verdade,  
foram várias, entre brasileiros e bolivianos.  
Duas já haviam fracassado: Rodrigo de Carvalho e Gentil Norberto.  
A terceira foi com o Imperador Galvez,  
poeta espanhol, escritor do Amazonas.

**19 |**

Galvez também fracassou. Mas deu subsídio ao vitorioso  
José Plácido de Castro, do Rio Grande do Sul.  
Este sim foi o comandante-chefe  
das forças revolucionárias,  
contra os seringalistas bolivianos,  
sob o comando do General Pando,  
o presidente da Bolívia na época.  
Lino Romeiro era seu interlocutor.

**20 |**

O processo de definição dessa fronteira não se deu graças  
ao conhecimento do governo federal.  
A revolução não se deferiu por autorização.  
Aleatoriamente sim ela aconteceu, como já disse,  
anteriormente. Foi por ambição, pelo comando da produção.

Foi pela borracha, que naquela época tinha preço aurífero, muito alto, entre outras coisas etcetera e tal.

**21 |**

A revolução começou no dia 6 de agosto de 1902.

E a bandeira branca levantou-se em 24 de janeiro de 1903.

A Bolívia pediu trégua.

Adveio então o Tratado de Petrópolis,

assinado pelo Governo Federal, em 17 de novembro, mesmo ano.

Não me recordo mais, se o presidente era Rodrigues Alves

ou Epitácio Pessoa. Artur Bernardes, talvez,

não me lembro exatamente... quem era o presidente?

**22 |**

Sem dizer uma só palavra Jean M responde,

com aquela famosa expressão de ombros,

equivalente a “não sei”. Enquanto Epaminondas R encarna

o espírito de um exímio historiador, Ivo C passa a perceber

a impossibilidade de separar, socialmente, corpo, tempo e espaço.

O caráter espacial das sociedades é geohistoricamente produzido.

Luzia T, chegando atrasada na conversa,

pega o bonde andando e pergunta

se aquele senhor tinha chegado a viver num seringal.

**23 |**

A senhorita quer saber se a cidade de Brasília

já esteve dentro de um seringal? Epaminondas R reformula

e reenvia. Olhe, leve em consideração uma coisa,

mas preste bastante atenção.

Todo o Acre, toda a Amazônia, alta e baixa,

já esteve inserida dentro de um seringal.

Aqui, um dia, tudo era seringal.

**24 |**

Todo o estado do Acre,

toda a Amazônia, todas as cidades,

naquela época, estiveram encravadas

dentro de um antigo seringal,

inclusive Rio Branco, a capital – antigo seringal Nova Empresa.

Todas as cidades do estado do Acre, digo, não só do Acre,

mas de toda a Amazônia, todas estiveram encravadas

num seringal.

25 |

Brasiléia? Sim, também esteve encravada  
no seio de um seringal:  
antigamente conhecido como Carmem de Braga.  
Mas o proprietário, Braga Sobrinho, vivia em Belém do Pará.  
Esta metrópole do norte, que levou toda a fama  
de grande produtora espacial da borracha.  
Não sendo verdade, contudo.

26 |

Porque o Acre, este sim era o grande produtor.  
Mas era Belém do Pará quem vendia as mercadorias.  
Ela tinha grandes aviadores.  
Eram eles que vendiam a exploração da coleta gumífera.  
Por ali tudo se foi.  
Toda essa afluência para produzir  
uma metrópole, aliás, melhor dizendo,  
“A Metrópole do Norte”: Belém do Pará.

27 |

Mas para que a cidade de Brasiléia viesse a surgir,  
foi preciso um movimento: o povo invadiu  
um pedaço e o proprietário, muito generosamente, ele doou  
o tal pedaço para que ali fosse fundada, naquele recôncavo,  
a chamada Vila Brasília.  
Naquela época, carregavam todo o material de registro  
de pessoas nascidas aqui, dentro de um aparato  
chamado antigamente de jamaxim,  
até o seringal Belmonte, longe daqui mais três seringais.  
Tempos duros. Foi por isso que o povo invadiu  
e o invadido, o dono doou.

28 |

São muitos seringais por aqui. Primeiro vem o Carmem,  
depois o Nazaré e daí, então, o Belmonte, que era o terceiro.  
Lá é que era para ser instalada a cidade  
de Brasiléia, antiga Vila Brasília.  
E como já falei, Carmem, aliás, Braga Sobrinho, com sua  
generosidade,  
doou, vendo o sacrifício  
que era para levar o jamaxim para lá e para cá.  
Houve movimento. Mortes aconteceram.

Já que os capatazes não aceitavam invasores de propriedade do patrão.

Obedecendo os ditames de quem vivia em Belém, houve grandes confrontos. Mortes, sim, isto houve.

**29 |**

A vida no seringal? Era a mais agreste que se pode imaginar.

Os transportes, Ivo C já ouviu a gente falar: somente fluvial.

Não tinha nada terrestre, muito menos pista de pouso.

Nem para helicópteros. Era pesca, caça, produtos do ciclo, era borracha, castanha e só.

O camarada tinha que ter uma boa amizade com os índios.

Que já eram aquela mistura

de brasileiro, nordestino e índio. E também tinha uns confrontos.

Aqui no Acre foi menos, mas lá para o vale do Juruá,

que é um Acre mais setentrional, mais distante,

ali houve grandes confrontos

entre brasileiros, nordestinos e índios.

**30 |**

Enquanto caminham, com o automóvel,

por aquela conurbação amazônica,

Osmar X pensa se a forma final das aglomerações humanas

não estaria prestes a ser encontrada, logo nas primeiras décadas

do século XXI. Como não pensar nas possibilidades de amizade

não concretizadas e na impossibilidade metropolitana

de evitar o ato e o efeito da buzina? Assim como a fumaça.

Quem não habita um Planeta urbano,

hoje em dia, mesmo longe da cidade?

**31 |**

Jandira R não disse isto durante a conversa,

porque não queria atrapalhar.

Mas a palavra “jamaxim” a fez recordar,

isto é, passar outra vez pelo coração,

o livro do poeta acreano Océlio de Medeiros,

chamado Jamaxi: a poesia do Acre, de 1979.

Ela pede emprestado a Osmar X, o seu *e-reader*.

### 32 |

Em voz alta, ela lê duas estrofes de um blog.

Poesia é aquela maneira  
de ver tudo diferente:  
é o leite da seringueira,  
é o jorro de uma nascente...  
Não é a forma que a encerra,  
mas o que brota da mente:  
imagens da minha terra,  
paisagens da minha gente.<sup>31</sup>

### 33 |

E outras duas, mais adiante:

Ritmo é o som da essência  
que só sente o coração,  
são palavras com cadência  
ou silêncios de emoção.  
Acre tem sentido vário,  
é agro, é azedo, é irritante.  
Diz ainda o dicionário:  
é forte, é mordaz, é picante...<sup>32</sup>

### 34 |

Neste momento preciso anunciar, caro leitor,  
algo que talvez devesse ter dito antes: com Epaminondas R  
Ivo C e seu Coletivo colocam em prática, pela primeira vez,  
um território de palavras compartilhadas:

a empreitada do itinerário.

Uma conversa que acontece simultaneamente  
a um percurso.

Deslocamentos reais, simbólicos e imaginários  
perfeitos através da conurbação de três cidades  
fronteiriças – Brasília, Epitaciolândia e Cobija.

### 35 |

Eis que o método dos passeios se materializa, finalmente,  
sob a forma de um itinerário,  
com uma estrutura audiovisual,  
cumprindo uma função narrativa.

A coabitação de corpos espaciais em movimento.

Ivo C, aposta assim, numa possível prática tradutória,  
pensada sobre os intervalos, discernida como possíveis

---

<sup>31</sup> MEDEIROS, Océlio de. *Jamaxi: a poesia do Acre*. [S.l.]: Brasiliense, 1979. 123 p. Disponível em: <https://almaacreana.blogspot.com.br/2011/09/serie-poesia-acreana-ocelio-de-medeiros.html>

<sup>32</sup> Idem.

entrelaçamentos de apresentações e representações espaciais.  
Senão vejamos e escutemos,  
como começa essa itinerância narrativa:

**36 |**

Epaminondas R (3' 04'"):



Brasiléia, Acre, Brasil.<sup>33</sup>

**37 |**

O itinerário guiado por Epaminondas R, começa em Brasiléia, esta cidade integrante do Consórcio Intermunicipal do Alto Rio Acre<sup>34</sup>, que completou, em 2010, cem anos de vida.

Quando a aglomeração surgiu, desviada do antigo Seringal Carmem, recebeu o nome de Vila Brasília.

Mas depois, para não ser confundida com a capital federal, recebeu o nome atual, derivado das palavras Brasil e Hiléia (floresta).

**38 |**

Em 1992, Brasiléia foi dividida em duas e a margem direita do seu rio, o Acre, deu origem a mais uma – Epitaciolândia.

Entre as duas há uma terceira cidade: a boliviana Cobija.

Capital regional do departamento de Pando, ela é quem exerce a polarização econômica desta tripla conurbação transfronteiriça.

Guiado pelo taxista Celso, placa 8863, Epaminondas R conduz os pesquisadores, Ivo C também, por caminhos que atravessam os três municípios.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Para acessar diretamente o *website*, onde se encontra hospedado o registro, segue o link:

Epaminondas R (3' 04'"): <https://vimeo.com/240246587>

<sup>34</sup> Para mais informações: <http://condiac.blogspot.com.br>

<sup>35</sup> Para acompanhar como a narrativa se desenrola, através de outros trechos do itinerário compartilhado com Celso T e Epaminondas R, seguem os links de acesso:

<https://vimeo.com/266780184> (11' 07");

<https://vimeo.com/266781082> (4' 06");

<https://vimeo.com/266784214> (1' 45");

### 39 |

Os pesquisadores, voltemos a eles, conversam com um, conversam com outro, apresentam sua problemática, tomam um café e logo recebem indicações de possíveis interlocutores, essas pessoas dispostas e disponíveis a ajudar esses eventuais viajantes sedentos de informação. Quando dão sorte, encontram alguém como Epaminondas R que, além de disposto e disponível a contar sua geografia de vida, enquanto traduz a espacialidade daquela rodovia em construção, também aponta outras interlocuções.

### 40 |

Epaminondas R aponta ao Coletivo, como interlocutor, Damião M, uma pessoa emblemática do envolvimento e da memória das pessoas de Brasília com a construção da Rodovia Interoceânica. Damião M trabalha na secretaria de esportes e adora o ginásio poliesportivo municipal. É para lá que ele conduz o Coletivo de pesquisadores. Antes, porém, vejamos e escutemos como Epaminondas R encerra essa narrativa itinerante:

### 41 |

Epaminondas R (2' 31''):

Brasília, Acre, Brasil.<sup>36</sup>



---

<https://vimeo.com/266780753> (2' 38'');

<https://vimeo.com/266780788> (4' 17'').

<sup>36</sup> Para acessar diretamente o registro Epaminondas R (2' 31''): <https://vimeo.com/266780928>

42 |

Sem delongas,  
o tripé e os gravadores  
estão armados. Ivo C, online, escuta:  
“Podes contar tudo - disse Jean M - nada se perderá.”<sup>37</sup>  
Damião M começa a contar sua história,  
Mas desde o início.

43 |

Não sei por que diabos, Elvira C  
interrompe.  
Teria ela motivos para querer  
saber  
algo além do que aquele gentil cidadão  
estivesse interessado em dizer?  
Ivo C não se contém: envia uma mensagem à sua filha!  
Enquanto experimenta, embora online,  
lê e escuta o relato de Damião M,  
com intenções de tradução.

44 |

É preferível que o interlocutor filmado tenha a liberdade  
de começar e terminar a falar quando quiser.  
E que se sinta à vontade  
para dizer o que quiser.  
Não é fácil traduzir os teus  
atravessamentos, querida Elvira C.

45 |

Ivo C, o tradutor, é uma pessoa múltipla.  
E afetuosa.  
Diz o que sente, mas também sabe fazer silêncio.  
Sua tarefa é negociar interesses bem distintos.  
Diz ainda o que pode e muitas vezes o que imagina  
ser esperado por quem não acompanhou esta viagem,  
no calor de seus acontecimentos.  
Inevitável é a sensação de que dirá algo de mais  
e algo de menos.

---

<sup>37</sup> TAVARES, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia: melancolia contemporânea (itinerário)*. São Paulo: Leya, 2010, p.116

46 |

A quantidade de luz de um ginásio contrasta  
com a qualidade de sua acústica.  
Imagem e som nunca serão  
senão entrecruzamentos.  
Mas ambos os gravadores do Coletivo seguem funcionando.  
Enquanto o tempo gira, o espaço registra.  
A distância entre o Damião M e o Coletivo,  
nessa cena, é simultaneamente positiva e negativa.

47 |

Se considerarmos Damião M, o corpo em foco,  
como o ponto zero, em termos de distância espacial,  
e a partir dele, contarmos três metros a mais  
e três metros a menos,  
ainda assim Ivo C não imaginará  
Jandira R deitada, ali atrás do gol, a calibrar  
o gravador de som.

48 |

Jean M, daqui, bate a claquete: *luzcameração!*  
Pede a Damião M para começar apresentando-se.  
Mas não é isto o que o atual interlocutor deseja dizer.  
Ele quer mesmo é contar sobre seu antigo ofício,  
antes da estrada asfaltada, quando ainda não trabalhava  
com o que trabalha, atualmente.  
Jean M quer ouvir esta história, mas insiste em ouvir  
primeiramente o seu nome.  
Para que fiquem bem organizados os dados.  
Afinal, uma vasta coleta está em jogo, nesta travessia.

49 |

Eu sou Damião Borges de Melo.  
Aqui trabalho há nove anos, na área de esporte e cultura,  
do município de Brasiléia. Meus avós eram cearenses.  
Mas meu pai já nasceu e se criou no Acre, aqui mesmo.  
Ele faleceu no ano passado, com quase setenta e seis.  
Se chamava João Pacífico de Melo.  
Nasceu no seringal Santa Quitéria.  
Chamado hoje de seringal Sacado.

50 |

Quando minha avó faleceu, meu pai tinha cinco anos.  
Quando completou quatorze, faleceu meu avô, o pai dele.  
Não conheci meus avós.  
No seringal meu pai aprendeu a viver,  
desde o nascimento até uns trinta anos.  
Foi quando veio para a cidade,  
para terminar de educar seus nove filhos.  
Graças a Deus estamos todos vivos  
e vivemos bem, aqui,  
em Brasília.

51 |

Enquanto morou no seringal,  
a vida do meu pai era cortar seringa.  
Muitos anos depois, veio trabalhar no Barracão,  
que é, vamos dizer, o local mestre de um seringal.  
Até então, ele morava dentro da mata,  
cerca de quatro horas do Barracão.  
Então, ele vinha, cortava a seringa, durante um mês  
e, ao final, vinha ao Barracão, prestar contas ao patrão.

52 |

Quando parou de cortar seringa,  
ele veio trabalhar na margem do rio,  
com a agricultura e com o comércio  
do Barracão.  
Foi quando a gente nasceu: minha irmã,  
que mora em Rio Branco e eu.

53 |

Meu pai quis dar educação para gente.  
Algo praticamente impossível,  
num seringal. Por isso veio para a cidade,  
com a família, aos trinta anos de idade.  
Aqui teve mais sete filhos.  
Em Brasília chegou sem emprego. Naquela época,  
não se tinha essas condições que se tem hoje.  
Como o grau de escolaridade dele  
era pouco, virou estivador.

54 |

Deixe-me lhes dizer isto: até poucas décadas atrás, nossa região sobrevivia da borracha e da castanha, praticamente. As demais mercadorias vinham de Belém e de Manaus. Assim sobreviviam, descarregando embarcações vindas de lá e, ao mesmo tempo, embarcando para lá a borracha e a castanha daqui.

55 |

Mas não foi esse trabalho que o manteve até o final. Em 1982, surgiu a oportunidade de trabalhar com educação. Naquela época, o ingresso ainda não era por concurso. Como ele era uma pessoa muito dedicada à leitura, apesar de só ter o primário, ele dava aula. Ivo C ficaria admirado de ver, sua capacidade de discutir. Ele dava aula até para quem estava terminando o segundo grau. Eu era menino, mas me lembro bem deles. Lá para casa eles iam, para ter aula com o meu pai.

56 |

Seu vasto conhecimento geral, obtive no Divina Providencia, um colégio interno de Xapuri. Um dos melhores da Amazônia. Diante de uma oportunidade, meu avô aproveitou e o matriculou. Todo mundo diz que quem fazia o primário lá, naquela época, valia como o segundo grau, de hoje. Foi assim que ele conseguiu vir trabalhar com a educação do Acre. Faleceu já aposentado, como funcionário da secretaria do Estado.

57 |

A conversa com Damiano M dura quase duas horas. Depois de resgatada a memória da estrada e já compreendida a dimensão histórica de sua geografia, Damiano M faz questão de nos mostrar algumas fotografias.

58 |

A grande sacada percebida por Ivo C foi mesmo uma possibilidade de mediação.

Uma imagem pode servir de intermediário entre um espaço vivido e o seu discernimento.

O registro audiovisual de uma imagem estuda a potência da uma metalinguagem da produção espacial.

Senão vejamos e escutemos a perspectiva de tradução apontada pelas fotografias de Damião M.

59 |

Damião M (4' 14'"):



Brasiléia, Acre, Brasil.<sup>38</sup>

60 |

O espaço de uma estrada, deixe-me dizer-lhe, caro Ivo C, é geohistoricamente construído através da superposição de camadas viárias, fato que nos convoca a perceber que as trilhas, as práticas os caminhos vividos, cotidianamente, não desaparecem, mas se transformam, com a chegada do asfalto.

Veja os pedágios, por exemplo.

Pagamos, hoje, por deslocamentos que, ontem, não eram cobrados.

61 |

Mas o tempo agora é outro. O Coletivo despede-se de Damião e retoma a estrada atual, concreta.

Há muitos quilômetros pela frente, até o Pacífico.

Pois bem: para o deslocamento até lá, optarão pelos taxis coletivos, já que o interesse é ir fazendo paragens para encontrar com as pessoas. A cada trecho uma ocasião. A cada encontro uma emoção.

Viajam porque desejam; e compartilham a vontade

---

<sup>38</sup> Para acessar diretamente o registro "Damião M (4' 14'')": <https://vimeo.com/278967720>

de transformar os mundos, cultivando utopias.  
Enquanto viajam, Osmar X aponta conceitos de espaço  
ao mesmo tempo práticos e contrários às distopias.

**62 |**

Antes de entrarem no taxi, rumo a Assis Brasil,  
Jandira R envia uma mensagem para Ivo C, dizendo  
o que sentiu durante a conversa com Damião M.

O corpo forma com os movimentos  
uma massa e essa massa  
forma um texto. Esse texto  
é lido pelos outros e há livros  
de que se gosta e outros não.  
No fundo, cada vida, no geral,  
não é mais do que um estilo  
literário.<sup>39</sup>

**63 |**

Osmar X é um colecionador bibliográfico,  
alguém que busca uma citação  
como quem encampa uma pedagogia da tradução.  
Com seu Kindle® sempre por perto,  
com uma lista infindável de livros em .pdf,  
movido pelo interesse de transmitir conceitos espaciais,  
realiza itinerários e paragens hermenêuticas,  
através de algumas obras que considera fundamentais.  
Osmar X copia, cola, envia mensagens para Ivo C,  
cita e dá exemplo.

**64 |**

Ciente de que a filosofia moderna ocidental traíra o corpo,  
Lefebvre busca abrir uma via propensa aos meios  
de sua restituição, atenta ao cuidado com o tempo vivido.  
Uma via compositora de movimentos sincrônicos e diacrônicos,  
com um pé no Cosmos e outro no Mundo, ambos no Planeta,  
indissociavelmente. Elege, assim,  
o corpo espacial de um organismo vivo  
como a centralidade de suas elaborações práticas e teóricas.  
Teorização que culmina numa arquitetônica do espaço diferencial  
detida à análise dos ritmos oriundos e adjacentes ao corpo.

---

<sup>39</sup> TAVARES, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia: melancolia contemporânea (itinerário)*. São Paulo: Leya, 2010, p.107.

## 65 |

No primeiro capítulo do livro intitulado *Espace et Politique*, considerado como o segundo volume de *Droit à la ville*, Lefebvre apresenta uma espécie de projeto de pesquisa, onde figuram algumas premissas de seu raciocínio, quatro possíveis hipóteses conceituais de espaço, e algumas aberturas cujos horizontes miram a teoria da produção social do espaço, há anos em gestação. Osmar X comenta isto rapidamente e lança as citações.

## 66 |

A primeira hipótese considera o espaço como uma forma transparente ou como um número platônico.

O espaço é a forma pura, a transparência, a inteligibilidade. Seu conceito exclui a ideologia, a interpretação e o não-saber. Nesta hipótese, destituído de todo o conteúdo (sensível, material, vivido, prático) a forma pura do espaço é uma essência, uma ideia absoluta análoga ao número platônico. A filosofia cartesiana e também a crítica filosófica kantiana conservam esta noção.<sup>40</sup>

## 67 |

O espaço seria um modelo, um discurso coerente, sustentado pela dimensão mental que lhe dá suporte. A diferenciação espacial acontece no seio do espaço intelectual. Sujeitos, objetos, países, paisagens, e demais entidades espaciais, conformam uma certa topologia abstrata, *à priori*.

## 68 |

Para ser completada genericamente, em seguida, por outra topologia, a das existências concretas. Uma certa tentativa de reduzir o caos fenomênico. É o que tentam os matemáticos e certos filósofos da ciência. Alguns gestos e pensamentos dão a tônica desse espaço geométrico: localizar, distribuir, cortar, colar, *in situ*, o tecido espacial.

## 69 |

“Este espaço possui as seguintes características: vazio e puro, lugar dos números e das proporções, do número de ouro por exemplo; ele é visual e por conseguinte ele é desenhado, espetacular; ele é povoado tardiamente pelas coisas, pelos habitantes, pelos usuários; na medida em que este espaço demiúrgico tem uma justificativa, ele faz vizinhança com o espaço abstrato dos filósofos, dos epistemólogos. Confusão que não deixa de ser perigosa.

---

<sup>40</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.32.; tradução minha.

E Lefebvre é enfático quanto ao maior perigo desta hipótese: a evacuação do tempo simultaneamente histórico e cotidiano.”<sup>41</sup>

## 70 |

Esta hipótese nutre uma suprema ilusão.<sup>42</sup> Considerar arquitetos, urbanistas, engenheiros e economistas como os verdadeiros mestres do espaço, os donos do pedaço. A espacialidade como forma pura sustenta cálculos precisos, ideias transcendentais, recortes materiais e um vasto repertório de práticas demiúrgicas.

Sob esta perspectiva, é impossível pensar espaços com tempos.

## 71 |

A Terra existiria como uma imagem impossível, isto é, antes e depois de nós, os fabricantes de imaginários.

O que importa se não é possível colher disso um relato real?

Com esta ideia reduzimos as transformações históricas a meros inventários do passado. Ela insinua um ardiloso artifício: a identidade entre uma representação do espaço e sua realização prática.

## 72 |

A segunda hipótese de Lefebvre, ao contrário da anterior, considera o espaço como o resultado de uma análise empírica.

O espaço social é um produto da sociedade, constatável e influenciado primeiramente pela constatação, ou seja, pela descrição empírica antes de qualquer teorização. (...) nesta hipótese o espaço é o objetivo, ou melhor a objetivação do social e, conseqüentemente, do mental. A abordagem descritiva é indispensável ao seu conhecimento. Uma forma surge ou se constrói a partir de conteúdos que o conhecimento descobre e recorta. Ele é conhecido enquanto é reconhecido, seja de uma maneira experimental, seja pela abstração científica, metodologicamente elaborada.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.34; tradução minha.

<sup>42</sup> No item II.4, página 113, Lefebvre aponta o que considera ser a “suprema ilusão”: “considerar arquitetos, urbanistas e planejadores como peritos em espaço, como juizes supremos da espacialidade. Os ‘envolvidos’ não se dão conta que, desta maneira, eles subordinam a demanda à encomenda, e que esse desmazelo acontece junto com os anseios daqueles que manipulam as consciências! Sendo necessário, portanto, revelar e estimular a demanda, por mais torta que ela seja, por mais que o comando seja imposto, opressiva e repressivamente.” LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974], p.113; tradução minha.

<sup>43</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.35; tradução minha.

73 |

Lefebvre não chega a fazer uma objeção enfática a esta hipótese.  
Apenas indica a importância de confrontá-la com as demais.  
O espaço como conteúdo, como resultado,  
seja de um processo histórico,  
seja de um processo de divisão social do trabalho.

74 |

A segunda hipótese aparece diametralmente oposta à primeira.  
O espaço como produto de atividades econômicas e culturais.  
Países e paisagens que se distribuem pela superfície da Terra.  
Jean M pergunta se esta seria a hipótese que dá subsídios  
às formulações teóricas de Milton Santos (1926-2001).

75 |

Ele pede emprestado o Kindle® a Osmar X. E busca a conceituação  
de espaço pelo geógrafo brasileiro definida:

[o espaço seria] formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estrada de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico.<sup>44</sup>

76 |

Um espaço-conteúdo opõe-se,  
como se não houvesse contradição,  
a um espaço-forma.  
Uma certa relação de causa e efeito  
alimenta essas duas hipóteses.  
Quando Milton Santos afirma que,  
no princípio era a natureza,  
podemos interpretá-la como continente  
desabitado, espaço vazio,  
puro e propenso  
aos projetos de engenharia.

---

<sup>44</sup> SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*, São Paulo: EdUsp, 2008 [1996], p.63.

77 |

Sendo o processo de divisão social do trabalho  
responsável por transformar,  
geohistoricamente,

a natureza em espaço e o espaço  
em casa, em cidade, em território...

Deixando clara a ideia de que o espaço  
é o resultado de algum processo previamente existente.  
O contrário da hipótese anterior,  
que considera o espaço como dado, *a priori*.

78 |

Osmar X lê ao Coletivo uma longa citação:

O espaço não seria nem um ponto de partida (simultaneamente mental e social como na hipótese filosófica), nem um ponto de chegada (um produto social ou o lugar dos produtos), mas um intermediário em todos os sentidos desse termo, isto é, um modo e um instrumento, um meio e uma mediação. Nesta hipótese, o espaço é um instrumento político manipulado, intencionalmente, por mais que a intenção seja dissimulada por coerentes aparências de uma figura espacial. Um meio nas mãos de alguém, indivíduo ou coletivo, isto é, de um poder, (ex.: um Estado), de uma classe dominante (a burguesia) ou de um grupo como os tecnocratas, por exemplo, que pode representar ora a sociedade global, ora seus objetivos próprios.<sup>45</sup>

79 |

Escute bem, Jean M, esta hipótese de Lefebvre, diz Osmar X.  
Enquanto instrumento de poder,  
o espaço é composto por decretos, por regimentos,  
por normas e leis, mais ou menos arbitrárias  
e capazes de interferir,  
violentamente,  
sobre espaços históricos pré-existentes.

80 |

As vidas cotidianas das pessoas e das comunidades  
são transformadas pela reorganização dos espaços.  
O planejador tenta regular, controlar e punir, seletivamente.  
E, de modo geral, acaba conseguindo mais dissimular  
do que obter  
a regulação procurada.

---

<sup>45</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.36; tradução minha.

**81 |**

Mas a hipótese do espaço como mediação guarda uma ambiguidade: as ideologias espaciais estão disfarçadamente incluídas nos saberes, e vice-versa. O espaço passa a servir de mediação entre sábias ideias e ideias de dominação. Instrumentalizado, o espaço vem disfarçado por uma aparente coerência funcional, atravessado por interesses políticos e imagens correlacionadas.

**82 |**

É a instrumentalização dos usos, dos valores, dos ritmos de vida. Já que a estratégia global de homogeneização das sociedades neocapitalistas implica a racionalização e a instrumentalização das funções, das formas e das estruturas espaciais.

**83 |**

Uma vez instrumentalizadas as funções do espaço, elas se conectam à reprodução da força de trabalho, através do consumo. Segundo Lefebvre, o espaço é o meio e o modo de organizar a sociedade neocapitalista. O instrumento mediador da sociedade de consumo burocraticamente dirigido.

**84 |**

Consumir passa a ser a finalidade aparente da sociedade. Algo definido através da reprodução da força de trabalho. Ou seja, das condições do trabalho produtivo. Sob esta hipótese, as cidades seriam unidades de consumo, correlacionadas às grandes indústrias produtivas.<sup>46</sup>

**85 |**

O planejamento espacial, territorial, ambiental, urbano e regional, através de suas práticas de racionalização das vidas cotidianas, prestam serviço à estratégia global neocapitalista, ao supor dominar um espaço verdadeiro.

---

<sup>46</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.37; tradução minha.

## 86 |

A novidade trazida por esta hipótese conceitual reside, sucintamente, numa questão central: quem possui e por que uma certa representação do espaço?<sup>47</sup> Não há resposta neutra e inocente. Lefebvre responde a partir da divisão de classes. Há representações oriundas de consciências espaciais falsas e verdadeiras.

## 87 |

Há representações espaciais decorrentes de uma consciência verdadeira, do real possível, da classe trabalhadora. Há outras envolvidas por uma falsa consciência, mórbida e alienada, a da classe burguesa. A primeira propagaria os valores de uso do espaço, da libertação, da emancipação, da humanidade em ação. A segunda promoveria os valores de troca, o fetichismo da mercadoria, a alienação.

## 88 |

A instrumentalização das funções espaciais assumiria, sob esta perspectiva dicotômica, uma contradição específica:

ao invés de definir a inteligibilidade (primeira hipótese), o espaço definiria a realização, a reificação das relações sociais, assim como a falsa consciência dessas relações. Em oposição à teoria do espaço mental inteligível viria a teoria da armadilha do espaço social. Em oposição a teoria do espaço inteligível e da primazia (filosófica) do espaço viria a primazia do tempo.<sup>48</sup>

## 89 |

A teoria do espaço como instrumento de dominação aponta uma cilada. O espaço seria um modo burguês de capturar a classe operária. Mas, em seguida, a própria burguesia é capturada por sua armadilha. Os espaços, adoecidos, tornaram-se tumores do mundo, restringem a fruição. Mas os planejadores buscam remédios. Às vezes encontram remediações que afagam sociabilidades agonizantes, explica Osmar X.

---

<sup>47</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.36; tradução minha.

<sup>48</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.37; tradução minha.

90 |

Mas Lefebvre faz uma objeção à terceira hipótese.  
Segundo o autor, talvez ela dê conta de compreender  
o capitalismo concorrencial do século XIX.  
Quando bastava  
às cidades, cumprirem a função de consumidores  
complementares  
das eventuais produções excedentes,  
para que obtivesse sucesso  
a estratégia de expansão global do capitalismo industrial.

91 |

“Mas a situação mudou: o modo de produção capitalista precisa se defender

com uma linha de frente muito mais ampla, mais diversificada e mais complexa, a saber, a reprodução das relações de produção. Esta reprodução das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se realiza através da cotidianidade, através dos lares e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da antiga cidade, isto é, através do espaço inteiro.”<sup>49</sup>

92 |

O que Lefebvre quer com isto nos dizer? Jean M pergunta.  
Que a instrumentalização das relações produtivas,  
supostamente polarizadas pela relação entre capital e trabalho,  
desde o século XX, não é mais uma condição suficiente à  
manutenção do modo de produção capitalista.  
Nem no campo, nem na cidade. Mas ele se mantém.  
Logo, se houve mudança prática e social, por que não deslocar os  
termos de nossas concepções e vivências espaciais?  
Senão vejamos a quarta hipótese.

93 |

O espaço como um esquema “essencialmente ligado  
à reprodução das relações (sociais) de produção.”<sup>50</sup>  
Eis a hipótese conceitual proposta por Lefebvre.  
Ela assimila as hipóteses anteriores e as expande.  
Mantendo e modificando certos termos do debate.  
Precisa ser mantida e modificada a noção de “produção”.

---

<sup>49</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.38; tradução minha.

<sup>50</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.39; tradução minha.

94 |

Arejemo-la, retirando-a do domínio de sentidos economicistas. Liberemos a produção dos restritos processos produtivos de coisas a serem vendidas e compradas. O espaço não é uma mercadoria qualquer, nem um sistema de objetos e de ações. O espaço não se reduz a um puro instrumento de dominação. Não é só um modo de exercitar o poder. Precisamos compreender a produção em seus sentidos mais amplos e irrestritos, diz Osmar X.

95 |

A expansão da noção de produção vem junto com a percepção

de uma implicação espacial. O espaço implica: “a finalidade geral, a orientação comum de todas as atividades da sociedade neocapitalista. O espaço seria, portanto, uma espécie de esquema dinâmico e comum às diversas atividades, às artes, aos espaços feitos pelos arquitetos e urbanistas. Ele seria a relação que daria sustentação às inerências diante da dissociação, e às inclusões diante da separação.”<sup>51</sup>

96 |

Ela aparece intimamente ligada ao esquema triádico da sociedade capitalista, proposto por Marx.

Dali decorre um fundamento central.

Por ali escorre toda a teoria da produção do espaço social.

Esta hipótese espacial poderia ser pensada como um agenciamento de conjunções e disjunções.

Está tudo aí. A gente é que não dá conta de perceber.

97 |

“Esta hipótese passa entre aquela da falsa consciência, que exclui a ideologia,

e a da ideologia que implica a interpenetração do verdadeiro e do falso, excluindo a falsa consciência. Existe uma práxis: as separações cultivadas, mantidas, logo representadas pela ação que mantém os elementos da sociedade, mesmo na sua dissociação. Esta ação é o esquema do espaço, precisamente, um esquema gerador ligado a uma práxis, a uma realidade e a uma verdade, nos limites desta sociedade. Logo, o esquema de uma ideologia conectada a um conhecimento, nos limites de uma prática social. Esta representação é aparente, já que os elementos que ela dissocia estão ligados. E também real, já que os elementos que ela sustenta estão dissociados.”<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.43; tradução minha.

**98 |**

No cerne desta conceituação reside a produção expandida.  
Ela inclui e enfatiza a reprodução das relações sociais de produção.  
Com a reprodução da força de trabalho incluída.  
Mas percebamos, Jean M, o trabalho não aparece mais,  
isoladamente, como elemento protagonista da produção.  
Nem como a única polaridade oposta ao capital.

**99 |**

O esquema espacial é mais complexo. E, num primeiro momento,  
passa pela compreensão da sétima seção, do capítulo 48,  
do terceiro volume, da obra “O Capital”, de Marx.  
“A Fórmula Trinitária”, raramente compreendida.  
Ali Marx aponta como a produção burguesa e a reprodução  
das relações sociais envolvem o entrelaçamento de elementos  
mais ou menos próximos e distantes, confundidos e separados.

**100 |**

A fórmula trinitária parece expressar uma certa magia  
das conjunções e das disjunções. Na vida cotidiana burguesa,  
a produção decorre da conjunção de três elementos  
fundamentais: o capital, a terra e o trabalho.  
Conjunção que aparece, na representação burguesa,  
intencionalmente como uma disjunção.  
Já que da separação um só passo é preciso, para gerar confusão.

**101 |**

Disjunção: cada um dos elementos é referido por uma rentabilidade,  
autônoma, grandiosa e específica.  
Conjunção desconsiderada: a produção coletiva global do valor.  
Ao capitalista caberiam os lucros e os juros.  
Ao dono da terra, caberia o aluguel.  
Ao trabalhador caberia o salário.

**102 |**

Assim, as relações sociais de produção cumpriam  
seu suposto papel produtivo ‘real’,  
com graus de alienação variados.  
Mascarada pela ‘ilusão da separação’  
ficaria a unicidade do poder hegemônico,  
a dominação política estatal capitalista.

**103 |**

O espaço social neocapitalista possui características específicas e passíveis de serem compreendidas. É um espaço fragmentado, em processo de homogeneização. É um espaço concreto e abstrato, que se articula e se desarticula, podendo ser percebido pelas ruas, pelas imagens, pelas artes, pelo urbanismo.

**104 |**

Mas nossa percepção encontra-se esmigalhada por uma miríade de conhecimentos disciplinares. A ponto de tornar quase incompreensível o esquema espacial da sociedade neocapitalista atual: a hierarquização da reprodução das relações sociais de produção. Mas que espaços são esses? Onde ficam esses lugares de reprodução?

**105 |**

O espaço planetário. O espaço das moradias, das cidades e dos territórios, dos serviços públicos e privados, os espaços de lazer, os lúdicos e os educacionais, enfim, os diversos espaços da vida cotidiana, inclusive os que aparecem imediatamente separados do processo produtivo, supostamente emancipados de relações de trabalho.

**106 |**

Como se os lugares de ócio surgissem, do nada e a despeito da produção pudessem coexistir. O que também pode ser dito dos espaços das obras de arte, das galerias, dos museus, das práticas de decoração e design.

## 107 |

”Esses lugares aos quais a gente se esforça para dar um ar de

festa e de liberdade, que são preenchidos de signos e que não tem como significante a produção e o trabalho, são precisamente esses lugares que estão estreitamente ligados ao trabalho produtivo. Exemplo típico do espaço simultaneamente deslocado e unificado. Lugares onde se reproduzem precisamente as relações de produção, sem excluir, mas incluindo, a reprodução pura e simples da força de trabalho.”<sup>53</sup>

## 108 |

Os espaços arquitetônicos, urbanísticos e territoriais das sociedades neocapitalistas contemporâneas possuem uma característica paradoxal, um traço comum unificador entre os diferentes espaços: eles são conjuntos disjuntos. Nosso desafio, pensa Osmar X, é cultivar percepções, no acontecer da prática espacial, das conjunções e das disjunções.<sup>54</sup>

## 109 |

Lefebvre nos dá algumas pistas: Os espaços são dominados pela técnica, mas não são apropriados pelos usuários. Os espaços são demandados pela vizinhança (ordem próxima) e comandados pelo Estado (ordem distante).

## 110 |

Os espaços estão cada vez mais fragmentados, embora globalmente determinados.

É o esteticismo que unifica os fragmentos funcionais de um espaço deslocado, pois assim realiza seu caráter homogêneo e fraturado.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.41; tradução minha.

<sup>54</sup> PAZ, Octavio. *Conjunções e Disjunções*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1979, 136p.

<sup>55</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.40; tradução minha.

### III |

Mas o que ele tem a dizer sobre esta ilusão, pergunta Jean M? Que da separação decorre uma representação mentirosa e uma verdade prática. A representação separada da experiência cotidiana engana ao supor que são fontes autônomas de geração de valor.

### II2 |

Somente a ação comum entre eles pode produzir riqueza. Enquanto fontes de riqueza distintas, os elementos parecem receber a boa parte que lhes convém, escondendo que a renda nacional coincide com a riqueza social e com a mais-valia global.<sup>56</sup>

### II3 |

Ao separar elementos constituintes de uma unicidade produtiva, a sociedade burguesa faz coincidir sua ideologia com sua prática. Ao aceitar a separação, assumimos equivocadamente que ela é real, negligenciando a possibilidade de produção do espaço social. Carecemos desta ilusão?

### II4 |

A compreensão da renda nacional, assim, fragmentada, está longe de alcançar a pertinência prática e teórica da mais-valia global.

Uma vez admitido o esquema conjunto-disjunto que caracteriza a prática da sociedade burguesa, qualquer coisa pode ser dita.

A ideologia?

Tal como os 'sujeitos', ela não passa de verborragia.<sup>57</sup>

### II5 |

Osmar X compreende o que Lefebvre parece querer fazer ecoar em cada um dos cantos, dos corpos, dos mundos.

Tese urgente:

repetamos que o espaço inteiro se torna o lugar da reprodução das relações de produção.<sup>58</sup>

Não escapam desta inteireza nem a terra, nem o ar, nem a água, nem o sol, nem quaisquer outros elementos.

---

<sup>56</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.43; tradução minha.

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> Ibid., p.45; tradução minha.

## **116 |**

O valor de uso dos espaços segue em extinção, aceleradamente. Afinal, algo escapa à lógica da compra e venda? Uma hora tudo passa a ser comandado por seu valor de troca, mediado por moedas. A destruição criadora é o motor das sociedades neocapitalistas. Despedaçados os corpos encontram-se na venda ou à venda.

## **117 |**

As áreas verdes, ditas intocadas, os maciços florestais, supostamente despovoados e as colonizações interplanetárias, precisam ser percebidas em contraposição à escassez do espaço produzido pela industrialização metropolitana. “Por ser o lugar e o meio da prática social da sociedade neocapitalista (ou seja, da reprodução das relações de produção), este espaço demarca os limites desta prática.”<sup>59</sup>

## **118 |**

As estações ecológicas, os parques nacionais, as terras indígenas e as demais “áreas verdes” não deveriam ser meras reservas de valor, numa fila de espera, preparando-se para serem integradas ao modo de produção estatal capitalista. Antropoceno é outro nome para a era urbana que inauguramos. Uma nova história do Planeta passa a ser escrita.

## **119 |**

Mas a tomada de consciência desta transição oscila entre a individualização da responsabilidade pelos estragos e a crença na capacidade tecnológica e tecnocrata de revitalizar. Enquanto isto seguimos produzindo e sendo produzidos por um espaço planetário neocapitalista violento e desigual.

## **120 |**

Seria possível uma sociedade escolher escapar deste espaço, voluntariamente?  
A lógica capitalista engendra uma urbanização planetária?  
Seria ela impossível de ser completamente efetuada?  
Ou seria o fim?

---

<sup>59</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, 1973, p.45; tradução minha.

### 121 |

Osmar X refaz a Jean M o convite que Lefebvre lhe fez:  
estudar a prática espacial neocapitalista  
como a extensão dos corpos que a coabitam.  
Isto inserido na historicidade do espaço,  
por eles produzidos. O Planeta virou, no século XXI,  
a sensação de uma prática social hegemônica,  
com berço e data de nascimento precisos.  
Eis uma compreensão passível de ser cultivada  
junto aos limiares práticos e conceituais  
da produção do espaço.

### 122 |

“O espaço teria sua lógica?

Ora o espaço depende de uma lógica pré-existente, superior e absoluta, quase tautológica; ora o espaço é a lógica em si, o sistema da coerência; ora, enfim, ele dá lugar à coerência, concedendo autoridade à lógica da ação (praxiologia ou estratégia). Encontra-se aqui as diversas teses sobre o espaço, ora assumido como modelo, ora como instrumento, ora como mediação.”<sup>60</sup>

### 123 |

Pensar o espaço como modelo é um primeiro passo  
para construí-lo como sistema  
e para habitá-lo com coerência.  
Isto é: nada a ver com o que desejamos.  
A aliança histórica entre o Estado, a Ciência e o Capital  
tenta emplacar uma estratégia global:  
assegurar a reprodução das relações sociais de produção,  
em escala planetária. Tentando mascarar as contradições do espaço.

### 124 |

Mas há lugares que escapam à tentativa frustrada de sistematização.

Há, portanto, contradições do espaço, por mais dissimuladas e mascaradas que sejam. Nesta sociedade o ‘real’ está no fim e não no início. Deste modo, ele engloba tanto o que se deixa integrar quanto os processos integradores.  
Ele engloba o que se deixa reduzir, inclusive o imaginário.  
Esta sociedade não obedece a uma lógica; repetamos: ela tende a uma lógica. Ela não é um sistema; ela se esforça para isto, aliando a coerção e o uso das representações.<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> LEFEBVRE. *Espace et politique*, p.47; tradução minha.

<sup>61</sup> *Ibid.*, p.48; tradução minha.

**125 |**

Ao terminar a leitura do primeiro capítulo de *Espace et Politique*, Osmar X tenta sintetizar para Jean M uma espécie de conclusão. A urbanização planetária tende para um sistema fechado, mas não se efetua como tal. Há um esforço de sistematização, em termos simbólicos e imaginários, através das representações. Na prática, contudo, no “real”, algo escapa. Graças aos conflitos e às contradições. A ideia de integração, globalmente, é uma tremenda furada.

**126 |**

Osmar X não se pergunta ‘o que é o espaço’, questão que fariam matemáticos e metafísicos. A espacialidade conceituada por Lefebvre tem como ponto de partida o espaço vivido e sua ligação, através da prática espacial, com o espaço concebido. E que não haja mal-entendido, quanto a isto, ele diz a Jean M. Toda espacialidade concreta inclui, em seu âmago, um certo viés teórico abstrato.

**127 |**

Ao se colocar a questão da espacialidade vivida, Osmar X assume a premissa de que, em matéria de espaço, não há pureza, nem neutralidade, mas contradição e política. Lefebvre quer localizar as brechas que abrem passagem, através das contradições do espaço social capitalista. Brechas são possibilidades de agir e de pensar diferente. Elas estão por aí, mas a gente nem sempre as percebe. Embora a crise de percepção varie conforme o corpo.

**128 |**

Osmar X não ecoa uma filosofia clássica, especulativa e sistemática. O único *à priori* pode ser dito sobre o espaço, é que não há espaço *à priori*. A rodovia pela qual Ivo C se encanta é muito pouco abstrata. Ela é antes de mais nada, vivida, prática espacial, fruto da convivência.

**129 |**

O Coletivo põe novamente o pé na estrada, por mais que isso signifique, literalmente, com as rodas no asfalto. Embarca num taxi coletivo, mobilidade comum daquela região. Deixam Brasília, rumo ao Pacífico. Até lá, através de itinerários variados e de paragens diversas viverá. A primeira logo acontece. O Coletivo para no Km 69 e são recebidos por Antônio TD, um solícito comerciante, da estrada também habitante.

**130 |**

Se há um lugar ideal com boas opções de comida é o Lanche Terra Dourada, no KM 69 da BR-317: eis uma sugestão que Damião M lhes deu. Ao se aproximarem, fazem as devidas diplomacias para a preparação do registro audiovisual. Desta vez, perpendicularmente à estrada dispõem o dispositivo e explicam ao novo coabitante da viagem como funciona.

**131 |**

Os gravadores de áudio e vídeo farão de nossa conversa um registro. Ivo C na escuta. Para torná-lo público, Antônio TD, solicitaremos, ao final, a sua autorização. Jandira R ficará com esses fones de ouvido, pois ela cuida da qualidade ininterrupta do som. Ivo C é o nosso orientador, ora ausente, ora presente, mas sempre aqui, de algum modo representado. Fique à vontade em dirigir sua fala a ele também, enfatiza Jean M. É como se nesta prática residisse uma verdade espacial compartilhada online e off-line, via texto, áudio e vídeo.

**132 |**

Antônio TD sinaliza que está quase tudo entendido. Mas lhe resta uma dúvida: para quem devo olhar? Para Jean M, responde Jandira R, aproximando-se do cientista e condensando o foco, exatamente, atrás da câmera: espaço em que o corpo coletivo de pesquisa se faz presente. Uma vez revertida a efêmera dispersão, Osmar X é quem fala: luz, câmera, ação!

133 |

Antônio TD (1' 44''):



BR-317, Acre, Brasil.<sup>62</sup>

134 |

Jean M gostaria de saber daquele interlocutor  
como eram as vias que por ali passavam,  
antes do asfalto chegar sobre a rodovia.  
Pede, então, para que cante sua geografia.  
Como foi chegar para morar naquela  
localidade?

Antônio TD com a palavra: eu nasci e me criei  
dentro do seringal Porto Carlo, um lugar aqui vizinho.  
Aqui é o “69”, isto é uma paragem, não é!? Pois bem,  
logo na próxima, onde fica no km 67,  
foi lá que eu nasci  
e onde toda a minha família criei.

135 |

A gente vinha vindo, veio vindo, rumo a Brasiléia,  
em cima de um caminhão velho. Aí, de momento,  
começaram a melhorar, asfaltaram um pedacinho ali  
até o Gil.

Quando asfaltaram o do Gil, ficou sem asfaltar  
este pedaço aqui todinho, de lá para cá.  
Foi quando eu comprei. Vi oportunidade, né!?  
Comprei há nove anos, de um rapaz chamado Taveira.  
A gente comprou isto aqui por vinte cinco mil reais.  
O Taveira foi embora com o dinheiro.  
Nós ficamos, eu e o meu pessoal,  
aqui na beira da estrada.  
Era péssimo para chegar até Assis Brasil.  
Aquela agonia mais feia do mundo.

---

<sup>62</sup> Para acessar diretamente o registro audiovisual, “Antônio TD (1' 44'')”: <https://vimeo.com/235662280>

**136 |**

E foi indo, foi indo, foi indo até que chegaram  
à conclusão: hora de asfaltar. Eu acompanhei passo a passo  
a questão do asfalto. Muitos trabalhadores  
acamparam por aqui. Outros no km 75,  
lá onde tem uma placa do Brasil,  
uma placa da Estrada do Pacífico. Eu acompanhei, vamos dizer.  
Aqui no quintal ficava o pessoal da caçamba: os caçambeiros,  
esses que puxam piçarra, essas coisas. Daí, depois que asfaltaram,  
a gente começou a construir isto aqui.  
Foi quando tudo começou.

**137 |**

Antes disso, a gente morava nesse pedacinho de chão,  
até aonde fica aquela casinha ali. Foi quando decidimos construir,  
dali para trás. E desde então, seguimos, estamos indo.  
Continuando a vida, por aí.  
Antes de trabalhar por aqui, eu cortava seringa. Era seringueiro.  
Osmar X e Jandira R abrem um sorriso.  
Ivo C sabe o quanto eles são interessados  
nas trajetórias laborais das pessoas.

**138 |**

Antônio TD segue sua história:  
nossa família é tradicional, toda ela de seringueiros.  
Filhos de seringueiro para seringueiro. Entre dezesseis  
e vinte anos, trabalhei aqui no campinho, com a Dona Valda.  
Daí inventei de cortar seringa.  
Daí constitui minha família, cortando seringa.  
Eu mexi com seringa até os trinta e seis anos.  
Quando deixei a seringa, fui inventar de marretar.

**139 |**

Marretar acho que é uma palavra que Ivo C desconhece.  
Significa vender e comprar. Vendia mercadoria  
e comprava borracha. Terminava a borracha, comprava a castanha  
e vendia ao freguês. Tinha que montar aquela tropa de burros,  
cavalo e boi, para lutar nesta vida.  
Vender e comprar: peguei gosto. Daí, vim pra cá.  
Foi quando eu comecei a tocar esse *ranchozinho*,  
um restaurante, aqui na beira da estrada.

**140 |**

Aqui surge como um lugar de pouso? Jean M pergunta.  
A gente chama assim, vamos dizer, acampa o povo.  
Quando chega uma firma, aonde eles vão procurar um ponto?  
Onde tem um ponto, um recinto? Um mais aberto,  
assim, vamos dizer. No Km 67? Antes era,  
mas, agora, é só no Km 69! Aqui nesse ponto onde estamos.

**141 |**

Antes, no tempo do Taveira, praticamente ninguém pousava aqui.  
Ele não mexia com nada. Só com o *comerciozinho* dele.  
E mexia mal. Nós não. Desde que a gente chegou, pensamos longe.  
Pensamos em um quartinho para o pessoal dormir.  
Um *restaurantezinho* para o pessoal comer.  
Oferecer um negocinho para o pessoal comprar.  
E vender: até hoje, aqui só se pensa assim.

**142 |**

O Coletivo deixa o Lanche Terra Dourada, rumo ao Pacífico.  
Não fazem ideia do que está por vir,  
nem quem irão encontrar. Apenas seguem adiante, coletivamente.  
Já se aproximam dos limites intermunicipais de Assis Brasil,  
a última cidade brasileira, na fronteira com o Peru.  
Por lá passam sem parar. Em Iñapari, cidade vizinha, param.  
De sua praça central saem os transportes públicos privados  
para qualquer canto no interior do Peru. Local de baldeação.  
Os taxis brasileiros não podem ir além dali.  
Estão em Madre de Dios e fazem trâmites de imigração.

**143 |**

De Iñapari seguem para Puerto Maldonado:  
são quase duzentos e trinta quilômetros.  
Jandira R preocupa-se com o motor do automóvel,  
que insiste em estourar o volume do gravador de som.  
Cuidam também de não deixar aparente o microfone.  
Saem da porta do Brasa Roja Pollos Brass e pegam o rumo  
de uma placa com um dizer comum por ali: “desvio”.  
Augusto Q conduz o taxi. No banco do passageiro está  
sua filha Jimena Q, de cinco anos, com quem conversam.  
Preenchem a planilha de controle de saída.  
Logo param, na alfândega, diante de outra placa,  
com dizeres incomuns: “nadie está libre”.

# Canto IV



1 |

As liberdades frutificam o deslocamento, contudo,  
tal como o deslocamento frutifica as narrativas.  
As paragens parecem abrigar sentidos  
de intervalo entre dois movimentos. Chegar e partir  
são só dois lados da mesma viagem. E o que nos come o tempo  
deveria ser comido com tempo, desaceleradamente,

2 |

para que em cada corpo morassem ritmos apropriados;  
um único percurso pode ser um discernimento,  
uma narrativa serve para mudança de ponto de vista e  
posicionamento  
e a viagem pode ainda ser conveniente para te mudar  
a vida: viaja, portanto.  
O Planeta tornou-se nossa vizinhança. Com aplicativos e sinal 3G,  
todo mundo encontra passagens, habitações e carros para alugar.  
É o que faz o Coletivo, alugam o taxi de Augusto Q.

3 |

Augusto Q é natural do departamento de Junin,  
há quase dois mil quilômetros dali.  
Conheceu Iñapari durante uma visita familiar.  
E para lá mudou-se, em busca de outro futuro  
Porque ali ainda não há concorrência, nem contaminação  
ou delinquência. É um lugar lindo e tranquilo, ele diz.

4 |

Com sua família, já cultivou frutas e cafés.  
Com a crise da agricultura, tornou-se caminhoneiro,  
entre Lima, Pucalpa e Chanchamayo.  
Hoje trabalha como condutor, *choffeur* para as empresas  
e taxista intermunicipal, para Jean M e outros passageiros.

5 |

E gosta de seu trabalho. Já levou também madeira de exportação  
para os ingleses, de Madre de Dios até Cusco.  
Ainda quando não havia asfalto, apenas barro.  
Quando a distância variava entre oito e dez horas  
entre Iñapari e Maldonado.  
Hoje, Jean M e suas parcerias não gastariam mais de três horas,  
caso tivessem optado por não encontrar com o Padre R.

## 6 |

De Puerto Maldonado até Cusco, antes da Interoceânica, Augusto Q gastava entre três e quinze dias, conforme a estação, inverno, quando há chuvas, ou verão.

Mas hoje, entre a Amazônia e os Andes, tudo anda mais rápido. Mais de meio dia, Jean M e suas parcerias não gastarão. Antes disto, porém, farão alguns deslocamentos, paragens e itinerários. Entre Iberia, Maldonado, Masuko, Quince Mil, Marcapata. Camadas de roupa ao corpo acrescentarão, enquanto sobem os Andes.

## 7 |

De duzentos metros acima do nível do mar até os três mil e quinhentos, a paisagem está mudando, dia após dia, pois agora as pessoas, sim, estão trabalhando, diz Augusto Q para Jean M.

Já é possível sacar da terra os produtos. Antes não.

Sim, as pessoas não deixam mais de desmatar e acreditam, finalmente, que será possível vender seu gado excedente.

Escoamento: o asfalto cria esta possibilidade.

Tal como entre Pucalpa e Lima. E entre Lima e o resto do Planeta.

## 8 |

Augusto Q chegou em Iñapari, em 2003, para uma visita.

E no ano seguinte voltou, definitivamente.

Naquela época eram apenas cinco os comissários de polícia.

Não havia o fórum, nem o banco da nação.

Não havia estrada, nem a ponte da integração.

Não havia delinquência, nem contaminação.

A travessia do rio Acre era feita por canoas.

Eram poucos comércios. Tudo era silêncio por ali.

## 9 |

A conversa entre Jean M e Augusto Q dura o tempo da distância entre Iñapari e Ibéria. Ali param.

Jimena Q não é a única a ter fome. Saíram cedo.

Mas em Ibéria, mais que um café, buscam um padre.

Felizmente Augusto Q aprendeu, com a estrada, a esperar.

Estacionam próximo à praça de armas. Enquanto Osmar X

busca algo de comer, Jandira R, em parceira com Jean M,

busca o Padre R, na paróquia central daquela urbe amazônica.

## 10 |

Augusto Q não para muito por ali. Pouco faz ideia do que acontece ou o que dizer sobre Iberia. Por estar sempre de passagem, assim diz, desconhece. Quem dera ter lido *Le città invisibili*, em versão espanhola, a ponto de encarnar o espírito de Marco Polo, percebendo em Jean M uma certa mutação de Kublai Khan.<sup>63</sup> Arrisca ser precisamente vago: à pesca, à madeira e ao gado dedicam-se os três mil que vivem em Ibéria, afirma Augusto Q.

## 11 |

Saem da Carretera Interoceanica para entrar na cidade. Um gesto que se revela impossível em algumas aglomerações urbanas, desta travessia. Mas logo já estarão de volta à estrada, pois, na estrada, afinal, quem não encontra esperança e encantamento? Precisam de alguns minutos apenas, para comer e viajar nas histórias daquele líder cristão e militante. Embora saibam que perto dali ergue-se uma comunidade israelita, Arca Pacahuara, esses visionários da terra prometida.

## 12 |

Ibéria é a segunda cidade mais populosa de Madre de Dios. Por isto e por muito mais, ela é percebida, pensada e vivida como um lugar singular. Como nas demais cidades também é possível encontrar, em Iberia, ao menos um templo, um bar e uma cicatriz do passado. O estômago de Jean M e de suas parcerias roncam. O de Jimena Q também. Enquanto o pai busca algo para a filha comer, nosso cientista tem sede de informação.

## 13 |

Em Rio Branco o Coletivo ouviu dizer que vive, em Ibéria, um padre com algo a lhe dizer. Além de transubstanciar pão e vinho em corpo e sangue de Cristo, o Padre R luta por direitos humanos, contra a violência contra as mulheres. Se a informação recebida por Jean M procede, o Padre R tem bastante compromisso social e exerce sua militância através de uma organização local transnacional – a “Iniciativa MAP.”

---

<sup>63</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

**14 |**

Ao sair do taxi de Augusto Q, Jean M segue reto, vira a primeira à esquerda e atravessa duas quadras inteiras até encontrar o sacerdote, numa igreja, na metade da terceira. Sorrisos de ambas as partes marcam aquele encontro. Sem perder tempo, Jean M diz a que veio, explica o método e pede alguns minutos de sua atenção paroquial. Padre R está de acordo e fica a esperar. Enquanto Jean M volta para chamar suas parcerias e buscar suas tralhas.

**15 |**

Jean M quer saber como anda Ibéria, atualmente. Padre R diz que às ruas a calma já quase voltou. Pois todo o fenômeno da construção já passou. Agora é hora de usar a estrada e todos os serviços que ela traz para oferecer. Mas como fazer com que Ibéria ganhe essa nova competição, ao mesmo tempo produtiva e espacial, com as cidades brasileiras travada? Como usar a estrada para realizar interesses econômicos? Ao mercado Ibéria tem algo a oferecer.

**16 |**

O Brasil, sim algumas cidades brasileiras, o povo todo não é quem vai mais se beneficiar com a Interoceânica. Essa estrada é para eles, os brasileiros, afirma Padre R.

**17 |**

Sensibilizar: eis a prioridade de Iberia. Trabalhar a sensibilização da sociedade. Tornar as pessoas mais sensíveis aos impactos que traz o mercado. Uma grande transformação está em jogo: em termos práticos, de habitantes passamos a consumidores. Ou “consumistas”, tal como Padre R diz, no original castelhano. Ivo C pensa que os agricultores farão o quê, pergunta.

**18 |**

Padre R responde sonhando: unidos fazemos melhor. Que se criem novas associações. Fortaleçam as existentes. De maneira unida, ofereceremos algo ao mercado.

Precisamos aprender a competir, de alguma maneira.  
Uma certa demanda bate à nossa porta. Qual a nossa oferta?  
É preciso fazer valer a pena a agricultura, diz Padre R.  
Ou vamos sobreviver de madeira o resto da vida?  
Novos espaços, antigos dilemas, pensa Osmar X.

**19 |**

Padre R comenta que o trânsito de madeiras ilegais  
faz parte do cotidiano noturno de Ibéria.  
E que para cada duas, doze ou trinta árvores cortadas,  
pelas concessionárias, é plantada nenhuma.  
Comprometedores e imprecisos dados de uma razão,  
cuja irracionalidade só cresce com a estrada.  
A cada dia, de Iberia, saem mais caminhões com madeira,  
de noite. No escuro, um desflorestamento obscuro.

**20 |**

Padre R está feliz, animado e agradecido  
com a visita de Jean M e suas parcerias.  
Entende que há algo em comum entre nós,  
um trabalho de sensibilização da sociedade,  
em conjunto, ele diz.  
Embora disjunto, só pensa e não diz, Osmar X.  
A assembleia de agricultores segue ao fundo.  
Há gente que vive o cotidiano da estrada, ali reunida.  
Jean M lamenta não ter tempo de ficar  
para uma cartografia ou etnografia aprofundada.

**21 |**

Mas há tempo de construir alguma narrativa  
com o Padre R, sobre disjuntores e conjunturas.  
Pois, com a Carretera Interoceánica, propagada  
está a possibilidade de aceleração dos deslocamentos.  
Supostamente melhoram as condições  
de educação, saúde e transporte e pioram  
um monte de outras coisas, inevitavelmente.  
É que vem gente com intenção, doença e costume  
de vários outros lugares. Isto é marcante,  
confessa a Jean M o reverendo.

22 |

A estrada: eis uma obra para além  
do bem e do mal.  
Mas foi-se o tempo em que havia espaço  
para ser livremente vivido.  
Agora cada um que se cuide,  
de si, de seus bolsos e de suas bolsas.  
Viciantes, roubo e consumo quase todos os dias  
se repetem. Sem falar da droga da especulação.

23 |

Pois, a percepção de Padre R é diferente da de Augusto Q.  
Não havia delinquência na Amazônia, antes.  
Depois da estrada, a exploração sexual de mulheres cresceu.  
Jovens brasileiras, colombianas e peruanas, entre outras.  
Menores de idades trabalhando em bares e clubes.  
Padre R trabalha combatendo o caos produzido.  
Faz alianças institucionais, com instituições de governo  
que, desgovernadas, descumprem seus papéis.  
Padre R colabora, ajuda, motiva e faz pressão.  
Afim, por detrás de um Estado neoliberal  
deve haver ao menos uma Igreja  
mais ou menos pentecostal.

24 |

Ainda estão no salão paroquial, também conhecido como Cine  
Ibéria, tal como Padre R apresentou o local.  
A reunião segue acontecendo e Jean M hesita  
em manter ou não ligada a câmera.  
Diferentemente de Jandira R. Pelo som responsável,  
ela segue registrando quase tudo e mais um pouco,  
do espaço-tempo que se produz ao redor.  
Quando a imagem silencia e vemos apenas o som,  
a proximidade entre gravar e espacializar é tencionada.  
Ivo C verá alguma nítida geografia no escuro?

25 |

A assembleia dos agricultores impactados segue  
discutindo sua situação atual. Jean M é convidado  
a acompanhar Padre R até sua casa.  
Lá ele tem algo a lhe mostrar, enquanto toma chimarrão.  
A fotografia de um cadáver aparece na tela do computador.

E fica registrada, pois a bateria está carregada e a câmera ligada. Jandira R prefere não olhar. Quer saber de outras representações. Sim, diz Padre R, tenho um vídeo e um mapa, já vou mostrar.

**26 |**

E não é óbvio ser humano e lutar por direitos, em selváticas fronteiras de extrativistas amazônicos. Padre R não se sente ameaçado. Há risco, mas arrisco, diz ele. Não trafico nada. Não devo favor a ninguém. Só temem e brigam os que têm rabo preso. A vida de Padre R está para a sua morte, assim como a nossa está para a sorte de cada um de nós, conclui Jean M. Fica, assim, um pouco menos preocupado com o corpo do reverendo.

**27 |**

Jean M reconhece que desconhece. Mas almeja localizar, problemas em mapas. E fazer os mapas falarem da gente. Tanto de modo geral, quanto especificamente. Pois sua ciência quase dá conta de perspectivas nomotéticas e idiográficas. A curiosidade de saber o que se passa, entre o Atlântico e o Pacífico, via Interoceânica torna-se, finalmente, um exercício vídgeográfico. Osmar X conceituaria como uma cartografia audiovisual.

**28 |**

Enquanto uns trabalham, há quem trabalhe com a carência dos que trabalham. A pobreza se negocia. E, ali, quem não está em situação parecida? A gente não quer só diversão e arte, quer dinheiro para comprá-las. Já não é mais necessário construir imagens, ou cidades, juntos. Basta ter cartão magnético e senha. Em breve, em Ibéria, todas as conversas terminarão, em crédito ou débito.

**29 |**

Mas Padre R é alguém que sabe o que deve ser feito e já está fazendo. Precisamos socializar, ele diz. Que termo, Jandira R empolga-se! Sim, singelamente ainda, mas estamos socializando essas conversas, afirma o reverendo. Isto gera, aos poucos,

certa organização social dos trabalhadores. Uni-vos,  
pensa Osmar X. Para poder buscar alternativa de solução  
aos problemas cartografáveis.  
A falta de informação ainda é, por ali, maior que os Andes.  
Ivo C não sabe, neste instante, o que fazer com o contrário?  
Na metrópole, vivemos dilemas decorrentes de um meio técnico  
científico e comunicacional.

### 30 |

Nem tudo é mentira naquele ou neste mundo  
Nem tudo é mentira, quem quer a verdade?  
Nem tudo é mentira, nem me diga  
Nem tudo é mentira. Por que será?  
Diferindo, Jandira R ecoa Manu Chao.  
Com Manoel de Barros aprendeu  
que somente dez por cento é mentira,  
todo resto é inventado.<sup>64</sup>

### 31 |

Manipulação. Blefe. Desonestidade.  
Joga-se com a necessidade da gente,  
como se o gozo do perverso fosse o supremo.  
Participação. Consulta. Empoderamento.  
As palavras entram e saem de moda,  
como se a expansão do consumo social precisasse  
ser burocraticamente dirigida.  
Cuidado Jean M, estrada afora, é preciso ter cuidado.  
Foi-se o tempo do espaço humano, ecológico.  
Voltará?

### 32 |

Hoje o que interessa é explorar, extrair recursos  
e deixar o meio futuro pobre, por aí.  
O povo peruano possui uma experiência marcante,  
confessa Padre R. Sabemos transformar lugares,  
onde há presença de riquíssimos recursos,  
em territórios de extrema pobreza. Em Iquitos,  
Repsol deixou vazar petróleo cru, no rio Marañon

---

<sup>64</sup> Para mais inspirações, assista o filme documentário de Pedro Cézár – “Só dez por cento é mentira” – um original mergulho cinematográfico na biografia inventada e nos versos fantásticos do poeta sulmatogrossense Manoel de Barros: [https://www.youtube.com/watch?v=VG4P\\_mWWAI0](https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0)

e em seus afluentes, obviamente. Um sacerdote inglês e ecologista denunciou. Ivo C imagina o que fez o governo? Um sujeito incita greve e resistência popular: perigoso, fora! Por pouco, não foi expulso o inglês. O governo retrocedeu. Um conjunto disjunto do povo manifestou-se, à escala internacional.

### 33 |

Muitos, os que veem a Floresta Amazônica de cima, enxergam árvores e não gente. Nem cogitam como pensam os povos indígenas autóctones ali presentes, diz Padre R. Por isto os trouxe, aqui, à minha casa. Pois quero compartilhar um registro audiovisual. Uma breve apresentação dos impactos da Carretera Interoceânica, nas três fronteiras. Para que possa levar mais uma informação, Jean M, e espalhar, via qualquer via que se queira, aos quatro cantos do Planeta.

### 34 |

Jean M pergunta-se se ainda há tempo e canta. Jandira R precisa usar o banheiro e vai. Augusto Q os espera em sua van, a alguns metros dali. Osmar X segue lendo o livro e grifa. E Ivo C o que faz? Padre R diz que o vídeo dura cinco minutos. Claro, esperamos, diz Jean M. No pen-drive gravam o arquivo. E com a câmera registram um vídeo de um vídeo.

### 35 |

Jandira R aborda, em conversa com Jean M, sem se dar conta, um assunto um pouco mais exótico do que os que vêm acontecendo, até então. Preocupada com o bom registro do som, pergunta como faz para ligar o “boom”. Jean M não esconde o riso. Além de significar a rápida penetração de um determinado produto no mercado, o termo também dá nome a microfones de varas telescópicas.

### 36 |

Quer dizer que já estão novamente com os pés na estrada, deixando Ibéria rumo a Puerto Maldonado. A passagem por aquela cidade foi rápida, de um ponto de vista científico de humanas,

mas demorou mais que o esperado pelo chofer.  
Jean M esclareceu o plano, no início. E se desculpou  
por um eventual excesso, no final. Mas, quando a remuneração  
é o foco e o foco é a empreitada, comanda a aceleração  
Augusto Q parece incomodar-se com a diferença  
apresentada pelo desacelerado ritmo alheio – o do Coletivo.

**37 |**

O itinerário rodoviário é retomado com um silêncio  
que não perdura mais do que alguns quilômetros.  
Afinal, enquanto não nos transformarmos em formigas,  
seguiremos conversando enquanto caminhamos.  
Mesmo de carro. Aliás, diga-se de passagem, Jean M  
sabe que lá fora é demasiado periférico,  
ou simplesmente não lhe interessa. Ali, em termos cotidianos,  
a centralidade do espaço é o carro. Ivo C diga: onde não é?

**38 |**

O rádio toca algo aos corpos dos bancos da frente.  
Jimena Q sorri, mas tampouco quer interagir, com os de trás.  
Jean M tenta reestabelecer contato, com uma pergunta banal.  
Não. Melhor deixar clara que ali há uma fronteira territorial.  
E que ela é linguística, rítmica e posicional. Piloto e co-pilota  
compartilham marchas, rádios e a vontade de aceleração.  
Os que comandam o dispositivo falam francês e português.  
Campo e extra-campo, dentro e fora de campo, por um tempo.

**39 |**

Se Jean M concordasse com Arnaldo Antunes, que o silêncio  
foi a primeira coisa que existiu, talvez passasse mais tempo  
calado. Ao invés de pedir a Osmar X, um conceito.  
Ele nem se dá conta que Jandira R nem se liga mais  
no dispositivo de áudio. Entre os ruídos,  
capta o pouco silêncio que resta.  
Faz poesia pois assim se escuta melhor  
o invisível.

40 |

Nem sempre saem de nossas cabeças  
os fios que sonhamos.  
Se lá dentro há um cérebro,  
ninguém garante, escreve Jandira R  
As coisinhas pensantes que temos  
só podem vir do, e graças ao, coração.  
Os dois olhos negros da menina diante da estrada  
dizem apenas que ela está viajando.

41 |

Somente ao chegar a San Lorenzo, Augusto Q  
restabelece o humor da conversa com Jean M.  
Naquele trecho, do terceiro setor,  
do Corredor Rodoviário Interoceânico Sul,  
não estão tão distantes da Bolívia. Nem do rio  
Tahuamanu. Dali sai uma estradinha rumo a Cobija.  
É de terra, mas está bem conservada. Um desvio  
sabiamente utilizado por imigrantes haitianos.

42 |

Augusto Q conta para Jean M  
como é trabalhar para o consórcio Odebrecht.

43 |

Uma grande diversidade de aglomerações urbanas  
compõem o trecho da Interoceânica,  
entre Iberia e Puerto Maldonado.  
San Lorenzo, Alerta, Villa Rocio, La Novia,  
Shiringayoc, Mavila, Alegria, Planchon,  
Sudadero, Loyoboc e El Triunfo.  
Argumento comprovável por qualquer um  
que tenha banda larga e acesso ao GoogleMaps.  
Vai dar até para saber, pelos comentários dos usuários  
que a estrada é boa, embora cheia de lombadas.  
Basta procurar!

44 |

Rios, pontes e aldeões, impressionantes estruturas  
de madeira tomadas cada vez mais pelo concreto.  
Povoados, aldeias, quase cidades e placas enormes  
indicando como era antes e como é hoje.

A cada sessenta quilômetros uma imagem  
do progresso comprova: o asfalto venceu a floresta  
tropical. Há esperança onde havia carência.  
E pedágio onde havia livre circulação.  
Mas das castanheiras, à beira da estrada,  
ainda restam alguns exemplares destinados ao uso.

**45 |**

Os chineses estão chegando.  
Estão chegando os chineses.  
Os grossos troncos estão levando.  
Estão levando os troncos grossos.  
Assim, não há desemprego, mas motoristas  
em abundância. Jean M viaja que seria melhor  
um projeto de educação infantil que ojerizasse  
o métier transportador. Ele é um cientista  
que algumas vezes aguça sua antipatia  
pelas elites ignorantes e dominadoras.

**46 |**

Jean M gosta de saber, em detalhes, a rota das coisas.  
A de uma árvore, por exemplo, que do coração da Amazônia  
sai rumo às prateleiras chinesas, por onde passa?  
Augusto Q sabe das coisas, pois já trabalhou  
em grandes empresas. A rota é via Cusco, diz.  
De lá para Abancay, Chalhuanca, Puquio e Nazca.  
Passando perto daquelas linhas, segue até Lima.  
O porto de Callao segue sendo o predileto das madeiras.

**47 |**

Alegria, uma história nada alegre.  
A primavera. A poesia. A viagem.  
Silêncio.  
Jimena Q não vê a hora de chegar  
a hora do almoço. E pergunta se já não é Planchon.  
Jean M delira com o sentido de localização da criança.  
E quer saber do que vivem as pessoas, a cada aglomeração.

48 |

A ausência da ponte revela a presença das barcas transportadoras. É preciso dizer algo sobre o sentido de localização das travessias? Jean M dispara sua flecha habitual: onde estamos? Nunca saberão a resposta correta: há tantas. Augusto Q tenta ser rápido, leve e exato, como se a consistência dessa resposta precisasse dar conta da visibilidade do que é múltiplo.

49 |

Augusto Q não leu as seis propostas para o próximo milênio.<sup>65</sup> E diz que estamos atravessando o amazônico largo rio Madre de Dios. Jimena Q fica espantada com tamanha obviedade. “Onde estamos?” Ela repete. Acabamos de entrar no rio, ora bolas, comenta sem paciência. Como poderia vir de um cientista, mesmo de humanas, uma pergunta assim? Não disse isto, mas, nas entrelinhas, pensou e não pôde esconder.

50 |

Diante da ponte que acabará com as barcas transportadoras, Jean M avista e lê a placa instalada pela Odebrecht: “Antes, incerteza. Agora, futuro!”

51 |

Ivo C e o Coletivo pesquisador concordam com algo que quase todos concordaríamos: um espaço envolve vários movimentos. Mover-se espaço envolvimentos, destaca Jandira R. A possibilidade de um corpo produzir um lugar ou outro, num tempo 'x', 'y' ou 'z', instaura o cerne de nossas mundanas mudanças espaciais. O eixo de nossas cônicas energias cósmicas, cujo vértice é cada corpo.

---

<sup>65</sup> CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

52 |

O espaço da fruição urbana, o feitiço das mercadorias  
não resolve. A paisagem e o país  
agem, obra e produto  
a favor da mobilidade.  
Menos a das pessoas, mais a dos objetos.  
Deslocamento, viagem,  
trânsito, paragem,  
território e circulação: cada um de nós teria algo a dizer  
sobre a energia espaço-temporal que essas palavras evocam,  
convocam, provocam.

53 |

Ivo C e o Coletivo pesquisador estão a inventar o quê?  
Ivo C, como tradutor, o que dirá sobre esse modo de traduzir  
uma prática de pesquisa do espaço social,  
uma prática espacial como assimilação simultânea  
de narrativas e experiências de viagens,  
inevitavelmente urbanas.

54 |

Após a longa conversa, feita à porta do Museu  
do Amanhã, pautada por uma infundável reflexão  
estética, expositiva, epistemológica,  
uma voz tenta sintetizar o problema:  
como num só ato mobilizar a ampliação  
sensível dos espaços percebidos,  
dissolver a abstração insensível,  
do planejamento estatal capitalista  
e nuançar as fruições controvertidas  
dos espaços vividos?

55 |

Encaminhar em cantos a conversa,  
com versos encantar o caminho,  
enquanto versar, portanto, o encaminhamento:  
eis um modo possível de expressar a alma  
do corpo espacial dessa travessia – via das diferenças.  
Gestos de fazer moradas, de narrar lugares,  
de usar territórios, na medida em que acontecem.  
O caminho resulta da coagulação singular  
de um movimento específico: condensação

que do movimento sucede  
e que depende de sua cessação.

**56 |**

Enquanto movia, só via mente em ação.  
Agora parado, neste canto, escrevo: só mente a via  
que age sem curtição?  
Enquanto Jandira R brinca com as palavras, o resto  
do Coletivo escuta atentamente Ivo C, via Skype.  
Ele está a apontar um dilema crucial àqueles que topam  
o real desafio das alteridades.

**57 |**

Como estabelecer diálogo entre corpos espaciais diferentes?  
Como coabitar o intervalo entre mundos disjuntos?  
Como vivenciar outros espaços sem repensar  
os próprios pensamentos? Seria possível comunicar um espaço  
como prática de criação compartilhada? Ivo C propõe uma  
abordagem  
afeita às correlações entre narrativas territoriais, itinerários  
cotidianos  
e registros audiovisuais.

**58 |**

Uma espécie de mapa movente  
que ensaia um modo de abordar  
a diferença  
que habita os intervalos criados,  
esses espaçamentos,  
entre mundos de cosmos disjuntos,  
sob a perspectiva da urbanização planetária.

**59 |**

Uma espécie de prática espacial de fronteira  
que intenciona traduzir a diferença  
das diferenças espaciais  
via diversidade experimental e narrativa,  
reunindo perspectivas singulares e irreduzíveis  
provenientes de corpos  
minimamente plurais.

**60 |**

Uma espécie de cartografia dinâmica e sonora  
que cria situações espaciais de partilha  
do cotidiano  
que nos leva a discernir entrecruzando  
os espaços da apresentação  
e as representações do espaço.  
Apontando caminhos de tradução.

**61 |**

Lembre-se do que digo, Ivo C,  
o real dos acontecimentos  
tende a escapar  
ao simples visitante  
virtual que és.  
O que todos mais dirão? E cada um?  
Em francês sabemos que “Jean M”, mas em português  
o que você, Jean, dirá? Jandira R segue em silêncio,  
num canto. Mas o que isto importa? Quem ouve e escuta  
o que canta um corpo voluntariamente isolado?  
O que dirá Jandira R, a alguém que passa e fica?

**62 |**

Jandira R abre mão do silêncio e apresenta ao Coletivo  
seu ponto de vista sobre esta travessia.  
Um método pode ser qualquer coisa, exceto  
um modo de testar hipóteses. Um método envolve  
relacionamentos. Um método relaciona envolvimentos.  
A intenção de vivenciar o caráter espacial de uma rodovia,  
viajando pelas fronteiras, via Interoceânica,  
aponta o desejo de intersubjetividades.  
Essa alquimia sutil que transubstancia o Poder  
em potencialidades. Desalinhe o corpo Osmar X!

### 63 |

Ivo C escuta com atenção e até sorri. Alegra-se com a diversidade de perspectiva de seus pesquisadores. Mas como reunir pontos de vista particulares? Luzia T com a palavra, comenta: não é simples, mas é possível. Porque o nosso modo de atravessar tríplices fronteiras conjuga a intuição onírica com a vigília da tradução. Há tempos estamos experimentando modos de representar itinerários compartilhados, percursos dialógicos.

### 64 |

Elvira C, para a euforia e o espanto, mostra ao Coletivo um livro francês, publicado em 2001, que ganhou de presente de sua mãe (esposa de Ivo C), ao voltar da Nova Caledônia. O livro chamado *L'espace urbain en méthodes*, reúne abordagens metodológicas propostas por autores que se apresentam como arquitetos, etólogos, filósofos, geógrafos, lingüistas, psicólogos, sociólogos e urbanistas.

### 65 |

Enquanto cientista, apesar de humanas, Elvira C propõe às suas parcerias uma via de aguda elaboração, ao que já vinha pensando, construindo e habitando, em termos espaço-temporais, urbanos, contemporâneos. Algo que venho experimentando, são as palavras dela. E que encontrei formalizado como o nome de *método dos itinerários*<sup>66</sup>. É algo semelhante e distinto ao que estamos propondo fazer.

### 66 |

No texto de Petiteau e Pasquier, Elvira C reconhece um sentido potente de uma ética da tradução espacial. Impossível igualar a nossa singularidade (comenta com Ivo C) à singularidade de outrem.

---

<sup>66</sup> PASQUIER, Élisabeth; PETITEAU, Jean-Yves. "La méthode des itinéraires: récits et parcours" In: GROSJEAN, Michèle & THIBAUD, Jean-Paul (orgs.). *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Ed. Parenthèses, 2001, pp.63-77 ; tradução minha.

Podemos até repetir finos traços,  
mas, em grosso modo, como se diz,  
resultamos fazer diferente.

**67 |**

A mimese altera-se, via prática, como poética  
de recreação. Absoluta garantia de relativa  
recriação. O devir deve vir  
como fluxo contínuo de trans-  
forma-  
ação.

Um devir é quase uma metamorfose.  
Ao final, tudo vira texto e, assim, flecha  
ou vira lixo, isto é reciclável, afinal.

**68 |**

Com atenção, Ivo C escuta as palavras de Jandira R.  
Ele entende que, doravante, o método dos itinerários,  
outrora formalizado como *démarche* de pesquisa,  
em terras francesas, deveria ser explicitamente  
deglutido,  
digerido,  
depurado.

A antropofagia como a nossa melhor ciência.  
Por ser metafilosófico, Osmar X faz coro, se entusiasmo  
e possui um voraz peristaltismo.

**69 |**

Jean M também se inspira e, enquanto imagina  
os percursos feitos por Petiteau prepara a sua câmera,  
máquina de transcrição, para agir livremente.  
Cuidadosamente, o Coletivo escreve seu método.  
(permita-me comentar, baixinho aqui contigo, caro leitor:  
esta escritura tem a volúpia de quem está a se despir,  
voluntariamente.) De baixo pra cima, os deslocamentos  
partem de vivências compartilhadas. Experiências entre nós  
(eles: Elvira C, Osmar X, Jean M, Jandira R, Luzia T, Ivo C)  
entre eles e os outros, entre eles sem nós,  
entre cada um que é Eu-mesmo e Eu-outro,  
entre todos nós e, cá pra nós, entre tu e alguém  
que por acaso gamares.

70 |

As narrativas audiovisuais decorrentes de percursos geográficos são práticas espaciais que surgem, *atravessobreentre* deslocamentos.

Elas envolvem a espacialidade da movimentação ao mesmo tempo física, mental e social.

E o discernimento de mundos diferentemente vividos e concebidos percebidos.

Em jogo estão: apresentações e representações.

*Através* da prática espacial da viagem *sobre* o que é dito e feito, *entre* o que é sentido e sentido.

71 |

Precisamos inventar um modo de fazer pesquisa juntos, Ivo C diz.

Sim, Luzia T confirma.

Mas também com os outros, com quem encontraremos, os que nos trazem as novidades. Não seria este o interesse do leitor? Temos nossas diferenças e elas são mínimas. Ainda é tempo de aprender a conviver com a máxima?

72 |

Com quem vem lá, do lado de lá,  
do outro lado, que é lá do lado,  
do lado lar, dólar dó lá, do lado de lá.

Afinal, quem vem lá? Todo lado tem dois lados.

Inclusive o direito tem um esquerdo.

Vai, Jean M, vai ser *gauche* na vida!<sup>67</sup>

73 |

Como quem sustenta o sol maior dos horizontes,  
de um mundo em si menor.

Com os habitantes das últimas fronteiras,  
esses corpos mais ou menos voluntariamente isolados,  
que não se separam dos espíritos das extremidades.

Feito almas-vivas criadas por diferentes sociabilidades.

Reaprender a ver sem tapar os ouvidos,  
e a ouvir, sem entupir os olhos.

---

<sup>67</sup> Carlos Drummond de ANDRADE. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.

Precisamos encontrar um modo de perceber os espaços vividos de outros modos.

74 |

Pelos espaços planejados  
pela sociedade de consumo  
burocraticamente dirigida  
as abstrações tornaram-se  
concretas demais. Dissolução:  
é disto que precisam.  
Cada terreno parece ficar  
cada vez mais duro.  
Sua objetiva, Jean M, vai arranjar  
um jeito novo de amolecer  
a espacialidade abstrata da via?  
Preparar, apontar, há: diferença!

75 |

Ivo C vem? Osmar X vem. Jean M também!  
Façamos uma narrativa através de um itinerário.  
Entre! Um deslocamento, seguido de uma paragem.  
Vem, entre você também. Um percurso através de uma narrativa.  
Vai que esta via  
vira um dia  
um modo de traduzir  
a espacialidade das vias.  
Que sentidos de coabitação espacial  
uma viagem consegue estimular?  
Que expressões sensíveis  
as narrativas audiovisuais vão compartilhar?

76 |

Pedagogicamente, Elvira C atravessa o texto de Petiteau e Pasquier, fazendo perguntas. De que modo um itinerário viria comunicar a partilha do sensível, aliás, dos sentidos coabitantes da pesquisa? Como desestabilizar convicções pesquisadoras? Mobiliza o quê uma itinerância territorial compartilhada? Quem não é sujeito desta prática espacial de pesquisa?

77 |

O modo como o conhecimento espacial está organizado  
pelas práticas de ensino de origem euroamericana  
tentam nos ensinar a ganhar tempo  
enquanto nos obriga, assim, a perder tempo.  
Quantas aulas ou seminários chatos precisamos experimentar  
até que um legal aconteça?  
Quantas assuntos ruins precisamos estudar  
até que um bom apareça?  
Quantas ideias fracas precisamos trocar até que algo  
não nos arranhe apenas, mas nos fisgue a alma?

78 |

As histórias de vida podem ser um fio condutor  
desta prática espacial de pesquisa, Ivo C propõe.  
Cuidado é preciso, portanto. Com cada uma das vozes.  
Seriam as narrativas simples testemunhos decodificáveis?  
Seriam os discursos objetos de análises dos quais se extraem  
fragmentos significativos, componentes de um argumento  
coerente, construído pelas categorias analíticas do pesquisador?  
Ou seriam as palavras de quem interroga seus próprios espaços  
um caminho de tradução potencial, para além de descrições  
científicas?

79 |

Elvira C faz questão de ler ao Coletivo, um trecho da página 64,  
colocando em perspectiva antropofágica um posicionamento de  
Petiteau e Pasquier. A prática espacial compartilhada,  
além de ser um ritual de mobilidade, abarca a superposição  
das diferenças, através de enunciações polifônicas  
das geografias e das histórias de vida.

[os itinerários], estes tomam ao pé da letra o espaço ou o território,  
da cidade, do usuário. Assim, o espaço se torna dinâmico.  
O estatuto habitual do território é transformado,  
ele não é mais objeto de verificação,  
mas lugar de encenação  
onde o pesquisador vem convocar o outro.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> PASQUIER, Élisabeth; PETITEAU, Jean-Yves. "La méthode des itinéraires: récits et parcours" In: GROSJEAN, Michèle & THIBAUD, Jean-Paul (orgs.). *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Ed. Parenthèses, 2001, p.64; tradução minha.

## 80 |

Ivo C está a tramar com o coletivo, suas parcerias,  
uma maneira de deixar-se guiar pelas palavras nativas,  
através dos gestos dos diferentes coabitantes da via.  
Deixar que os lugares, os territórios, os mundos sejam ditos  
pelos espaçamentos,  
esses intervalos que residem entre os corpos.  
Uma prática espacial meio inocente, já que sua intenção  
é apenas suspender a lógica abstrata do planejamento.  
Como se endereçassem um convite a pensadores tecnocratas  
para que desviassem, ao menos por um instante,  
a dureza de suas atitudes de rigor, via distanciamento.

## 81 |

Por que certos cientistas, mesmo os de humanas,  
não se permitem a fruição das pesquisas mundanas?  
Que justificativas endossam a privação do prazer  
intrínseca às práticas espaciais de pesquisa?  
E se eles topassem incluir em suas análises  
outros referenciais, para além de suas viciadas categorias?  
Se há algo que reúne Jean M, Osmar X, Luzia T, Ivo C,  
isto passa pelo interesse de escuta e de convivência.  
A necessidade de combater estratégias de homogeneização  
passa pela superação da indiferença tecnocrática habitual  
das modernas práticas de pesquisa hegemônicas.  
Viva a diferença!, Jandira R assobia baixinho.

## 82 |

Produzir imagens juntos: coabitá-las.  
Reterritorializar mutuamente gestos estrangeiros.  
Tomar consciência dos mundos a partir de suas diferenças.  
Considerar os deslocamentos como lugares  
propensos à expressão sensível da partilha.  
Apostar em narrativas resultantes dos dissensos.  
Jandira R se pergunta se Ivo C, online, estaria preparado  
para uma abordagem tão desconfortável  
e ao mesmo tempo reconfortante.  
Sua intuição aposta que sim.

**83 |**

Com Petiteau, Elvira C concorda  
que as narrativas itinerantes podem ser restituídas  
como uma espécie de romance fotográfico.  
Para cada fala do coabitante, uma fotografia.  
Uma cartografia restituidora de um percurso realizado.  
Um mapa cuja cronologia permite articular  
narrativas e percursos vividos. Graças à densidade humana  
das relações sociais que ali se expressam. Graças ao diálogo  
entre os coabitantes envolvidos no itinerário.

**84 |**

Ivo C propõe ao Coletivo uma inovação epistêmica,  
para ir além do método proposto pelos franceses.  
Ele sugere que as narrativas sejam restituídas  
como uma espécie de montagem audiovisual.  
Deslocar imagens-fixas rumo às imagens em movimento.  
E, para além da restituição linear das imagens,  
iludida pela exatidão dos acontecimentos,  
que cada itinerário seja restituído, singularmente,  
por desvios compositores de desalinhamentos.

**85 |**

Uma cartografia afeita às sincronias  
e às diacronias espaciais, atenta  
às recomposições sonoras: polifonia.  
Uma montagem não-linear  
como uma espécie de polirritmia.  
A abertura de uma via espacial singular  
que acolhe pontos de vista irredutíveis.

**86 |**

Jean M possui uma certa indisposição em sucumbir  
às encomendas regulatórias. Enquanto cientista,  
embora de humanas, ele é frequentemente solicitado  
pelo Estado, pelo Mercado, pela Capes e pelo Cnpq.  
Mas Ivo C é estudado e sabe  
que cientistas humanos são úteis quando fingem  
resolver as contradições urbanas do mundo atual.  
Salve!

**87 |**  
Salve, salve a engenharia  
de desobstrução dos obstáculos  
à produtividade capitalista dos espaços.  
O texto de pesquisa científica,  
muitas vezes feito sob encomenda,  
raramente não se confunde  
com a comanda técnica, de viés político.

**88 |**  
Ivo C cultiva, minimamente, a consciência de seus gestos.  
Sabe que eles integram e desintegram o jogo da reprodução  
capitalista. E que ora tencionam, ora relaxam uma certa  
hegemonia científica. Comprovando e reprovando instituições.  
As críticas ao modelo vigente não são por ele ignoradas.  
Ao contrário. Elas devem apontar, sobretudo,  
um modo de desviar as intenções de um modelo a mais.

**89 |**  
Se há algo que deixa Ivo C profundamente indisposto,  
é a ideia de um modelo de um bom enquadramento único.  
Modelos hierarquizam paisagens, ele pensa. E se pergunta:  
uma palavra nativa poderia apontar a via que coloca em suspeita  
a institucionalidade de quem desenha  
os territórios, as cidades e as casas do Planeta?

**90 |**  
Espaços abstratos denotam ilusões,  
bem notam os edifícios  
enquanto anotam as pessoas, estatisticamente.  
Ivo C e o Coletivo estão quase convencidos de que a antropofagia  
do método dos itinerários pode vir a criar alguma diferença espacial.  
Uma certa intuição coletiva diz  
que a produção de espaços audiovisuais pode nos levar a expandir  
a percepção de nossas experiências espaciais.

**91 |**  
Mas como percorrer espaços estrangeiros, sem negligenciar o risco  
de se tornar explorador?  
Topar caminhar com a palavra do outro  
é aceitar compartilhar uma leitura do espaço ao pé da letra?  
Com o pé e a letra no chão,  
uma narrativa polifônica se coloca em ação

para multiplicar as possibilidades  
de reterritorialização.

92 |

Osmar X invoca o *tablet* e convoca Jean M

para traduzir, em voz alta, um trecho de Roland Barthes:

A retórica (como metalinguagem) nasceu do processo de propriedade.  
[...] É saboroso constatar que a arte da palavra está ligada originariamente à uma reivindicação de propriedade, como se a linguagem, enquanto objeto de uma transformação, condição de uma prática, tivesse sido determinada não por uma mediação ideológica sutil (como pode ter acontecido a muitas formas e arte), mas a partir da sociabilidade mais nua, afirmada em sua brutalidade fundamental, aquela da possessão terrena: começamos a refletir em casa, para defender nosso bem.<sup>69</sup>

93 |

O Coletivo encontra-se metodologicamente  
cada vez mais sintonizado.

Por mais que não consigam digerir completamente  
as ideias de Petiteau<sup>70</sup>, seguem empolgados  
com a recriação da recreação  
proporcionada pela itinerância narrativa.

Da porta do Museu do Amanhã,  
às margens do Atlântico,  
seguem rumo ao Pacífico,  
pela Carretera Interoceânica,  
via tríplice fronteira MAP (Madre de Dios, Acre, Pando).  
Buscam caminhar pelos caminhos  
de quem habita  
uma rodovia em construção.  
Abordam o mundo pela espacialidade das vias,  
via prática espacial  
da viagem.

---

<sup>69</sup> BARTHES, Roland, "L'ancienne rhétorique, aide-mémoire", *Communication*, Paris, n.16, 1970.  
[tradução minha]

<sup>70</sup> Para Pasquier e Petiteau, "o verdadeiro deslocamento consiste em abandonar sua própria leitura e aceitar a retórica do outro. A transação consiste em esquecer suas referências e guardar o vestígio desta perda, em identificar as marcas de um esquecimento." PASQUIER, Élisabeth; PETITEAU, Jean-Yves. "La méthode des itinéraires: récits et parcours" In: GROSJEAN, Michèle & THIBAUD, Jean-Paul (orgs.). *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Ed. Parenthèses, 2001, p.65; tradução minha.

**94 |**

A narrativa de viagem como prática de fronteira,  
passa e fica como reinvenção de territorialidades,  
a partir de percursos enunciados por muitas vozes,  
através de palavras as mais diferentes possíveis.

Registrar as histórias e as geografias,  
dialogicamente. Variando as emoções  
e as movimentações. Percebendo  
as transformações.

O entrecruzamento de deslocamentos e espaçamentos  
conforma agenciamentos que ritualizam territórios.

**95 |**

Uma equipe está a postos e cada um desempenha um papel.

Uma conversa prévia serve de preparação ao percurso.

Seu trajeto revela o caráter de uma experiência única.

Aposta-se em algo da ordem  
da irreprodutibilidade  
técnica e linguística.

Algo deve acontecer, diz Elvira C, ecoando Petiteau:

“Trata-se justamente de um ritual de iniciação  
do pesquisador. O percurso não é somente  
o deslocamento através do território do outro,  
também é um deslocamento sobre seu universo de referências.”<sup>71</sup>

**96 |**

Sem se dar conta, Elvira C, acabas de explicitar algo caro  
ao metafilósofo Lefebvre . Osmar X com a palavra.

O caráter territorial de um itinerário  
é simultaneamente um território vivido,  
a energia-espaço-tempo dos acontecimentos do percurso,  
um território concebido,  
através da narrativa audiovisual resultante  
e um território percebido,  
caso fiquem suficientemente acessíveis as relações  
entre as vivências e as concepções  
desta prática espacial de viagem.

---

<sup>71</sup> PASQUIER, Élisabeth; PETITEAU, Jean-Yves. "La méthode des itinéraires: récits et parcours" In: GROSJEAN, Michèle & THIBAUD, Jean-Paul (orgs.). *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Ed. Parenthèses, 2001, p.65; tradução minha.

97 |

Mas isto também é passível de ser compreendido em outros termos, aproxima-se e complementa Luzia T, através do pensamento de Gilles Deleuze:

O território é ele próprio lugar de passagem.  
O território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faça agenciamento, o agenciamento é de caráter territorial.  
Mas como não estaria ele já se tornando outra coisa, outros agenciamentos? Por isso não podíamos falar da constituição do território sem falar de sua constituição interna.  
[...] Passagem do ritornelo. O ritornelo segue em direção ao agenciamento territorial, nele se instala ou dele sai.  
Em um sentido geral, chamamos ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais.<sup>72</sup>

98 |

Ivo C segue escutando Elvira C comentando as palavras de Petiteau.

Até que encontram um ponto de discordância que precisa ser destacado. Nosso Coletivo não aposta na suposta equivalência entre a palavra de um científico e de um não-científico, de um artista e de um não-artista, por exemplo. A nossa premissa metodológica é diferente, alguém diz. Nosso itinerário não assume a equivalência, mas a correspondência entre palavras distintas.

99 |

Porque, de fato, há uma relação de desigualdade epistemológica, de diferença social, de variação sensorial. Nem sempre acontece uma implicação mútua entre as falas envolvidas num percurso. O que está em jogo, Ivo C diz, é a intenção de comunicação.

100 |

E a construção de uma verdade espacial compartilhada. Esta que se localiza nos intervalos criados entre as falas de uns e de outros, traduzida por um terceiro. A tradução como verdade da relatividade: o espaçamento.

---

<sup>72</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, *Mil platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*, vol.4, São Paulo: Editora 34, 1997, p.115.

**IO1 |**

As tríades têm maior aptidão para a multiplicidade que a maior parte das dicotomias – Ivo C poderia negligenciar essa modalidade de amarração que dificilmente se rompe? Modalidade que não precisa ser compreendida como um sistema fechado e abstrato? Quando uma experiência ilumina um conceito, a vida cotidiana lhe oferece a chance de transformar seus sentidos em virtude teorizadora.

**IO2 |**

Mas até mesmo a pessoa mais obstinada oscila entre a firmeza da perseverança e a rigidez da teimosia. No mesmo lugar não é possível permanecer o corpo que se produz, que reproduz e produz o espaço à sua volta. Se há algo que o Cosmos não cessa de nos fornecer é um certo quantum de energia excedentária. E sem dizer como, nos convoca a desperdiçá-la.

**IO3 |**

Argumentações de tese tendem a ser expressões de diferenças induzidas que, na melhor das hipóteses, nos enlouquecem por cerca de quatro anos. Mas há longos percursos de tese que regala, a cada itinerário, um possível devir. Insights únicos, ou melhor, um único insight pode valer uma fruição imensurável. E a travessia, dispondo de tempo suficiente para o amadurecimento, pode ainda cultivar a potência da vida que te muda. Vai... sem pestanejar, ora bolas. Vai, atravessa!

**IO4 |**

Uma tese pode produzir uma ilha, de montagem. Com a ciência da transcrição, imagens, palavras, cheiros conceitos e sentimentos, em cantos, acabam por compor um texto acadêmico. Uma prática espacial feito uma geobricolagem. textual, sonora e visual. Ivo C, se liga. (E ele assim conectou, solícito Ivo C) Há tantos modos de articular espaços internos e externos quanto são singulares os corpos e única a Terra.

# Canto V



1 |

Ivo C e o Coletivo já estão praticamente conversados. Há um caminho proposto para uma viagem interoceânica. Do Atlântico rumo ao Pacífico seguiriam, através da tríplice fronteira MAP.

Mas uma questão final inquieta o tradutor.

Como lidar com a partilha da tradução espacial?

Como lidar com as presenças e as ausências, dentro e fora do texto? Precisaremos convocar especialistas para o tratamento de pontos de vista?

Como tornar nossa esta via que amolece a dureza da rodovia?

2 |

A ligação entre mundos disjuntos passa e fica por diferentes espaços, enquanto estabelece um certo grau de reciprocidade. Sem abrir mão da lógica, via correspondência, Ivo C propõe ao Coletivo, que cada uma das palavras, das ideias, dos gestos, dos argumentos oriundos de um certo mundo, possa vir a transitar e ser acolhido por uma ou mais palavras, ideias, gestos e argumentos de um outro mundo.

3 |

Elvira C compreende, assim, que uma boa tradução decorre da correspondência sem equivalência. Diz respeito ao fracasso do saber que busca a expressão perfeita de harmonia.

4 |

O caráter espacial dos territórios, diferentemente produzido pelos corpos de cada sociedade, resulta das práticas coletivas e individuais, esse conjunto disjunto de experiências e de representações espaciais, humanamente discerníveis.

5 |

O Coletivo segue viagem. Ivo C online.

Estão em Puerto Maldonado, capital do departamento peruano de Madre de Dios, onde metade da paisagem é humana

e a outra também. Embora sob perspectivas variadas.

Estão ali de passagem, já que objetivam chegar ao Pacífico, desaceleradamente e o mais breve possível.

Entre um deslocamento e outro, não deixarão de fazer paragens, para escutar o que as pessoas dizem

sobre o que elas fazem

(ou fazem com elas), pela Interoceânica em construção

6 |

Acabam de atravessar o rio Madre de Dios,

enorme, caudaloso e ainda sem uma ponte fixa,

apenas barqueiros e balseiros, responsáveis pela passagem das pessoas e dos veículos, entre uma margem

e a outra.

Já do lado de lá do rio (para quem vem do Atlântico)

ou do lado de cá, caso passamos a ver com olhos do Pacífico,

o Coletivo encontra com um barqueiro,

que trabalha cumprindo a função da futura ponte,

em risco de desemprego.

7 |

Eric M (5' 06''):



Puerto Maldonado, Madre de Dios, Peru<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> Para visualizar o registro Eric M (5' 06''): <https://vimeo.com/261504675>

## 8 |

A conversa com Eric M não consegue durar muito.  
Ele está no intervalo do trabalho  
e o Coletivo, que enquanto viaja, filma, pesquisa e conversa  
também trabalha, precisa seguir viagem.  
Há muito trecho ainda pela frente até o Pacífico.  
Pegam um taxi em Puerto Maldonado,  
rumo a Masuko,  
onde precisarão fazer uma baldeação.  
Em Masuko pegam outro taxi até Cusco.

## 9 |

Para registrar esses deslocamentos, em áudio e vídeo,  
alguns ajustes são necessários: Jean M e Jandira R buscam,  
juntos, uma posição para o boom.  
César T, o motorista, viaja por aquela estrada há cerca  
de um ano e meio. Tentam acertar a conversa,  
algo extremamente difícil quando não se sabe  
com quem estamos conversando

## 10 |

Acertos: há sempre um outro lado possível  
até que as coisas dêem certo.  
A posição dos corpos ora complica, ora favorece  
o bom funcionamento  
das performances e dos agenciamentos.  
Onde estamos? De onde saímos? Para onde vamos?  
Estamos cruzando o Rio Inambari,  
responde Agapito Q, o passageiro do banco da frente.

## 11 |

E não saberemos mais que isto,  
já que o passageiro com quem Elvira C tenta conversar,  
coabitante do taxi e da pesquisa, não é natural da região.  
Ademais, há poucos estudos a respeito daqueles lugares,  
selváticos e em asfaltamento recente.  
Somente as pessoas que ali vivem conhecem as histórias  
de vida, daquelas geografias cotidianas.

## 12 |

Testes: muitas vezes é preciso mexer um pouco, no enquadramento da experiência, para narrarmos o que desejamos.

Agapito Q pergunta se esta é a primeira vez que passam por aquela estrada.

Ele já viaja por ali há mais de dez anos, confirmando que a mudança na paisagem foi deveras transformadora.

Antes era horrível: só terra, era devagar ninguém podia acelerar, não havia asfalto.

Hoje tudo está muito melhor, vejam só!

## 13 |

Duas das pontes mais famosas do Peru, vivem por aqui.

A Ponte Inambari e a Ponte de Loromayo.

Elas são as grandes articuladoras dos trechos que conectam a Amazônia aos Andes

e vice-versa. Passando pelos departamentos de Cusco e Puno.

## 14 |

Uma delas foi concluída em 1962.

A outra o Google pode dizer. Importante é o sentido de continuidade que uma ponte traz.

Nem que seja para o transporte de mercadorias, até Puerto Maldonado, sem transbordos.

Quincemil é uma aglomeração urbana aos pés dos Andes, já na transição para a Amazônia, onde a subida começa a ficar mais íngreme, através da Cordilheira de Vilcanota.

## 15 |

Mas registro sonoro e estrada de terra são duas coisas que não combinam.

E ainda há trechos sem asfalto por ali, feito antigamente.

O Coletivo está ali para acompanhar o asfaltamento das pistas.

E a ampliação da via. Traduz para o leitor uma bifurcação: pela via esquerda, vai-se a Puno,

pela via direita, vai-se a Cusco.

César T, o motorista, opta por seguir à direita

**16 |**

Eis a famosa Ponte Inambari.  
Ela demarca uma tríplice fronteira administrativa,  
as linhas limítrofes entre três departamentos peruanos:  
Madre de Dios, Puno e Cusco. É ponte nova, diz Agapito Q.  
Inaugurada recentemente, em 2008. Temos, aqui,  
uma bifurcação entre dois trechos da Carretera Interoceânica.  
Para um lado é o trecho dois, para o outro o trecho quatro.

**17 |**

“Cazador” é o que diz o adesivo, em itálicas letras  
garrafais, afixado no para-brisa do taxi-van de César T.  
Jean M não está convicto de que aquele veículo  
seja a expressão de um não-lugar, tal como propõe  
Marc Augé, um de seus colegas, também cientista francês,  
embora de humanas. Mas constata que naquele ambiente  
“Cazador”, há diálogos interregionais, internacionais  
e silêncios.

**18 |**

“Cazador” para no meio da pista para cumprimentar  
um de seus companheiros de ofício. O Coletivo se dá conta  
que há muitos taxis-vans indo e vindo, entre Masuko e Cusco.  
Aquele vem de Urcos, diz César T, cidade localizada em uma das  
extremidades do trecho quatro.  
E avisa que chegaremos em breve a San Lorenzo.  
Uma aglomeração amazônica, peruana e urbana  
onde ainda falta muito, mas não tanto, para a conclusão  
daquele trecho da Interoceânica.

**19 |**

As pessoas vêm de diferentes lugares, homens  
e mulheres para trabalhar em San Lorenzo.  
E o serviço de segurar  
a placa “pare” ou “siga”  
é um atividade realizada quase que exclusivamente  
por mulheres.

**20 |**

Demorar. O tempo da máquina impõe ao “Cazador” uma demora, um espaço que se estende para além do desejável. O acampamento da empresa construtora, ou melhor, o consórcio chamado CONIRSA não fica muito longe dali. Já estamos quase chegando, diz César T . Mas antes precisamos atravessar este asfalto fresco. Cerca de três mil pessoas vivem no acampamento.

**21 |**

E agora, onde estamos exatamente, pergunta Jean M. Na zona mais feia do trecho, responde César T . O que levam aqueles caminhões? Jean M pergunta. Um pouco de tudo, responde o motorista. Será preciso esperar até as cinco e meia da tarde, disse a funcionária da CONIRSA ao motorista. Não podem passar porque há máquinas na pista. E as máquinas são perigosas, pois estão trabalhando.

**22 |**

Distrair-se. O que mais há para se fazer? Não há qualquer chance de romper as regras impostas por máquinas controladas empresarialmente. E a recíproca também pode ser verdadeira. Jandira R propõe brincar de técnicas de filmagem, em parceria com Osmar X e Jean M. Juntos, decidem registrar quem compartilha com eles aquela paragem. Ali, conversam com Rene M, motorista de caminhão.

**23 |**

Pássaros competem com máquinas, em termos de decibéis. Jean M segue uma obsessão pela centralidade. Como se o ponto nodal dos corpos e dos espaços indicasse algo sobre irradiações marginais. Cultiva também um grande interesse pela extremidade das técnicas. Talvez por isto pergunte sempre onde começa e onde termina uma via, reunindo assim pontos de vista singulares de quem usa e vive a rodovia.

**24 |**

A estrada muda a vida das pessoas?  
Como esta via muda a sua vida?  
Acelerando os itinerários, os deslocamentos,  
as narrativas. Agora tudo passa mais rápido.  
Gostaria de dizer algo mais?  
Algo de importante? Você tem um espaço a mais,  
agora que já chegamos ao final, Rene M.  
Um espaçamento livre ao comentário.

**25 |**

Quem também se dispõe a conversar com o Coletivo  
é Sorayda I, funcionária do consórcio de construtoras  
que trabalha como tranqueira, porteira, segurando a placa  
de “pare” ou “siga”.  
Mas empolgado com as aberturas da conversa anterior,  
Luzia T quase força a barra.  
Quer saber de Sorayda I, como mudar a vida,  
como rasurar a paisagem, como transformar as relações  
tudo junto e rejunto, num só conjunto disjunto.

**26 |**

O caminho é aquele que cultiva a compreensão  
sobre as diferenças espaciais?  
Parece que Luzia T enlouqueceu.  
Fala com Sorayda I como se ela fosse Osmar X.

**27 |**

Felizmente Jandira R está por perto.  
Ela pede licença para conversar a sós com Sorayda I  
em termos menos incompreensíveis e mais  
femininos,  
diante da câmera de Jean M.

**28 |**

São cinco e meia da tarde e a via foi finalmente liberada  
como previsto.  
Alguns minutos depois, o “Cazador” está a atravessar  
Limonchayoc,  
onde está o acampamento dos trabalhadores  
que produzem  
o asfaltamento da estrada.

29 |

Mas, agora, quase já não há mais máquinas trabalhando.  
Enquanto as máquinas repousam,  
o Coletivo e Ivo C trabalham.  
Elvira C tenta novamente estabelecer conversa com César T,  
o motorista, e Agapito Q, o passageiro do banco da frente.  
Onde começa e onde termina esta estrada, pergunta.  
Sem sucesso. Nada fácil, quase impossível.

30 |

As pontes e as pontas,  
as extremidades e as centralidades,  
o núcleo nodal e a periferia do Planeta, do corpo, da travessia.  
Isto é o que o Coletivo deseja conhecer. Mas como?  
Não se força uma amizade.  
Melhor reinventar a performance da aproximação.  
Traduzir-se a si mesmo. E permitir que Ivo C traduza  
aquele espaço comum, em outro tempo, mais apropriado.

31 |

Mas Jean M não deixa de ser cientista facilmente.  
Mesmo ao lado de um metafilósofo e de uma artista.  
Ele insiste: fala de economia, fala em termos de infraestruturas, de  
desenvolvimento, de progresso e de rede urbana.  
Jean M pede exemplos. Tenta, obstinadamente, de qualquer  
maneira, ativar a memória daquela via interoceânica vivida.  
Acidentes? Velocidade? Onde fica o hospital mais perto?  
Eis uma pergunta pertinente para captar-se um espaço,  
tragicamente.

32 |

Jean M usa o zoom da câmera para fechar o enquadramento.  
A estrada nunca esteve tão em foco antes.  
Conflito interno. O que perguntar? Como?  
Não seria melhor manter o silêncio,  
por um momento? De onde vêm e para onde vão  
os sentidos de uma itinerância narrativa? Seria possível construí-la  
sem olhar nos olhos dos itinerantes narradores?  
Estamos lado a lado, mas eles no banco dianteiro  
e nós nos traseiros.

**33 |**

A noite cai sobre aquele deslocamento.  
E da estrada sobe uma fumaça, saindo de dentro.  
Uma vez derretido o concreto,  
mais um dia evapora-se, por inteiro.

**34 |**

Jean M evoca grandes produções agrícolas,  
caminhões e rotas de comércio internacional  
dilemas logísticos de exportação. Espreme a conversa  
para ver se dá caldo.  
César T diz que os únicos obstáculos são os controles alfandegários.  
A Floresta e a Cordilheira, assim como os vilarejos, não impedem  
nada.

**35 |**

Jandira R provoca Jean M, ao perguntar se  
àquelas imagens importaria o som. Ou melhor dizendo,  
se o som daquelas imagens é assunto importante  
ou não, algo que se resolve numa ilha  
de edição. Sons de agora  
hão de casar com imagens de outrora.

**36 |**

Parar para observar trabalhadores  
asfaltando uma rodovia: que sentido há nisso?  
Eles estão espalhando  
uma mistura de cimento sobre a terra, bem precisamente.  
Jean M finalmente coloca o foco em algo finito.  
Mesmo sem saber que o finito pode ser mais longe  
do que se chega a imaginar.  
Mais preciso do que uma câmera  
consegue focalizar, o desconhecido limiar do infinito,  
onde se encontra o Abismo (um igarapé).  
Estão longe, mas é para lá que caminham.

**37 |**

Mas algumas coisas não se antecipam.  
Afinal, um argumento de tese é algo que se constrói,  
mas se desvela apenas ao final.  
Agora, Ivo C e o Coletivo, dentro do “Cazador”,  
seguem em travessia, do Atlântico ao Pacífico,  
e respiram um ar meio andino, meio amazônico.

Ao tentar aproximar seu olhar do finito, ele granula-se.  
O finito é estriado ou deixa de ser liso quando dele  
nos aproximamos? Talvez, se mudássemos de lente,  
se tivéssemos uma ótica capaz de focalizar o finito,  
aquém do Abismo, veríamos a importância de outro ponto de vista.

**38 |**

Perspectiva singular: algo ali parece simular um video-game.  
Jean M conclui que o asfaltamento da Interoceânica  
não beneficia apenas as populações locais,  
diretamente envolvidas. Isto é bom também para o Cinema,  
especialmente para quem dá rumo à fotografia.  
Uma estrada de terra arrebenta com a nitidez de um plano  
sequência. Agapito Q segue calado. Talvez esteja a cochilar.  
Coabitam o plano sua silhueta, a nuca de César T e a rodovia.

**39 |**

Jandira R oferece a Osmar X e a Jean M uma pastilha,  
para evitar o soroche: o mal-estar causado pela altitude.  
Ainda estão distantes de Cusco, mas em breve chegam  
aos três mil metros acima do nível do mar. Tudo isto  
filmado e gravado. Chegam, finalmente, a Quincemil.  
Um carrinho de bebê é empurrado por uma mãe.  
Trabalhadores vestidos com uniforme alaranjado,  
de tarjas luminosas, quase parecem seres de outro planeta.

**40 |**

Sem os olhos de gato, aquela travessia seria incrivelmente  
sinistra, para não dizer mais perigosa.  
Luzia T quer saber se aqueles refletores estão instalados  
ao longo do trajeto inteiro, balizando até Cusco.  
É quando Jean M confessa a única certeza que tinha,  
em relação àquela via: que daria um jeito de atravessar  
a Selva e a Cordilheira, durante o dia,  
sob os auspícios da luz solar.

**41 |**

Jean M encanta-se com cada detalhe exterior à estrada.  
O relógio digital, com sua luminosidade verde fluorescente.  
O limpador de pára-brisa, com sua regularidade rítmica.  
O boné de Agapito Q e a distância variável que mantém  
em relação ao rosto de César T.  
A construção da ponte por outro ângulo.

Uma placa escrita R. Paz. Refletores sinistros.

**42 |**

Conversam sobre Fitzcarraldo.

Jean M está curioso para ouvir a opinião de César T e Agapito Q sobre aquele cidadão de nome estranho.

Uma pessoa antiga, dizem.

Há uma comunidade amazônica com este nome.

E não é um nome peruano. Em Puerto Maldonado, há também uma avenida, chamada Fitzcarraldo.

**43 |**

Mas logo o assunto desvia.

Entram em um túnel de plástico alaranjado que cobre a estrada.

Uma espécie de proteção contra a chuva fria e a favor do asfalto fresco.

A estrada com sua capa de chuva armável e desarmável.

Amável tecnologia de ponta, em termos de processos de asfaltamento.

**44 |**

“Cuidado. Ponte em mal-estado”, diz a placa.

Informação que faz Jean M duvidar do risco que estão a correr, por ali.

O que fazer diante de uma placa com tais dizeres, de uma ponte em tal estado? Seria possível não atravessá-la, em tais circunstâncias?

Enquanto atravessam lembram de Maria E.

E conversam sobre uma possível ligação perdida.

Elvira C checa o último número discado, checando se coincide com a última chamada recebida, de Maria E.

**45 |**

Jean M comenta com Osmar X, sobre outro trecho percorrido durante à noite.

Entre Porto Velho e Rio Branco.

Como se tivesse encontrado uma coincidência narrativa.

Há vozes que entram e saem, ao longo deste travessia

Um movimento de pessoas marcante e demarcado em quilômetros.

Isto precisa ser comunicado.

**46 |**

Jean M é uma pessoa que está sempre bem-humorado.  
Seu sorriso só cessa quando alguém lhe diz algo que  
ele não gosta.  
O mal humor de Jean M tem caráter extraordinário.  
Há uma sutileza no modo em que Jean M fica  
com fome ou mal-humorado

**47 |**

Outra placa diz: Perigo, zona de deslizamentos de terra.  
Dessa vez Jean M não dá a mínima. Está encantado  
com o visor de sua câmera. De que serve a realidade  
se possuímos o Cinema, Jandira R anota.  
É bem louco  
e lindo, ao mesmo tempo.

**48 |**

Luzia T ouviu dizer que  
de Curitiba vem  
o maior número de grandes poetas do Brasil.  
Tem o Leminski e o Madeira. Este que escreveu o poema  
“A Balada Da Cruz Machado”.

**49 |**

Imagens de um rio.  
Um paredão de rocha explodido.  
Jean M percebe, mesmo com pouca luz, o que fizeram ali.  
Cortaram e detonaram a montanha para abrir a estrada.  
Um obstáculo rompido, literalmente.  
Estão próximos  
ao vilarejo de Marcapata.

**50 |**

Logo em seguida avistam um enorme  
acampamento de trabalhadores da CONIRSA.  
Uma aglomeração que mais parece uma cidade.  
Impressionante.  
As casas são feitas de lona plástica.  
Elvira C envia uma mensagem a Ivo C:  
estamos num lugar de paisagem surreal.

51 |

Acampamento (3' 07''):



Carretera Interoceânica, Cusco, Peru<sup>74</sup>

52 |

Jean M lembra-se da conversa com Tirsa.  
E ali resgata uma lembrança específica.  
Ela não se lembrou do nome daquele lugarejo,  
situado às margens do rio Madre de Dios,  
do lado oposto a Puerto Maldonado.  
Jean M lembra este nome, agora: “El Triunfo”!

53 |

Um estranhamento pode ser o caminho de uma  
compreensão.  
Os habitantes de uma margem, sem ponte,  
pouco ou nada sabem  
do mundo vivido na margem oposta,  
mas compartilham da mesma água.

54 |

Tal como Jandira R, Osmar X tampouco faz negligência  
à multiplicidade de sentidos da ponte.  
Faz questão de buscar um texto, em seu Kindle®,  
onde se encontra uma frase memorável,  
do historiador francês Jean Pierre Vernant:  
“Entre as margens do mesmo e do outro,  
o Homem é uma ponte.”<sup>75</sup>  
Não seria esta a alma habitável pelo corpo de um tradutor?

---

<sup>74</sup> Para visualizar o registro Acampamento (3' 07''): <https://vimeo.com/279926114>

<sup>75</sup> VERNANT, J.P., *A travessia das fronteiras: entre mito e política II*, São Paulo: EdUSP, 2009, p.198

55 |

Estamos chegando ao ponto alto desta travessia.  
Já passamos dos três mil quinhentos e trinta e três metros,  
acima do nível oceânico, quando cruzamos o distrito de Ocongate.  
A esta altura, o silêncio toma conta  
do espaço produzido através do “Cazador”.

56 |

Mas é como se o silêncio ficasse alto demais,  
a ponto de comprometer a concentração do motorista.  
O motorista não pode dormir no trabalho,  
tal como Jean M, precisa permanecer acordado.  
É quando Agapito Q pede a César T  
para que ligue o rádio.

57 |

César T tem um pen-drive  
com harmonias compactadas  
em formato mp3.  
“Me libera” é a primeira música a ser tocada.  
Ritmo e melodia compostos por DJ Juninho Portugal.

58 |

Assim, Jean M e suas parcerias estão  
a atravessar,  
a quatro mil setecentos e vinte e cinco metros de altura,  
a magnânima montanha de  
Abra Pirhuayani,  
definidora de um divisor de águas, entre o Atlântico e o Pacífico,  
escutando Djavu, a banda.  
Um ponto alto não acontece em relação ao nível do mar apenas.

59 |

O “Cazador” está começando a subida mais íngreme,  
quando a segunda faixa de mp3 começa a tocar.  
Como se a música de Djavu viesse para dar um impulso  
à escalada final da Cordilheira. “Gatinho bonitinho”  
é o nome da segunda música. “Lábios divididos”  
é a terceira. “Se não valorizar” a quarta.  
“Meteoro” a quinta. E a sexta “Não desliga o telefone”.

60 |

Banda Djavu (2' 03"):<sup>76</sup>



Abra Pirhuayani, Cusco, Peru

61 |

Jean M lembra de Damião M e sua história de amor.

Lembra-se que Tirsa e Jimena Q também falaram de Djavu como uma banda predileta. A esta altura já estão a escutar a sétima faixa: "Soca soca".

Ivo C cai na gargalhada. É show.

Entre a sutileza e o pancadão.

Sexo, amor, erotismo.

62 |

Quando entra a oitava música: "Amado":

"É	tanta	graça,	lá	fora	passa
o	tempo		sem		você,
mas	pode		sim		ser
sim,	amado,	e	tudo		acontecer.
Quero	dançar		com		você,
dançar,		com			você.
Quero	dançar,		com		você,
dançar com você."					

63 |

Estão a mais de quinze mil pés em relação ao mar.

E cruzam Abra Pirhuayani, um cume dos Andes.

E não é o cúmulo: escutam Djavu. Neste cume fica

Ausangate, a montanha mais alta de Cusco, o Sinakara,

onde se celebra o festival de Qoyllor Riti. Ali se encontra

uma série de templos de grande importância e riqueza barroca.

Há neve lá fora, mas não é possível distinguir quase nada.

Exceto o reflexo do farol, tudo mais é uma completa escuridão.

---

<sup>76</sup> Para visualizar o registro Banda Djavu (2' 03"): <https://vimeo.com/279931270>

64 |

Luzia T conversa com Jandira R, sobre o ponto mais alto em que cada um já esteve. Ou o mais perto de Deus, como dizem. Ela lembra-se que já esteve no Mont Ventoux, nos Alpes franceses, mas não se lembra da altitude. Osmar X checa em seu Kindle®: 1912 metros acima do mar. Quando entra a nona faixa: “Toma toma”. “Agora vem dançar, dançar, dançar, mexer, mexer, mexer, nessa batida sem parar.”

65 |

Combustible (1' 34''):77



Abra Pirhuayani, Cusco, Peru

66 |

Já estão do lado de lá do divisor de águas. Coincidentemente, a música também mudou. Agora escutam músicas peruanas: Grupo 5, “Mi amor mi amante”. Com este disco seguem até o final daquele itinerário. Já são quase onze da noite, quando chegam em Cusco. Segue tocando "Grupo 5". Jean M recebe uma mensagem de Marie E, pelo celular. Ela está em casa, tomando vinho. Envia beijos a todos. Está em casa, tomando um vinho.

67 |

A descida dos Andes rumo à cidade de Cusco possui um elevador com sonorização e ao som do Grupo 5 o Coletivo é embalado a dormir. Ivo C também já está off-line. Acordarão, no ritmo de cada um, por volta das onze.

---

<sup>77</sup> Para visualizar o registro Combustible (1' 34''): <https://vimeo.com/279923366>

68 |

Grupo 5 (1' 30''):<sup>78</sup>



Abra Pirhuayani, Cusco, Peru

69 |

Jandira R sonha com um cobertor quentinho,  
um banho quentinho, uma sopa de legumes  
e outras comidinhas.

Que espaço crítico estão vivendo.

Melhor não cutucar muito.

Algumas coisas são feitas para serem ditas.

Outras não. Cada uma delas

em seu momento oportuno,

em lugar apropriado.

70 |

Agapito Q já desceu do carro, mas Jean M nem o viu,  
pois estava completamente adormecido.

César T estaciona em um local desconhecido e diz,  
ponto final. Mas como assim, pergunta Jean M.

Como se define o ponto final de uma travessia?

Paramos por aqui? Até onde podemos ir?

Seria isto negociável?

Entre quem, pergunta-se Jean M.

71 |

Mas onze da noite não é hora adequada  
para reflexões epistemológicas.

Jean M desliga a câmera para tentar negociar  
com o motorista. Afinal, precisam chegar até o hotel,  
no centro de Cusco. Amanhã de manhã partem,  
de avião, rumo ao Pacífico.

---

<sup>78</sup> Para visualizar o registro Grupo 5 (1' 30''): <https://vimeo.com/279923366>

72 |

Há dias sem colocar os pés no chão, praticamente.  
Não que o Coletivo tenha estado de pernas para o ar,  
nos últimos dias. Apenas andou pisando  
em outros chãos. Há dias andam sobre a interface  
dos pisos automóveis, da Amazônia aos Andes.  
E agora pelo suporte da aeronave que os leva  
dos Andes ao Pacífico. Decidiram chegar ao litoral de avião.

73 |

Agora, diante de outro oceano, Jean M deseja andar  
descalço, com os pés na areia.  
E pensar um pouco, mas de outra maneira.  
Com o tablete de Osmar X nas mãos,  
Jandira R lê para Jean M o trecho abaixo de “*La vie em close*”,  
de Paulo Leminski (1991). Ao escutar este poema,  
o cientista pega sua câmera e, sem gravador de áudio,  
sai para caminhar pelo litoral do Pacífico.  
Enquanto caminha, encaminha suas ideias.  
Buscava uma praia, uma porta. Encontrou um oceano  
de natureza contida, temperamental. Estava de ressaca.

74 |

"O papel é curto.  
Viver é comprido.  
Oculto ou ambíguo,  
Tudo o que digo  
tem ultrasentido  
Se rio de mim,  
me levam a sério.  
Ironia estéril?  
Vai nesse ínterim,  
meu inframistério."

75 |

"Andar e pensar um pouco,  
que só sei pensar andando.  
Três passos, e minhas pernas  
já estão pensando.  
Aonde vão dar estes passos?  
Acima, abaixo?  
Além? Ou acaso  
se desfazem ao mínimo vento  
sem deixar nenhum traço?"<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> LEMINSKI. "Suprassumos da quintessência", *Toda poesia*, p.262.

76 |

Porto vira porta (2' 01''):<sup>80</sup>



Litoral, Pacífico, Peru

77 |

Vivo pensando.

Vivo, pensando.

Vivo. Pensando.

Viver um pensamento. Pensar uma vivência.

Um gesto assim, outro assado.

78 |

A faculdade de conceber transforma uma experiência?

Haveria uma possível relação ontológica

entre uma representação e o que se apresenta?

O que poderia habitar este interstício?

A condição de aparecer transforma um conceito?

Como enfatizar o espaçamento existente entre

uma imagem espacial e seu acontecimento correspondente?

Como discernir esse intervalo a não ser como o próprio discernimento?

79 |

Jean M veio de longe, até o Pacífico,

vivendo pensamentos. A partir do Pacífico,

passa a caminhar pensando vivências.

As práticas dos espaços diferenciais

dão a perceber essas relações?

Dialógica e contraditória espacialidade

das relações humanas. Ao mesmo tempo

cósmicas e mundanas.

---

<sup>80</sup> Para visualizar o registro Porto vira porta (2' 01''): <https://vimeo.com/240249650>

## 80 |

A necessidade de tornar mais feminina  
a espacialidade de um porto.

Uma porta feito o corpo espacial  
de um organismo vivo. Espacialidade  
cujos processos podem ser compreendidos,  
como entrelaçamentos de melodias,  
harmonias e ritmos.

## 81 |

Los mares locos (3' 09'').<sup>81</sup>



Litoral, Pacífico, Peru

## 82 |

Desencanto desconfortável sentiu Jean M, diante do Pacífico,  
e tal não podia suportar. Viera de um litoral  
continentalmente oposto, mas cujos objetos e ações muito pouco  
diferiam. Viera pois de um oceano que tende ao homogêneo (mas  
não o efetua): o Atlântico.

Partira do Museu do Amanhã,  
no centro do Rio de Janeiro: ironia, e depois da passagem sem  
paragem pela tríplice fronteira “MAP”, cruzara Abra Pirhuayani,  
um divisor de águas apto a ampliar os sentidos do que se diz ser “o  
ponto alto” de uma travessia.

## 83 |

No Pacífico não puderam permanecer.

Do Pacífico zarparam cedo todos os integrantes do Coletivo,  
com a nítida sensação de que ali não encontrariam  
a inteligência e a sensibilidade que buscavam.

Longe dali se encontra a verdade do espaço prometida por  
Jean M? Ivo C ficou sem compreender, mas a última fronteira  
continuava sendo uma questão.

---

<sup>81</sup> Para visualizar o registro Los mares locos (3' 09''): <https://vimeo.com/261218450>

**84 |**

Decidiram retornar ao Atlântico.  
Repetindo a travessia como um caminho inverso  
do Pacífico à Cordilheira dos Andes  
e dos Andes à Selva Amazônica.  
Mas de modo diferente, pela outra via,  
passando por Puno e por  
Abra Oquepuño:  
um outro divisor de águas interoceânico.

**85 |**

O ar em movimento vem de fora.  
Basta passar pela janela  
e vira vento. Se conseguisse  
entrar em silêncio,  
compatibilidade logo encontraria  
com as narrativas em deslocamento.  
Mas a sensibilidade microfônica  
gentilmente convoca  
outro ar, mais condicionado  
e de ruído aprazível.

**86 |**

E o que Ivo C sabe do oceano?  
A imensidão da profundidade desliza  
no contato da superfície. O mundo que habita o horizonte  
dos oceanos compreende o infinito.  
Nem o guindaste, nem o submarino mais potente  
alcançam saberes sentidos.  
Aconselho-te, Ivo C, pôr os pés na terra e caminhar,  
pelo caminho do meio.

**87 |**

Enquanto o cheiro da estrada se transformava,  
em energia, espaço e tempo vividos;  
enquanto transitavam da Amazônia aos Andes,  
conversando em tons que potencializam aleatoriedades,  
caminhavam Jean M, Luzia T, Osmar X, Jandira R, Ivo C,  
ainda sem saber, rumo a que devir outro caminhavam.  
Entre outras coisas, mencionavam abismos,  
pontes, meandros e portas.

## 88 |

Estavam prontos: regressariam à tríplice fronteira.  
As nuvens cobriam o céu até a linha do horizonte  
ou seja, inteiramente. Os raros raios de sol  
marcavam presença, brechas.  
Enquanto o Pacífico fica para trás,  
o Coletivo seguia adiante, olhando para aqui, agora.  
Eterno retorno: o que buscavam,  
a suposta verdade do espaço, estaria a muito tempo dali.

## 89 |

Como usar o tempo que separa um Pacífico de uma fronteira?  
Repetir a travessia dos Andes e da Amazônia, no sentido inverso,  
seria repetição ou diferença? Nada além de se perder por  
um obstáculo geológico, enquanto se ganha o que é terrestre e  
ilógico. Para quem isto aqui é puro deleite?  
Talvez para Jean M, que aprendera com seu amigo Bloom que:

pedras não compreensíveis só se tornam obstáculo  
para quem, em vez de viver, quiser investigar.  
Uma pedra incompreensível, se adormeceres tranquilo,  
ao lado dela, e se ao lado dela tiveres pesadelos,  
fica 100% humana; de carne e osso, quase.<sup>82</sup>

## 90 |

E foi o que de fato aconteceu. Jean M sonhou,  
justo enquanto percorria a outra cumeeira dos Andes,  
Abra Oquepuño, o grande divisor de águas  
entre o Atlântico e o Pacífico, cujo vértice define  
uma espécie de triângulo escaleno de área incalculável,  
pois a altura é de 4873 metros acima do nível dos oceanos,  
mas a base é subterrânea e imaginária.

---

<sup>82</sup> TAVARES, *Uma Viagem à Índia*, 2010, p.280.

# Canto VI



1 |

Decepção insuportável havia sentido o Coletivo diante do Pacífico, a ponto de não conseguir disfarçar. Vieram de um deslocamento onde metade do tempo estavam dentro de um veículo e a outra metade conversando com as pessoas.

Partiram do Atlântico, do Museu do Amanhã, e depois de cruzar a Floresta Amazônica e a Cordilheira dos Andes chegaram a um porto, onde o ritmo incessante dos containers pareceu um afronto violento aos mil nomes de Gaia.

2 |

Sonhar com um corpo coletivo significou um discernimento para Ivo C: por mais distintos que sejam, os oceanos acabam por se misturar, mas nunca de maneira homogênea. Seria um equívoco a intenção de guardar uma diferença de altitude praticamente nula?

A superfície seria a boa referência topográfica aos acidentes e regularidades da Terra? Eis uma pergunta cultural, que pode vir a ser sobrenatural, caso venho a assimilar a sonoridade gutural das marés.

3 |

O retorno via Abra Oquepuño significava a opção por outra via. Pelo famoso trecho quatro, que ao invés de cruzar os Andes via Cusco, cruzaria via Puno.

O avião os deixou em Puno logo cedo.

Uma certa comitiva oficial, de dois tripulantes mais um, os esperava. Minttzi B, a assessora de comunicação da empresa Intersur Concesiones S.A., Ruben Z, o chofer, e Henry L, um colega com quem Osmar X logo simpatizou.

4 |

Com os dois primeiros, o Coletivo encontrou em Puno.

Em Juliaca entrou o terceiro.

Juntos, iriam atravessar o altiplano andino e a cordilheira, até a selva. Um itinerário cujas narrativas assumem tons tecnocráticos, condensando ecos de uma parceria público privada. Sob a escuta de um tradutor e o olhar de um cientista, embora de Humanas. Mas a voz que se encontra por trás da câmera, já não esconde mais suas contradições.

Um conflito interno, habita a imagem e o som deste itinerário, desde os minutos iniciais.

**5 |**

O absolutismo dos espaços verdadeiros contrasta com a verdade das percepções singulares. Ao invés de dar atenção às notícias de Puno transmitidas, ao vivo, via rádio, Jean M trata de explicar, mais uma vez, o objetivo e o método que lhes trazem até ali. E que tentam lhes levar de volta ao Atlântico. Cultivar a compreensão de percepções relativas às transformações espaciais. Por onde a geografia da estrada passa, passam as histórias de pessoas distintas. Jean M afirma não estar buscando nada de absoluto.

**6 |**

Tampouco quer julgar algo correto ou incorreto. De Ruben Z, como dos demais colaboradores, almeja somente percepções. Outro modo de denominar uma prática espacial, diria Osmar X. Algo que passa, sem dúvidas, pela gestualidade dos pés e das mãos, que regem e conduzem, mas que não desconsidera a alma do espaço que mantém indissociáveis corpo e espírito. Mas não seria demasiado científico tentar fazer funcionar uma prática de pesquisa como intervalo, entre uma imagem e uma experiência, às seis da manhã de uma terça-feira andina?

**7 |**

O rádio e o volume dos sons. A prioridade dos registros e a voz. Onde estamos? Quem comanda? A altura dos decibéis e das ideias que transitam via ondas do rádio, eis algo que afeta Jean M. Pois afeta o seu dispositivo. Como se quisesse, por um instante, aquelas gargalhadas dadas a 4725 metros, no ápice desta travessia, ao som de Djavu.

**8 |**

Como diria uma artista plástica contemporânea, em seu Instagram, para além do funcionamento pleno o fracasso é também um modo de ir. Como começar, cultivar e manter uma conversa com alguém desconhecido?

O cientista não se demora para alcançar um objetivo.  
O artista apura-se lentamente. Ambos nunca estão, mas deveriam  
estar sempre prontos? Enquanto pensa em prováveis relações entre  
as cidades do planalto peruano, Jean M vive a angústia de um  
mundo prenhe de possibilidades que se abre, ali,  
naquele momento, entre os coabitantes daquela viatura.

## 9 |

Parece perdido. Mas tanta coisa é possível dizer.  
Quase sem querer, Jean M pede para Ruben Z  
uma explicação. Quase inevitavelmente aquela pergunta  
geográfica se repete: onde estamos? Relaxe, Jean M,  
sugere Jandira R. A arte de aprender a conversar é deliciosa  
quando funciona. Quem sabe um silêncio pelo altiplano  
pode ter algo a dizer? Conversar ao mesmo tempo consigo  
e com o outro. Com os outros que habitam em si,  
o sol lá em mi, ora menor, ora sustentado.

## 10 |

Hoje ainda alcançaremos quase cinco mil metros,  
em relação ao nível dos oceanos.  
“Canta! Não fales mais! Não foram as palavras,  
porventura, feitas para os seres pesados. Não mentem  
todas as palavras ao que é leve. Canta! Não fales mais.”<sup>83</sup>  
O eterno retorno como uma nova postura é necessária.  
Como expandir a oposição à frieza dos métodos científicos?  
Seria possível encarnar, aqui, a celebração máxima da vida?

## 11 |

Que bom ter Jandira R por perto.  
Ela me ajuda a afirmar a nossa potência criativa.  
Ivo C enviara, por mensagem, e Elvira C lera, em silêncio.  
A multiplicidade singular de sua existência, Ivo C,  
deveria lhe permitir ir além de uma verdade ordenadora  
do mundo, ela responderia, caso o 3G estivesse a funcionar.  
O mundo que o Coletivo vive é ao mesmo tempo  
repleto de algoritmos e espacialmente incalculável.

---

<sup>83</sup> NIETZSCHE. *Assim falou Zaratustra*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.220.

## 12 |

Continuemos a seguir os passos do Coletivo, através de Ivo C a figura central desta epopeia. Vejamos como as diferentes experiências que vivem apontam diferentes perspectivas de tradução. Com essas vivências interoceânicas, entre o Atlântico e o Pacífico, Ivo C virá a se tornar um tradutor do espaço das fronteiras? Árdua prática diferencial. Enrole-se em mais uma corda. Ria de si mesmo, Ivo C.

## 13 |

A criatividade e a criação deslocam, para longe, a produtividade e a produção. O riso afirmatório da existência. O valor de uma risada seria comparável àqueles valores ditos superiores, oriundos da razão, da metafísica, do capitalismo e da moral cristã? O eterno retorno: uma postura criativa e afirmadora dos espaços vividos. Ora, mas se as palavras passam a ser vistas como categorias conceituais, o melhor não seria rir delas também?

## 14 |

Mas Jean M, como um bom cientista moderno, conhece o rigor de seu método e desconhece sua melhor capacidade. Mas sua alma segue atenta e, por isso vive. Deseja reconquistar, pois já a teve em mãos, sua potência criativa. Que sentidos dar ao mundo circundante, ele pergunta? Jandira R responde: valores leves, saberes alegres, Marildes, Joanas e Marielles. Comigo, estão presentes por aqui.

## 15 |

“Quanta coisa ainda é possível!  
Então aprendei a rir de vós mesmos!  
Erguei vossos corações, ó bons dançarinos! mais alto!  
E não esqueçais o bom riso tampouco!  
Esta coroa do homem que ri, esta coroa de rosas:  
a vós, irmãos, arremesso esta coroa!”<sup>84</sup>,  
Assim falou Zaratustra, no vigésimo parágrafo,  
“Do homem superior”. O que lhe resta, Ivo C,  
além de rir de sua condição infinita.  
Celebrar também é um verbo científico.

---

<sup>84</sup> NIETZSCHE. *Assim falou Zaratustra*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.281

## 16 |

No lugar da rigidez da forma conceitual,  
quem traduz uma epopeia exercita a liberdade da expressão  
poética. A via artística, ao atravessar  
meandros de rios científicos e filosóficos,  
viabiliza modos de comunicar a diferença.  
Um outro modo de lidar com o conhecimento.  
Outro jeito de olhar para o saber. Cada imagem e cada som  
registrado pelo Coletivo condensa um mundo de possibilidades.

## 17 |

Que possibilidades enfatizar? Por onde passa a arte de viver  
os espaços técnicos, científicos e informacionais?  
Viva o mundo, aqui e agora! O corpo e seus afetos.  
A existência terrena. Ivo C, meu caro, tu não deves nada  
a ninguém. Ivo C diga a Jean M que seu método e sua justificativa  
dão conta de uma argumentação de tese. Relembre-o do que disse  
Jandira R: o riso relaxa o fim do dia. Que bom tê-la por perto, Ivo C  
diz, quem sabe um dia, Jean M dirá: “sou rio de volta”.

## 18 |

Por outra via o Coletivo volta do Pacífico,  
e de pele mudada, mais suscetível ao riso,  
com um faro apurado à alegria. Em seu horizonte  
descortina-se o infinito. A criação artística torna-se  
parte integrante do pensamento coletivo sobre a integração.  
O júbilo da criatividade requer elaboração  
de outros valores, de novas metas. Livre para rir.  
Habitar um novo horizonte, miríade infinita de possibilidades.

## 19 |

Uma risonha ciência. Ivo C é impelido a confeccionar  
outras interpretações, dando novos significados àquela via  
em plena travessia, e envia: alegria atrelada à sabedoria.  
A pluralidade inerente à singularidade dos mundos. Algo já dito,  
aqui, mas com outras palavras, Gilles Deleuze também diz :

um passo para a vida, um passo para o pensamento.  
Os modos de vida inspiram maneiras de pensar,  
os modos de pensar criam maneiras de viver.  
A vida ativa o pensamento e o pensamento,  
por seu lado, afirma a vida.<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> DELEUZE. *Nietzsche*, Lisboa: 1965, p.18.

20 |

Zombador e feliz, Ivo C retorna ao Atlântico.  
Celebrando um ser infinito. Embora ainda ignore  
o Abismo que lhe apontará a máxima diferença,  
a última fronteira. O dia amanhece às seis e seis da manhã,  
naquela cidade do planalto andino. E terá onze horas  
e onze minutos de comprimento de luz.

21 |

Ivo C quer aprender a rir, mas não tem pressa.  
Luz ia ter, mas *cameração* deixou de ser dita.  
Tudo já parece estar dito e ativo está o dispositivo.  
Hora de investigar, elencar perguntas, escavar informação.  
Vamos, diz Jean M aos demais, já está rodando,  
não percamos tempo, Ivo C requer som e imagem  
para traduzir.

22 |

Ruben Z (3' 04'"): 

Juliaca, Puno, Peru.<sup>86</sup>

23 |

Trágica é a vontade de não dizer nada mais,  
havendo ainda tantos percursos a percorrer.  
Naquela manhã fria,  
às margens do Lago Titicaca,  
acomete Ivo C, o nosso tradutor,  
um silêncio voraz.  
Quase murmura que não há verdade  
pacífica,  
nem absoluta.  
Tampouco oceano regrado.

---

<sup>86</sup> Para acessar o registro Ruben Z (3' 04''): <https://vimeo.com/266941214>

24 |

Sim e não: eis o real  
angustiante,  
já que as possibilidades deste mundo  
são infinitas.  
Onde se encontra a porta para a sossegada  
jovialidade?  
Como desviar a via da seriedade  
e cruzar a ponte da rigidez?

25 |

No corpo espacial se encontra a arte afirmadora da vida.  
Somente da arte em conviver pode decorrer o deleite.  
Jean M pede para parar num bar. Compra uma garrafa de Dionysos,  
uma bebida local. Osmar X também dá um trago. Luzia T observa,  
Jandira R sorri, mas se abstém. Elvira C hesita, cheira e depois bebe.  
Lentamente, o Coletivo começa a enxergar a espacialidade da via,  
de outra maneira, fazendo circular sua câmera, para que cada um  
possa interpretá-la com suas próprias lentes.  
A leveza da livre interpretação tomando o lugar do verdadeiro  
espaço, normalmente pesado.

26 |

Quando a leveza passa a reger o Coletivo em ação,  
passamos a perceber a potência ficcional do cotidiano.  
A espacialidade da via e o teatro da vida se ligam.  
Jean M bebe para reaprender a rir e não para fugir  
da tragédia daquela travessia. Não se trata de negar a vida  
trágica daquele espaço. Quer apenas lidar melhor  
com o que há de mais ínfimo, por ali. O maior dos limites inferiores  
de um conjunto menos disjunto. O mínimo  
em matéria de máximo.

27 |

O retrovisor de Ruben Z parece celebrar  
a vontade de potência  
e o absurdo de Progresso. A prática espacial como obra arte?  
O asfaltamento realiza o sonho de ir mais rápido.  
Cumpre a promessa de velocidade. Estradas assim  
carregam em si um poder de encantamento.  
No coração da América, vias interoceânicas atualizam  
o projeto de modernidade gestado na cabeça da Europa.

28 |

Ruben Z (3' 07''):



Progreso, Puno, Peru.<sup>87</sup>

29 |

E o asfalto melhora também a conexão entre as chamadas “Rondas Campesinas”, estas reuniões de moradores locais que se propõem a pensar outro modo de produzir o espaço. Afinal, cada um pode querer interferir nos rumos da urbanização capitalista em curso, em qualquer lugar do Planeta, inclusive ali, entre os Andes e a Amazônia.

30 |

Filmar sem som. Excluir e incluir falas estrangeiras em cenas autóctones. O agenciamento do Coletivo abarca as mais vastas potencialidades da transcrição. Neste momento, as possibilidades expandem-se. Por essa via, quase tudo pode ser dito. Depende da criatividade da leveza de um saber alegre: discernir diferente a experiência do pensamento e vice-versa, minimamente múltiplo e nada mais.

31 |

Como esse Coletivo se formou?  
Temos aqui uma boa pergunta, imaginada por muitos leitores, mas agora concretamente formalizada por Minttzi B. Ivo C, que neste percurso aqui já não mais canta, responderia de outro modo, mas é Elvira C quem dá a resposta. Confessa ter encontrado em cada um motivo especial para levar adiante um exercício de tradução espacial. Osmar X traria conceitos, Jean M um tripé e objetivas acopláveis Jandira R um caderninho de anotações e Luzia T a vontade de aprender.

---

<sup>87</sup> Para acessar o registro Ruben Z (3' 07''): <https://vimeo.com/279973442>

Embora sejamos diferentes, orquestramos gestos repetidos.  
Osmar X pensa, Jandira R escuta, Luzia T sonha, Jean M filma,  
Ivo C traduz o possível.

**32 |**

A espacialidade produzida da via como pano de fundo  
de uma travessia perquirida. A fronteira como pretexto.  
O cotidiano como presságio. A gente como contexto.  
A teoria e a prática espacial interoceânica. Catada a dedo,  
cantada por muitos e reencantada por Ivo C. Algo imprudente,  
para não dizer impertinente. Uma epopeia como argumento,  
um caminho como um contra-modelo, uma nova forma de fazer  
pesquisa de ponta.

**33 |**

A intenção de transformar a escrita da Terra  
em uma prática de tradução áudio-vídeo-geográfica.  
A possibilidade de argumentar cantando, imagens e sons.  
A necessidade de verificar a capacidade inovadora  
de uma prática de pesquisa acadêmica.  
A vontade de mudar a vida. Tudo isto não seria possível  
sem uma real apropriação do espaço, do cotidiano, do Planeta,  
da palavra. Elvira C solta a voz.

**34 |**

O trecho quatro da Interoceânica interessa ao Coletivo,  
especialmente, por ser um trecho em obra.  
O cientista não busca solucionar um problema,  
mas problematizar uma solução.  
Ou seja: o que podemos aprender com uma via,  
no calor de sua construção? Uma via em construção expressa  
uma espacialidade onde as coisas estão sendo feitas.  
O gerúndio como eterno retorno.

**35 |**

Pensar-se algo enquanto está sendo feito  
é algo para se fazer enquanto está sendo pensado.  
O ato do pensamento não se separa, aqui, do gesto da construção.  
Ambos são habitados poeticamente.  
A poesia como proposição  
prática  
de um contra-modelo tecnocrático.

Ao habitar  
uma via em construção, o Coletivo constrói  
uma via de percepção.  
Quem doravante dentre nós não coabita  
a produção do espaço social desta viagem interoceânica,  
pergunta Osmar X?

**36 |**  
Espaçamento ao livre comentário:

**37 |**  
Em boa parte do trecho quatro, praticamente não há  
presença  
do Estado. Quase não há polícia, diz Minttzi B.  
Mas há "Rondas Campesinas", que são  
organizações cidadãs  
feitas para resguardarem a ordem.  
Camponeses arraigados  
cujas vestimentas são feitas de lã de alpaca.  
Uma forma de viver e uma estrutura de pensar  
bem diferente das ocidentais. Inclusive, em Macusani,  
há pinturas rupestres, tal como no Piauí, na Bolívia,  
em Minas Gerais.

**38 |**  
Ruben Z volta a falar da importância de Juliaca.<sup>88</sup>  
Depois de Lima, vem Juliaca em termos de vestimentas  
e confecções. Tecidos. Juliaca é um entroncamento de vias.  
As que vem do norte, de Cusco, as que vem do sul, de Arequipa,  
as que vem do litoral, de Matarani, as que vem da Amazônia,  
de Puerto Maldonado. Vários eixos se conectam em Juliaca.  
Na virada do século vinte um, Juliaca estreita relações com  
seu eixo amazônico. Graças à Ponte Otorongo.  
Em uma ponte começa e termina uma estrada.

---

<sup>88</sup> Ao leitor que tiver o interesse de acompanhar a saída do Coletivo de Juliaca, segue o registro:  
<https://vimeo.com/266941029> (6'32")

39 |

Sobre essas ideias e em matéria de pontes,  
diz Osmar X a Jean M, impossível  
não se recordar do que diz Georg Simmel:

De certo modo, a construção de estradas é uma prestação especificamente humana; o animal também não deixa de superar distâncias, e sempre do modo mais hábil e mais complexo, mas ele não faz a ligação entre o começo e o fim do percurso, ele não opera o milagre do caminho: a saber, coagular o movimento por uma estrutura sólida, que parta dele. É com a construção da ponte que esta prestação atinge seu ponto máximo.<sup>89</sup>

40 |

Antes do asfaltamento da estrada, havia uma linha ferroviária entre Juliaca e Cusco, passando por Machu Picchu. Mas agora, com a estrada, este trajeto se cumpre em menos de seis horas. E a gente pode sair a qualquer hora. Não apenas no horário do trem, diz Ruben Z. Eis uma mudança em termos de ritmo, pensa Osmar X. Os trens de passageiros não são mais utilizados. A não ser por turistas, ocasionalmente.

41 |

Jean M e suas parcerias estão de volta à Interoceânica. Mas via trecho quatro. Não passarão mais por Cusco, nem cruzarão o divisor de águas anterior. A meta agora é chegar ao Atlântico novamente, mas via Abra Oquepuño, outra cumeeira dos Andes, desta vez mais próximo da cidade de Matarani. Jean M pergunta novamente o nome do terceiro integrante da outra equipe, Henry L, que entrou em Juliaca.

42 |

Conversando com Henry L, Jean M se dá conta de onde estão: na passagem entre os trechos quatro e cinco da Interoceânica. Um trecho com quase novecentos quilômetros que conecta as regiões de Arequipa, Moquegua e Puno, entre si e também com os limites de Brasil e Bolívia. Entre Matarani e Juliaca são trezentos e setenta quilômetros. Entre Ilo e Juliaca são trezentos e oitenta e três quilômetros.

---

<sup>89</sup> SIMMEL. Georg. "A Ponte e a Porta", *Revista Política & Trabalho*, João Pessoa. Volume 12. Set/1996, p.10-14. Disponível em: <http://www.oocities.org/collegepark/library/8429/12-simmel-1.html> Acesso em: 25.11.2017.

Entre Juliaca e Azángaro são setenta e cinco.

**43 |**

Distâncias quilométricas e afetivas.

De que adianta saber quantos quilômetros separam

Puno de Juliaca, Jean M, se lidas mal com o abismo

que te aproxima de Jandira R?

Elvira C é quem aqui traduz.

**44 |**

Jean M se incomoda com o reflexo do painel de Ruben Z.

Como se houvesse um objeto prateado, um plástico

querendo intrometer-se em seu plano vídeo-geográfico.

Terás que aprender, meu caro, a conviver com a imperfeição

do real que tenciona seu imaginário ideal. O sol e seu reflexo

são questões que atravessam não apenas a história da fotografia,

mas também as mitologias indígenas e tudo mais.

O sol, o que Luzia T teria a dizer sobre este astro?

**45 |**

Mataro Chico é o nome do povoado por onde passam agora.

Luzia T pergunta: onde estamos? Num lugar feio é a resposta

de Ruben Z, para quem o clima seco e a paisagem ocre não

expressam

beleza. Já o verde úmido, sim, ele é belo e comunica vida.

Falam de educação viária. Como ensinar às pessoas a se

comportarem bem, naquela nova rodovia. Atropelamentos,

batidas, acidentes em geral, são acontecimentos

frequentes, naquela linha aparentemente plana e reta.

**46 |**

Toques celulares irrompem a paisagem.

Ruben Z atende e pergunta com quem tem o gosto de falar,

ao receber aquela chamada. Henry L informa sua posição

em termos de coordenadas geográficas.

Estão chegando à cidade de Azángaro, onde o trecho cinco

passa a ser trecho quatro e vice-versa.

47 |

Azángaro, fundada em 1586, tem quase meio século de existência.

Uma diferença histórica enorme, quando comparado a Juliaca, fundada em 1926, portanto, com pouco mais de oitenta anos de idade. Ao cruzar o anel rodoviário de Azángaro, Jean M e Ruben Z conversam sobre a produção do espaço daquela cidade.

48 |

Rubens Z (6' 33''):



Azángaro, Puno, Peru.<sup>90</sup>

49 |

Chegam ao ponto zero do Trecho 4. Ponto onde começam os trabalhos sob a responsabilidade da equipe Intersur S.A. Quilômetro cinquenta e um. De Azángaro vamos a San Anton, diz Henry L. E de San Antón passamos a Macusani. Puno, Juliaca, Azángaro, San Anton, Macusani: eis o trajeto do Coletivo partilhado com aquela equipe.

50 |

Mas não esqueçamos que, ainda hoje pela manhã, Ivo C e o Coletivo estavam com os pés no Pacífico. Após atravessarem novamente a Cordilheira dos Andes dormirão, ainda esta noite, em San Gaban, em plena Selva Amazônica. Mas não sem antes almoçarem, em Ollachea, onde encontrarão Cícero S, um dos engenheiros-chefe.

---

<sup>90</sup> Para acessar o registro Ruben Z (6' 33''): <https://vimeo.com/279968233>

51 |

E assim a estrada segue encantando a todos,  
já que reduz o tempo de viagem  
e multiplica os deslocamentos.

Nunca foi tão veloz sair de um pequeno povoado,  
daquele planalto andino. Nunca foi tão curta a distância  
até uma grande cidade como Arequipa. Aquela duração  
de quase vinte quatro horas entre Macusani e Juliaca  
tornou-se praticamente impensável. Um ônibus do século vinte  
e um gasta cerca de três horas.

52 |

A poupança de tempo cresce tanto  
quanto o consumo de espaço.  
E de outras mercadorias,  
elabora Osmar X.

53 |

O Coletivo segue em busca de acontecimentos.  
Enquanto aprendem a conversar com os outros: uma questão  
espacial. Como pode alguém separar um espaço de uma conversa?  
Pelo espaço, Luzia T lê: “não corra papai, sua família te espera”.  
Estão no povoado chamado “Progreso”. Onde já houve caminho de  
ferradura e trilha de caminhão, agora passa um eixo de integração.  
Em Progreso não há hospital, mas curvas sinuosas.  
Uma a mais e já estamos em San Antón.  
É para lá que segue o veículo que leva o Coletivo.  
Enquanto algumas crianças vão para a escola, caminhando pela  
estrada.

54 |

San Anton. Povoado que outrora abrigou um dos acampamentos  
da Intersur S.A. Quando construíam o asfalto no trecho próximo  
a Azángaro. Imagine o que a chegada de centenas ou milhares de  
operários da indústria da construção civil deve causar a uma  
comunidade camponesa, pensa Osmar X. Uma cidade onde a rua  
principal transformou-se em estrada  
internacional. Via ampla, de ida e volta.

55 |

Jean M está atento e se interessa pela urbanização de San Antón. Como deve ter sido o cotidiano transformado durante o acampamento.

Habitar San Antón seria diferente de San Gabán, para onde o acampamento mudou há dois anos?

Alguém pergunta.

O clima e a proximidade de uma grande cidade são determinantes da vida e do consumo, através da produção do espaço de um acampamento.

Henry L responde.

56 |

Ruben Z conta uma anedota expressiva do conflito local entre a empresa e o povoado. Um jovem perdeu um dedo em uma máquina de carpintaria. Logo no primeiro dia. Ele estava emocionado por ter conseguido um trabalho. Não pôde conter o coração, nem a máquina. Conteve-se. Mas o que é um mindinho diante de uma estrela vermelha junto de um enorme coração?

57 |

Jandira R e Osmar X escutam Minttzi B contar sobre as vicunhas, uma espécie de camelo andino.

Ela diz que a criação de vicunhas expressa um modo de pensar bastante comunal.

Onde todos ajudam a todos.

Uma espacialidade social comum e compartilhada.

58 |

As rondas campesinas também têm um pensamento bem comunal. As comunidades campesinas são sítios, locais, pequenos povoados, onde todos ajudam a todos. A comunidade tem um terreno em que todos cultivam cada parte. E uma parte do resultado excedente fica com a comunidade. É a vivência na prática de um pensamento coletivo.

59 |

Além das vicunhas, há também as alpacas. Macusani é a capital alpaquera do Peru. Há uma enorme concentração de alpacas nesta região. Minttzi B explica a Jean M que a grande vantagem das alpacas é que destes animais tudo se consome. A alpaca inteira é passível de consumo: a lã, o couro, a carne. Eis um animal bastante completo e altamente adaptado à produção do espaço capitalista. Uma alpaca resulta ser mais eficiente que duas vacas.

60 |

Jean M e suas parcerias estão atravessando a cordilheira oriental, no período mais frio e seco do ano. É curioso pois a temperatura cai, mas a chuva não. E as montanhas ficam mais altas, pois as geleiras crescem de tamanho. Estamos em julho. Em setembro o ciclo é alternado, explica Ruben Z. Deixam o planalto andino e começam a subir o cume. Graças ao asfalto, que ali chegou em dois mil e oito, sobem com tranquilidade. O dispositivo de gravação de Jean M agradece.

61 |

Ruben Z aponta para os pedacinhos de gelo em expansão, nos cumes das montanhas nevadas. O cume da cordilheira oriental se aproxima. O ponto mais alto é logo ali em cima, diz Ruben Z. É bastante perigoso conduzir por aqui, durante a noite. Quase não há visibilidade e a estrada fica escorregadia, não raro está congelada. Há um vídeo no youtube que comprova isto. Jean M e suas parcerias têm sorte, pois encontram asfalto de altíssima qualidade, nos pontos altos desta travessia. Uma materialidade capaz de lidar com a extremidade das variações climáticas e de humor. A placa avisa: encostas íngremes. Elvira C traduz do espanhol: “pendientes pronunciadas”.

62 |

O Coletivo está cruzando, neste instante o cume da cordilheira oriental. O segundo cume, em menos de três dias. Já se encontram, agora, do outro lado do divisor de águas que distingue, sem separar, o Atlântico do Pacífico. Daí em diante, tudo é descida. Não estão longe da Bacia do Amazonas.

### 63 |

Ivo C volta a acompanhar online a travessia e quer ouvir mais conversas entre Jean M e os membros da equipe construtora. Mas acontece, eventualmente, que o mais importante seja dito, mas não seja escutado. Jandira R assimila com Minttzi B que as montanhas são muito importantes para as pessoas que vivem por ali. Elas merecem oferendas. Que retribuem com proteção. Que gostam de velas acesas. Os cumes são intervalos entre o céu e a terra. São deuses.

### 64 |

Allinacpac, por exemplo, é uma montanha com cerca de 5.780 metros de altura. Ela integra a Cordilheira de Carabaya, nos Andes. Está localizada no departamento de Puno. O Allin Capac Raymi, o dia do camponês, é uma festa costumeira que se realiza no dia vinte e um de junho, em Carabaya, Puno, aos pés da montanha Allinacpac. Nesta data, é ali onde são revividas as práticas ancestrais andinas. “Pago a la Pachamama” é uma das mais importantes encenações.

### 65 |

Estão chegando em Macusani. Há um parque de diversões na entrada. Jean M quer saber como é a vida em Macusani. Mas não há tempo. Apenas passam rapidamente por ali. E seguem rumo a Ollachea. Cruzam uma ponte em construção. Ruben Z explica: a ponte antiga o rio levou. Ela não suportou. O retrovisor assume novamente um protagonismo criativo. Jean M sabe que esta é a pior hora para filmar. Sol de meio-dia. Guardavias é o nome para o alambrado lateral, Ivo C traduz. Há uma pequena hidrelétrica no caminho. Mas o motivo de riso coletivo, agora, não é esse, e sim a charmosa casinha construída para as alpacas.

### 66 |

“Onde estamos?”, pergunta Jean M. Diante de mais uma ponte em construção, responde Ruben Z. Estão construindo cerca de setenta, ao longo dos trezentos quilômetros entre Azángaro e Inambari. Próximo a Macusani há quatro. Uma ponte precisa apoiar-se em rocha firme, para que se sustente. Enquanto não a encontrar, os responsáveis seguem perfurando, buscando.

A dificuldade ali é que todas aquelas montanhas são de calcário, a principal matéria-prima do cimento.

**67 |**

Jean M está incomodado com a presença de um carro adiante.

Seria preferível, sob seu ponto de vista, que o carro estivesse atrás.

Um carro pode ser uma interferência na paisagem, quando se busca um enquadramento limpo, agradável, perfeitamente natural.

Genial é a solução: desaceleremos!

**68 |**

Trecho em construção. Andar mais devagar traz uma vantagem relativa que é quase impensável. Isto permite que os demais se adiantem em relação a nós. Como se a sabedoria estivesse em aprender com os erros e os acertos dos outros. Caminhamos todos para o mesmo destino. O que muda são os protagonistas dos deslocamentos e das narrativas. Desdobramentos e indutores das paisagens. Estas estão ficando mais verdes, por ali, enquanto descem da cordilheira rumo à selva.

**69 |**

Uma estrada que atravessa uma montanha tende a acompanhar um rio. Ela imita a trajetória aberta previamente pelo rio.

Ela precisa fazer isto para que a água da chuva escorra.

Ademais, é mais fácil contornar uma montanha próximo a um vale que de outra maneira. A estrada, em relação ao rio, é uma espécie de segunda natureza. Há um tempo específico que caracteriza a produção do espaço das plataformas, onde se plantam batatas, nesta região andina.

É preciso saber o momento apropriado para subir e para descer os roçados. Semear, fazer crescer e colher não são gestos aleatórios. Por isto os construtores deste trecho da Interoceânica tiveram que aguardar para asfaltar. As rondas campesinas solicitaram e obtiveram quatro meses de espera.

70 |

Um túnel. Há vários. E a transformação das cores da paisagem começa a ser explicitamente notada. A mudança é assim, vai mudando e nem sempre é percebida. Não existe para ser notada, mas para ser vivida. Mas ela existe, isto é, anda acontecendo e a gente vai notando, enquanto se vive. Mais cedo ou mais tarde. A mudança de altitude, a mudança de temperatura, a mudança de umidade e a mudança de humor, quando acontecem simultaneamente, aí sim, tornam-se o oposto do imperceptível.

71 |

Chegam ao acampamento de Ollachea. Quando finalmente Luzia T encontra algo que lhe inspira fazer uma boa pergunta: o que é uma zona intangível? Minttzi B responde. É uma zona onde não se pode mexer muito, onde é preciso adentrar e movimentar-se com cuidado. Ivo C acompanha o final do itinerário e a narrativa termina como prevê o protocolo: Jean M pede a autorização para o uso daquelas imagens. Ruben Z autoriza dizendo sim, normal, não há problema.

72 |

De Ivo C não se sabe, mas o Coletivo almoça no acampamento de Ollachea. Embora não tenha sido uma ação prevista no projeto o teste da comida da construtora Intersur S.A. O Coletivo está ali para experimentar a espacialidade da via e nada mais. Logo volta ao trecho, repetindo o dispositivo em ação até então, só que diferente. Quem conduz o itinerário, agora, é Cicero S, cujo cargo é de Chefe de Produção da estrada, de seu asfaltamento, melhor dizendo.

73 |

Enquanto Jean M e Ivo C preparam mais um itinerário compartilhado, Osmar X prefere seguir com Elvira C, Jandira R e Luzia T, em outra viatura. Jean M explica o dispositivo a Cicero S e reitera que não quer que ele diga nada que ele não queira dizer. Ivo C escuta esta pergunta só depois, off-line,

e se pergunta o que Jean M queria ter dito com o que não quis dizer. Cícero S se apresenta. Qual foi a sua primeira impressão? Jean M pergunta. Escutemos Cícero S.

74 |

Cícero S (4'03''):



Ollachea, Puno, Peru.<sup>91</sup>

75 |

Jean M quer saber de onde vem aquelas pessoas caminhando por ali: são andarilhos?

Eles são os donos da terra, responde Cicero S.

Eles são os moradores locais, agricultores que cultivam maracujá, abóbora e outras coisas mais. Vivem em terrenos bastante acidentados e férteis. As plataformas de batata e milho permanecem visíveis nas partes mais altas das montanhas. Eles são poucos, mas são muito trabalhadores. Eles são todos diretamente afetados pela obra, diariamente.

76 |

As mulheres punenhas trabalham demais da conta, diz Cícero S. É impressionante como fazem as plataformas de batata e de pimentão, naquelas íngremes encostas. A Central Hidroeletrica de San Gaban fornece energia para todo o departamento de Puno e também para Cusco e Arequipa, os departamentos vizinhos.

77 |

Mulheres trabalhadoras. Disparo de *roca*. Corte de *piedra*. Atento Melendez, Melendez. Cena das viaturas e pessoas paradas diante da explosão do túnel. O cheiro do espaço. Explosivos dão o ar da graça e demonstram como é possível que outros sentidos se tornem teorizadores.

---

<sup>91</sup> Para visualizar o registro Cícero S (4' 03''): <https://vimeo.com/234909929>

78 |

Osmar X, que estava na outra viatura, sente o cheiro de pólvora no ar e envia duas citações, por SMS.

O odor, violência e generosidade da natureza, não significa; ele é e diz o que é, imediaticidade, intensa particularidade do que ocupa um lugar e sai desse lugar para os arredores. Fedores e perfumes naturais exprimem.

A produção industrial, que frequentemente fede, produz perfumes; desejosos 'significantes', e as palavras, os discursos publicitários, lhes acrescentam significados: mulher, frescor, natureza, a região de Lubin, o "glamour". Mas um perfume produz ou não produz um estado erótico, ele não fala. Ele encanta um lugar ou o mantém tal como ele era.<sup>92</sup>

79 |

Divisores de água andinos e cabeceiras de rios amazônicos somente a Carretera Interoceânica atravessa, onde o que se escuta nem sempre é interessante, enquanto os contrastes da paisagem são tão fortes quanto as pessoas que por ali habitam. Osmar X comenta com Luzia T algo proposto por Marx: que nossos sentidos se tornem teorizadores.

80 |

Há homens e mulheres trabalhando na obra. Geralmente as mulheres começam como paleteras, autorizando ou desautorizando os fluxos de veículos, com as clássicas placas de "Pare" e "Siga". Com o tempo se tornam operadoras de máquinas pesadas e passam a receber um salário maior que o anterior, embora ainda permaneça menor que o salário dos colegas homens.

81 |

A paisagem vai mudando. Aqui já é bem diferente de onde a gente começou, diz Jean M. Sim, Cícero S confirma e define aquela paisagem como Cordilheira Verde: montanhas que se encontram logo abaixo dos dois mil metros acima do nível oceânico. Ali se cultiva cana-de-açúcar, abacate e outras árvores frutíferas que parecem brotar das pedras.

---

<sup>92</sup> Ibid., p.229; tradução minha.

## 82 |

Cícero S continua: os camponeses são pessoas honestas.  
Não possuem maldades. Não têm problema de roubo.  
Quando estão comendo uma fruta, eles te oferecem.  
Isto é muito interessante. Diferente da vida na cidade,  
onde as pessoas dão as costas, caso alguém venha lhe pedir um pão.  
Eis uma tremenda diferença entre o campo e a cidade.  
Agora, se a gente mexe em algo deles sem pedir permissão,  
logo ficam enfurecidos.

## 83 |

Jean M pergunta a Cícero S se são diferentes os camponeses da  
Cordilheira Verde, dos camponeses do Altiplano Andino.  
Lá no alto as pessoas são mais fechadas, mais retraídas, ele diz.  
Há pouca comunicação. Aqui, na selva, as pessoas são mais abertas,  
comunicam mais e melhor.  
A diferença é comunicacional.  
Mas um chefe de projeto precisa compreender as pessoas  
como elas são. Não podemos ter dificuldades de fazer amizades.  
Nem de negociar a passagem pelos terrenos deles.

## 84 |

Uma placa anuncia: “Perigo. Zona crítica. Deslizamentos”.  
Jean M faz uma foto. Param diante de um túnel aberto.  
Retomam cruzando o túnel, param para esperar  
outra explosão de pedras e logo retornam ao trecho.  
Após mais de uma hora e meia de itinerário, Cícero S  
faz uma pergunta a Jean M. Onde começaram esta viagem?  
Diante do Atlântico, na porta do Museu do Amanhã, responde.

## 85 |

Quem vai ser o grande favorecido pela Interoceânica?  
Jean M pensa em perguntar, mas Ivo C o convence a desistir.  
Jandira R, funcionando por telepatia, acabara de lhe enviar  
uma de suas mensagens inspiradoras

O importante nas viagens, já se sabe, é observar bem  
o que se come em cada canto, aprender as habilidades corporais  
e também as ficções centrais de cada país.  
(A verdade é algo a que se tem acesso por via das tecnologias,  
já as ficções não. Para conhecer as melhores mentiras de um país  
ou de um homem terás que te sentar longamente ao pé dele.  
Ninguém mente aos gritos, de longe.)<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> TAVARES. *Uma viagem à Índia*, 2010, p.243.

## 86 |

O itinerário compartilhado com Cícero S termina com a chegada ao acampamento da Intersur S.A. em San Gaban, um município de Puno em plena Cordilheira Verde. Dali até Assis Brasil, no Acre, são menos de quinhentos quilômetros. Mas antes de seguir viagem, o Coletivo faz uma paragem. Dormem no acampamento. Saíram cedo do Pacífico. Nada como uma boa noite de sono, sem maresias oceânicas. O descanso merecido será de bom grado.

## 87 |

Já na primeira hora do dia de amanhã (isto é, no fragmento seguinte), o Coletivo começará escutando outros pontos de vista sobre a Carretera Interoceânica, a começar por Elmir A, o engenheiro-chefe do projeto e terminando com Margot I, uma moradora local. Entre eles, conversarão com Minttzi B, assessora de comunicação da Intersur S.A. e Edgar O, o motorista que, no fim do dia, levará o Coletivo até Puerto Maldonado.<sup>94</sup>

## 88 |

Minttzi B (7' 44'')

San Gaban, Puno, Peru.<sup>95</sup>



## 89 |

Elmir A (2' 06'')

San Gaban, Puno, Peru.<sup>96</sup>



---

<sup>94</sup> Para visualizar o Mapa de Riscos apresentado por Elmir A (2'54''): <https://vimeo.com/261422406>

<sup>95</sup> Para visualizar o registro de Minttzi B (7' 44''): <https://vimeo.com/238817708>

<sup>96</sup> Para visualizar o registro de Elmir A (2' 06''): <https://vimeo.com/261423036>

**90 |**  
Edgar O (7' 13''):



San Gaban, Puno, Peru.<sup>97</sup>

**91 |**  
Margot I (6' 07''):



San Gaban, Puno, Peru.<sup>98</sup>

**92 |**  
Ritmos lentos. Ritmos rápidos.  
Textos que desaceleram. Fragmentos que condensam.  
Vários vídeos longos, outros nem tanto.  
Sons que fazem a diferença.  
Assim vai o narrador, compondo a história de uma rodovia cada vez mais acelerada, através da desaceleração das narrativas. Quantos fragmentos seriam necessários para dizer o que pode uma viagem? Ivo C não se faz esta pergunta. Apenas traduz o que é possível. E já se encontra online, no próximo fragmento, pois o Coletivo está de volta aos meandros da tríplice fronteira MAP.

**93 |**  
Inãpari! Assis Brasil! San Pedro de Bolpebra!  
O motorista anuncia a chegada aos municípios que compõem a extremidade de Região "MAP", essa tríplice fronteira.  
Eis o que Ivo C sonhara, desde o início,

---

<sup>97</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, EDGAR O (7' 13''): <https://vimeo.com/234909848>

<sup>98</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, MARGOT I (6' 07''): <https://vimeo.com/261311138>

e eis que uma rodovia de ida torna-se  
uma viagem de voltas. Oh, quanto riso! Oh, quanta alegria!  
O Coletivo está em festa...  
Chegaram em Iñapari, Ivo C diz.  
Chegaram em Assis Brasil, exclama o narrador!  
Chegaram em Bolpebra, quem não ficaria feliz?  
O Coletivo dobra-se de rir, no banco do ônibus,  
com uma piadinha interna que não cabe traduzir.

#### 94 |

Viveram a travessia de dois Divisores de Água  
interoceânicos,  
e viveram o sonho de uma Saída  
para o Pacífico.  
E, naquele lugar de fronteira, já com os pés no chão,  
cada um dos integrantes do Coletivo recuperou suas malas,  
conferindo equipamentos, livros, tabletes, cadernetas... e logo se  
perguntaram: quem nos chama?  
Pergunta que casa bem com qualquer devir, quando se refaz. Mas  
Ivo C, online, pressente algo estranho no ar.

#### 95 |

O perigo maior mora dentro ou fora de Ivo C?  
E, à essa altura, está mais cansado quem viaja ou quem  
acompanha a viagem de longe?  
Perguntas impertinentes só serão reformuladas por quem  
quiser habitar o espaço  
entre  
pensar e viver?

#### 96 |

Intervalos ecoam o que em ti ressoa.  
Tudo se repete diferente, Ivo C segue o Coletivo.  
As vozes das narrativas, se puderes escutá-las,  
cumprem funções de passagem. E assim  
uma via  
quer dizer a transformação de  
um corpo  
que não muda nada além de seu  
cotidiano.  
Essa via, em termos superficiais,  
é a Interoceânica para o Coletivo.

**97 |**

E se sentires vontade de escutá-las novamente,  
retomes aleatoriamente, sem preocupação.  
Acomoda, faz um upgrade do wi-fi e coloca headphone.  
No cosmos cotidiano, a fruição interior importa mais  
do que cento e quarenta caracteres.  
As recreações  
nos pertencem. Os prazeres  
variam conforme as geografias das gerações:  
quem acompanhou, ao vivo, o muro de Berlim caindo – Ivo C  
pergunta.

**98 |**

Ivo C suspeita que a tradução final do espaço-mundo planetário já  
foi escrita: conurbação. Com “t”  
entre o “n” e o “u” (conforme indicado pelo corretor).  
Um Coletivo experimenta as possibilidades  
concretas de narrativas audiovisuais compartilhadas, mas  
os fenômenos da natureza e a chuva amazônica  
surpreende os pesquisadores no que têm de mais frágil:  
os gravadores de áudio e vídeo, hoje, cada vez mais portáteis.

**99 |**

Mas Ivo C, de seu confortável gabinete metropolitano,  
entre um cigarro, um vinho e um café, escreve:  
quem pode escavar o futuro? O tempo apropriada  
(nunca domina) o corpo vivido,  
aonde se encontram o Outro e outros “eus”. Desfrute  
de suas alteridades, Elvira C. Ele envia uma mensagem  
à sua filha.  
Ela está em Iñapari, mas quer ir para Bolpebra.  
Com o Coletivo, escuta o chamado de um mototaxista.

# Canto VII



1 |

Ivo C e o Coletivo estão de volta  
às adjacências meândricas das pontes  
que conformam as confluências e as extremidades  
da tríplice fronteira MAP: Madre de Dios, Acre e Pando,  
esta zona de contato  
entre  
três cidades, três Estados e uma multiplicidade de mundos.  
Vêm imbuídos da intenção de encontrar,  
com alguma sorte, o que Jean M, um dos pesquisadores  
um dia prometeu: uma verdade do espaço, algo bem distinto de  
um espaço verdadeiro.

2 |

Elvira C, amiga de Bloom, estava lá e vem nos relembrar que:

Energias exemplares  
havam sido reunidas à porta do parisiense,  
de nome Jean M,  
que lhe prometera amizade até ao fim dos espaços.  
Sobre o tempo nada posso prometer  
porque não o compreendo – dissera Jean M –  
mas sobre o espaço sim. Sobre ele, prometo.<sup>99</sup>

3 |

Mas voltemos a seguir os passos do Coletivo.  
Estão sobre as coordenadas da tríplice fronteira.  
Iñapari os recebe com longanimidade.  
O que resguarda o futuro? Espaço ocupado  
pela fruição ou o caos?  
O presente – este lugar – por um lado e pelo outro, é centralizado  
pelo tempo que nos pertence. Todavia, a monocultura  
que é o espaço – agora – ontem parecia indiscernível:  
certamente, já é sabido que o Rei Logos não calcula pontos de vista.  
Amores serão sempre amáveis. Nada é para já, Jean M.

4 |

A união involuntária da Geografia com o efeito  
de sonhar produziu mais diferenças e espacialidades  
de fruição do que a aliança entre a Ciência Moderna  
e o Estado-Nação. Voar como um falcão-peregrino a Geografia;  
tem velocidade, pensa-se ora Humana, ora Física;  
a Geografia é uma transpiração que implica

---

<sup>99</sup> TAVARES, Gonçalo M. *Uma viagem à Índia*, 2010, p.244

a pele dos mundos,  
superfície fina onde quase tudo é permeado,  
onde é possível assimilar ou perceber; caso se encontre uma  
Verdade do Espaço,  
na geografia das diferenças  
de um amor que começou e terminou bem.

5 |

Osmar X sente que é um momento propício  
para colocar em evidência uma diferença,  
que assume toda sua amplitude  
e beira a contradição.

A diferença entre um espaço verdadeiro  
e uma verdade do espaço.

A prática do espaço segue sendo o impensável  
por um pensamento que se diz soberano?

6 |

O espaço verdadeiro ganha e nunca perde forma,  
na cabeça de um pensador.

Feito um espaço abstrato: mente somente  
o que é incrivelmente mental, sem ser social.

Envolvido por uma grossa camada transparente  
de cientificidade, da cabeça sai um espaço  
que se projeta sobre o mundo,  
sobre a cultura, sobre o “real”.

Este esforço de legitimação do teórico que reconhece a vida  
como um sistema de representação.

Ele é a expressão de uma redução. Dogmático e arrogante,  
o espaço verdadeiro consegue, no máximo,  
induzir diferenças mínimas.<sup>100</sup>

7 |

Osmar X sugere a Jean M o desvio  
da servidão às forças produtivas  
mais suspeitas. O dogmatismo da aliança,  
entre o cientista, o tecnocrata e o capitalista  
institui, constitui e restitui um certo saber oficial.  
Um desserviço público: a invenção de uma falsa identidade,  
entre

---

<sup>100</sup> LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.458.; tradução minha.

um suposto espaço mental abstrato e um espaço político concreto.

## 8 |

Como se o Estado (aquele de Hegel) fosse o suprasumo protótipo, de um sistema de sustentabilidade democrática e universal.

Assim se comprometem a ideia do Verdadeiro, em seguida a do sentido e, logo depois, a do 'viver' e a do vivido. O espaço de representação desaparece na representação do espaço; este engole aquele; e a prática espacial, colocada entre parênteses junto com a prática social, segue sendo o impensado desse pensamento que se proclama soberano.<sup>101</sup>

## 9 |

A essa altura do campeonato, Ivo C já lida com familiaridade com as citações de Osmar X. E lhe pergunta se não haveria uma via inversa ao dogmatismo oficial dominante. Sim e não, responde a voz metafilosófica. A verdade espacial acontece via experiência coletiva. Fundamentalmente prática, ela atravessa, em algum momento, conceitos teoricamente encadeados. Crucial aqui é a ultrapassagem do pensamento abstrato, via conexão com as diferenças vividas e discernidas, portanto, pensadas.

## 10 |

Lefebvre esclarece, à página 459 de seu livro de 1974:

O espaço social restabelece uma teoria da produção, que estabelece sua verdade. Assim, a verdade do espaço estabelece o que é comum ao espaço mental e ao espaço social e, por conseguinte, suas diferenças. Sem separação entre eles, mas com uma distância. Sem confusão, mas com um momento ou elemento comum.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.459; tradução minha.

<sup>102</sup> Idem.

## II |

Jean M acompanha o raciocínio, mas requer mais.  
Como se abre uma via, por onde ela transita, ela tem um nome, ele pergunta. Sim e não, responde o parceiro. Precisamos e podemos delimitá-la, nomeá-la, mas como toda espacialidade é móvel, sua conceituação tende a mudar. O caminho de transformação do século XXI é o caminho como centralidade. Eis uma figura geral: no centro do caminho, desvios capazes de fazer levar o repetitivo rumo ao diferencial.

## I2 |

Precisamos substituir a totalidade pela centralidade. E cita.

A centralidade revela-se como um lugar comum ao conhecimento, à consciência e à prática social. Não há “realidade” sem uma concentração de energia, sem um lar ou um núcleo e, em seguida, sem um movimento dialético: “centro-periferia”, “focalização-dispersão”, “condensação-difusão”, “agrupamento-saturação”, “concentração-ruptura”, “implosão-explosão”. O “sujeito”? Um centro momentâneo. O “objeto”? Igualmente. O corpo? Um lar de energias ativas (produtivas). A cidade? O urbano? Igualmente.<sup>103</sup>

## I3 |

A centralidade como uma forma convoca um conteúdo: ela reúne e distingue sujeitoobjetos. A centralidade como uma função torna o mundo operacional: ela vira um lugar de ação. A centralidade como uma estrutura gira em torno de um centro espacial: ela organiza o mental e o social, conjugando formas e funções, na prática, embora em momentos distintos.

## I4 |

Jean M pensa sobre o que está vivendo, desde que decidiu por o pé na estrada. Enquanto experimenta aquela via, chega a pensar que a centralidade é um corpo que ocupa uma situação socialmente produzida. Diante deste corpo universal concreto, sua vontade de encontrar a verdade ali, situada, acaba por transformar tudo e qualquer coisa em mundo.

---

<sup>103</sup> LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.459; tradução minha.

Como se seus sentidos se tornassem teorizadores.  
Transformando espaços vividos e concebidos  
em mundos sensíveis e comunicáveis.

**15 |**

Enquanto Osmar X provoca o Coletivo e Ivo C,  
através de um raciocínio metafilosófico,  
Jean M invoca o pensamento de Osmar X,  
até o limite de seus próprios sentidos.  
Enquanto caminham, outro canto encaminham.  
A esta altura, Luzia T talvez já tenha percebido,  
que nossas relações sociais são atualizadas  
por situações espaciais específicas?  
Como percebê-las sem vivê-las antes de concebê-las?

**16 |**

Eis um aspecto central da tese de Lefebvre, cita Osmar X:

As relações sociais, abstrações concretas,  
só possuem existência real no e através do espaço.  
Elas sustentam-se espacialmente.  
A conexão 'sustentação-relação' pede uma análise  
para cada caso; ela envolve uma implicação-explicação:  
uma gênese, uma crítica das instituições, substituições,  
transferências, metaforizações, anamorfismos,  
e outras coisas que transformaram o espaço.<sup>104</sup>

**17 |**

Tudo bem que nada é para já e que até o prefeito  
pode esperar. Mas é impressionante como Osmar X aproveita  
cada brecha de tempo, para estender sua conversa de espaço.  
O Coletivo está em Iñapari, mas os pesquisadores se comportam  
como se estivessem em Paris, no café da esquina de uma biblioteca.  
Em Iñapari o Coletivo começa a se desfazer,  
mas aos poucos. Em variadas situações, cada um, cada dois  
ou cada três  
estarão em situações de pesquisa distintas.

**18 |**

O Coletivo está em frente à prefeitura de Iñapari,  
ou melhor, ali perto, mas na esquina adiante,  
à procura, de um novo informante.  
Alguém que seja, ou melhor, que esteja num corpo que fala,

---

<sup>104</sup> LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.465; tradução minha.

uma alma viva de preferência curiosa e interessada em coabitar uma prática de pesquisa compartilhada. Para dar continuidade e doravante mais ênfase, ao método dos passeios, em áudio e vídeo.

## 19 |

Coincide que, naquela esquina, encontra-se um ponto de encontro, um local onde se oferta e há demanda por deslocamentos motorizados. Se há algo comum às cidades parece ser essa necessidade de mudar de lugar, mais rápido que a velocidade proporcionada pelo próprio caminhar.

## 20 |

Uma pequena fila de confortáveis triciclos, cobertos por tetos e recheados por faróis de milha, anda conforme a chegada e a partida de pessoas, usuários e habitantes daquela praça central amazônica. Jean M observa, conversa e pergunta. Se há uma fonte inesgotável de histórias de vida e de geografias cotidianas, seu sentido de localização passa e fica por uma praça.

## 21 |

Jean M tenta estar atento a tudo o que acontece, ao redor de uma praça. Quem sabe, em breve, consiga encontrar uma imagem capaz de comunicar isto. Por enquanto, no entanto, apenas sente vontade de encontrar uma nova parceria para mais um itinerância. Está à procura de um torito<sup>105</sup> que tope a empreitada do passeio: este intervalo entre narrativa audiovisual e experiência territorial.

---

<sup>105</sup> “Torito” é o nome dado, carinhosamente, ao tuk-tuk local, peruano, que transita entre Assis Brasil e Iñapari. “O Tuk Tuk (em tailandês: ตุ๊กตุ๊ก or ตุ๊ก ๆ; IPA: [túk túk]), também conhecido como auto-riquixá ou auto-riquexó fora da Tailândia, é um modelo de riquixá (ou triciclo) motorizado com cabine para transporte de passageiros ou mercadorias, muito utilizado em diversos países em desenvolvimento, sobretudo no sul e no sudeste da Ásia. Existem modelos movidos a motor (auto-riquixá), à pedais, e à tração humana (riquixá). Alguns países europeus adotaram também este meio de transporte para fins turísticos.” Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tuk-tuk>, acessado em 26 de abril de 2018.

22 |

Mas, ali, naquela esquina, basta estar parado, com cara de paisagem para que o coletivo de mototaxis nativos venha ao encontro do Coletivo de pesquisadores estrangeiros, oferecendo transporte e transposição pelas pontes, para além dos limites de fronteira, com sorrisos estampados nos rostos. Dentre eles, a oferta de Alejandro Q é contemplada por uma demanda correspondente.

23 |

O Coletivo conversa com Alejandro Q sobre o método. O jovem natural de Cusco, com seus trinta anos, escuta com atenção. E compreende que seus gestos, suas ideias e sua condução serão transformados, em questão de minutos, em candidatos à reinvenção dos espaços-limites da rodovia. Combinam, mais ou menos, o traçado do percurso, orientados por um acordo, fruto da negociação: vamos juntos, trocando ideias, com gravadores ligados até cada uma das extremidades dessas cidades, desta tríplice fronteira.

24 |

Mas no torito cabem apenas dois, além de Alejandro Q, o terceiro (que na verdade, do ponto de vista daquele espaço, é o primeiro). Assim, Jandira R, Luzia T e Elvira C, precisarão seguir por outros caminhos. Enquanto Jean M e Ivo C compartilham um longo itinerário com Alejandro Q, a outra parte do Coletivo tira folga e transforma a jornada de pesquisa em passeio. Em breve se reencontrarão.

25 |

Ivo C não está livre do trabalho: segue online, de plantão. Aguarda apenas o sinal de Jean M (uma pessoa dupla em ação, neste caso) para entrar em estado de tradução. Vamos Alejandro Q, estamos prontos! É Jean M quem diz, indicando que naquele veículo de pesquisa encontra-se, agora, uma equipe, em produção. Percorramos Iñapari, primeiramente, reitera, Assis Brasil em seguida e, por fim, Bolpebra, caso juntos possamos chegar até lá.

26 |

Alejandro Q (6' 43''):



Iñapari, Madre de Dios, Peru.<sup>106</sup>

27 |

Traduzir é explicar?

Cabe analisar a narrativa de um itinerário experimental compartilhado?

Sob que ponto de vista? Como proceder?

Não falaremos da violência que pode conter a palavra científica. Falaremos do espaço humano e do modo como ele se produz, geohistoricamente.

A chegada de um novo habitante às fronteiras, seria uma boa ocasião de lembrar autóctones habitantes?

28 |

Antes de ser institucionalizada, em 26 de dezembro de 1912, viveram por muitos anos, naquela fronteira, tribos indígenas da etnia Iñaparis.

Mas, com a chegada dos caucheiros, eles dali se foram mais ou menos voluntariamente.

Para trabalhar o caucho, era preciso derrubar a árvore.

Quando elas iam terminando, as espécies extinguindo-se, passavam para outro rio. De rio em rio iam cortando e vendendo caucho.

29 |

No Peru nascem quase todos os rios amazônicos.

Dali nascem e dali saem, para a Bolívia e para o Brasil.

Dentre os mais distantes, para chegar ao Amazonas e ao Atlântico, o rio Acre era o mais curto, para o escoamento do caucho.

Por isso esses senhores compradores, turcos, alemães e portugueses, aqui foram assentando-se, por essas ribeiras acreanas.

---

<sup>106</sup> Segue o link com o registro correspondente. Alejandro Q (6'43''): <https://vimeo.com/266786563>

30 |

Quando Charles Goodyear deixa respingar, por acaso,  
enxofre  
num tacho quente com borracha, inventando a  
vulcanização,  
o Brasil descobre uma maneira diferente de trabalhar  
com a seringueira.  
Uma árvore que já não seria mais derrubada.  
O seringueiro inaugura, assim,  
um novo espaço,  
chamado de colocação.

31 |

Uma colocação acontece  
quando se juntam três estradas de chão de seringa.  
Uma tríade onde faziam o circuito de corte e de colheita.  
Um espaço que tanto os brasileiros  
quanto os malaios conhecem bem.

32 |

Mas voltemos ao itinerário?  
Como se desenrola este cruzamento de territorialidades  
conduzido por um corpo relativamente nativo,  
sob o olhar de estrangeiros pesquisadores?  
Seria um passeio compartilhado um espaço de  
possível fruição? E de desvio? Invenção de moda  
ou de forma?  
Vejamos como atravessar uma alfândega internacional  
sem parar no controle policial.

33 |

Alejandro Q (7' 28''):



Iñapari, Madre de Dios, Peru.<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> Segue o link com o registro correspondente. Alejandro Q (7'28''): <https://vimeo.com/266786838>

34 |

Dali em diante, Jean M, Alejandro Q e Ivo C atravessam o perímetro urbano de Iñapari, de um vértice ao outro, cruzam novamente a Ponte da Integração, percorrem o espaço rodoviário entre o rio Acre e a alfândega brasileira (ao leitor interessado em áudio e vídeo, segue o link de acesso ao registro: <https://vimeo.com/265197780>, com duração de nove minutos e quarenta e cinco segundos).

35 |

e adentram a cidade de Assis Brasil.  
Já é quase noite, mas Alejandro Q fará questão de levar nossos pesquisadores, até a outra extremidade urbana. Com Alejandro Q, cruzam duas cidades que não deixam de ser três países e uma só paisagem.  
A multiplicidade das territorialidades é algo singular.

36 |

Mas um Coletivo, ao mesmo tempo singular e plural, nem sempre está inteiramente reunido, assim como as pessoas. Cada um sabe bem que os ritmos e os humores pessoais variam muito e podem assumir naturezas que até Deus duvida. Neste momento, Osmar X e Luzia T estão em interlocução direta com Ivo C. Eles estão em comunicação, via chat, discutindo as proposições de Lefebvre sobre a produção do espaço social. Enfatizando a abordagem das tríades, esse modo metafilosófico de discernir confusões e de reunir separações.

37 |

Osmar X percebe as tríades conceituais como imagens de tríplexes fronteiras espaciais. Como se houvesse sempre um espaço entre dois, e muitos mundos para além dos três. Enunciar as tríades, didaticamente, a fim de reconhecê-las, diz Luzia T, lendo os pensamentos de Osmar X, é um modo de assimilar uma teoria, de natureza prática, que estimula nosso exercício de tradução.

### 37 |

Como apontar o caráter espacial da última fronteira?

Não podemos negligenciar o risco de comunicar equivocadamente o raciocínio dialético de Lefebvre, sobre a produção social do espaço. Eis o cuidado que inventa a alma de Osmar X.

Ele carrega consigo um *tablet e-reader*, onde se localizam vários livros em .pdf, os quais apresentam, entre outros conceitos, as proposições do metafilósofo aquitano sobre o espaço social.<sup>108</sup> Osmar X carrega armazenados consigo também alguns textos biográficos de seu autor predileto.<sup>109</sup>

### 38 |

Diante da monumental obra de Lefebvre (centenas de artigos e mais de 60 livros publicados), como eleger um ponto de partida?

Até onde Ivo C conseguiria nos acompanhar?

Luzia T pergunta ao mestre: por quais caminhos

encaminhamos os conceitos?

Osmar X aponta, então, o seu percurso.

### 39 |

Encontrei na tese de doutorado do metafilósofo Sylvain Sangla<sup>110</sup>

um estudo crítico e minucioso sobre as relações entre espaço e política, tecidas por Lefebvre, escreve Osmar X para Ivo C.

Encontrei ali um fio da meada para desemaranhar nossas questões de pesquisa territoriais, urbanas e arquitetônicas,

---

<sup>108</sup> Le droit à la ville, Paris, Anthropos, 1968; Du rural à l'urbain, Paris, Anthropos, 1970; La révolution urbaine, Paris, Gallimard, 1970; La pensée marxiste et la ville, Paris, Casterman, 1972; Espace et politique – le droit à la ville II, Paris, Anthropos, 1973; La production de l'espace, Paris, Anthropos, 1974.

<sup>109</sup> Remi HESS, *Henri Lefebvre et l'aventure du siècle*, Paris, Métailié, 1988; Andy MERRIFIELD, *Henri Lefebvre a critical introduction*, New York, Routledge, 2006; Hugues Lethierry, *Penser avec Henri Lefebvre*, Lyon, Chronique sociale, 2009; COSTES, Laurence (2009). *Lire Henri Lefebvre, Le droit à la ville, vers une sociologie de l'urbain*. Ellipses, 2009.

<sup>110</sup> SANGLA, Sylvain. *Politique et espace chez Henri Lefebvre*, Tese de doutorado em Filosofia, Université Paris 8, Vincennes Saint-Denis, 2010, 317p. Além de apresentar o percurso intelectual que levou Henri Lefebvre a sua tese central sobre a produção do espaço e à elucidação dos elementos de uma ritmanálise, Sylvain Sangla busca dialogar, interpretar e discutir também as principais leituras feitas por outros autores – especialmente David Harvey e Edward Soja – e linhas de pensamento, tais como o situacionismo e o pós-modernismo.

reemaranhando, assim, nossas ignorâncias de outra maneira.<sup>111</sup>  
Sangla S argumenta que “são as práticas espaciais  
que poderão tentar combater as desarticulações do espaço  
e resolver as contradições espaciais.”<sup>112</sup> Interessante, mas o alcance  
desta ideia precisa ser sondado, afirma Osmar X.

40 |

Com a atenção de quem adentra um país estrangeiro,  
cuidadosamente, Ivo C topa assumir esta afirmação,  
como um ponto de partida  
para a reflexão sobre os mundos que traduzimos.  
Uma ideia potente, embora ainda vaga,  
cujo propósito é contrapor uma certa leitura equivocada  
feita por Soja,  
um notável geógrafo estadunidense.

41 |

Osmar X concorda com Sangla S,  
a respeito do suposto equívoco, já que “como vários comentadores,  
Edward Soja separa conceitos que são dialéticos para Lefebvre,  
desfazendo as ligações  
e a dinâmica existente entre eles. (...) Embora Edward Soja  
partilhe do anseio lefebvriano por uma práxis espacial libertadora,  
ele hipostasia  
alguns de seus conceitos, comprometendo, portanto,  
a coerência global.”<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> Há vários caminhos possíveis para estudar um conceito elaborado por um autor. Sylvain Sangla aponta a existência de duas vias históricas de interpretação do pensamento de Lefebvre, cada qual com seus leitores protagonistas. Feita a crítica a ambas, ele sugere a aparição de uma “terceira onda” de leituras contemporâneas que buscam superar interpretações ultrapassadas e equivocadas do pensamento de Lefebvre. A especificidade desta via seria a releitura e a tradução dos conceitos de maneira mais aberta, sem dogmatismos, buscando relacionar momentos específicos da obra com a totalidade do pensamento de Lefebvre. O marco deste movimento seria a coletânea de artigos dirigida pelo arquiteto e professor na Universidade de Toronto, Kanishka Goonewardena.

<sup>112</sup> SANGLA, Sylvain. *Politique et espace chez Henri Lefebvre*, 2010, p.261; tradução minha.

<sup>113</sup> Idem.

42 |

Soja argumenta que as ciências humanas tendiam, até o fim do século XX, a subestimar o espaço em prol do tempo. Esta leitura crítica permanece pertinente, diz Osmar X. Ela é importante, pois reforça o combate à lógica cartesiana<sup>114</sup> que concebe o espaço como algo neutro, universal (exterior ao sujeito), racional e autônomo (independente das emoções). Mas ela também pode nos levar a engessar os discernimentos que circulam entre pontos de vista singulares e irreduzíveis (o ‘real’ possível?), os discernimentos comprometidos com as aberturas e com a alegria da Terra (“*gai savoir*”).

43 |

A “trialogia do ser” proposta por Soja superestima o jogo filosófico, abusa de uma certa seriedade formal e torna-se reducionista. Sua “epistemologia do terceiro espaço” atribui realidade absoluta a um momento relativo da produção do espaço, interrompendo as mediações dialéticas<sup>115</sup> das tríades espaciais. Ao buscar uma sistematização de um espaço anti-sistêmico, Soja tenta fechar um corpo inevitavelmente aberto, feito um espaçamento. Ele mina, assim, o esforço de Lefebvre de apontar as propícias brechas possíveis.

44 |

Osmar X concorda com Sangla “que o espaço vivido não engendra, segundo Lefebvre, um ‘terceiro espaço’, sendo este simultaneamente vivido, concebido e percebido.”<sup>116</sup> Tampouco há uma necessária separação

---

<sup>114</sup> O espaço cartesiano divide-se entre uma ‘res cogitans’ e uma ‘res extensa’, sendo esta infinita, absoluta, atributo divino alcançado por uma única intuição, homogêneo, isotrópico.

<sup>115</sup> H. Lefebvre diz que a dialética inspira menos a seriedade do que a ironia porque esta traduz melhor a sensibilidade do indivíduo em relação às contradições da história, às metamorfoses dos eventos, das situações em seus contrários. H. Lefebvre nos ensina a sorrir diante da prodigiosa tragicomédia que vivemos. H. Lethierry nos oferece um dos conselhos do metafísico: “Tome consciência desta fraqueza sua. Purifique-se primeiramente pela ironia de qualquer vontade de poder (...) Largue aos outros o poder sobre as coisas e, mais ainda, o poder sobre os homens.” LEFEBVRE, Henri. *Introduction à la modernité*, p. 16, apud. LETHIERRY, Hughes, 2009, p.77

<sup>116</sup> Na língua francesa, o termo “perçu” é o particípio passado do verbo “percevoir”, cuja definição, conforme o Dictionnaires Le Robert é: 1. Entender, chegar a conhecer, discernir, distinguir, captar, apropriar-se; 2. Ter consciência de (uma sensação), experimentar, sentir. Assim, consideramos ser mais pertinente traduzir o termo “espace perçu” como “espaço entendido”, referindo-se ao momento em que

entre o espaço imaginário e o espaço real<sup>117</sup>  
que convoque uma ligação externa.”<sup>118</sup>

**45 |**

Com a problematização das tríades espaciais  
Osmar X propõe a realização de itinerários hermenêuticos  
através dos conceitos de Lefebvre sobre o espaço.  
Aposta, assim, que é possível reunir essas cordas triplas  
sem confundi-las, distinguindo-as sem separá-las.<sup>119</sup>

**46 |**

Ao conferir centralidade à noção de prática espacial,  
Osmar X aguça a atenção de Ivo C às artimanhas dos intervalos,  
especialmente esta que reside entre espaços  
vividos e concebidos.  
Como se valesse a pena flertar com  
os espaçamentos e os entrecruzamentos  
dos momentos produtores do espaço  
por corpos inevitavelmente envolvidos em  
repetição e diferença.

---

é percebida a razão de ser de um espaço que também é concebido e vivido. Em português, o verbo “entender” é definido, conforme o Dicionário Houaiss, como: 1. Perceber ou reter pela inteligência; 2. Captar a intenção de, perceber a razão de; 3. Ter conhecimento de, conhecer, saber. no sentido de “perceber ou reter pela inteligência; compreender, captar a intenção de, saber”. O termo “espace perçu” deverá ser usado também nestes sentidos e como antônimo de um momento espacial “ignorado, desconhecido”. É pela prática espacial que ocorre tanto a alienação quanto a apropriação espacial. Feita esta consideração semântica e resguardando o sentido aqui indicado, utilizaremos a tradução do termo como “espaço percebido”, por razões estéticas.

<sup>117</sup> Em se tratando destes termos, outra tríade parece relevante ao entendimento das fronteiras do espaço humano, a partir do corpo. As pontes construídas por Jacques Lacan (1975), entre o real, o simbólico e o imaginário também podem (se) integrar por aqui? Ou seria demasiado considerar a problemática do espaço social em termos psicanalíticos? Sigamos pela via do desejo e vejamos o que resta. Há sempre uma diferenciação por vir.

<sup>118</sup> SANGLA. *Politique et espace chez Henri Lefebvre*, 2010, p.261; tradução minha.

<sup>119</sup> Consideramos que esta questão merece ser estudada detalhadamente. Diante desta sinalização de fechamento-e-abertura em relação ao pensamento de Henri Lefebvre sobre o espaço, propomos a seguir um aprofundamento da discussão sobre a “triplicidade do espaço” para podermos, enfim, esclarecer não somente como a unicidade do espaço depende da coerência dialética da tríade, mas sobretudo qual é o papel desses momentos espaciais. Tentaremos mostrar que a prática espacial desempenha uma função de mediação entre as representações do espaço e os espaços de representação, sendo assim, a chave para o entendimento das contradições do espaço da sociedade capitalista.

47 |

A astuta qualidade das tríades espaciais  
decorre do modo de relacionar as dualidades  
e aposta na imagem de uma multiplicidade mínima.  
Algo que só pode ser discernido a partir da experiência.  
Luzia T se anima e refaz uma pergunta de pesquisa:  
que sentidos espaciais uma prática de viagem  
pode vir a inferir e a conferir à espacialidade das rodovias?

48 |

Com suas tríades sensíveis às qualidades e às cotidianidades do  
espaço, Lefebvre aponta um modo de transformar a vida social.  
O espaço vivido como poesia? Sim.  
O espaço concebido como um sistema? Jamais.  
O discernimento da multiplicidade mínima  
cruza fronteiras entre o finito e o infinito,  
entre o possível e o impossível.  
Atenção, aqui, agora.

49 |

Senão vejamos o que Lefebvre tem a nos dizer  
sobre a primazia do primeiro, do segundo  
ou do terceiro momento da produção de um corpo espacial.  
“Triplicidade: três termos e não dois.  
Uma relação a dois termos se reduz a uma oposição, a um contraste,  
a uma contrariedade; se define por um efeito significativo:  
efeito de eco, de repercussão, de espelho.  
A filosofia dificilmente foi além das relações entre dois termos:  
o sujeito e o objeto, a ‘res cogitans’ e a ‘res extensa’ de Descartes,  
o Eu e o Não-eu dos kantianos, post-kantianos, neo-kantianos”<sup>120</sup>

50 |

Com essa ênfase, Lefebvre quer dizer, entre outras coisas,  
que o processo de produção social do espaço mobiliza  
simultaneamente certas representações do espaço  
(estruturas de ideias, imagens e imaginações, planos, e projetos),  
certos espaços de apresentação (funções de exposições, aparições,  
personificações, , acontecimentos e comparecimentos)

---

<sup>120</sup> Esta temática nos coloca diante de uma problemática epistemológica fundamental que atravessa a história da filosofia e que é atualizada pelo autor através da problemática espacial. LEFEBVRE. *La production de l'espace*, Paris, Anthropos, 1974, p.49; tradução minha.

e um espaço não representacional, da ordem do discernimento (ou percepção), experimentado e narrado como prática espacial (formas da aparência, assimilações, compreensões e comunicações).

51 |

As práticas espaciais não são meras percepções motoras e sensoriais de um fragmento espacial. Elas inscrevem-se transversalmente feito o corpo espacial de um organismo vivo, com seus variados graus de alienação e mistificação.

52 |

Osmar X aponta o modo como Lefebvre destaca os momentos constituintes da produção do espaço:

“é indispensável que o vivido, o concebido e o percebido se encontrem, para que o “sujeito”, o membro de um grupo social específico, possa passar de um a outro, sem se perder. Eles constituem uma coerência? Talvez em circunstâncias favoráveis.”<sup>121</sup>

Isto quer dizer que os espaços das apresentações vividas não poderiam estar separados das representações dos espaços concebidos. Esta separação nutre a nossa crise de percepção. Afinal, como cultivar a transformação possível da vida real sem caminharmos juntos, entrecruzando e espaçando nossas experiências e suas narrativas?

53 |

Desamarrado e reamarrado feito uma corda tripla, o processo de produção do espaço nos permite pensar a mediação de intervalos relativos, como se cada um de seus momentos produtivos estivesse entre-dois, ressignificando duplicidades, espelhamentos e simetrias. Assim, o discernimento cumpriria um papel definitivo. Ele realizaria a mediação entre as assimilações espontâneas da vida e as compreensões faladas e escritas do pensamento. Mas uma prática espacial poderia reunir isto sem confusão?

---

<sup>121</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, Paris: Anthropos, 2000, p.51; tradução minha.

54 |

A prática espacial requer a estrutura representacional de um furo. Uma prática fura o aspecto dual da re-apresentação. Feito o espaçamento, ela é o primeiro, o segundo e o terceiro momento.

55 |

A produção de um corpo espacial: três momentos distinguíveis, embora indissociáveis, com dinâmica de reamarração:

Triplicidade:  
três termos e não dois.  
Uma relação a dois termos se reduz a uma oposição,  
a um contraste, a uma contrariedade;  
se define por um efeito significante:  
efeito de eco, de repercussão,  
de espelho.<sup>122</sup>

56 |

A triplicidade da produção pode vir a apontar práticas de um corpo que ocupa um espaço. Além de colocar em jogo as ligações possíveis entre a universalidade, a singularidade e a particularidade dos espaços, ela aponta um exercício de desalienação da vida cotidiana.

57 |

Daí a relevância prática da imagem das pontes, das portas e dos meandros que se fazem, a cada momento presentes e ausentes.  
É como se houvesse um abismo espacial impossibilitando que um corpo esteja, aconteça ou apareça por inteiro no mundo (ou no Cosmos).  
Como se a nossa inteireza habitasse os enlances.  
Como se essas ligações fossem de ordem prática, agentes de uma tomada de consciência.  
Pontes movediças e portas abertas  
às percepções expandidas  
do corpo espacial de um organismo vivo.

---

<sup>122</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.49.; tradução minha.

## 58 |

Via lógica dialética da produção espacial, Osmar X convoca Ivo C a transformar sua problemática de pesquisa espacial. Como desconsiderar que a integração dos espaços seja indissociável da diferenciação dos espaços? Estas formas de processo não são desprovidas de conflitos. Elas são contraditórias. E suas tensões recíprocas são, justamente, os caminhos que estimulam nossas percepções. Sobre a social complexidade contemporânea e a possibilidade de traduzi-la em termos espaciais.

## 59 |

Ivo C quer saber como construir passagem ao discernimento (portas de casa)? Como habitar pontes cognitivas (fronteiras)?<sup>123</sup>

As relações entre esses três momentos (o percebido, o concebido, o vivido) não são simples, nem estáveis, muito menos ‘positivas’, no sentido do termo oposto ao ‘negativo’, ao indecifrável, ao não-dito, ao interdito, ao inconsciente. Tais momentos e suas ligações mutantes são conscientes? Sim, embora ignoradas. Podemos declará-las ‘inconscientes’? Sim, já que são geralmente ignoradas, já que a análise pode descobri-las, jamais sem risco de erros. Tais ligações: sempre foi necessário dizê-las, o que não equivale a conhecê-las, mesmo inconscientemente.<sup>124</sup>

## 60 |

Com a distinção e a reunião dos três momentos da produção do espaço, Ivo C tem a possibilidade de compreender as globalizações e as localizações dos pontos de vista espaciais contemporâneos.

Com a expansão das relações capitalistas de produção aos mais recônditos cantos do planeta, a possível coabitação de cosmologias sociais distintas, fundamentalmente criadas por ritmos cotidianos variados é um problema de perspectiva, de corpos espaciais.

---

<sup>123</sup> Outra tríade que parece relevante à tomada de consciência acerca das fronteiras espaciais dizem respeito aos apontamentos de Jacques Lacan (1975), sobre o real, o simbólico e o imaginário. Sigamos pela via do desejo e vejamos o que dela resta. Há sempre uma diferença produzida.

<sup>124</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, p.49; tradução minha.

61 |

Momentos de imaginação que,  
ao se esgotarem na potência das palavras,  
revelam realidades concretas.  
Momentos de realização que  
já não se restringem aos abstratos pensamentos.  
Momentos de assimilação que  
conectam concepções territoriais e vivências de mundo.  
A sensibilidade de um real possível como centralidade da reflexão.

62 |

Osmar X aponta, portanto, uma via de tradução,  
a ser cultivada com cuidado e atenção:

a triplicidade: percebido - concebido - vivido (especialmente: prática espacial - representação do espaço - espaços de representação) perde seu alcance caso lhe seja atribuído o status de um “modelo” abstrato. Ou ela capta o concreto (e não o “imediato”), ou então ela se restringe a uma mediação ideológica sem importância, dentre muitas outras.<sup>125</sup>

63 |

Luzia T pergunta para Osmar X onde se encontra  
o concreto do espaço a captar.  
Como traduzir uma prática sócio-espacial  
de uma estrada interoceânica transcontinental?  
Como fazer ligações entre os pontos de vista dos corpos  
pesquisadores  
e aqueles dos corpos espaciais pesquisados,  
via tríplice fronteira “MAP”?

64 |

Como podemos pensar e fazer a incorporação de corpos de mundo  
disjuntos, social e geohistoricamente produzidos, sem cultivar  
a compreensão de nossas próprias práticas de integração?  
O modo como colocamos em prática  
as iniciativas interdisciplinares  
também seria um caminho possível para o discernimento  
dos dilemas de integração dos espaços?  
Ou seria improvável que os interesses de integração das disciplinas  
sejam compreendidos em termos de fragmentação,  
de hierarquização e de homogeneização epistêmica?

---

<sup>125</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.50; tradução minha.

**65 |**

A triplicidade da produção do espaço  
é uma implicação fundamental da tese de Lefebvre  
sobre o mundo capitalista ocidental  
(teoria e prática inexoravelmente ligadas).  
Para cultivar a compreensão desse processo,  
o metafilósofo nos remete a partir  
e a voltar sempre a nossa atenção  
ao corpo.

**66 |**

Osmar X propõe a leitura dessa argumentação  
sobre a produção social do espaço, através de itinerários,  
pelos textos originais de Lefebvre.  
Ivo C terá, assim, um conjunto disjunto de conexões  
intertextuais que favorecem a compreensão e,  
mais que isto, estimulam as possibilidades de  
tradução que habitam entre  
um espaço abstrato  
e uma prática do espaço diferencial.

**67 |**

Jean M e Ivo C cruzam, novamente, as margens do rio Acre,  
ali onde se reúnem sem se confundir, através da Ponte da  
Integração, três Estados nacionais.  
Depois de cruzada as alfândegas (ou as portas oficiais de um país),  
Alejandro Q segue transmitindo a Ivo C (online)  
o que parece estar ao mesmo tempo junto e disjunto,  
nos termos de um cotidiano: o Conjunto T,  
nada de mais, nada de menos.

**68 |**

Jandira R caminha sozinha, por aquelas margens,  
fitando o modo como um meandro movediço do  
Rio Acre a mira  
feito um organismo vivo,  
como se um espírito humano comum habitasse  
os diferentes cantos da Amazônia.  
Ela estaria, assim, assumindo uma perspectiva ameríndia?  
Isto é possível, sem ser ameríndio?  
Ivo C, que de desloca ao mesmo tempo com Alejandro Q e Jean M

e conversa com Osmar X e Luzia T, envia uma mensagem a Jandira R, via celular: “o ponto de vista que habita um corpo produz a diferença”. Ao que alguém acrescenta: “num tempo ‘x’”.

69 |

Enquanto isto, Elvira C cultiva a compreensão de uma prática do espaço diferencial, mantendo ligadas a sua expressividade simbólica à sua capacidade imaginária e à sua perspectiva real. Fios distintos que se entrelaçam através de seu silêncio, rearranjando outras amarrações variadas, através da escuta de corpos que falam, mas diferente.

70 |

Jandira R parece ler os pensamentos de sua amiga e lhe envia uma mensagem”

A cabeça tem ainda a tradição antiga da mistura: nem por dois o universo é divisível. Um; nem mais nem menos: tudo é um.<sup>126</sup>

71 |

Enquanto se deslocam entre Iñapari e Assis Brasil, Jean M, Alejandro Q e Ivo C reinventam, juntos, o limite das fronteiras. Osmar X quase não acredita na coincidência. Enquanto eles estão atravessando a Ponte da Integração, sobre o rio Acre, seus olhos percorrem o primeiro parágrafo da página 365 de *La production de l'espace* (1974):

Fronteiras? Esta palavra frágil guarda o essencial. Linhas de fratura na homogeneidade, diríamos, que desenham as configurações de verdade, muito acidentadas embora invisíveis aos olhares, do espaço social “real”.<sup>127</sup>

72 |

Guiados por Alejandro Q, atravessam duas cidades inteiras, e embora ainda não tenham alcançado a terceira, sem ponte, seguem cultivando outros sentidos de extremidade.

Ivo C quer ir para Bolpebra, intuindo que lá se encontra a última fronteira.

Jean M se despede de Alejandro Q, na porta da Pousada

---

<sup>126</sup> TAVARES. *Uma viagem à Índia*, 2010, p.363

<sup>127</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.365; tradução minha.

Renascer,  
já longe da ponte e a poucos pés distantes da Bolívia.

**73 |**

Terminam o itinerário enquanto começam a rezar os fiéis de uma comunidade evangélica vizinha.  
Há uma mulher que passa.  
Mas Jean M segue conversando, ou melhor, despedindo-se de Alejandro Q. Ela desvia o olhar do cientista, ainda que de humanas. Ivo C, via streaming, quer saber: que razões a motivariam cruzar diante da câmara, rumo àquele singelo templo de Deus e de madeira, para espiar a melodia de um canto gospel?

**74 |**

Ivo C faz muitas perguntas, muitas delas inusitadas.  
Há muito pouca coisa que um tradutor pode considerar como desimportante. Uma eventual frase fora de contexto corresponde a um acontecimento cotidiano fora do comum, cuja possibilidade de tradução beira o limite do indizível.

**75 |**

O torito peruano deixa Jean M e Osmar X em terras brasileiras. Alejandro Q está agradecido, muitíssimo, pelo extraordinário itinerário compartilhado.  
A satisfação de um pesquisador, embora de humanas, diante do sucesso de uma experiência faz brilhar os olhos de qualquer orientador.  
Mas Alejandro Q parte, sem assistir suas próprias cenas. Aquele recente coabitante da pesquisa não irá ter a perspectiva de sua nuca, este inusitado e controverso ponto de vista.

**76 |**

Por quê? Ele pergunta à dupla de pesquisadores.  
Não há como, respondem; pois uma imagem é feita para ser descarregada, primeiramente, para ser assistida, posteriormente.  
Alejandro Q não se incomoda, a ponto de tornar sua imagem um imbróglio. Alejandro Q é uma pessoa que compreende bem,

aceita e autoriza a difusão, daquele desvio do controle, conjuntamente realizado. Vejamos e escutemos juntos o desfecho do itinerário

**77 |**

Alejandro Q (4' 31''):



Assis Brasil, Acre, Peru.<sup>128</sup>

**78 |**

Os itinerários são imprevisíveis – há chances de funcionar bem ou mal e mais ou menos bem e mal – e não somente por motivos técnicos e científicos. Os itinerários são narrativas territoriais compartilhadas, audíveis e visíveis, que seguem os rumos da interação e da contingência, da negociação e do deslocamento, como se, a qualquer instante, pudesse surgir um gesto capaz de apontar ou não, discernimentos.

**79 |**

Assim falava Ivo C, o tradutor, o orientador da pesquisa. Contudo, agora, quem deseja falar é o doutorando a escrever. Que as referências bibliográficas e os conceitos, e também minha intuição, me auxiliam neste processo, pois a escrita de uma epopeia acadêmica é exercício de paciência em longa fila de espera e exercício de simplicidade em fragmentos de linhas curtas, embora densos. Fica sempre concentrado, aqui, agora.

**80 |**

E já que apontamos tanto ao Coletivo e Ivo C, permita-se um fragmento autoral.  
A viagem de Julho  
de 2010 aguçou teus sentidos de que maneira?  
A partilha de uma pesquisa é mais valiosa

---

<sup>128</sup> Segue o link com o registro correspondente. Alejandro Q (4' 31''): <https://vimeo.com/266922431>

para essa pesquisa que os argumentos para os quais essa pesquisa aponta? Quase óbvio, mas não é. Estamos aí com os outros: convivemos e cultivamos as convivências, dia após dia. Mesmo sem vontade de partilhar, compartilhamos. Não podemos pesquisar isolados, e nada mais, ou a mais. Nem demais.

**81 |**

Mas agora é Ivo C quem escreve, via chat. Elvira C é quem lê ao Coletivo, já novamente reunido.

Como há uma multiplicidade de perspectivas desconhecidas, não seria pertinente tentar captar o concreto, além do imediato, através de alguma forma ou processo de mediação?

De que modo transitar pelos diferentes momentos que produzem um espaço?

**82 |**

Ivo C quer dizer (Osmar X traduz): que práticas espaciais dariam conta de fazer espaçamentos e entrecruzamentos de vivências, concepções e percepções espaciais? Como argumentar sobre o caráter espacial de uma via ao mesmo tempo singular, particular e universal?

**83 |**

A via assume aqui, desde já, uma espacialidade relacional cumprindo a função de reunir diferentes pontos de vista. Ainda desconhecida, isto é, desprovida de um discurso elaborado, havia, desde o princípio, verdades espaciais em construção sobre os diferentes modos de integração.

Ivo C já está a pensar criticamente os reais interesses das iniciativas de integração de diferentes corpos de mundo, enquanto traduz um espaço humano, prático e diferencial.

**84 |**

havia  
de dizer  
que, há  
vias de dizer  
que a via,  
por via do modo de dizer,  
não só via como escutava,  
meio que  
percebia  
pela estrada: ar rumo ações.

**85 |**

Assim o narrador aqui vai,  
compartilhando com os outros, um projeto de pesquisa  
cheio de recreações;  
aqui vai o narrador,  
suficientemente próximo e distante do Coletivo e de Ivo C.  
Juntos sobem cordilheiras andinas e rios amazônicas e aí, no  
silêncio, procuram uma última fronteira através da qual se possa  
construir uma ponte.

**86 |**

E as melhores teses que o doutorando aponta  
conjuntamente aos coabitantes de pesquisa  
são proposições de espaçamento:  
um modo de criar intervalos entre mundos.

**87 |**

Bem mais inteligente que incorporar o outro,  
é, afinal, não deixar apagar o que nos difere  
porque é isso que pretende as iniciativas de integração:  
dominar territórios indígenas, privatizar sem exceção.  
Enfim, Coletivo, para vocês dirijo a palavra:  
o tradutor dos mundos, o que primeiro adentrou essa viagem,  
desconhece com exatidão as coordenadas do igarapé Abismo  
e é até lá, ou melhor, até suas margens e não acolá, que o tal  
narrador de pesquisa vos acompanhará.  
Não desconsiderem, pois, Coletivo, que encontrarão  
o espaço humano  
de uma Floresta que convive há séculos com estrangeiros viajantes.



# Canto VIII



1 |

As paragens e os itinerários, tal como os aforismos,  
reúnem as perspectivas singulares e irreduzíveis  
de um espaço-corpo temporal.

(Cada fragmento, traduzido em palavra ou em imagem é,  
através do espaço: ritmo,  
por mais que dure poucos minutos.)

Ivo C, online, acompanha  
o Coletivo a registrar narrativas e nelas as geografias cotidianas  
de pequenas cidades amazônicas,  
em via de urbanização.

Alfonso C, prefeito de Iñapari, sugere ao Coletivo conversar,  
com tempo, com Manuel B, o ex-prefeito de Assis Brasil.

2 |

O que é o futuro? O avesso daqui: espaço que demanda, cada vez  
mais rápidos ritmos,

uma tal pressa que tenta ser revertida por Ivo C e o Coletivo.

O agora – presente, deste momento – , também feito  
de sons

varia conforme o humor do leitor. Assim, aquela  
memória do que foi o espaço, naquele instante,  
hoje tem um sentido

relativo: talvez, quem sabe, o guardião dos ritmos considere  
adequadas as mídias de guardar. Espaços cotidianos permanecerão  
vivos amanhã em vários sítios  
da internet.

3 |

O entrecruzamento da Geografia e da tradução

tende a evocar mais sentidos recreativos

do que as permutas entre a Ficção e

a densa descrição etnográfica. Lugar de cantos,

eis a Geografia do intervalo; cria espaçamento, vive-se

entre; a Geografia tem um papel que

passa e fica na vida de cada um; papel em branco

onde tudo está por escrever; e vale rasurar

ou inventar; mas gasta-se tanto tempo sem considerar que

a Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a

transposição criativa, entre mundos,

de países e de paisagens.

4 |

Já é noite quando Alejandro Q retorna ao Peru,  
mas pode ser que ele resolva estender sua jornada  
por mais alguns itinerários.

Em Assis Brasil também, ainda é tempo de trabalho  
de pesquisa, e neste momento, pelo menos duas pessoas  
não devem, ou não deveriam, demonstrar-se cansadas:  
Manoel B, o prefeito e Ivo C, uma pessoa múltipla:  
eles têm um encontro marcado.

5 |

O Coletivo ainda não conhece Manoel B, mas em breve o verá,  
sentado no sofá vermelho,  
que para a varanda de sua casa foi artisticamente dirigido.  
Luzia T foi quem organizou a cena e a conversa,  
sem prever a tempestade que iria cair.  
Mas eles se anteciparam à força da natureza. Antes de chover,  
já estavam a postos, com câmera e tripé aprumados.

6 |

Elvira C compartilha com Manoel B os sentidos da ausência  
mediada pela imagem de um vasto espaço ermo.  
A sensação da situação de quem vive afastado  
de um certo convívio social.  
Há retiros e também o que se retira, reitera Elvira C  
a partir do que disse Manoel B: eu aqui, sozinho, reunido  
em nome de um coletivo...  
Um espaço ocupado por um homem só difere  
de um mundo povoado por quem escolhe  
viver em isolamento voluntário?

7 |

Mas há também os gravadores que nos possibilitam  
escutar a diferença, noutros ritmos, em variados espaços.  
Jean M propõe que a conversa comece pelo início  
da história de vida de Manoel B.  
Tal como o nosso Coletivo, mas de modo distinto,  
Manoel B também habita três, ou mais,  
tríplices fronteiras. Ele nasceu no seringal,  
predestinado ao trabalho, como o degrau de uma escadinha  
de irmãos. Sua mãe deu a luz a vinte filhos  
e, como se diz, morreu de parto, infelizmente.

## 8 |

Sentado em torno de uma bacia,  
compartilhando com os irmãos a comida,  
Manoel B vê chegar uma tia, todavia desconhecida,  
que, nos instantes seguintes, diz a que veio:  
ele seria apontado como o degrau escolhido a ser desviado.  
Manoel B deveria ir estudar na capital.  
Acontecimento que foi garantido por uma questão de  
gênero: ele não era menina.

## 9 |

Porque uma capital agride e afasta, ela tende a ser violenta,  
fato comprovado quando o cotidiano vira programa de TV  
e aparece sob a insígnia de: Mundo Cão.  
O cão urbano morde Manoel B bem cedo.  
Dos oito aos quinze anos de idade,  
ele vive privado de um beijo – a maior invenção humana -  
oriundo do pai ou dos irmãos. Da bacia compartilhada  
para a televisão individualizada, catástrofes são digeridas  
ao meio-dia, misturadas  
com arroz, carne, farinha e feijão.

## 10 |

Antes de se tornar líder sindical.  
Manoel B trabalhou como professor multi-seriado,  
como se diz, lecionando tudo, exceto espanhol.  
Com seu pai aprendeu o caminho da luta,  
contra os invasores fazendeiros,  
contra os grileiros,  
pelos direitos comunitários dos  
seringueiros.

## 11 |

Ivo C escuta Manoel B relatar ao Coletivo que,  
além de lutarem,  
os seringueiros também sonham.  
E o que parecia impossível – uma educação, uma saúde  
e uma coisinha assim a mais, sabe como é,  
um pouquinho dessa novidade desse novo tempo –  
aos poucos  
começou a chegar, no seringal.  
E foi mais rápido que o imaginado.

**12 |**

Mas os sonhos realizados logo renovam  
os sonhadores. Afinal, além da escola  
e do posto de saúde, logo buscaram para o seringal,  
a luz e o ramal.

E como todo caminho de desenvolvimento implica  
uma diferença, logo trataram de inventar uma política inovadora  
de educação infantil,  
batizada como FLOC: Floresta das Crianças.

**13 |**

No interior de uma Floresta Amazônica  
meio inacessível,  
do meio de um silvestre seringal  
imprevisível,  
Manoel B está a apontar um meio possível  
de superar  
o limiar de uma mobilidade econômica e social  
meio impossível.

**14 |**

Ivo C tem a escuta dedicada a traduzir Manoel B com  
cuidado. Alguns sonhos podem parecer  
meio bobos  
e por conta desta impressão, justamente,  
esses sonhos acabam deixando de ser alimentados,  
esses sonhos passam a ser sonhados silenciosamente.  
Todavia, no decorrer da realização, esses sonhos  
passam a ser irrigados, pela astúcia da esperança,  
revelando seres  
menos estúpidos do que pareciam  
ser.

**15 |**

Enquanto brota, o mundo aponta que não há sonho,  
por mais ignorante que um sonho possa parecer,  
que não cumpra a função de fazer  
acontecer.

Quanto mais bobo, em princípio, mais a gente aprende,  
ao final, como é possível fazer um sonho deixar de ser  
só um sonho: fazendo, sonhando, acontecendo,  
sonhando, fazendo, transformando.

## 16 |

A conversa com Manoel B estende-se noite a dentro,  
recheadas de memórias, análises e anedotas.

A sua geografia corresponde à luta  
dos seringueiros do Acre, à formação do Partido dos Trabalhadores,  
em prol de melhores cotidianos de vida.

Estamos diante de um exímio contador de histórias.

Ivo C experimenta uma outra possibilidade de tradução,  
e para cada fragmento audiovisual,  
aponta um fragmento textual,  
em busca de outro modo de criar ressonâncias.

## 17 |

Manoel B foi um dos responsáveis pela mediação  
entre os povos habitantes da fronteira MAP  
e o Governo Federal, responsável pela construção  
da Ponte de Integração.

Através do registro abaixo, ele conta como foi recebida a notícia  
de que seria lançada a pedra fundamental  
do que viria a ser, hoje, a Carretera Interoceânica.

## 18 |

Manoel B (5’):



Assis Brasil, Acre, Brasil.<sup>129</sup>

## 19 |

Houve uma chuva torrencial que provocou, em Iñapari,  
o maior alagamento de todos os tempos.

Saiu em letras garrafais, no jornal:

“Iñapari puede ser de Brasil”.

Quem define os limites de fronteira  
entre o Peru e o Brasil é o Rio Acre?

Basta ele mudar de lugar, para deslocar uma cidade  
rumo a outra nação?

---

<sup>129</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Manoel B (5’): <https://vimeo.com/234909805>

20 |

Manoel B (1' 28''):



Assis Brasil, Acre, Brasil.<sup>130</sup>

21 |

Manoel B se pergunta: somos todos bandidos?

Com a chegada da alfândega,

estudantes são fiscalizados, seringueiros são vistos como suspeitos.

Antes, a gente circulava livremente, mas com a alfândega ali,

onde ela está, parece que estamos vivendo em guerra.

Mas aqui não: nós somos uma fronteira de paz!

Precisamos de tranquilidade cotidiana,

não de controle.

22 |

Manoel B (3' 56''):



Assis Brasil, Acre, Brasil<sup>131</sup>

23 |

A nova geração não quer produzir.

Ninguém mais quer viver no campo. O dono das áreas rurais que vive na cidade, ele é rural ou urbano? O produto agrícola cultivado no campo e vendido na cidade, ele é rural ou urbano?

As cidades são sedutoras. As terras estão concentradas.

Organizar as nossas casas para nós, ou para quem vem de fora, não é a mesma coisa.

---

<sup>130</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Manoel B (1' 28''): <https://vimeo.com/239921725>

<sup>131</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Manoel B (3' 56''): <https://vimeo.com/239923474>

24 |

Manoel B (4' 34''):



Assis Brasil, Acre, Brasil<sup>132</sup>

25 |

A conversa entre Manoel B, o Coletivo e Ivo C termina alguns minutos após o fim da chuva. Além de autorizar o uso de suas imagens, ele agradece e elogia a atitude e a ousadia do Coletivo.

26 |

Manoel B (1' 41''):



Assis Brasil, Acre, Brasil<sup>133</sup>

27 |

E o Coletivo segue viagem, embora não saiam dos limites dos três municípios da tríplice fronteira MAP. Por ali andam a pé, de moto-taxi, com Alejandro Q e logo mais com Alfonso C, no veículo oficial da prefeitura de Iñapari. Ivo C segue, portanto, no mesmo canto, embora já seja outro dia. Aqui seguimos: este é o oitavo.

---

<sup>132</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Manoel B (4' 34''): <https://vimeo.com/239902276>

<sup>133</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Manoel B (1' 41''): <https://vimeo.com/239899459>

28 |

O Coletivo se encontra no local exato onde concluíram  
aquele itinerário com Alejandro Q: a Pousada  
Renascer tornou-se uma espécie de ateliê de pesquisa.  
Múltiplos cantos e encantos, num só canto.  
Dali se avista a Bolívia. Em breve o Coletivo aponta por lá.  
Mas alguns deslocamentos não se antecipam.  
Enquanto outros seriam melhores,  
caso fossem evitados.

29 |

A narrativa a seguir tem o sotaque bem viajante  
de um caminhoneiro brasileiro.  
Se há algo que poderia vir a distinguir um cientista,  
embora de humanas  
de outro cientista, mas não de humanas,  
ambos em trabalho de campo,  
seria aquela impossibilidade de pausar  
a coleta de dados,  
durante o café, o lanche, o jantar.

30 |

O Coletivo senta-se para almoçar, num desses restaurantes  
a quilo, com direito a uma carne. Jean M acaba de se servir.  
Antes mesmo da primeira garfada, senta-se diante dele,  
um simpático sujeito bem-humorado.  
Quer saber se procede o que ouvira por aí,  
(Elvira C está ao lado ouvindo tudo)  
que o pesquisador francês anda perfazendo  
caminhos,  
aliás, vias de compreensão sobre a Interoceânica,  
essa rodovia.

31 |

Jandira R, também sentada por ali, naquela grande mesa,  
não perde a oportunidade de acertar  
o lugar de fala: sim, procede a sua escuta, meu caro...  
como devo lhe chamar? Suécio S, ele responde.  
Sim, caro Suécio S, somos um Coletivo; Jean M não está  
sozinho  
nesta empreitada. Com jeito, enquanto caminhamos,  
encaminhamos caminhos, feito cantos.

32 |

Eu também quero registrar a minha geografia,  
Suécio S diz. Instantaneamente muda de tom aquela refeição.  
Jean M refaz a postura, destampa a caneta, abre o caderninho  
e o espaço-almoço-campo torna-se ambiente epistemológico.  
A entrevista começa com a clássica pergunta: de onde?  
Suécio S começa a contar sua vida.  
Compartilham uma coca dois litros.  
Pedem copos com gelo e limão.

33 |

Uma vez terminada a refeição, cada um faz a sesta à sua maneira.  
A hora desse repouso é algo que Ivo C não compartilha.  
O Coletivo dirige-se à Pousada Renascer, onde encontram-se  
os equipamentos de registro vidgeográfico.  
Para lá também vai Suécio S, uma hora depois.  
Ao chegar, tudo já está preparado. E como já haviam conversado  
bastante, durante o almoço, inclusive sobre as premissas  
do método, não tardou até que Jean M dissesse:  
luzcameração!

34 |

Suécio S (5' 54''):



Assis Brasil, Acre, Brasil.<sup>134</sup>

35 |

Dali em diante, a conversa entre eles segue, orientada por dilemas  
logísticos. Como a saga de Suécio S é sagaz!  
Alguém anota a palavra “cupu”, por ele dita,  
mas incompreendida. Ivo C está off-line,  
e somente depois recebe o singular e irreduzível  
ponto de vista de Suécio S, um exportador de grãos: soja, milho  
e feijão.

---

<sup>134</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Suécio S (5' 54''): <https://vimeo.com/240250414>

36 |

Traduzir transportes transfronteiriços cheira, a Ivo C,  
como uma expressão altamente metalinguística.  
Entre cargas e descargas, operações de passagem,  
pontes e desvios,  
nada escapa aos possíveis sentidos de  
transposição.  
Menos evidente é possuir transitividade suficiente  
para dizer “cupo” em outra língua.  
Ele vai ao dicionário, mas sem sucesso.

37 |

É preciso aprender a renunciar traduções, caro Ivo C.  
Há sentidos que não encontram ressonância, entre  
mundos disjuntos. Nem tudo está ao alcance de quem  
transita por margens tão distantes.  
Algumas vezes, meu amigo, cabe apenas permanecer  
em repouso, do lado de cá, em silêncio (outro nome para  
espaçamento). Sim, tens razão, caro narrador.  
Fingirei de morto até que me convoques novamente.

38 |

Deixemos, portanto, o narrador falar. Apenas para ressaltar  
que todo mundo tem direito à voz, por aqui.  
Inclusive o leitor. O próximo fragmento será dedicado  
a ti que seguiu, bravamente,  
esta epopeia acadêmica  
até aqui. Sinta-te à vontade  
para criar tua própria transcrição, algo que,  
partindo daqui, eventualmente encontre harmonia  
em teu coração.

39 |

Espaçamento ao livre comentário:

40 |

Agora, regressemos à narrativa. Ivo C está online?  
O Coletivo não está mais em Assis Brasil,  
pela ponte já atravessaram o Rio Acre, novamente, até Iñapari.  
Após a conversa de ontem com o prefeito Manoel B,  
Jean M ficou interessado em fazer um percurso compartilhado  
com Alfonso C, o outro prefeito.  
Perfeito, ele diz, aceitando a proposição. Logo disponibiliza uma  
camionete, onde o Coletivo instala o tripé e a câmera.  
Tudo pronto para mais uma itinerância narrativa,  
pela fronteira.

41 |

Sim, estou online. Deixem comigo, vou tentar caprichar  
nesta tradução. Considerando que este pode ser  
o último itinerário,  
peço que diga a Jean M para registrar o trajeto inteiro,  
do início ao fim. Deste modo, poderemos contrastar  
as possibilidades de transposição entre imagens, sons  
e palavras, deixando tudo bem reunido,  
mas bastante distinguido também,  
sem confusão.

42 |

Elvira C transmite a mensagem.  
O parisiense está de acordo.  
Luzia T fica a cargo dos microfones, desta vez,  
deixando Jandira R mais disponível  
à contemplação  
Osmar X também está na camionete oficial da prefeitura.

43 |

A seguir, caro leitor, encontram-se, portanto,  
os fragmentos  
que compõem, cronologicamente,  
o exercício de tradução  
do itinerário em questão.  
Percurso que pode ser acompanhado,  
seja pela via escrita, seja pela via audiovisual.  
Elas tendem a ser mais ou menos correspondentes,  
relativamente repetitivas e diferentes.

44 |

A via Interoceânica é um grande investimento do governo peruano.

Que vai favorecer o Brasil, principalmente. O Brasil tira muita vantagem com esta estrada. Os povos peruanos, como estes aqui de fronteira, há tempo esquecidos,

eles também ganham, mas de uma outra maneira.

Para nós é uma nova fase da história do Peru.

Antes da Interoceânica, ninguém conhecia Iñapari.

45 |

Alfonso C (2' 16'"):



Iñapari, Madre de Dios, Peru.<sup>135</sup>

46 |

Esta estrada que inventa a Saída para o Pacífico é muito boa.

Ivo C acha que a via vai cortando todas as montanhas?

Não é assim. A estrada segue os vales fluviais. Ela acompanha os caminhos

naturais, pela beira dos rios. São primeiramente os rios que cortam as serras, para depois construir as estradas.

47 |

A Ponte da Integração é um lugar, ou melhor, uma obra cem por cento feita com verba do governo brasileiro.

Ela mudou a história de Iñapari. Agora sim: começou!

Foi o início da grande transformação de Iñapari

e de Assis Brasil. Antes dela, a travessia do rio era uma demora.

As mercadorias, no inverno, transbordavam

de caminhão pra caminhão. E passavam na canoinha,

encarecidas. Com esta ponte, tudo mudou muito. Ela uniu mais as cidades. Criou, na prática, uma só cidade.

Assis Brasil agradece, numa placa, a visita em três idiomas.

---

<sup>135</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Alfonso C (2' 16''): <https://vimeo.com/266793905>

48 |

Aquela longa conversa, cuja dinâmica da paisagem era movida por uma distância fixa, entre corpos estáticos, os levava a idealizar outro modo de pesquisar.

Foi quando sugeriram a Alfonso C o método do passeio. Um percurso que aguçaria ainda mais uma conversa e geografia seria aquela de uma imagem em movimento

49 |

Alfonso C (6' 05''):



Iñapari, Madre de Dios, Peru.<sup>136</sup>

50 |

Aos seus cinquenta anos de idade, Alfonso C concebe um pouco mais de cinquenta minutos de seu dia para que pesquisadores estrangeiros realizem experimentações metodológicas. Basicamente, eles desejam saber como Iñapari era antes.

E o que mudou aqui, ali, nesse entorno e acolá, mais distante.

51 |

Aqui era o acesso para Assis Brasil, antigamente.

Onde a ponte internacional poderia ter sido construída.

Aqui era um dos lugares possíveis, que trouxeram para a consulta do povo. Vieram os consultores, brasileiros e peruanos.

Reuniram as autoridades e a população para consultarem

onde a gente deveria construir a ponte. Eles trouxeram uma posição técnica,

de onde seria o lugar mais apropriado, não é!? Uma dupla margem onde não houvesse curva. Um local propenso e favorável à prática do controle e da fiscalização.

---

<sup>136</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Alfonso C (6' 05''): <https://vimeo.com/266793986>

52 |

Escolhemos ficar com a opção do meio, aquela onde fica a atual entrada principal. Fizeram tal como a população aprovou. Mas o problema que a gente tem aqui é o de aprender a cuidar dessas praias e das bacias dos rios. É que o pessoal vem de muitos cantos, para tomar banho no rio. O rio era limpo, mas já sujou. Vejam só aí: rolaram as praias de fim-de-semana, mas ainda não ajuntaram as latas. Isto é um problema ou não é!?

53 |

Estamos chegando no triângulo da fronteira entre a Bolívia, o Peru e o Brasil. Sim, vamos até ali e damos a volta. Vamos chegar na desembocadura do rio Yaverija, que é o que nos divide com a Bolívia. Aqui, nesta parte, o Peru já deixa de ter participação no Rio Acre.

54 |

Este rio que nasce no Peru é o rio Acre que corre quase todo o estado do Acre, desemboca no rio Purus, já no estado do Amazonas, no município de Boca do Acre. Mas ele nasce no meio da floresta. Desde lá, ele vem dividindo a fronteira, com o Brasil de um lado e do outro, o Peru.

55 |

Este rio está mudando bastante e por inteiro. E não somente sua paisagem. Ele tem cada vez menos água e mais areia. Muitos anos atrás, o rio Acre era bastante profundo. Mas cada vez ele tem menos água. Com este outro rio da direita, eles formam o triângulo entre o Peru, o Brasil e a Bolívia.

56 |

Jean M fica intrigado com aquele lugar  
e pede para que Alfonso C repita, deixando assim  
tudo bem registrado. Vejamos, escutemos ou sigamos por aqui,  
lendo o que ele tem a dizer. Deste lado temos o rio Acre e, deste  
lado,  
o rio Yaverija. O Rio Acre, neste momento, divide Peru e Brasil,  
mas a partir dali, onde fica a boca do Yaverija, o rio Acre divide  
Brasil e Bolívia.

57 |

Do outro lado, aqueles ali são indígenas. Eles têm documentos  
brasileiros. São da tribo Yaminawa e têm uma reserva de terras,  
no Alto Acre. Hoje eles são brasileiros porque o Brasil  
dá mais facilidades para eles, não é!?  
Elvira C pensa que as aldeias indígenas são geralmente voltadas  
para as margens de rios.  
E isto não é por acaso.  
Lembra-se de Aílton Krenak dizendo, numa conversa informal,  
que a margem de um rio  
é o lugar em que a terra descansa.

58 |

Alfonso C (4' 56''):



Iñapari, Madre de Dios, Peru.<sup>137</sup>

59 |

Elvira C está aprendendo a viver a terra  
não apenas como uma plataforma,  
mas como uma extensão da respiração.  
Olha para o entorno e percebe o mundo como  
relações sociais,  
tal como o corpo inteiro  
de um organismo vivo.

---

<sup>137</sup> Para acessar o registro audiovisual correspondente, Alfonso C (4' 56''): <https://vimeo.com/266794137>

## 60 |

Jean M deseja saber como é a relação entre os indígenas e o povo da cidade. No Peru é muito ruim, diz Alfonso C. Eles ingerem álcool e vêm causar problemas e brigas, por aqui.

Eles geralmente vêm armados, com facas. Às vezes, a briga se forma entre eles mesmos.

Em Assis Brasil é proibido vender bebida alcoólica pra eles. Mas aqui não. No Peru é proibido proibir a venda de bebida alcoólica. Então eles vêm comprar aqui e ficam bêbados, ali ou acolá. Afora isto, não causam mais problemas.

## 61 |

O indígena é dependente do álcool. Não sei se Ivo C sabe: nossos indígenas, desde criança, tomam a

Caiçuma

na mamadeira. A Caiçuma é uma bebida fermentada da macaxeira. Com muito álcool.

Desde cedo. Eles começam a beber desde criança.

Crescem acostumados com a Caiçuma.

## 62 |

A paisagem mudou muito por aqui. E nesta parte, ela mudou para melhor. Ivo C vê que algumas das árvores são embaúba. Mas também há outras que o próprio rio semeou, com suas alagações.

A ideia é fazer um jardim botânico aqui dentro, diz Alfonso C.

A gente quer fazer uso do Sangue de Grado e da Unha de Gato.

Duas plantas que nasceram nesta parte, onde era o rio,

há vinte anos. O rio deixou, do lado de cá, a possibilidade de uma mata com plantas medicinais. E aqui se usa muito.

O costume do povo ainda é se curar via plantas nativas.

## 63 |

Jean M percebe algo não muito importante para sua argumentação. Mas não deixa de perceber que para vir até ali, uma camionete é mesmo preciso. É por causa da chuva. Choveu ontem e foi uma chuva fora de época. Em julho, ali, não chove. Quando o tempo fica frio, chamam de friagem. Mas com toda a mudança climática em curso, ninguém espera mais nada

de estação nenhuma.

64 |

Jean M pergunta se Alfonso C já conheceu a praça de Bolpebra, não muito longe dali. Não, ainda não conheci, responde. Mas já ouvi gente falar por aqui que lá tem uma praça nova. Com ajuda do governo Venezuelano, eles começaram este projeto, em 2007. Até recentemente compravam material aqui, no Peru. Tanto para a construção da praça, quanto para a estrada. Mas já não o fazem mais. Está proibido o trânsito de materiais e de carros entre o Peru e a Bolívia. Já não sei mais de onde estão trazendo o material.

65 |

Há uma única estrada que chega até Bolpebra. Mas não é autorizada. Totalmente ilegal. Além disso, não há mais acordo comercial. Neste instante Jean M pensa que talvez ficasse legal alguma ligação audiovisual entre a paisagem cotidiana de Bolpebra, a conceituação espacial de Osmar X e a atenção poética de Jandira R.

66 |

Estabelecido este acordo, caso precisassem deslocar conceitos, pedra ou madeira, daqui para lá, seria através do espaço vivido pelo rio. Ou por alguma outra via? Osmar X pergunta. A existência de uma estrada aberta que nos leva até lá não é garantia de que podemos passar com todos os materiais. Algo tende a ficar de fora. Um resto qualquer.

67 |

Os povos precisam um do outro para conseguirem crescer. Embora saibam, raramente evitam fazer isto de modo desigual. Até que um acaba desenvolvendo mais do que o outro. É quando a vida cotidiana começa a ficar violenta, perigosa. Um lado se impondo sobre o outro. Alfonso C quer que sua gente trabalhe bastante. Para que Iñapari seja mais semelhante à cidade vizinha, de Assis Brasil. Não aspira imitar Bolpebra, mas espera que Bolpebra imite alguém.

**68 |**

Ainda temos muitas coisas para fazer. Estou apenas cinquenta por cento realizado, confessa Alfonso C. Muita coisa e pouco tempo para fazer. O tempo ganhou da gente. A gente precisou se adaptar ao sistema-tempo. O governo nos exige o foco em projetos. Com os projetos, aprendemos a lidar com a população.

**69 |**

Ivo C pode ver: muita gente trabalhando neste projeto. Somente depois virá o dinheiro, para a gente asfaltar todas as ruas. Então, é por isso que não me sinto cem por cento realizado. Porque todos os projetos estão ficando apenas como projetos. Ivo C acha que a próxima administração vai dar continuidade a esses projetos? Irão dar um jeito em Iñapari, a primeira cidade do Peru, para que vem do Atlântico rumo ao Pacífico?

**70 |**

Alfonso C faz projetos. E ora parece mais um mágico do que um prefeito. Sua prefeitura tem pouca verba: cerca de duzentos mil reais, anuais. Gasta tudo com projetos. E sai em busca de financiamento público, local e nacional. Não há tempo para esperar até que outro alguém realize o meu projeto. Eles demoram muito.

**71 |**

Às vezes a população diz, ecoando a oposição: “O que ele está fazendo com os duzentos mil da prefeitura?”. Aí eu explico ao povo: com duzentos mil, não dá para fazer nada. Nada além de uma casinha aqui, outra acolá. Gasto os duzentos mil em projetos, diz Alfonso C. E com eles alavanco recursos para novos projetos.

72 |

Haverá reeleição em breve e Alfonso C está confiante.

Tem certeza que pode conseguir.

Vejam bem, nos últimos três anos foram seis milhões de dólares que passaram pela prefeitura de Iñapari. É muito dinheiro

para uma cidadezinha deste tamanho. O Peru é um povo de fronteira.

É preciso fazer uma política de fronteira muito clara, para que Assis Brasil não cresça com muita diferença, em relação a Iñapari.

73 |

Agora, cá entre nós, suponho que Ivo C queira ver onde o rio Acre possivelmente iria cortar.

Alfonso C afirma, com sagacidade: vou lhes mostrar a intervenção que fizemos

para que seu meandro não seguisse avançando.

Entusiasmado está Jean M, com a notícia de que é possível chegar de carro até lá.

74 |

É isso, Jean M não passa de um curioso por meandros.

Sim, nós vamos até lá, confirma Alfonso C. Mas daqui, veja só, já podemos ver um de seus desvios. Ali onde estão aquelas árvores, o corpo do rio já esteve ali antes, durante uma época.

O rio Acre chegou a vir muito perto da gente. Ele podia ser avistado, por alguém sentado em um banco da praça. Ivo C imagina o nosso medo, de que ele viesse, chegasse e nos cortasse?

Fizeram este muro para conter a água, para evitar que passasse em época de enchente. Mas este muro não deu conta de conter.

E o rio seguiu fazendo desvios, criando meandros, desbarrancando.

75 |

Ano a ano ele avançava, nem mais nem menos do que avança um pesquisador, em tese, uns cinquenta ou sessenta metros.

Um ano a mais, poderia ter sido fatal. Ivo C não entenderia.

Bastava um ano a mais. Porém, graças a Deus (ou aos deuses),

já que temos tantas crenças por aí, graças à defesa que nós fizemos na ribeira do rio, ele se conteve um pouco mais e resolveu ir cortar meandro mais adiante, criando outra volta, desviando para o lado de lá, no Brasil.

**76 |**

Acabamos de ver umas pessoas trabalhando. Elas abrem vias,  
diz Alfonso C. Estamos fazendo, aqui, outra via,  
paralela a esta rodovia.

Uma só via já não suporta o trânsito  
da cidade de Iñapari. Ivo C, imagine quando a Interoceânica  
se abrir. Imagine  
quando a famosa Saída para o Pacífico estiver  
ativa.

**77 |**

Neste instante, caro leitor, estamos diante de uma situação espacial  
curiosa. Algo aparentemente cada vez mais óbvio,  
cada vez menos raro  
de se ver. Estamos ao mesmo tempo no espaço de uma estrada  
e de uma rua.

Sim, estamos em um trecho da Interoceânica. Só que não  
exatamente,  
pois esta via precisou vir a ser paralela,  
para assegurar este espaço, talvez o mais  
emblemático de uma cidade: a rua!  
Onde estamos é o lugar mais próximo de uma obra.

**78 |**

No princípio era o barro, terra e água misturados.  
Já o futuro ao asfalto pertence, de variadas maneiras.  
Jandira R quer dizer que já havia a via que vai  
do Atlântico à Amazônia e da Cordilheira ao Pacífico.  
Sim, já havia mais de uma via,  
todas elas milenares e interoceânicas.

**79 |**

Só que agora, aqui dentro da cidade, é diferente.  
A gente precisa  
e quer dar um trato urbanístico.  
Então, a gente conseguiu  
que o governo aceitasse abrir mais uma via,  
uma via com duas vias, para descongestionar o trânsito  
que entra e sai, que vem e vai, através desta  
Interoceânica.  
Aqui, não estamos construindo uma estrada.  
É uma rua (a espacialidade diferente).

### 80 |

Enquanto se deslocam, descolam-se as ideias. Jean M já aprendeu a distinguir sem separar a espacialidade daquela via que escoia mercadorias, por caminhões, desta que ecoa cotidianos vividos, por pessoas. Uma elaboração que alcança enquanto percorre rumo ao rio. Através desta itinerância narrativa.

### 81 |

É quando cruzam com pessoas estrangeiras, de feições familiares. São brasileiros indo e vindo de suas colônias, habitantes desta fronteira. Transitam a pé, pela beira do rio, essas pessoas que vêm não de muito longe. Vivem na margem e cotidianamente caminham por praias fluviais. Mas como elas dão uma volta grande, para evitar a literalidade do meandro, elas desviam caminho, via esta rua aqui. Enquanto os rios cortam cidades, os cidadãos cortam caminhos: eis algo que Luzia T sempre soube e Jean M acaba de aprender.

### 82 |

Aqui era o rio, diz Alfonso C. Este era o curso anterior. A gente precisou fazer esta intervenção. Impedimos que o rio inventasse meandros por aqui. Empurramos ele para ir cortar lá na parte de cima, a uns quinhentos metros daqui. Ele cortou lá para o lado do Brasil. Já deixando esta parte só para nós. O rio ainda passa por aqui, mas apenas quando enche muito. A gente se protegeu. A cidade respira tranquilamente.

### 83 |

Como Ivo C pode ver, o rio Acre já estava, em termos práticos e concretos, a ponto de separar a cidade. Mas, com esta proteção divina, para não dizer sagrada ou tecnológica, a gente garantiu que a confusão não acontecesse. Aqui é Peru, mas era Brasil até o ano passado, diz Alfonso C. Mas como agora o rio foi levado a cortar mais acima, para lá ele deslocou de volta o Brasil.

## 84 |

Osmar X se encontra diante de uma situação espacial do tipo imbróglia. E se dá conta do encontro explícito entre o vivido, o percebido e o concebido. Ritmos.

Quer saber, na prática, este espaço quem encaminha: a lei ou o rio? Alfonso C explica que como não tinha gente morando do lado de lá, esta parte ficou aí cortada, sem problemas. O que não significa que nossa vida cotidiana desrespeita tratados. Ao contrário.

## 85 |

Aqui nesta tríplice fronteira, há um respeito muito grande de um lado pelo outro. Algumas vezes surgem certos problemas, geralmente quando chega um novo policial, ou funcionário da receita, que ainda não sabe ou não quer respeitar a vivência daqui. Quando eles abusam ou tentam abusar de algum cidadão brasileiro, a gente entra em defesa dele. Procura explicar às autoridades e pede que saiam, em nome do costume, há muitos anos, aqui vivido.

## 86 |

O Coletivo encontra-se diante uma situação prática de diferenciação espacial. Aquela ideia aprendida com Lefebvre, via Osmar X, de que mudar a vida social é um projeto em vão, sem que do espaço haja real apropriação, nunca esteve tão próxima de ser apreendida, uma vez vivida e comunicada, por áudio e vídeo. Alguém quer saber o que mudaria, caso feita uma escolha diferente.

## 87 |

Quanta mudança, caro Alfonso C, exclama o cientista, embora de humanas. Ivo C acha que foi muito rápido? Pergunta o prefeito. Não, tudo anda num tempo bom, aqui dentro. Lá fora é que é pura aceleração. Jean M percebe aquelas vias como uma grande estrutura de transformação. Alfonso C igualmente. O que difere, porém, os caminhos deles, é algo mais da ordem da forma e da função. Ivo C fala como espírito de Osmar X. O itinerário com Alfonso C chega ao fim.

**88 |**

Alfonso C (2' 40''):



Iñapari, Madre de Dios, Peru.<sup>138</sup>

**89 |**

O Coletivo despede-se de Alfonso C, satisfeito e animado com a conversa e com o itinerário compartilhado.

Dali seguem de volta a Assis Brasil, pela ponte, mas decididos a irem até Bolpebra, na Bolívia.

Como não há estrada, nem ponte que os levem até lá, buscam caminhos para a travessia do rio que passam necessariamente pela mediação das pessoas. Caminhar pelas ruas da cidade brasileira à procura de alguém apto a orientar esta passagem.

**90 |**

Encontram, finalmente com um ancião morador, nascido e criado entre as três margens daquela confluência fluvial, um autêntico cidadão da fronteira.

Seu nome é Antônio Camilo de Castro, filho de Áurea Camelo Borges e Alonso Marinho de Castro, mais conhecido pelo sobrenome do pai, como Marinho. Por tecer seus caminhos de vida entre o Brasil e a Bolívia, ele é carinhosamente apelidado como Don Marinho, sem esconder, portanto, seu ponto de vista brasiviano (identificação dada aos brasileiros com morada feita em território boliviano).

**91 |**

Com Don Marinho conversam sobre assuntos diversos, desde as mudanças climáticas características do Antropoceno,<sup>139</sup>

---

<sup>138</sup> Para acessar o registro correspondente, Alfonso C (2' 40''): <https://vimeo.com/266794751>

<sup>139</sup> Don Marinho (2' 47''): <https://vimeo.com/239756565>

até os aspectos mais banais da vida cotidiana.<sup>140</sup>  
Para dizer como Don Marinho transita e produz  
espaço, por essas fronteiras, talvez melhor seja  
fitar  
seus próprios gestos. Além de seringueiro,  
catraieiro e padeiro,  
já teve vários outros ofícios, tendo sido eleito  
vereador  
de Assis Brasil, por quatro mandatos seguidos.

**92 |**  
Don Marinho (0' 50''):



Rio Acre, Fronteira MAP<sup>141</sup>

**93 |**  
Nasci no Seringal São Pedro,  
uma colocação de seringueiras nativas  
onde os seringueiros trabalham  
cortando a seringa,  
organizado em torno de um barracão,  
uma espécie de casa grande,  
sempre à beira do rio, onde os seringueiros  
compram seu abastecimento.  
Ali meu pai me criou,  
trabalhando na roça e na seringa.  
Não estudei, mas aprendi com minha mãe,  
a escrever  
um pouquinho; ela que, por sua vez,  
aprendeu com a minha avó.

---

<sup>140</sup> Don Marinho (4' 47''): <https://vimeo.com/239757150>

<sup>141</sup> Para acessar o registro correspondente, Don Marinho (0' 50''): <https://vimeo.com/239753446>

94 |

Don Marinho (4' 43''):



Rio Acre, Fronteira MAP<sup>142</sup>

95 |

Após uma agradável conversa, recheada de anedotas,  
Don Marinho termina por apontar, de uma só vez,  
as contradições daquele espaço de fronteira,  
socialmente produzido  
sob o comando teleguiado do Estado,  
e os caminhos através dos quais se fazem os trânsitos  
das travessias cotidianas  
entre Iñapari, Assis Brasil e Bolpebra.

96 |

Don Marinho (6' 22''):



Rio Acre, Fronteira BOL-PE-BRA<sup>143</sup>

97 |

E a travessia, como há muito Ivo C sabia,  
torna as embarcações viventes,  
como a ponte que comunica dia após dia  
uma ligação sensível entre as margens do mesmo  
e do outro.

A travessia conclama aberturas, mobilidades,  
inquietação e tranquilidade.

Constrói caminhos, transformações e horizontes. (E caso alcance  
terras prometidas, segue adiante.)

---

<sup>142</sup> Para acessar o registro correspondente, Don Marinho (4' 43''): <https://vimeo.com/238843973>

<sup>143</sup> Para acessar o registro correspondente, Don Marinho (6' 22''): <https://vimeo.com/238841850>

**98 |**

Os trânsitos oferecem-nos mundos,  
com o outro.

Do cotidiano temos muito o que colher: os ritmos,  
as fruições, as melodias, a harmonia,  
o acaso e o amor.

Como é prazerosa, uma viagem, quando uma pessoa,  
até então desconhecida, topa compartilhar com alegria,  
uma invenção.

(abre-se, doravante, novos sentidos  
às experimentações intencionais de mundo).

Eis o sentido que Ivo C cultiva quando, mais ou menos distante,  
aponta diferentes perspectivas de tradução.

**99 |**

Ah, tão arguta é a travessia,  
tão sagaz e penetrante  
quando ela é vivida  
desaceleradamente, Ivo C aponta,  
enquanto acompanha cuidadosamente,  
junto ao seu Coletivo,  
a troca criativa dos termos  
de uma abstrata rodovia  
por aqueles das diferenças viageiras.

# Canto IX



1 |

Ivo C opera passagens.  
Espaços de corredores de integração  
podem ser traduzidos  
como práticas espaciais sensíveis  
e dialógicas, através da ressonância entre  
uma miríade de pontos de vista singulares e irreduzíveis.  
Sob a perspectiva do Coletivo  
ainda é tempo de viver diferente.

2 |

As práticas de pesquisa compartilhadas convocam  
ânimos de vida  
que se expressam através das geografias narradas  
por cada um. E a presença de pesquisadores,  
jovens e reunidos,  
com o propósito de transformar essas histórias  
em criação audiovisual,  
deixa evidente o desejo de fazer ressoar  
a potência que tem a partilha  
das experiências vividas.

3 |

Mas se na prática quem traduz é Ivo C,  
teoricamente isto aqui é espaço produzido.  
Nas geografias diferenciais, pensadas por caminhos, um modo de  
conhecimento não se separa de reconhecimento e de  
autoconhecimento (são corolários). Enquanto for mantida a  
possibilidade das pessoas inscreverem suas perspectivas pessoais  
e seus posicionamentos sociais numa prática epistemológica  
comum, ainda há chances de desviar do niilismo e do esteticismo.

4 |

Dito isto, voltemos à narrativa.  
Estamos diante de Bolpebra, Ivo C e o Coletivo querem atravessar,  
novamente, a tríplice fronteira, mas de um jeito  
diferente.  
Depois de terem cruzado a Ponte da Integração  
inúmeras vezes,  
de lá pra cá, daqui para ali, entre Iñapari e Assis Brasil,  
agora,  
a travessia tem como destino a Bolívia.

5 |

Não esqueçamos, contudo, que tanto as fronteiras quanto as travessias em foco nesta narrativa são simultânea e diacronicamente, físicas, mentais e sociais, cósmicas, pragmáticas e mundanas, vividas, percebidas e concebidas. O que permite a Elvira C também fazer uma citação

6 |

A tradutora mentora desta viagem, além de cultivar a boa medida do silêncio, tem a ciência de que o conhecimento deriva da troca, do contato, da negociação com o outro. Ela pede emprestado a Osmar X o seu baú eletrônico de infindáveis pedefes, onde encontra o que buscava:

Atravessar uma ponte, um rio, transpor uma fronteira é deixar o espaço íntimo e familiar, onde se está em seu lugar, para penetrar num horizonte diferente, um espaço estrangeiro, desconhecido, em que se arrisca, confrontado com o que é diferente, a se descobrir em lugar próprio, sem identidade.<sup>144</sup>

7 |

Luzia T, por sua vez, comenta com o Coletivo que o Estado boliviano, para onde estão indo, de canoa, é unitário e composto por nove departamentos, sendo um deles Pando, aquele cujos limites são definidos pelo rio Acre em que, desde a nova constituição, promulgada em 4 de abril de 2010, tem autonomia para gerir seus próprios interesses executivos, legislativos, mas não judiciais.

8 |

Em Pando, na Bolívia, ou melhor, em San Pedro de Bolpebra, o Coletivo é recebido por Nicolai H, uma das lideranças da comunidade e que ali vive desde a sua fundação, em 1996. Fruto do encontro é a conversa inusitada sobre aquela situação de fronteira tripartida, um espaço ao mesmo tempo múltiplo e singular. Juntos compartilham a escuta da narrativa da inauguração de uma nova cidade.

---

<sup>144</sup> VERNANT, Jean-Pierre, *A Travessia das Fronteiras*, São Paulo: EdUSP. 2009, p.197.

**9 |**

Nicolai H fala, o Coletivo escuta, cada um dos presentes se desterritorializa. Ivo C traduz. O maior sentimento desta comunidade, San Pedro de Bolpebra, como é Bolívia, tal como diz seu nome, corresponde a uma divisão geográfica mundial que nos distingue, através do idioma e do território. Um limite internacional entre quem fala português ou espanhol.

**10 |**

Para nós bolivianos e brasileiros que vivemos aqui o mais importante é cultivar uma convivência cultural, social e econômica desejada por ambos. Embora o nosso espaço ainda esteja em estado embrionário de criação, em breve estaremos melhor.

**11 |**

Se pudesse pedir algo, através desse registro, às nossas sociedades, pediria cuidado, aqui, agora. Ficariamos todos muito agradecidos, se tiverem cuidado com o rio. O curso deste rio não é um mero recurso de transporte fluvial. O Acre, digo o rio Acre é um filho que a mãe natureza nos deu. Mas algumas pessoas, com suas culturas, dele fazem pouco caso. Quando falta cuidado com o ambiente, o rio se volta contra nós.

**12 |**

Aqui, agora: cuidado! – com estas palavras, Nicolai H conquista o sorriso dos olhos de Elvira C. Como se esse posicionamento pudesse, de alguma maneira, figurar como o desfecho do prólogo de uma travessia.

**13 |**

Como se tudo o que viesse a ser dito a seguir pudesse, de alguma maneira ou outra, recolocar o Planeta de cabeça para cima, seus pés no chão do cosmos, a demanda antes do comando.

**14 |**

Como se uma conversa pudesse encarnar um espaçamento  
entre aquilo que um corpo pode falar  
e o que outro corpo consegue ouvir.  
Em nome do bom uso da pergunta.  
Para além do desperdício das palavras.

**15 |**

Bem, no que diz respeito à integração vivida,  
já que este é o assunto da pesquisa,  
Nicolai H é rápido e preciso: queremos pedir às nossas instituições,  
trânsito livre.  
Pois o desenvolvimento social e econômico não decorre apenas  
da livre circulação de mercadorias.  
O intenso sabor do progresso é fruto de vínculos humanos  
sustentáveis, no sentido exitoso desta palavra.

**16 |**

Ao falar de cuidado, Nicolai H bendiz o que é divino  
e convoca a presença da partilha de sabedorias.  
Para que vivamos cada dia melhor  
nossas vidas cotidianas.  
Mas nós quem,  
pregunta-se, silenciosamente, Osmar X.

**17 |**

Narrar o que estamos fazendo, aonde estamos,  
raramente precisa ser um exercício exaustivo.  
Quando, por exemplo, estamos num barco  
que mais cumpre a função de uma ponte,  
atravessando imaginários transfronteiriços,  
entre margens fluviais amazônicas,  
talvez se torne mais nítido pensar  
que o melhor caminho entre dois pontos  
reside nas curvas do acaso.

**18 |**

O Coletivo andou, nos últimos dias, entre três cidades,  
mas ciente que uma ponte real, simbólica e imaginária  
se constrói entre dois países ou corpos distintos.  
Contudo, Nicolai H evoca outros sentidos de localização,  
mais cotidianos.

É que em Bolpebra vive-se uma situação inusitada:  
para irmos à capital de Pando,  
precisamos passar por fora da Bolívia,  
feito o desvio de um lugar rumo a esse mesmo lugar.

## 19 |

A maior viagem. De Bolpebra, na Bolívia, para Cobija, na Bolívia, Nicolaï H e seus vizinhos precisam passar por Assis Brasil, por Brasiléia e por outras localidades brasileiras. Este é o movimento espaço-temporal que fazem, cotidianamente, bolivianos que vivem em Bolpebra. Graças a Deus, segundo Nicolai H, há uma boa relação, de respeito mútuo, entre eles, efêmeros imigrantes e as autoridades brasileiras. Assim é a prática espacial desta fronteira: transitam pelo vizinho para chegar à própria casa. Seriam esses bons sinais dos tempos? Quem discordaria que necessidades subjetivas tornaram-se objetos econômicos?

## 20 |

O motivo que retira, por cerca de meio-dia, a cidadania que Nicolai H teve pela manhã, e a devolve à tardinha é simples: sob a perspectiva das questões imediatas, buscamos a mais curta distância que nos leva de “a” a “b”. Nicolai H não segue por outros caminhos porque não há uma via terrestre perene, saindo de Bolpebra. Pois a via fluvial levaria um dia e meio para descer e três para subir, pelo rio Acre. A travessia cotidiana, por ali, é assim: um trânsito rápido pelo estrangeiro. E, para Jean M, a sensação de que o Planeta pode ser percebido como vizinhança e a vizinhança como Planeta torna-se ainda mais evidente.

## 21 |

O fato de que para irem da Bolívia para a Bolívia seja necessária uma passagem de centenas de quilômetros, pelo Brasil é um fato curioso para Luzia T. Para Nicolai H é algo naturalmente justificável, sem inconvenientes, já que a estrada boliviana é apenas uma brecha de penetração instável, que não possibilita um caminho transitável o ano inteiro – uma condição impossibilitada há cerca de dezoito anos.

22 |

Difícil para Jean M é interpretar os sentidos do que comenta Nicolaï H sobre a estrada interoceânica. Talvez a vagueza de um posicionamento seja, hoje e sempre, a melhor expressão de um estado de encantamento. Uma estrada de verdade é assim: possui o poder mágico de enfeitiçar.

23 |

A pergunta sobre o que é primordialmente necessário para Bolpebra, não deixa dúvida. Nicolaï H é quem diz: a estrada é a prioridade!  
Sim, a estrada, pois sem estrada não se avança em termos de produção.  
Sim, a estrada, pois com a estrada há melhoria social e econômica.  
Sim, a estrada, pois só com ela é possível sustentar o esforço de formar nossos filhos, nossas próximas gerações.

24 |

Há dezoito anos que a estrada é uma prioridade para Bolpebra. Os moradores de Bolpebra sonham, com a esperança de uma via transitável, de janeiro a dezembro. Para que possam expandir a capacidade produtiva atual.  
Sim, a estrada, pois ela traz o caminho que reduz a instabilidade das famílias. Sim, a estrada, para que possamos melhorar a vida financeira, isso sim, se Deus quiser.

25 |

Sim, a estrada. Mas educação e saúde são as nossas necessidades de verdade, diz Nicolaï H. Até porque um corredor de transporte não é algo que caiba facilmente em uma planilha orçamentária. Logo, permanecemos com livros, medicamentos e deslocamentos pelo rio ou via estrada estrangeira. Assim é o nosso mundo, há meia década. O asfalto, quando ele chegou ao Brasil, transformou a nossa vida. Festejamos.

**26 |**

O deslumbramento com que uma via terrestre  
entre dois oceanos, perturba certos espíritos,  
instiga alguns obsessivos.

Tal como a motivação de Jean M  
de deixar Paris, via Nova Caledônia,  
à procura da última fronteira.

**27 |**

O Coletivo está em terra firme e respira ares bolivianos  
Habitar às margens de um limite internacional  
é maravilhoso, é importante, é estratégico, diz Nicolai H.  
Laços de amizade estão sendo cultivados,  
por ali, em diferentes línguas, em diversas linguagens.  
Um com as outras, desde sempre em integração.  
Aprender a lidar com a convivência mútua, isto sim,  
aprender como se dão as relações. Até que o Estado  
venha reorientá-las, para isto não há escapatória.

**28 |**

Isto é: aqui é maravilhoso, estamos na Bolívia,  
ali na frente está o Brasil e,  
há uns mil metros daqui,  
temos a cidade de Iñapari, no Peru.  
Isto aqui é um espaço tripartite,  
que nos coloca em relação  
de diferença cultural e de integração (natural).

**29 |**

Algo é muito legal: somos tão diferentes.  
Nicolai H segue com a palavra. Também quero rememorar  
nossos laços de amizade cultural que acontecem em setembro,  
no Brasil, por ocasião do dia do estudante.  
É quando acontece o intercâmbio de culturas,  
entre Bolívia, Peru e Brasil, em todos os aspectos.

**30 |**

Uma história bonita de viver, este momento em que se leva adiante,  
aqui, nossos laços de amizade, com muito amor, com muito carinho,  
Nicolai H está com um sorriso mareado no rosto.  
Estes laços de amizade não ocorrem em qualquer parte.  
Não são todos os países que têm. Isto é um privilégio.

Para mim, é uma honra e motivo de grande alegria,  
viver esta grande relação de fronteira.  
Que assim seja, enquanto Deus nos der vida.

**31 |**

Jean M está interessado nas atividades de intercâmbio  
entre as cidades que conformam aquela relação de fronteira.  
Nicolai H diz que, às vezes, conseguem vender seus produtos  
em Assis Brasil. Mas compram mais do que vendem.  
Compramos todos os aspectos de nossa alimentação cotidiana.  
A nossa alimentação diária vem, praticamente, do Brasil.  
Sobretudo a carne.

**32 |**

Mas há também intercâmbios de assistência social.  
Isto sim para nós é maravilhoso.  
Temos atendimento vinte e quatro horas  
que nos acolhe com atenção, sem distinção  
de nenhum tipo, gratuitamente.  
Isto para nós é motivo de alegria,  
de respeito mútuo, sobretudo.  
Esta fluidez de carisma, de amor cultivado  
por nós, para nós, entre nós.

**33 |**

O Coletivo conversa longas horas com Nicolai H,  
antes de ligarem os dispositivos que registram, áudio e vídeo.  
Uma vez ligadas luz e câmera: ação!  
Sou casado com Emilia H, tenho cinquenta e um anos,  
seis filhos, sendo uma mulher e cinco homens,  
e uma neta que está agora aqui presente.  
Minha filha está casada e vive em Buenos Aires.  
Meus dois filhos estão em Sucre estudando, Medicina e  
Pertroquímica. Os três menores chamam-se Juan, Luz e Gustavo.

**34 |**

Receber uma comitiva internacional que lhe bate à porta  
querendo saber da grandiosa história desta  
tríplice fronteira – Bolívia, Peru, Brasil  
é para Nicolai H uma alegria, diante dessa provocação de memória,  
feita por uma intenção maravilhosa  
de recopilação.

**35 |**

Jean M quer saber da história daquele lugar desde os primórdios. Por mais que já tenha aprendido que no princípio, era literalmente o fim da picada. Nicolai H responde à provocação num tom epopeico, como se não fosse possível ser ou contar de outra maneira.

**36 |**

Vimos de muito longe e para nós é maravilhoso contar esta grandiosa história. Vimos em busca de organização de uma necessidade superior. Não é apenas na cidade que se deve encontrar melhores condições de vida social e econômica. Vimos de Tarija, um departamento do extremo sul do Estado Plurinacional da Bolívia.

**37 |**

Sáimos em comitiva e éramos cerca de quarenta famílias: dez casais com esposa e filhos. Trinta sozinhos. Sáimos de várias localidades distintas, de Tarija e não se deve desconsiderar que um ou outro tenha vindo do Hito Esmeralda, um trifinio onde se juntam, sem se confundir, Bolívia, Paraguai e Argentina, às margens do rio Pilcomayo, o único rio do mundo cujo leito está em extinção por motivo de assoreamento.

**38 |**

Antes de chegar a Pando, o departamento que abriga Bolpebra e também o mais setentrional da Bolívia, nós passamos por Nossa Senhora de La Paz, sede do governo Plurinacional e também a mais alta metrópole administrativa do Planeta, situada a três mil seiscentos e cinquenta metros acima do nível oceânico.

**39 |**

Foi uma longa viagem. Estou falando de uma travessia que começa no dia onze de junho e termina ao vigésimo quarto do mesmo mês, reitera Nicolai H. Realizamos este deslocamento dando graças a Deus.

É muito bonita a experiência de um percurso compartilhado,  
em busca da realização de uma necessidade superior.

**40 |**

Mas chegar a Bolpebra não foi tão  
óbvio assim.  
Convocaram nossa comitiva a se apresentar  
em Cobija,  
que embora seja a única aglomeração urbana de Pando  
é a capital departamental menos povoada da Bolívia.  
De lá, nos enviaram para a coordenada  
10° 36' 0" S ; 67° 25' 0" W,  
não muito distante de Plácido de Castro, uma cidade brasileira.

**41 |**

Mas ali tivemos contratemplos,  
interferências,  
vamos assim dizer, pequenos problemas.  
Não pudemos ficar nem mais um minuto,  
depois de passados três meses, por ali.  
Assim, diante do insuportável,  
solicitamos às nossas autoridades departamentais  
a concessão de uma nova localização, localidade, enfim,  
uma terra comum.

**42 |**

Daquela coordenada não muito longe  
do que viria ser, hoje, Santa Rosa de Abunã  
partimos dia nove de setembro e chegamos no mesmo dia,  
embora já fosse noite, em Assis Brasil,  
do outro lado do rio,  
cerca das oito horas e trinta minutos.  
Dormimos na hospedagem do Sr. Uno,  
a hospedagem pioneira desta tríplice fronteira.

**43 |**

Para o lado de cá passamos,  
no dia dez de setembro,  
acompanhados por um topógrafo  
e por Severino, o diretor de Reforma Agrária do Estado  
Plurinacional.  
Atravessamos alegres e dando graças a Deus.

Fomos recebidos por nosso comandante das forças armadas e pela tropa de soldados em guarnição.

**44 |**

Diferentemente do dia vinte e dois de setembro,  
no dia dez fizemos apenas uma exploração topográfica  
delineando com exatidão e pormenorizadamente  
o terreno, a posição de seus sulcos e de suas saliências,  
as rugas e as protuberâncias,  
excrescências e depressões.

Como se a terra acontecesse feito um organismo vivo,  
cheia de acidentes.

**45 |**

No dia vinte de dois de setembro, nossa comitiva inteira veio,  
definitivamente. Foi maravilhoso.

Naquele dia nos deu o bom recebimento  
a mãe natureza de Pando.

A terra sagrada de Bolpebra  
nos recebeu com um batismo de chuva,  
lindo, maravilhoso.

Naquele dia fomos todos rebatizados.

**46 |**

Mal logo raiou novo dia,  
vieram de Assis Brasil nos visitar  
as autoridades de plantão.

O prefeito de vermelho,  
o padre de olhos rasteiros,  
e o enfermeiro com um sacão.

Traziam médicos,  
remédios “y otras cositas más”.

**47 |**

Também veio o comandante do pelotão  
brasileiro e uma outra pessoa bastante especial:

Don Marinho. Este que fala a nossa língua,  
que já viveu do lado de cá do rio.

Don Marinho é um grande amigo nosso.

Ele nos ajuda com o necessário, como se da família fosse.

Seu amor por nós é maravilhoso.

48 |

Com o coração palpitando diante do pavilhão tricolor nacional, com as três cores vivas da Bolívia – amarelo, verde e vermelho – no dia vinte e três de junho, aliás, de setembro, entoamos diante do quartel, pela primeira vez, o nosso hino. Tanta emoção: era como se estivéssemos noutro planeta. A alegria foi tamanha. O acolhimento de amor foi tão forte, por parte das autoridades estrangeiras, que nem pesou a ausência de nossas autoridades nacionais.

49 |

No princípio, não era fácil a comunicação como é hoje. Não desistimos porque encontramos suporte e alegria. Encontramos aqui nosso lugar próprio e independente, onde um há de viver em liberdade, consoante sua própria decisão e esforço. Até que um venha a desenvolver-se a si mesmo e também as suas próximas gerações. Esta é a ideia: viver bem. Aqui temos cultivado laços de amizade e memória. Agora, em 2010, dezoito anos depois, hoje em dia tudo é mais moderno e diferente.

50 |

Jean M endereça uma pergunta a Nicolai H que deixa Jandira R ruminando uma ideia. Eis a questão: “poderias descrever a paisagem ou a sensação, de quando chegaram neste lugar, aqui, onde estamos?” Eis o devaneio: seriam as vivências que mobilizam afetos e sensações as responsáveis por conectar diferentes concepções espaço-temporais?

51 |

Um solo virgem. Isto é: aqui era uma terra virgem. Selva natural. Nada a ver com o desflorestamento atual. Havia bosque. Então, sabe aquele bosque que persiste envolvendo a praça, sim, aquele é o bosque que ainda permanece virgem. Assim era o restante: virgem.

52 |

Agora seguimos urbanizando,  
avançando, rumo ao desenvolvimento,  
em todos os âmbitos, em nome do futuro povo de Bolpebra.  
Embora haja também, é claro, desunião, cinismo e má intenção.  
Sobre o solo virgem, pensamos e construímos uma escolinha.  
Sim, agora estamos melhorando o cotidiano  
da nossa primeira escola.  
Ali educamos nossas filhas e nossos filhos.  
Cadê aquele rapaz de sete aninhos? (Eis a narrativa,  
para além da pura descrição). Pena que ele já se tenha ido.  
Ah! Este aí atrás de você, Jean M; ele chegou por aqui,  
há pouco mais de um ano. Veja como já está jovem!  
Veja como estamos envolvendo bem a vida na fronteira!

53 |

Com a relação geográfica coincide Bolpebra porque  
“BOL” é Bolívia,  
“PE” é Peru e  
“BRA” é Brasil.  
Uma organização bastante alegre, animada e decidida  
a viver em melhores condições de vida.  
Uma organização comunitária e territorial de base,  
Não é só na cidade que se pode ter todos os serviços básicos, é!?  
Jean M nada diz. Não responde. E não sei se é por não saber,  
ou por não querer contaminar o áudio.

54 |

Nicolai H sonha Bolpebra  
como um município independente e autônomo,  
onde todas as necessidades sejam realizadas.  
A começar pela estrada – saúde e educação –  
mas também o desenvolvimento da produção.  
A abertura de uma via de trânsito  
não apenas por engenheiros,  
mas com o protagonismo da população.

55 |

Nossas dezoito comunidades estão organizadas em dois cantões.  
Representadas por cinco vereadores  
e comandadas por um prefeito.  
A brecha de penetração, está há dezoito anos em construção.

No primeiro ano, quinze quilômetros foram abertos,  
outros vinte e três e depois mais doze, nos anos seguintes.  
Enquanto isso, contudo, já gozávamos  
de nosso rústico templo do saber:  
a escolinha.

56 |

Tendemos a separar o corpo do espaço.<sup>145</sup>  
Seria uma Floresta ou um Cordilheira,  
um espaço vazio entre dois  
Oceanos, ‘espaços disponíveis’ a serem ‘ocupados’  
por sujeitos, por quaisquer objetos?  
Seriam espaços naturais preexistentes,  
cuja forma absoluta equivale aos continentes?

57 |

Seria o Planeta uma vazia mala hiperplástica,  
inflável, pronta para ser infinitamente furada e ocupada  
por corpos vivos (conteúdos) ou mortos (não-corpos)?

Ora, o espaço ‘em si’ definido como infinito,  
não possui contornos quaisquer,  
pois ele não tem conteúdo. O espaço  
não possui forma atribuível,  
nem orientação, nem direção.  
É o incognoscível? Não, é o  
indiscernível (Leibniz).<sup>146</sup>

58 |

Com Lefebvre cultivamos fundamentos  
para ir além dessa ideia, diz Osmar X.  
Numa mala vazia cabe um sistema de objetos,  
separáveis, aliás, já separados. O pensamento tende  
a funcionar sob a “lógica da separação”, fazendo a reflexão  
crítica desaparecer, tornando-se automatismo.  
Sem hesitar (pensar!) contamos os sistemas e órgãos do corpo,  
o número de óvulos e a quantidade de pelos:

---

<sup>145</sup> “Nesta representação, o continente (formal) e o conteúdo (material) são indiferentes um ao outro e não apresentam, portanto, uma diferença discernível. Qualquer coisa pode entrar em qualquer ‘conjunto’ de lugares do continente. Qualquer região do continente pode receber qualquer coisa. A indiferença torna-se separação, o conteúdo e o continente excluem-se mutuamente, um fora do outro.” LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.198; tradução minha.

<sup>146</sup> LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.197; tradução minha.

59 |

elementos que são contidos por um certo conjunto “T”,  
da via Láctea:

A maioria dos filósofos assumem o espaço absoluto,  
de uma só vez, com tudo o que ele supostamente contém:  
as figuras, as relações, as proporções, os números.  
Contra eles, Leibniz sustenta que  
o espaço ‘em si’ não é ‘nada’,  
nem ‘uma coisa qualquer’,  
muito menos a totalidade das coisas ou a forma de um  
somatório: ele é o indiscernível.<sup>147</sup>

60 |

A tese da produção do espaço opõe-se ortogonalmente  
à separação entre continente e conteúdo. Ela argumenta sobre  
corpos espaciais,  
geohistoricamente e socialmente produzidos,  
como todo e qualquer organismo  
que se estende para dentro e para fora,  
pelo simples fato de estar vivo.<sup>148</sup>

61 |

A produção é aquela do corpo espacial de um organismo vivo.

Assim, para discernir “alguma coisa”  
através do espaço,  
é necessário introduzir eixos e uma origem,  
uma direita e uma esquerda, ou seja, uma direção dos eixos,  
uma orientação.  
Leibniz adotaria, assim, a tese ‘subjetivista’,  
segundo a qual o observador e a mensuração produzem o real?  
Ao contrário: Leibniz diz que é preciso ocupar o espaço.  
Mas o que ocupa o espaço?  
Um corpo.  
Não um corpo qualquer, a corporeidade,  
mas um corpo definido, que indica uma direção de um gesto,  
uma rotação que baliza e orienta o espaço.<sup>149</sup>

---

<sup>147</sup> Idem.

<sup>148</sup> “Antes de produzir (efeitos, na matéria, instrumentos e objetos), antes de se produzir (alimentando-se) e de se reproduzir (pela geração de um outro corpo), cada corpo vivo é um espaço e tem seu espaço: ele o produz e nele se produz. Relação marcante: o corpo, com suas energias disponíveis, o corpo vivo, cria ou produz seu espaço; inversamente, as leis do espaço, ou seja, do discernimento no espaço, são aquelas do corpo vivo e do desdobramento de suas energias. (...) Os corpos, os desdobramentos de energia, produzem espaço e se produzem, com seus movimentos, consoante as leis do espaço. (...) Uma afirmação tão estimuladora autoriza (com algumas reservas e precauções) sua extensão ao espaço social. Existiria espaço específico, produzido por forças que através dele se desdobram (forças produtivas) numa prática espacial (social, determinante – determinada).” LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.199; tradução minha.

<sup>149</sup> Ibid., 197.

62 |

Coreto Sul (1' 12''):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>150</sup>

63 |

A lateralidade,  
as simetrias, as dualidades,  
as direitas e as esquerdas; a orientação,  
as possibilidades de rotação, os direcionamentos; a reflexão,  
os reflexos, os encolhimentos e as ampliações,  
sejam dos planetas, das pedras, com campos magnéticos,  
das células,  
das conchas,  
das casas,  
das cidades ou dos territórios não são qualidades exteriores aos  
corpos.  
Os mundos, os lugares e suas diferenças são abstratas e concretas  
simultânea e diacronicamente mentais, físicas  
e sociais.

64 |

A natureza comprova: nada se perde, nada se cria,  
tudo se transforma. Inclusive o conceito de Natureza.  
Os gestos, as marcas, os vestígios urbanos do Planeta  
não decorrem de um suposto “espírito humano”  
(o mundo das ideias),  
nem de um suposto “espírito transcendente”  
(dos deuses).  
Os espaços são frutos dos acontecimentos: o “modo de ocupação”.  
A unicidade orgânica de um corpo espacial não se explica  
pela mediação de uma potência exterior – a providência divina.  
Assim como não parece fazer sentido trocar Deus  
por expedientes conceituais, ideológicos ou científicos.

---

<sup>150</sup> Para visualizar o registro audiovisual Coreto Sul (1' 12''): <https://vimeo.com/262570379>

65 |

A forma espacial de uma via,  
diferentemente de qualquer modelo rodoviário,  
não resulta de uma finalidade,  
nem de uma decisão Estatal  
capitalista.

Tampouco de um sonho. A poesia da via e do rio,  
a sensibilidade por ela compartilhada não está conectada  
a uma misteriosa potência criativa.

Ao contrário: ela se liga à escala, ao meio,  
à maneira pela qual as rigorosas energias  
de cada posicionamento,  
contexto e perspectiva  
vão sendo imediatamente distribuídas.

66 |

Coreto oeste I (0' 44''):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>151</sup>

67 |

No habitar de um rio, um olho d'água ao brotar  
cria seu espaço apropriado?  
Ou segue ele cegas impulsões?  
Lefebvre diria que ele produz, que ele ocupa um espaço  
e o reinventa à sua maneira,  
aquele correspondente ao curso do rio,  
aquele correspondente às suas necessidades  
e às suas estratégias.

---

<sup>151</sup> Para visualizar o registro audiovisual Coreto oeste 1 (0'44''): <https://vimeo.com/262565769>

## 68 |

Seria o espaço do rio abstrato, ocupado por objetos separáveis:  
seu estuário, suas margens, suas nascentes?  
Não seria atribuir uma intelectualidade analítica e discursiva ao rio.  
Seria possível dizer, então, que o curso do rio é produzido  
como prolongamento de seu corpo?  
Seria abrir a guarda à crítica, mas tudo bem.  
O rio produz.  
Há uma inteligência do rio. Seu corpo “pensa”,  
diferentemente de nós, mas pensa.<sup>152</sup>

## 69 |

Agora que já li e aqui escrevi  
o que outrora foi lido e escrito  
por outrem, cabe alguma pergunta além  
do que você lerá e escreverá,  
noutro lugar com o seu “aqui” e “agora”?  
O que passou talvez esteja sendo repassado  
e isto não é abstrato, nem mecânico.

## 70 |

O caráter espacial dos tempos envolve relações  
e movimentos. *Ici et maintenant*: meus lugares e momentos  
fundamentais são qualificáveis  
e qualificados pelo meu corpo.  
Qualificações decorrentes de gestos refeitos  
e a perfazer meu corpo, antes de mais nada:  
a primazia do corpo vivido.<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> “A produção do espaço, primeiramente aquela do corpo, vai até a secreção produtora de um “habitar”, que serve ao mesmo tempo de instrumento, de modo e de meio. Segundo leis que se dizem “admiráveis”, segundo a terminologia clássica. A natureza e o cálculo, o orgânico e o matemático, o produzir e o secretar, o interno e o externo, podem se dissociar? Não: sem dúvida nenhuma.” LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p. 202; tradução minha.

<sup>153</sup> “O intencional vem tarde, com o cérebro e as mãos. Na vida animal, todavia, muito cedo o rastro e a marca desempenham um papel. Os lugares se marcam e se remarcam. No princípio era o Topos. Antes, bem antes do Logos, no claro-oscuro do viver, o [espaço] vivido já possui sua racionalidade interior; ele produz o rompimento, a imagem e a orientação do corpo, bem antes do espaço ser pensado e o pensamento do espaço representar a projeção. Bem antes que o espaço percebido pelo-e-para o “eu” surja como intervalo e corte, como tensões e contatos simplesmente virtuais e diferenciados. Bem antes que o espaço seja desenhado como instrumento das possibilidades distantes, lugar das potencialidades. Bem antes do intelecto analítico que separa, bem antes do saber, há uma inteligência do corpo.” LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.203; tradução minha.

71 |

Ao escutar a fala de Osmar X, Jandira R anota um insight:  
os ritmos dos moradores locais usam o tempo global do relógio.  
Mas qual foi o trecho lido por ele, Ivo C pergunta?

Elvira C envia por SMS:

O tempo discerne-se mas não se separa do espaço.  
(...) Espaço e tempo aparecem e manifestam-se como diferentes e inseparáveis. (...) Desde já, a gente entrevê como e quanto a dualidade é constitutiva da unidade viva do ser material. Seu outro, ele carrega consigo. Ele é simétrico, logo duplo, e duplamente isto (simetria bilateral, simetria de rotação); o que ainda se desdobra em espaço e tempo, em repetição cíclica e repetição linear.<sup>154</sup>

72 |

Coreto norte (2' 18''):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>155</sup>

73 |

A pele: poros de uma membrana permeável.  
Uma dinâmica que capta as energias do entorno.  
Dispositivo de respiração. Nutre-se e absorve calor.  
O corpo espacial de um organismo vivo  
detém e retém um excesso de energia disponível,  
além do necessário às requisições e agressões imediatas.  
Uma margem de manobra tende a sobrar.  
Este excedente é definitivo e definidor de um limiar:  
entre o mínimo da sobrevivência e o máximo da vida.

74 |

Circula pela pele uma energia que se acumula  
dissipando-se. Mas, afinal, como perceber este mecanismo,  
especialmente as suas causas e os efeitos?  
Gestos “excessivos”, gastos “indevidos”, situações “anormais”  
– o que em uma palavra chamaríamos de “loucura” –

---

<sup>154</sup> Ibid., p.204; tradução minha.

<sup>155</sup> Para visualizar o registro audiovisual Coreto norte (2' 18''): <https://vimeo.com/262565590>

são difíceis de se assimilar. E é o seu excedente – o cosmos – que abre a via do real possível de um corpo espacial.

Diante da ausência de excedente, de que maneira pode reagir um corpo de mundo?

## 75 |

Um excedente de energia não se conserva indefinidamente: gasta-se.

E este dispêndio é produtivo, por mais improdutivo que possa parecer – um jogo de cartas, uma violência gratuita, uma sessão de psicanálise.

Um excedente produz efeitos, destruições, realidades.

Uma energia modifica o espaço atual, criando um novo espaço.

Indústrias: destruições criadoras.

Suicídios: criações destrutivas.

Poesias: reproduções criativas.

Teses: recreatividades reprodutoras.

Ações saborosas. Dores ativas.

Entrecruzamentos.

## 76 |

Osmar X envia, via Elvira C, mais uma citação para Ivo C.

Se o organismo vivo capta, gasta, desperdiça um excedente de energia, é porque isso lhe é permitido pelo Cosmos. O aspecto dionisíaco da existência – desmesura, embriaguez, riscos mortais – tem sua liberdade e seu valor.

O organismo vivo, o corpo total, contém a possibilidade (o que não quer dizer nem a realização, nem as motivações) do jogo, da violência, da festa, do amor.<sup>156</sup>

## 77 |

De um lado, nosso lado apolíneo e o nosso lado dionisíaco, do outro.

Violência e estabilidade. Excesso e equilíbrio.

Mas há também as oposições psicanalíticas:

princípio de prazer e princípio de realidade,

Éros e Thanatos,

pulsão de vida e de morte.

---

<sup>156</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.207; tradução minha.

## 78 |

Sobre as quais Lefebvre enuncia:  
é preciso pensá-las dialeticamente, essas  
metáforas da escassez energética,  
a fim de ir além de uma mecânica pseudo-conceitual.  
Elvira C envia o que Osmar X cita:

O ser vivo não pode se reduzir à captação de energias  
e ao seu emprego 'econômico'. Ele não capta qualquer coisa  
e não se gasta de qualquer maneira. Ele tem suas presas,  
seus meios, seus inimigos. Noutros termos: seu espaço.  
Ele vive em seu espaço.  
Ele faz parte *de seu espaço*,  
como elemento (de uma fauna ou de uma flora, de uma ecologia  
e de um sistema ecológico mais ou menos estável).  
Nesse espaço, o ser vivo recebe informações.<sup>157</sup>

## 79 |

Mas um corpo encontra, uma hora ou outra,  
energia excedente disponível, tendendo a explodir.  
Energia que pode contra si mesma virar-se ou  
desdobrar-se,  
gratuitamente, no entorno.  
Por isto a energia excedente é central.  
Ela se relaciona ao mesmo tempo consigo  
e com o outro.  
Dela decorrem os mais diferentes tipos de excessos.  
Instinto mórbido. Pulsão mortífera.  
Emprego equivocado da energia fundamental do corpo.

## 80 |

Nada que impeça ao “alegre pessimismo” de fazer sentido.

Desperdiçar-se produtivamente, há nisto um sentido;  
para que um gasto seja considerado “produtivo”,  
é necessário e suficiente que ele mude algo no mundo,  
por menor que seja. Assim, o conceito  
de produção  
se aviva e se renova, sem por isso se dissolver:  
um jogo  
é um trabalho ou uma obra,  
um espaço lúdico é um produto: aquilo que estabelece  
uma atividade regular (atribui-se uma regra)  
desdobrando-se.<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.207; tradução minha.

<sup>158</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.209; tradução minha.

### 81 |

Corpos possuem contornos e fronteiras.  
Energias circulam, pelos fluxos que se propagam,  
pelo espaço infinito.  
A vertigem toma conta do pensamento.  
Mas é preciso manter a humanidade dos pés no chão,  
a mente flexível, a postura firme.  
Absurdo é viver o tempo em si, assim como o espaço.  
No tempo infinito, assim como no espaço infinito,  
não há finalidades. É preciso viver e pensar o que é finito,  
reafirma Osmar X, via Lefebvre,  
junto com Nietzsche.

### 82 |

O corpo como ponto de partida e  
como ponto de chegada, o corpo.  
O espaço também como meio, instrumento  
e mediação: eis a proposta de Lefebvre para estimular nossa  
compreensão dos mundos socialmente produzidos.  
Mas qual corpo eleger ou apontar  
para o enfoque desta reflexão?

### 83 |

Um corpo glorioso – *Os Lusíadas*  
– movido pelo *intellectus*, como sugere Platão?  
Um corpo miserável – Bloom em *Uma Viagem à Índia*  
– movido pelo *habitus*, como sugere Tomaz, o Santo?  
Um corpo-objeto, aquele de Descartes?  
Um corpo-sujeito, aquele da fenomenologia e do existencialismo?  
Um discurso sobre o corpo?  
Uma imagem ou conceito de corpo, que o fragmenta  
enquanto o negocia? Em uma só palavra: a “corporeidade”?

### 84 |

Não.  
É preciso desviar de toda abstração.  
Mas também não é o caso e focalizar o corpo social do capitalismo,  
mutilado pela divisão do trabalho, até o carço, em cada indivíduo.

O espaço: meu espaço, não é o contexto do qual eu seria  
o textual,  
é *meu corpo*, antes de tudo,  
e é o outro do meu corpo,  
que o segue como seu reflexo e sua sombra:  
a intersecção movente

entre o que toca, atinge, ameaça ou favorece  
meu corpo e todos os outros corpos.  
Portanto, para retomar os termos já empregados,  
há espaçamentos e tensões, contatos e cortes.<sup>159</sup>

## 85 |

O corpo como o espaçamento de uma máquina dupla:  
energias finas (ínfimas)

e energias grosseiras (massivas)

– mecanismos distintos, mas inseparáveis.

Máquina receptora de informação: dispositivo que trabalha  
estímulos ínfimos, com baixo consumo energético;

pólo das energias finas: do cérebro, dos nervos e órgãos sensoriais.

Máquina elaboradora de desejo: dispositivo que trabalha  
explosivamente, envolvendo enormes gastos energéticos;

pólo das energias massivas: dos músculos, do sexo, da locomoção.

## 86 |

Coreto leste (0' 38''):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>160</sup>

## 87 |

Elvira C anota: para além de um conceito abstrato,  
cartesiano, kantiano ou hegeliano, Lefebvre propõe  
uma energética relação dialética  
entre extremidades:

Essa composição do corpo orgânico, ela mesma se liga diretamente à  
constituição (organização) espacial. Como não haveria relação  
conflituosa entre as tendências inerentes a esse conjunto, a tendência  
a captar a energia, a reservá-la, a acumulá-la, e a tendência a gastá-la  
bruscamente? Assim como entre a tendência a estudar o espaço e a  
tendência a invadi-lo. Os conflitos inerentes à realidade espaço-  
temporal do corpo (que não é nem substância, nem entidade, nem  
mecanismo, nem fluxo, nem sistema fechado) culminam com os  
conflitos entre o conhecimento e a ação, entre o cérebro e o sexo,  
entre os desejos e as necessidades,  
no ser humano.<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.213-4; tradução minha.

<sup>160</sup> Para visualizar o registro audiovisual Coreto leste (0' 38''): <https://vimeo.com/262569810>

<sup>161</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.226; tradução minha.

## 88 |

Mas os conflitos tendem a ser varridos  
para debaixo do tapete, via da hierarquização.  
Como se houvesse uma polaridade superior e uma inferior.  
Nenhuma hierarquia é neutra ou inocente.  
Esta é a expressão dos valores judeu-cristãos,  
lógicos e ocidentais, que tentam manter-se no topo  
dos mundos, com propósitos de dominação.  
Eis a estratégia global de integração:  
primeiro fragmentar,  
depois hierarquizar e, lá do topo,  
estimular, sem sucesso, uma mistura homogênea.  
Mas não há porque engolir esta repetição:  
as polaridades produtivas de um corpo espacial  
raramente concordam, Lefebvre reitera, segundo Osmar X.

## 89 |

O polo das energias finas (cérebro, nervos, sentidos)  
não se concilia, necessariamente, com o das energias maciças,  
o sexo. Muito pelo contrário,  
o organismo vivo só faz sentido e encontra existência  
quando considerado junto aos seus prolongamentos:  
o espaço que ele alcança, que ele produz (seu “meio”,  
termo usual que reduz a atividade à inserção passiva  
em uma materialidade natural). Todo organismo vivo se reflete,  
se refrata, nas modificações que produz em seu “meio”  
ou “ambiente”, através do espaço.<sup>162</sup>

## 90 |

Quadra sudoeste (1' 24''):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, p.227; tradução minha.

<sup>163</sup> Para visualizar o registro audiovisual Quadra sudoeste (1' 24''): <https://vimeo.com/262570332>

## 91 |

O cheiro: base sensível, fundamento do espaço.  
O perfume da flor, o suor da pele, o aroma do bosque  
ou o fedor do fim-de-feira. Dos odores dos lugares decorrem  
o prazer e o desprazer, a intimidade possível e a impossível.  
Mas uma vasta faxina vem sendo realizada, em escala planetária.  
Dos valores de higiene e assepsia do capitalismo industrial  
decorre a extinção de diferentes odores.  
A ponto de alcançarmos a imagem de um cheiro.  
(a homogeneização tem o cheiro de um banheiro VIP.)  
Um cheiro transformado em representação? Espetáculo!

## 92 |

Mas há também o discernimento improvável:  
entre odores e sabores. Não por acaso há uma forte comunicação  
entre a boca e o nariz. Fronteira altamente permeável.  
Lugar de misturas (sem confusões): tríplice fronteira?  
Zona de contato: encruzilhada central.  
Além do olfato e da gustação, um terceiro sentido  
ali se encontra, implacavelmente: o tato linguístico.  
Órgão composto por extremidades sensoriais, a língua  
findam decodificando alguns pares de sabores.  
O doce e o amargo. O salgado e o açucarado.  
O azedo e seu contrário. Doce amargura. Amarga doçura.  
Tantos prazeres. Influenciados também pelo tato.  
O frio e o quente. O mole e o crocante. O liso e o rugoso.  
Uma tríade irreduzível habita um corpo que come.

## 93 |

Uma íntima associação que não é indiferente  
aos sentidos, nem os considera indiferenciáveis.

O corpo espacial, ao se tornar social não é introduzido em um  
'mundo' preexistente; ele produz e reproduz; ele percebe o que ele  
reproduz ou produz. Este corpo carrega consigo suas propriedades e  
determinações espaciais. Ele as percebe? No prático-sensível,  
a percepção da direita e da esquerda deve ser projetada, marcada nas  
e sobre as coisas. É preciso introduzir, ou seja, produzir pelo espaço,  
as duplas determinações: o eixo e o quadrante, a direção  
e a orientação, a simetria e a dissimetria.  
As condições e princípios da lateralização do espaço  
estão no corpo; ele precisa efetuar-las, de modo que  
a direita e a esquerda, o alto e o baixo fiquem indicados  
e demarcados, permitindo a escolha (pelo gesto, pela ação).<sup>164</sup>

---

<sup>164</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974] p.230; tradução minha.

94 |

A audição: sublime mediação  
entre o corpo espacial e os corpos externos.  
Todo espaço visível também é um espaço audível.  
Muitas vezes um espaço é escutado antes de ser visto.  
Os ouvidos não percebem de maneira similar,  
mas a audição permanece decisiva  
aos espaços do discernimento.

95 |

Desde o espaço uterino até as vozes e os silêncios  
mais longínquos possíveis (o igarapé Abismo).  
Via escuta  
das escutas  
realizamos as passagens  
entre o espaço cósmico do corpo  
e o corpo espacial do mundo.

96 |

Gol sudoeste (1' 04'"):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>165</sup>

97 |

Mas um mal-estar instala-se,  
quando um corpo espacial é capturado  
pelo vírus da homogeneização,  
essa tendência errônea, um despautério,  
dos arquitetos, economistas e urbanistas modernos.  
A propagação do caos: a confusão!  
Entre o geométrico, o fálico e o visual: uma fusão  
cujo incômodo físico, mental e social é quase indiscernível  
por mais óbvio que isto possa, para um, parecer.  
Alias, numa mistura homogênea tudo é parecido.

---

<sup>165</sup> Para visualizar o registro audiovisual Gol sudoeste (1' 04'"): <https://vimeo.com/262576021>

98 |

O incômodo resulta da impressão desértica.

Mas pouco a pouco o deserto passa a ser povoado.

Por signos, por marcas, por imagens decorativas?

Esse espaço parece, analogicamente, com aquele da tradição filosófica (cartesiana). Infelizmente, ele também é o espaço da folha de papel em branco, da mesa de desenho, dos planos, dos cortes, das elevações, das maquetes, das projeções. Substituí-lo por um espaço verbal, semântico ou semiológico, agrava sua debilidade. Uma racionalidade estreita e murcha omite o fundo e o fundamento do espaço, o corpo total, o cérebro, os gestos etc. Ela esquece que o espaço não consiste na projeção de uma representação intelectual, no legível-visível, mas que o espaço é primeiramente escutado (ouvido) e atuado (pelos gestos e deslocamentos físicos).<sup>166</sup>

99 |

As energias massivas se distinguem da energias finas,  
mas delas não se separam,

pois as informações afetam músculos e ossos.

E a locomoção aciona sentidos.

As relações entre elas ora cooperam, ora se chocam,  
logo, permanecem em movimento.

As energias massivas, combustíveis do desejo,  
não permanecem sublimadas por muito tempo.

O corpo espacial é reconstituído enquanto processo  
produtivo, assimilando mensagens, transmitindo ações.

100 |

Elvira C anota mais uma ideia destacada por Osmar X:  
para além das projeções intelectuais  
que obstruem as passagens,  
contra as reduções operadas pelo saber,  
implacável é o corpo “vivido”:

Contra o Absolutamente Verdadeiro,  
Espaço das Clarividências soberanas, reabilitam-se  
o subterrâneo, o lateral, o labiríntico, talvez o uterino,  
o feminino. Contra os signos do não-corpo,  
os signos do corpo se levantam.  
“A história do *corpo* na fase final do Ocidente é a de suas rebeliões.”<sup>167</sup>  
Sim, revolta-se o corpo carnal (espaço-temporal),  
e não se trata de um retorno às origens, ao arcaico,  
um apelo ao antropológico;  
trata-se de “nosso” corpo contemporâneo.  
Desdenhado, absorvido, esmigalhado pela imagem.  
Mais que desdenhado: omitido.

---

<sup>166</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.231-2; tradução minha.

<sup>167</sup> PAZ, Octavio. *Conjunções e Disjunções*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979, p.111.; tradução minha.

Não se trata nem de uma rebelião política,  
que substitui a revolução, nem de uma revolta do pensamento,  
do indivíduo, da liberdade; é uma revolta elementar e mundial,  
que não está à procura de seu fundamento teórico,  
mas que busca reencontrar o seu fundamento,  
através da teoria reconhecê-lo.<sup>168</sup>

### 101 |

O corpo reúne sem confundir, o tempo-espaço cíclico,  
aquele das necessidades e dos desejos  
e o espaço-tempo linear, aquele dos gestos, dos deslocamentos,  
da manipulação das coisas e da lida com os pensamentos.  
Realizam esta reunião as diferenças vividas  
e não as pensadas. O corpo inventa um espaço novo  
através do tempo em que está. Graças à sua capacidade de perceber  
a diferença no seio do repetitivo.  
A despeito de sua capacidade analítica, evacuadora da diferença,  
incapaz de perceber o novo criado via repetição.

### 102 |

Evo cumple (6' 01''):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>169</sup>

### 103 |

Há tantas relações entre o Ego e o próprio corpo  
(tantas apropriações e fracassos da apropriação)  
quantas sociedades, culturas e talvez indivíduos.  
(...) O corpo total se analisa e se autoanalisa,  
se situa e se fragmenta em função de uma *prática*,  
que inclui o discurso, mas não se reduz ao discurso.  
Quando o trabalho se separa do jogo, dos gestos rituais,  
do erótico, as interações e as interferências se tornam ainda  
mais importantes. Com a indústria moderna e a vida urbana,  
a abstração comanda a relação com o corpo.  
A natureza se distanciando, nada restitui o corpo total,  
nada, nem através dos objetos, nem através das atividades.<sup>170</sup>

---

<sup>168</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.232; tradução minha.

<sup>169</sup> Para visualizar o registro audiovisual Evo cumple (6' 01'') : <https://vimeo.com/262576031>

<sup>170</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.236; tradução minha.

**104 |**

O corpo fragmentado, alheio à inteireza,  
resulta de pragmáticas relações equivocadas  
entre o Ego e seu corpo.

Estas relações são complexas  
e não se restringem às dimensões do próprio corpo.  
Elas se estendem aos outros corpos,  
à Natureza produzida, isto é,  
ao espaço social,  
geohistoricamente transformado.

**105 |**

Coreto oeste (1' 07''):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>171</sup>

**106 |**

O corpo possui ritmos constatáveis,  
de imediato. A inspiração, a expiração,  
a respiração pulmonar.  
A sístole, a diástole, a pulsação cardíaca.  
A ingestão, a excreção, a digestão orgânica.  
A sonolência, o vigor, o sono diário.  
E outros mais, embora bem dissimuláveis:  
aqueles relacionados  
ao sexo, à fecundidade, ao raciocínio,  
à vida social.  
Seja na superfície ou na profundidade do corpo  
espacial,  
os ritmos são múltiplos  
e tendem ao entrecruzamento.

---

<sup>171</sup> Para visualizar o registro audiovisual Coreto oeste (1' 07''): <https://vimeo.com/262590646>

## 107 |

Inspirado pelo campo experimental da dança e da música, atento aos possíveis efeitos das ‘células rítmicas’, Lefebvre vai à procura dos princípios de uma certa “ritmologia geral”, passível de ser aplicada às relações internas e externas do corpo espacial de um organismo vivo.

## 108 |

O que designou por ritmanálise.

*A ritmanálise desenvolveria a análise concreta e talvez o uso (a apropriação) dos ritmos. Ela descobriria aqueles que se revelam apenas através de mediações, de efeitos e de expressões indiretas. A ritmanálise, eventualmente, substituiria a psicanálise: mais concreta, mais eficaz, mais próxima de uma pedagogia da apropriação (do corpo, da prática espacial). (...) Nos ritmos, as repetições e as redundâncias, as simetrias e as assimetrias interagem de maneira irreduzível às determinações recortadas e fixadas pelo pensamento analítico. O corpo polirrítmico só se deixa ser conhecido e apropriado com as suas condições. Os ritmos diferem pelas amplitudes, as energias desdobradas e veiculadas, as frequências.<sup>172</sup>*

## 109 |

Ritmos não são expressões de relações objetivas. A noção de *ritmo* supera tanto a noção de *fluxo* – suficiente à perspectiva da Economia Política – quanto a noção de *pulsão* – usada pela Psicanálise. Um órgão possui um ritmo, mas um ritmo não é um órgão. Um ritmo envolve um lugar, mas um lugar não é um ritmo. Ritmos são da ordem da interação.

## 110 |

A potência de uma obra envolve sua polirritmia.

O que nós vivemos?  
Ritmos, experimentados subjetivamente.  
Nisto, aqui, o “vivido” e o “concebido” se aproximam.  
As leis da natureza, aquelas de nosso corpo se reúnem e, talvez, aquelas da realidade dita social.  
(...) Um ritmo tem sua lei em si, sua regularidade; esta lei lhe chega pelo espaço, o seu espaço, e por uma relação entre o espaço e o tempo.

---

<sup>172</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.237; tradução minha.

Todo ritmo detém e ocupa uma realidade espaço-temporal, conhecida pela nossa ciência, dominada nos termos de uma realidade física (ondulações) e desconhecida no concernente aos seres vivos, os organismos, os corpos, a prática social. No entanto, a prática social é composta de ritmos, cotidianos, mensais, anuais, etc. É bem provável que a complexidade desses ritmos aumente em relação aos ritmos naturais.<sup>173</sup>

### III |

Corpo espaço-temporal (1' 33''):



Bolpebra, Pando, Bolívia<sup>174</sup>

### II2 |

O cíclico e o linear são aparências distintas e inseparáveis de um ritmo.

Um espaço social estende-se, geohistoricamente,  
feito relações cotidianas  
entre corpos humanos e não-humanos,  
vivas, concebidas e discernidas  
via ritmos  
cósmicos e mundanos: a prática espacial.

### II3 |

O Coletivo está vivo. Ivo C também.

Ivo C olha de novo para essas imagens-sons, via aplicativo,  
e ao rescutar os trechos apontados por Osmar X,  
uma frase com cheiro de garoa lenta  
o toca: “O temporal torna ridículos  
vários teoremas de uma só vez.”<sup>175</sup>

Está evidente; desacelerar as narrativas: é isso!,  
Ivo C se liga, enquanto desliga o computador.

---

<sup>173</sup> Ibid., p.238; tradução minha.

<sup>174</sup> Para visualizar o registro Corpo espaço-temporal (1' 33''): <https://vimeo.com/262570474>

<sup>175</sup> TAVARES. *Uma Viagem à Índia*, 2010, p.275.



# Canto X



## 1 |

Estando vivo, o rio corre, mas em velocidades variadas, consoante o ângulo de sua inclinação diferencial. Assim seguiu correndo o tripé audiovisual do Coletivo. Inúmeras vezes atravessaram com ele para lá e para cá. Finitas as fronteiras, infinitas as mobilidades.

O dia anoitece e a equipe de pesquisadores ainda está de pé, depois de tantos deslocamentos, paragens e itinerários, é incrível pensar que todavia resta muita energia no ar. O tempo do repouso em breve virá, mas agora é hora do registro que os levam, finalmente, à última fronteira.

## 2 |

Se Ivo C escuta e diz coisas belas, isto me importa pouco, enquanto narrador. Relevante mesmo é acompanhar até onde vão os pés do Coletivo, com quem andam e a tramar o quê. Com suas parcerias, o tradutor, atravessa e segue, ainda, em território boliviano.

Inusitada é a situação que permite esta afirmação. Embora tenha os pés secos, Jean M está dentro de águas bolivianas, mediado por uma embarcação. Eis um bom exemplo, do que significa distinguir sem separar.

## 3 |

A travessia da fronteira custa R\$ 1,00, e raramente dura muito mais que um minuto. O que não deve ser novidade ao leitor que decodificou os QRcódigos anteriores. Mas incrível mesmo é pensar que enquanto atravessam um leito de rio real – o Acre, cruzam também uma linha simbólica e imaginária – o limite tripartite entre três países, três cidades e uma multiplicidade de lugares.

## 4 |

Entre uma coisa e outra que parecem misturadas, seria a diligência do discernimento, prático e teórico, o que desarruma e recondiciona as contradições do espaço humano coabitado? Seriam as contradições que residem entre um espaço vivido e um espaço concebido, o que permitirá Ivo C transpor o espaço de uma rodovia para os termos de uma prática espacial de viagem?

5 |

O que Monsieur Jean dirá sobre isto?

R: Jandira, erre!

Enquanto Osmar X erra, mas não deixa de citar”

O discernimento não seria a obra,  
a grande obra da espécie humana,  
frequentemente desviado,  
para o qual colaboram os conhecimentos e a arte?  
Paga-se um preço muito alto  
por esta dissociação: as separações  
entre o que não pode  
e o que não deve estar cindido.<sup>176</sup>

6 |

Na ausência de uma bola e de pessoas com quem jogar,  
mas com a presença de uma câmera e de um gravador  
de som, Jean M e Osmar X se divertiram bastante  
brincando de contemplar  
os muitos cantos daquele lugar,  
como quem diz que a bússola cartográfica que importa  
é aquela que habita dentro de nós.  
Usaram e abusaram dos posicionamentos, inventando  
novas perspectivas para uma praça pública  
aparentemente desabitada.

7 |

Há espaços dominados e pela força bruta de máquinas  
que desejam tornar as paisagens homogêneas e  
espaços apropriados por corpos humanos  
em busca da fruição.  
Mas há também um espaço entre  
a dominação e a apropriação: a espacialidade do desvio.  
A urbanidade imposta pela propriedade privada  
nos faz acreditar que a Natureza é inimiga da Cultura,  
que é preciso transformá-la em mercadoria  
para satisfazer necessidades de troca.  
Mas não há razão para aceitarmos isto  
quando a vontade de transformar o mundo se traduz como  
a partilha da recreação.

---

<sup>176</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, Paris, Anthropos, 2000 [1974], p.227, tradução minha.

## 8 |

O cercamento das praças cerceiam as territorialidades da convivência em comunidade. O fechamento das fronteiras propaga o espírito dos condomínios burgueses, impelindo as pessoas a produzir espaços frios e abstratos, repletos de interesses de dominação de corpos sociais sedentos de interação. A modernidade tecnológica enfeitiça a alma cada vez mais distante das peles Quem nunca se apaixonou por um arranha-céu envidraçado, nem se viu refém de uma tela de led?

## 9 |

Com Ivo C não é diferente, mas algo o inquieta: seria aquele polígono impermeável, cercado pela Floresta o ápice da fruição para uma comunidade amazônica? Não que ele seja contra as praças e os lugares de encontro. Muito pelo contrário. Mas por que repetir um modelo padrão de urbanização aos quatro cantos do Planeta? Os espaços públicos se tornaram propriedades públicas que servem, primeiramente, às trocas governamentais instrumentalizadas por práticas burocráticas ensimesmadas que andam na contramão do usufruto coletivo.

## 10 |

Entra em vigor uma estratégia arquitetônica de dominação operada pela produção de um espaço abstrato: geométrico, visual e fálico, que aspira (mas não alcança) a completa homogeneização dos lugares. Uma estratégia global de fragmentação dos espaços cotidianos que hierarquiza os usos, ao lhes atribuir valor de troca. Mas Luzia T não percebe isso, por não perceber, em Bolpebra, contradições.

## 11 |

Osmar X volta a conversar com ela, trazendo citações. A dominação espacial acontece com a inserção de uma nova técnica em um espaço social existente. Uma transformação que promove apagamentos, da Floresta Amazônica no caso, e de superposições: o coreto. Mas nenhum espaço desaparece completamente

e se fomos ali para filmar era para dizer que em oposição à dominação da Natureza pela técnica, está a apropriação do espaço cotidiano pelo Coletivo.

## 12 |

A gente não quer só viajar.

Esta travessia se fez, desde o início, como um exercício de apropriação. E buscando atingir seu ápice.

Um espaço apropriado  
assemelha-se a uma obra de arte, sem ser o simulacro dela.  
Com frequência, trata-se de uma construção, monumento ou edifício.  
Nem sempre: um sítio, uma praça e uma rua podem se dizer “apropriadas”. Tais espaços abundam, ainda que não seja sempre fácil dizer em quê e como, por quem e para quem, eles foram apropriados.<sup>177</sup>

## 13 |

Jandira R aproxima-se da conversação.

Já mais familiarizada com a linguagem de Osmar X, ela questiona a eventual apropriação do espaço praticada por esta viagem.

Poderíamos dizer então que esses nossos efêmeros itinerários

e que aquele giro pela praça de Bolpebra perseguem,

com rigor e cuidado, um projeto de “mudar a vida”,

de “mudar a sociedade”? Os usos territoriais que fizemos

transformam radicalmente o territorialidade da Interoceânica?

Luzia T sorri animada com a chegada da companheira.

Osmar X também. A pergunta de Jandira R é pertinente.

## 14 |

Chegamos até aqui diferindo (responde usando o tom

ou a voz de alguém outro), a diferir permaneceremos.

Percebo a nossa viagem como uma aposta na realização

de um passeio criativo,

para além do tédio descritivo, à procura de tradução.

Se não alcança o ápice revolucionário da apropriação,

não deixa de ser, contudo,

um desvio da repetição.

E com intenção de encontro: a pesquisa como festa

e curtição.

---

<sup>177</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.192; tradução minha.

### 15 |

A reunião de pontos de vista singulares tende a enfraquecer a ideia de homogeneização, aguçando a potência diferencial, segue OsmarX, enquanto Luzia T vai ao dicionário à procura de um verbo: *diferir*. Jandira R alegra-se com os diferentes sentidos encontrados Transferir para outra data é diferir. Fazer durar quer dizer diferir Diferir significa ser diferente. Palavra sinônima de divergir.

### 16 |

Mas Jandira R tem razão. A apropriação “real” do espaço envolve uma invenção morfológica. Uma nova forma intimamente ligada à função e à estrutura da fruição. As práticas de desvio constituem contrapontos às práticas de dominação instituídas.

### 17 |

Novas ideias, outros modos de representação valores novos, normas inovadoras e interesses renovados, precisam ser envolvidos por um processo criativo, uma recriação completa do espaço. A diferença requer um modo de recomposição corporal. E também necessita de outras práticas estéticas.

### 18 |

Diante da dominação imposta e do desejo de apropriação, a prática do desvio estimula as aprendizagens sobre a produção de outras espacialidades possíveis. Experiências e ideias orientadas pelo uso do espaço; que tencionam a burocratização mercantil da vida. Todo desvio é, em alguma medida, Uma via rumo a “outras vidas”.

## 19 |

Só não cabe se iludir que a outra via está logo ali,  
no coreto de uma praça filmada. Mudar a vida  
é diferente de estilizar uma narrativa.

Outros “coletivos” já tentaram viver juntos e diferente,  
mas, obcecados pelo esteticismo, fracassaram

Dentre os obstáculos e razões de fracassos,  
há certamente a ausência de um espaço apropriado,  
de uma invenção morfológica.  
A maioria das comunidades modernas, quiçá todas,  
desviaram um espaço existente e perderam o impulso  
numa morfologia espacial não apropriada:  
mansão burguesa, castelos em ruínas,  
vilarejos camponeses, habitações suburbanas.<sup>178</sup>

## 20 |

O desvio da função de um antigo espaço,  
como uma praça, uma ponte ou uma rodovia  
é uma condição necessária, mas insuficiente,  
à produção das diferenças.

Uma diferença socioespacial é produzida a partir e através  
de uma morfologia “outra”:

para que a força do Coletivo permaneça;

para que a apropriação do espaço da criação compartilhada  
não se basta

nem se restrinja às ilusões do funcionalismo. Uma forma  
comunica

uma espacialidade “diferencial”.

## 21 |

Muitas são as potências criadoras  
de espaços diferenciais. Permanente é a tendência  
afirmadora do novo. E raros são os modos de produção  
que contrapõem situações repressoras e autoritárias.

Emancipar não é verbo de conjugação simples.

Neste ponto do texto, já deve estar claro ao leitor  
que a última fronteira do espaço, necessariamente prática e  
diferencial precisa conseguir, de algum modo,  
expressar diferenças produzidas,  
em relação à estratégia de homogeneização ensaiada  
pela aliança entre o Estado, a Ciência e o Capital.

---

<sup>178</sup> LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.438.

**22 |**

Embora já seja noite em Bolpebra, o Coletivo segue marcando encontros, registrando relatos, percorrendo mundos. Ivo C está online, pois a equipe e os equipamentos já estão bem ajustados e ele não quer perder nada. Está ciente que os cartões de memória estão quase todos lotados e, ademais, um pressentimento lhe diz que a última fronteira não deve estar tão longe.

**23 |**

Luzia T conseguiu um encontro marcado com Chola Manchineri, uma liderança do povo indígena Manchineri, nascido na Aldeia Extrema, da Terra Indígena Mamoadate, com registro feito, em 1979, no cartório nacional de Sena Madureira, um município do Acre, como Gerson Severino da Silva Manchineri

**24 |**

Na Terra Indígena Mamoadate, habitam mais de mil e quinhentos indígenas de dois povos diferentes: os Manchineri que falam a língua Piro, do tronco linguístico Aruak e os Yaminawá, da língua Yamináwa, do tronco linguístico Pano. Ela possui uma área equivalente a 314 mil hectares, homologada pelo Decreto 254 de 30/10/1991, coberta por Floresta Ombrófila Aberta do bioma Amazônia.

**25 |**

Ela compõe a faixa de fronteira entre o Brasil e o Peru, está inteiramente localizada na Bacia Hidrográfica do Rio Purus, ocupa cerca de 288.000 hectares, o que corresponde a um terço da área municipal de Assis Brasil, mais cerca de 2.528.000 ou 9% do município de Sena Madureira. A principal ameaça ao ambiente e à vida desses povos indígenas é a exploração ilegal de madeira. Coabitam ali índios voluntariamente isolados.

Com Chola o Coletivo conversa sobre sua vida e os trânsitos cotidianos de seus parentes.

**26 |**

Chola Manchineri (3' 04''):



Rio Acre, Território Manchineri<sup>179</sup>

**27 |**

Desde os oito anos,  
quando meu pai me encarregou de vender,  
comecei a andar pela cidade.  
Fazia viagens frequentes à Sena Madureira,  
levando a arte da aldeia.  
Vivi de viagem até inteirar doze anos,  
quando me mudei para Rio Branco.  
Aos quinze anos,  
quando ainda cursava o Ensino Fundamental,  
comecei a trabalhar para o governo federal, através da  
CAPOIBE, uma organização não governamental.

**28 |**

Ao sair de Rio Branco, fui morar em São Paulo, por um ano  
e no Rio de Janeiro, por mais um.  
Do Rio segui para Pernambuco, para fazer um curso  
“de ilha de edição”. Fiquei um ano por lá.  
Depois fui trabalhar em Brasília. Mais um ano.  
Já viajei bastante pelo Brasil.  
E depois voltei para o Acre,  
quando completei vinte anos de idade.

---

<sup>179</sup> Para visualizar o registro Chola Manchineri (3' 04''): <https://vimeo.com/262473951>

29 |

Enquanto o Coletivo tenta escutar, conversar e registrar áudio e vídeo, uma avantajada sonoridade toma conta do ambiente.

Ivo C escuta Jean M perguntar: isso é sapo?

Sim, Chola confirma e acrescenta: mas eles não medem mais do que três centímetros. Ivo C pode pensar que ele é grande, mas ele é bem pequenininho, do tamanho de uma rãzinha.

São os machos que coaxam chamando as fêmeas para o acasalamento.

Tão pequenos e já fazem um som assim. Os grandes só têm tamanho, diz Jean M.

Chola confirma: sim, só tamanho.

30 |

Pelas cidades viajei porque precisei ir à procura de algo diferente para as aldeias. Algo em termos de desenvolvimento. Como dizer?

Algo que ajude os povos indígenas.

Tanto para o meu povo, Manchineri, quanto para o povo Jaminawa.

31 |

Desenvolvimento é uma palavra sedutora, pensa Osmar X.

Ora, pois foi isto que o levou a viajar, saindo a buscar, fora da aldeia, algo bom para dentro da aldeia: estudo e conhecimento.

O Coletivo ouve Chola dizer que as terras indígenas carecem de investimento governamental. E que os governos carecem de entendimento indígena. Há algo que falta em todo lugar, Ivo C sabe bem.

Falta sempre algo de ambos os lados.

E isto precisa ser destacado não só por tradutores, mas também por jornalistas.

Até que um dia haja um indígena advogado em cada povo indígena.

32 |

Chola trabalha há quase uma década na FUNAI. Ivo C escuta algo da ordem de um indicador de que ele está a fazer um bom trabalho: seus parentes ainda não ficaram bravos a ponto de o expulsarem dali. Chola tem como principal desafio o consumo de bebida alcoólica por seus parentes.

33 |

Eles vão à cidade para receber a aposentadoria e por lá ficam, consumindo bebidas alcoólicas. Eles gastam, assim, o dinheirinho pouco todo que têm. Quase não levam nem um centavo para a comunidade. Ivo C registra o gesto como baixa propensão à poupança e a inquietação de Chola em relação a esse hábito de seus parentes. Alguns fabricam suas próprias casas na cidade. Outros não

34 |

Chola Manchineri (2' 56''):



Rio Acre, Território Manchineri<sup>180</sup>

35 |

Mas o trabalho de Chola não é só acender o princípio da acumulação, entre seus parentes. Na cidade, Chola faz um pouco de tudo, ele diz. Cuido da educação e da saúde indígenas. Acompanho a fiscalização das terras indígenas, encaminho documentos e crio acesso aos benefício do INSS: aposentadoria, salário maternidade, auxílio doença, pensão por morte. Tudo isto e algo mais é o trabalho que Chola alegra-se em fazer.

---

<sup>180</sup> Para visualizar o registro Chola Manchineri (2' 56''): <https://vimeo.com/262474300>

36 |

Obras faraônicas em terras grandiosas.  
Alguém do Coletivo parece ter sido afetado  
e ensaia um silogismo, mentalmente.  
A estrada traz o desenvolvimento.  
O desenvolvimento transforma a gente.  
A gente leva a madeira embora.  
A madeira derrubada mina o envolvimento.  
O envolvimento reinventa uma pessoa múltipla.  
A reinvenção da pessoa traz de volta a madeira.  
A madeira volta, encanta e cerca propriedades privadas.

37 |

Prendemos quatro madeireiros clandestinos,  
outro dia,  
na Terra Indígena Mamoadate.  
Chola comenta.  
A notícia está publicada no jornal.

38 |

Chola Manchineri (1' 36''):



Rio Acre, Território Manchineri<sup>181</sup>

39 |

Com a urbanização planetária  
ampliam-se as possibilidades de comunicação.  
Chola comemora a parabólica,  
cada vez mais presente em todas as aldeias.  
A parabólica permite que seus parentes assistam aos jogos,  
aos jornais, essas coisas assim.  
Alegra-se também com o orelhão,  
que ecoam vozes entre a cidade e a aldeia.  
Chola sonha com o dia em que a Embratel  
virá instalar a tal da internet.

---

<sup>181</sup> Para visualizar o registro Chola Manchineri (1' 36''): <https://vimeo.com/262474148>

40 |

O avanço dos meios de comunicação não é um impacto, é uma melhoria. Ivo C faz questão de apontar a palavra pronunciada por Chola.

41 |

Eis que Chola, à sua maneira, e de modo pertinente parece encarnar o ritmanalista, comenta Osmar X, um corpo que percebe os diferentes ritmos da urbanização. Quando cheguei em Assis Brasil, a cidade era muito pequena e desestruturada. Com o tempo, ela assumiu uma estrutura maior. Porém, nada que se compare aos ritmos de transformação de Bolpebra e de Iñapari, as cidades vizinhas. Estas duas, sim, estão se transformando estruturalmente; mas aqui em Assis Brasil, tem uma diferença: o prédio da Alfândega traz segurança. Chola está animado com as novas instalações da Polícia Federal e da Força Nacional. Até porque, antes, aquele espaço, lá, era livre, ele diz.

42 |

As margens do Rio Acre que antes era um espaço comum, outrora livre, agora é dominado pelo Estado. Antes da chegada da Ponte e da Alfândega, havia ali casas de palha e de pau-a-pique, socialmente construídas pelos índios Jaminawa. Chola diz que seu trabalho também é conscientizar esses indígenas.

43 |

Chola ecoa o funcionalismo público, repetindo o que dizem seus patrões?  
Quem disse que beira de rio não é espaço apropriado à construção de casas de palha e de madeira?  
E onde estão as casas de trânsito, promessa não cumprida pelos governantes?  
Os Jaminawa não possuem casa na cidade e são acusados de causarem transtorno devido ao álcool. Tampouco são bem recebidos nas mais rústicas hospedagens privadas.

44 |

Com o asfaltamento da estrada, a beira do rio, extensas praias de puro leite, passa a ser concebida como zona de impacto da ponte.

O governo indenizou e doou a terra para ele mesmo, ou melhor dizendo, para a Marinha.

45 |

A cidade. A aldeia. A metrópole.

A vila. O arraial. A megalópole.

Vila ou lugarejo? Há conurbação.

Metápole, aldeota, povoado.

A região metropolitana.

Aglomerações humanas mais ou menos urbanizadas.

Diferentes momentos de um processo que se repete.

46 |

Luzia T vai novamente ao dicionário e procura: *pólis*.

Encontra o seguinte significado: “estado ou sociedade, especialmente quando caracterizado por um senso de comunidade”.

Mas, afinal, como argumentar, didaticamente, sobre a urbanização planetária?

47 |

Chola Manchineri (2' 11''):



Território Manchineri.<sup>182</sup>

---

<sup>182</sup> Para visualizar o registro de Chola Manchineri (2' 11''): <https://vimeo.com/262474213>

48 |

Jean M pergunta a Chola M sobre as motivações de quem troca a aldeia pela cidade.

Por uma questão de saúde, responde.

Ora, mas quem diria: a vida parece ser tão mais saudável fora da cidade. Como se as doenças da cidade não tivessem sido espalhadas até a aldeia.

Como se as ervas medicinais e os médicos indígenas não buscassem condições de tratar doenças urbanas.

E não é bem assim que acontece?

49 |

Os pajés, as benzedadeiras, os rezadores, as parteiras e quem mais esteja envolvido com curas

dão conta de muitas doenças. Ainda assim, precisam de uma equipe de saúde nas aldeias.

De médico. De enfermeira. De dentista.

De assistente social. De psicólogo.

Mas como ir à aldeia, com barcos que sucumbem diante de meandros assoreados?

O rio está todo cheio de terra desmatada.

Onde está o ladrão de madeira que, ao produzir assoreamento, cria um problema de saúde pública?

50 |

Alguém conclui que a saúde indígena (ou não) é uma questão ambiental (urbana)?

Que a questão ambiental

é uma questão social, isto é, política e econômica.

Eis um sentido de paisagem que aponta esta viagem, enquanto as famílias indígenas migram para a cidade, temporária ou definitivamente, em busca de saúde.

A vontade de sobreviver implica um crescimento do fluxo urbano, entre a aldeia e a cidade.

51 |

Habitar a fronteira.

Mas com qual identidade?

Um pé na aldeia, outro na cidade.

Ser indígena e, ao mesmo tempo ser cidadão?

Escolher ser brasileiro, peruano e boliviano?

De onde vêm, por onde passam, para onde vão os habitantes

de meandros amazônicos? (Caso alguém esteja demasiadamente curioso, ambicioso ou carente, espace, não suba a cabeceira!)

**52 |**

É engraçado: habitamos a fronteira,  
mas nos misturamos muito pouco, diz Chola.  
Existe miscigenação, mas é pouca.  
A maioria dos indígenas que habita às margens do Rio Iaco,  
os Manchineri principalmente, eles são descendentes dos Piro  
que moram no Peru. Isto é muito engraçado,  
porque eles moram bem distantes, mas só se misturam com eles.  
Enquanto os que moram bem próximo já não têm,  
vamos dizer, esta proximidade com aquele povo peruano.

**53 |**

Sair de casa cedo na vida. Transitar entre mundos,  
por muitas cidades. Motivo de conflito?  
Conflito interno ou externo? Um e outro?  
Nada, nem um, nem outro. Chola não vê problema no trânsito  
entre a aldeia e a cidade.  
Cada momento tem seu lugar de aprendizagem,  
e vice-versa.

**54 |**

Entre julho e novembro, experimento  
o espaço da aldeia. Há trabalho por lá.  
É preciso recensear os parentes.  
É desejável conhecer os problemas.  
É necessário elaborar os projetos.  
Durante o inverno, com o rio cheio, é tempo de visitar  
a Terra dos Yaminawá.  
Aprendo muito com tudo isso, sem conflitos.

**55 |**

A conversa com Chola não dura muito,  
mas afeta bastante o Coletivo. Compartilhar a narrativa  
dos passos indígenas de quem tem  
um pé no mundo, outro pé na aldeia  
é uma dessas experiências e viagem que vale a pena.  
O Coletivo despede-se de Chola, agradecendo  
e fazendo a questão que parece não poder faltar:  
há algo mais que gostaria de falar?

Uma última coisa importante a ser dita?  
É quando Chola lança, veloz, lança sua flecha: agradeço por  
colaborar com Ivo C e o Coletivo  
e quero uma cópia deste filme pronto.

**56 |**

Mas a montagem é um assunto a ser tratado depois.  
Agora ainda é momento de experiência de registro.  
Os pontos de vista indígenas sobre a rodovia e suas viagens  
também encontram ressonância na prática tradutora de Ivo C.  
Não convém adiantar o que está por vir,  
mas o Coletivo parece aproximar-se  
de sentidos possíveis de uma última fronteira.

**57 |**

Uma paragem tende a espaçar dois itinerários  
e, neste momento, o Coletivo caminha a pé  
em direção à praça onde fica o Marco Rondon.  
Dali avistam a confluência entre o Rio Acre e o Yaverija.  
Ao final deste itinerário, não registrado,  
farão uma última paragem registrada em áudio e vídeo.  
Já é noite, já atravessaram muitas vezes para lá  
e para cá. Uma hora tudo chega ao fim.

**58 |**

E um fim pertinente para a repetição  
é a diferença.  
E a diferença que se aponta durante esta  
viagem Interoceânica, aparece ser apropriada  
aos pontos de vista de cada um do Coletivo  
em relação aos diferentes pontos de vista,  
incluindo perspectivas indígenas.  
É que somos diferentes não apenas em relação a eles,  
mas também entre nós. Assim como entre eles as diferenças  
são múltiplas, mas não só em relação a nós.

**59 |**

O Coletivo tem outro encontro marcado  
com Purto Manchineri que, além de cidadão de Assis Brasil  
também é liderança em sua aldeia.  
Esta derradeira paragem possui  
o sentido de um percurso imóvel,

cujo deslocamento tenta apontar  
os sentidos de localização da última fronteira.  
Uma narrativa afeita ao horizonte dos horizontes,  
que ocupa a extremidade desta viagem Interoceânica.

**60 |**

Jean M pergunta Purto Manchineri  
se ele quer usar OFF,  
pois ali está cheio de bichos.  
Nascido na Aldeia Extrema,  
Terra Indígena Mamoodate,  
chamado por seus parentes de Purto,  
ele agradece, dispensa e afirma estar habituado.  
O Coletivo está com tudo pronto para registrar  
mais uma perspectiva e desta vez querem saber  
como é a vida de Purto na cidade e em sua aldeia natal.

**61 |**

Em Extrema, a vida é diferente da cidade.  
Porque a organização social é diferente.  
Encaminha-se, a partir daí, um diálogo  
sobre o que nos difere.  
Para acompanhá-lo, o leitor tem três opções:  
ou seguir pelos fragmentos de texto,  
ou escutar os vídeos,  
ou fazer entrecruzamentos.

**62 |**

Purto Manchineri (6' 50''):



Território Manchineri.<sup>183</sup>

---

<sup>183</sup> Para visualizar o registro de Purto Manchineri (6' 50''): <https://vimeo.com/262461319>

**63 |**

O cacique. O pajé. O professor.  
O agente agroflorestal e as demais  
926 pessoas da comunidade,  
diante da necessidade de bolar um plano,  
convocam os conhecimentos dos ancestrais tradicionais.  
Gestos que o mundo ocidental tem dificuldade de assimilar.  
Precisaríamos de um exemplo do conhecimento tradicional,  
para quem sabe assim traduzirmos,  
um outro exemplo do conhecimento ocidental, pensa Jean M.

**64 |**

Terra, fruta e madeira? Saúde com qualidade?  
Rio, água e peixe? Seres socialmente produzidos?  
Caça, ar e ave? Produtos repetidamente naturalizados?  
Arroz, feijão, milho e macaxeira?  
Boa alimentação? Subsistência,  
quase sem comercialização.

**65 |**

Ouvindo isto, Ivo C percebe que é o caráter espacial  
da vida social, na Terra Indígena Mamoadate, o que é diferente.  
Na beira do rio, na proa da floresta, o povo Manchineri vive,  
trabalha, manifesta-se em grupo. Os ritmos cotidianos  
são orquestrados por ritos coletivos que duram dias, meses,  
anos, vidas inteiras.  
O povo Manchineri possui quatro lideranças que fazem cumprir as  
decisões comunitárias,  
sobre a organização coletiva. Na cidade, diferentemente,  
quem comanda é um indivíduo, por representação eleitoral,  
por interesses pessoais ou de transformação social.

**66 |**

Medicinas tradicionais  
são ervas medicinais.  
Elas têm outras químicas,  
que são do saber do Pajé,  
que são usadas preferencialmente,  
que são combinadas  
com outras químicas, estas que são  
do saber do médico.

67 |

Purto Manchineri (1' 30''):



Território Manchineri.<sup>184</sup>

68 |

Purto conta como veio parar na cidade.  
Me candidatei a vereador para assim defender meu povo.  
Não fui eleito, mas fui convidado para um cargo executivo.  
Ele diz que a importância de estar aqui tem a ver  
com a importância de ser indígena e de ter responsabilidade.  
De ser capaz de representar o povo Manchineri  
e de ter poder para defender os direitos indígenas.  
Juntar forças é estar com pessoas aliadas.  
Fazer alianças para ser índio e para ser cidadão.  
Para fazer um Brasil melhor.

69 |

Purto Manchineri (3' 11''):



Território Manchineri.<sup>185</sup>

70 |

Sim, somos capazes! Sim, somos índios!  
O sentido de uma conquista está na compreensão  
de que nada é dado de mão beijada.  
As portas fechadas em nossa cara são gestos de preconceito.  
As coisas estão por aí, mas as pessoas não querem ver.  
Conseguir produzir espaço é um gesto político.

---

<sup>184</sup> Para visualizar o registro de Purto Manchineri (1' 30''): <https://vimeo.com/262461791>

<sup>185</sup> Para visualizar o registro de Purto Manchineri (3' 11''): <https://vimeo.com/262461888>

71 |

Espaço na FUNAI,  
espaço na saúde,  
espaço na educação,  
espaço na prefeitura. Conseguimos espaço lutando.  
Conquistas são parcerias. Envolvem nossos aliados.  
É preciso e precioso saber quem são nossos parceiros.

72 |

Purto Manchineri (2' 36''):



Território Manchineri.<sup>186</sup>

73 |

Sim, primeiro conquistamos um núcleo de educação.  
Há indígenas trabalhando na FUNASA.  
Parcerias com o Ministério Público e com a Federal.  
O espaço da aldeia é produzido de forma comunitária  
Um coletivo se forma a partir de uma organização comunitária  
Num canto se juntam e ali fazem um plano.  
Assim foi resolvido e decidido que eu viria para a cidade.  
Para conquistar espaço aqui; para resolver questões de lá.  
Cada terra indígena tem sua organização comunitária.

74 |

Jandira R está curiosa e deseja saber, como o pai de Purto viveu.  
Ele ficou órfão aos dois anos e se tornou homem  
criado na mão do patrão.  
Virou seringueiro do seringalista Antônio Canizo Brasil.  
Enquanto cortava seringa aprendeu a falar português.  
Voltou para a aldeia em 1975, mas sem falar sua língua materna.  
Já eu, diferente do pai, só fui aprender português aos 12 anos.  
Vivi minha infância, as brincadeiras e os trabalhos de criança,  
com outras crianças Manchineri.

---

<sup>186</sup> Para visualizar o registro de Purto Manchineri (2' 36''): <https://vimeo.com/262461988>

75 |

Purto conta sobre sua impressão, ao chegar na cidade, pela primeira vez. Eu tinha 14 anos.

Vi muita diferença. A cidade, ela é muito fechada.

Não tem amizade. A gente não tem liberdade, de sair andando, caminhando em paz.

A primeira vez que andei na cidade, eu andava com muito cuidado para não ser pelos carros atropelado. Na terra indígena não tem carro.

Dentro da terra indígena a gente tem muitos amigos.

Na cidade, para ser amigo, tem que ter conhecido antes.

76 |

Purto Manchineri (1' 21''):



Território Manchineri.<sup>187</sup>

77 |

Purto já viajou de avião uma dezena de vezes, por Brasília, Manaus e Cruzeiro do Sul.

Ele conta ao Coletivo como foi a viagem que fez, entre a Floresta Amazônica e a Cordilheira dos Andes.

78 |

Já Brasília, a capital da Nação, é complicada até mesmo para um cidadão indígena.

Uma árvore do cerrado é uma incógnita para um habitante da Amazônia.

Como pode ser assim, tão diferente, cheia de nós, toda tortinha? Como uma árvore consegue fazer uma trajetória como aquela?

Destruir uma árvore é destruir muitas vidas, pacas, peixes e medicinas, de uma só vez.

---

<sup>187</sup> Para visualizar o registro de Purto Manchineri (1' 21''): <https://vimeo.com/262462225>

**79 |**

Quem vem de fora, pela estrada afora,  
pensa diferente da gente: querem fazer fortuna.  
Faz um prédio, pensando em ser rico.  
Mas, vai ficando cada vez mais pobre.  
Fica ali, abafando doença. Fechado dentro de casas,  
não percebe que está se matando.  
A pessoa que é rica, numa casa fechada,  
aquela pessoa não é rica. Rica é quem vive um terreno,  
uma boa alimentação, boa saúde, não fica preso,  
tem para onde ir. Tem como se socorrer da doença: vai na mata,  
busca medicina. Esta é uma pessoa rica.

**80 |**

Jandira R aponta seu lápis, diante de um papel em branco.  
Neste instante em que escrevo  
num lugar aberto e fechado me vejo.  
Fiz dessa viagem a minha morada.  
Fiz do ócio o trabalho da minha casa.  
Na confluência entre os rios  
Acre e Yaverija, há uma ponte – Bolpebra,  
e por isso resolvi encantar esse canto.

**81 |**

Coabitam esse espaço, os Manchineri e os Jaminawa.  
Mas através dele, eles criam diferentes convivências.  
Diferem as línguas e as territorialidades.  
Os Yaminawá constroem casas na beira dos rios.  
Os Manchineri não. Ficam em hotéis ou na casa de apoio  
que a prefeitura oferece. Cada povo produz seu espaço, não é!?  
O povo Yaminawá sempre foi viajante.  
O povo Manchineri prefere permanecer num canto.

**82 |**

Ela escreve enquanto Purto segue falando.  
A Natureza age como gente, fortemente.  
Se a gente não respeita a Natureza  
a Natureza não respeita a gente.  
Na terra indígena, teve ano em que a alimentação não nasceu.  
Teve queimada e a macaxeira morreu.  
A banana deixou de dar cacho que preste.  
A vida na aldeia é diferente.

E os madeireiros estão se machucando,  
se quebrando. Isto é difícil de entender?  
O Acre ainda não tem tanto problema ambiental  
porque têm indígenas que cuidam da Natureza.

### 83 |

A estrada vem para melhorar, mas também para piorar.  
Vem gente de fora para as nossas terras comprar  
Vai que o povo daqui decide negociar?  
As pessoas vão ficar sem lugar,  
perdidos por aí, a caminhar.  
Vai e vem o mal e o bem.  
Vai aumentar as pessoas.  
Vai ser mais fácil plantar.  
Vai diminuir as terras.  
Vai ter mais parceiros no Governo.  
Vai aumentar a violência.  
Vai ter mais coisas para comprar.  
Vai diminuir a mata.  
Os índios terão produtos para vender.  
Tráfico de drogas, madeireiros, pescadores.

### 84 |

Purto também fez uma viagem interoceânica,  
aliás, tentou fazer, mas retornou antes de chegar ao Pacífico.  
Diz não ter conseguido porque os Andes são diferentes demais da  
Amazônia, onde ele nasceu e se criou.  
Já no primeiro dia em Cusco, Purto adoeceu,  
sentiu muito frio e decidiu retornar ao Acre.

### 85 |

Purto compartilhou sua viagem interoceânica  
com os integrantes do Coletivo MAP, uma iniciativa  
de cooperação entre os movimentos sociais daquela fronteira. Purto  
foi chamado para conversar com políticos peruanos, sobre o  
planejamento territorial das terras indígenas dos povos Manchineri  
e Yaminawá.  
Com a intenção de negociar um acordo, para que cessem  
as invasões de madeireiros estranhos: entram sem pedir licença.

## 86 |

A viagem de Purto até Cusco foi ótima, considerando o percurso.  
Mas ao chegar lá foi horrível.  
Não conseguia respirar, nem tomar banho.  
Purto saiu de taxi de Assis Brasil,  
a 239 metros de altura em relação ao nível do Atlântico  
em Puerto Maldonado pegou um voo até Cusco,  
a 3399 metros de altura em relação ao nível do Pacífico.  
Dormiu mal por uma noite e voltou no dia seguinte.

## 87 |

Mas é sobre outra viagem que Purto se interessa a contar.  
Um itinerário que não fez, nem pretende fazer,  
um passeio não recomendável, a viagem ao  
Abismo, um igarapé amazônico.  
Purto vem apontar, portanto, uma outra pressão exercida  
sobre Extrema, a sua aldeia natal.  
Uma fluxo que não vem de cá, dos brancos, mas do lado de lá,  
dos indígenas em isolamento voluntário.  
(sugiro, caro leitor, que não deixe de escutar o registro abaixo)

## 88 |

Purto Manchineri (2' 18''):



Território Manchineri.<sup>188</sup>

## 89 |

Há o Abismo: um igarapé singular.  
O Coletivo, estupefato, nada mais parece ter a dizer.  
Eis que encontram, através de Purto Manchineri  
os possíveis sentidos de localização da última fronteira  
que Ivo C procurava.

---

<sup>188</sup> Para visualizar o registro de Purto Manchineri (2' 18''): <https://vimeo.com/237851800>

**90 |**

O Abismo é um lugar que protege mundos que preferem ser  
escutado  
de longe.

Não deixes que a tua curiosidade perturbe  
a paz que habita o teu tripé, sussurra Jandira R  
ao pé do ouvido de Jean M.

Palavras que ecoam por seu aparato vestibular,  
com a precisão de um estalo, via cóclea.

Gatilho que dispara a transformação  
do desejo de mobilidade em ética da atenção.

**91 |**

A cessação de itinerários produzidos por pulsões oscilantes  
possui um sentido a apontar.

Servem mal os sapatos<sup>189</sup>,  
estas mercadorias obcecadas por espaços novos,  
que não se dão conta das formigas que estão a esmagar  
– seres que conversam parados ao rés-do-chão –  
enquanto caminham.

A imobilidade alimenta a alma da convivência.

**92 |**

Com Purto assimilam, um certo devir formiga,  
já que o espaço vivido para além do Abismo demanda  
“ficar em Off”.

Aquela busca que, no princípio, imaginava algo insólito  
e se fez encaminhar ao caminhar, circula, agora,  
como a gestualidade de um espaçamento, a prudência do  
intervalo, o silêncio.

Elvira C sorri, levemente. Ivo C também está estupefato.

Há o fim dos espaços.

Aquém do infinito está o Abismo.

**93 |**

Purto despede-se do Coletivo,  
em sua língua Aruaque, do ramo Maipure,  
a que compartilham com os Piro. Então é assim, não é!?  
Para o que precisar, a gente está aqui.

---

<sup>189</sup> TAVARES, *Uma Viagem à Índia*, 2010, p.50

94 |

Purto Manchineri (1' 15''):



Território Manchineri.<sup>190</sup>

95 |

Enquanto Purto conta ao Coletivo  
sobre os índios isolados,  
Jean M cogita subir o Rio Acre  
para checar até onde vão as fronteiras do que é  
finito, isto  
que nos reúne sem nos confundir  
e nos distingue sem nos separar.  
Ou teria sido apenas um sonho de Osmar X?

96 |

Não sabia exatamente onde iria dar,  
mas à Cabeceira do Rio Acre Jean M resolve subir,  
com o convite de gentis tecnocratas que administram recursos de  
terras indígenas. Partem com a alvorada,  
abarroados de mantimentos, naquela embarcação miúda,  
porém robusta, rumo à Terra dos Yaminawá.  
Luzia T, Elvira C e Jandira R preferem ficar em Bolpebra.  
Ivo C fica dividido: como acompanhar duas metades de coletivo  
com uma só tela à mão?

97 |

Ivo C se vê diante de uma situação duplamente desafiadora.  
Além de precisar traduzir os sentidos de um intervalo criado  
entre o mundo ocidental capitalista e o  
mundo ameríndio amazônico, agora ainda mais nítida, graças ao  
Abismo que atravessa a viagem,  
Ivo C precisa também traduzir os sentidos deste intervalo  
entre o sonho e o cogito.

---

<sup>190</sup> Para visualizar o registro de Purto Manchineri (1' 15''): <https://vimeo.com/262462616>

Osmar X está a sonhar sobre um pensamento de Jean M  
e Jean M a pensar sobre um sonho de Osmar X?

**97 |**

O Coletivo segue de pé, atrás do tripé, diante de Purto.  
Exceto Osmar X, que decidiu não vir, para ficar dormindo na  
Pousada Renascer. Lá, sonha com a Cabeceira do Rio Acre.  
Como se o sonho pudesse ser um modo razoável de produzir  
conhecimento espacial. O que diriam os geógrafos,  
se se tratasse de um novo método?

Sim, o sonho como método! E vice-versa.

Afinal, como traduzir o espaço-mundo capitalista sob o ponto de  
vista ameríndio? Seria definir como centralidade um cosmos  
imaterial?

**98 |**

Osmar X sonha que Jean M está visitando uma aldeia,  
na Floresta Amazônica.

Ele é bem recebido pelo pajé, que lhe faz uma pergunta:  
o senhor é antropológico? O parisiense responde  
meio atabalhado, sem deixar de ser trapalhão:  
não, senhor, sou geográfico!

O pajé entreluz uma risada enigmática  
e replica com uma frase que ecoa: claro, todos somos!

**99 |**

Jean M não compreende, tampouco sabe o que fazer.  
Osmar X acorda e se pergunta: o que o xamã quis dizer?  
De que maneira somos todos seres geográficos?  
Isto significaria estar vivos, fazendo história  
com o Outro e com outros “eus”?  
Teriam os corpos sociabilidades relacionadas  
não apenas a uma história de quando foi,  
mas também a uma geografia de onde está?  
A pele da energia que circula importa tanto  
quanto a própria energia?

**100 |**

As narrativas que buscam assimilar experiências  
com propósito de fruição,  
compreendem que as imagens e os sons, tal como as palavras,  
não deveriam ser vividas

antes de serem traduzidas, nada de mais.  
Sendo assim discernidas,  
através dos intervalos criados  
em relação às novas experiências narrativas que engendram.

**101 |**

Ivo C já não mais lida mal com o Abismo.  
Ele está presente, ao menos como corolário,  
desde a passagem pela cumeeira.  
Abra Oquepuño aguça a sua intuição. Tanto lá, quanto aqui,  
mais do que traduzir a Altitude e a Profundeza,  
trata-se de manifestar a ressonância do que acontece na  
Superfície.  
Como se estivesse em jogo uma reabilitação  
da pele dos mundos em viagem.

**102 |**

A presença histórica e geográfica, em pleno século XXI,  
de povos indígenas em isolamento voluntário,  
aponta uma espacialidade improvável,  
uma urbanidade absurda, algo diametralmente oposto  
à perspectiva da integração capitalista.  
O isolamento voluntário precisa ser defendido como direito à  
diferença.  
A luta pela autonomia política e pela suficiência econômica,  
em termos contrários  
à sociedade de consumo burocraticamente dirigida.

**103 |**

Apostando que há mundos por vir e que eles tendem a diferir  
dos absurdos da repetição,  
a prática tradutora do espaço discernido como  
o corpo inteiro de um organismo vivo,  
busca uma ressonância para a máxima diferença  
– a última fronteira –  
nos sentidos de localização do Abismo.

**104 |**

Do lado de lá do Abismo, vive a geografia diferencial  
de um espaço não-ocidental, não-capitalista.  
Como traduzir a ausência de consumo e de burocracia?  
Espaços de apropriação e não de propriedade, que não destroem

o propósito de viver bem, em comunidade,  
que valorizam a possibilidade de viver coletivamente.

**105 |**

A multiplicidade de sentidos experimentados,  
pensados e percebidos nos espaços além do Abismo,  
o Coletivo não irá registrar para conferir.  
Ivo C assimila a mensagem de Purto – o tradutor.  
Purto aponta o espaçamento pertinente.

**106 |**

E o espaçamento entre mundos disjuntos, mais que pontes,  
constrói perguntas.  
Que contribuições trazem as práticas de isolamento  
ao debate sobre a produção do espaço?  
Como propor práticas de integração que permaneçam  
aquém  
do igarapé Abismo?  
Enfim, que sentidos concretos o Abismo aponta em relação  
às práticas do espaço diferencial que vivemos, do lado de cá?

**107 |**

A recreação das diferenças.  
Diferir: distinguindo sem separar  
o que se reúne sem se confundir.  
O corpo espacial da urbanização planetária  
como um campo de diferenciação dos cosmos  
e dos mundos, através das pessoas múltiplas.

**108 |**

Assimilar a produção social das diferenças espaciais  
coincide com a defrontação  
de um enigma: as possibilidades de coabitação entre  
corpos de mundo distintos e inseparáveis.  
Mas sobretudo a fruição dos intervalos, para além da  
integração que domina.  
A espacialidade do gozo convoca contra-projeto,  
interessados em “mudar a vida”, “mudar a sociedade”.

### 109 |

Ivo C e o Coletivo compreendem que a última fronteira urbana pode ser traduzida como a máxima diferença do espaço humano, social e historicamente produzido, à escala do Planeta. Eles já vêm de longe cultivando, um modo de recreação das diferenças. Através do método dos passeios, via paragens e deslocamentos, espaçando e entrecruzando experiências e conceitos.

### 110 |

Juntos procuram, agora, com o esforço de um último gesto, aprender a diferenciar as diferenças possíveis. Osmar X evoca, assim, uma distinção feita por Lefebvre , em relação a uma tríade de diferenças: as diferenças reduzidas, as diferenças induzidas e as diferenças produzidas. Osmar X empresta seu Kindle® a Jandira R. Ela vai à procura da palavra “diferença” e a encontra pela primeira vez na seção I.19.<sup>191</sup>

### 111 |

Ela elabora algo que Ivo C tenta traduzir assim: Somente a ação do gesto político envolvido, com uma maioria minorizada, pode impedir o apagamento das diferenças. Um corredor de integração replica um modelo de extinção das diferenças. O isolamento voluntário de indígenas, na Floresta Amazônica, é um gesto político que produz uma diferença espacial, de manutenção e transformação da vida. Arredias comunidades indígenas de alta potência. Elas são as produtoras da máxima diferença.

### 112 |

Corpos que se desviam do caos também podem estar a produzir o espaço da contra-conduta. Corpos que se afastam, voluntariamente, dos lugares habitualmente frequentados, podem ser questionados se estão a fugir ou se buscam uma outra apropriação do espaço.

---

<sup>191</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.70.; tradução minha.

Reside aí um paradoxo?  
Estão fugindo da convivência social? De qual?  
Estão agindo sem autenticidade?  
Algumas diferenças são impossíveis de serem produzidas  
por um grupo numeroso de gente passiva.

### **II3 |**

Ao atrelar a existência concreta de uma sociedade  
ao processo de produção de seu espaço,  
Lefebvre acaba entrevendo um modo de distinguir,  
sem separar, o espaço das apresentações,  
e as representações do espaço.  
Há um monte de relações, de contradições,  
de esclarecimentos e de ocultamentos, através  
dessa via, Jandira R comenta com Jean M.

### **II4 |**

Lefebvre traz alguns exemplos que ajudam Jandira R  
a perceber a produção do espaço. A sociedade Asteca pode ser  
compreendida porque produziu seu próprio espaço, seu próprio  
tempo. Assim como as sociedades Maias e Incas, por serem  
diferentes, produziram espaços diferentes. A sociedade medieval  
europeia inventou seu próprio espaço, com seu modo de produção  
feudal, com especificidades locais. No princípio do século XX, o  
espaço neocapitalista em expansão é produzido por sociedades  
burocráticas de consumo dirigido.

### **II5 |**

Em meio à pluralidade dos mundos,  
há um que tenta se tornar hegemônico: o ‘mundo da mercadoria’,  
orientado pela ‘estratégia da acumulação’,  
objetivado pela ‘lógica do lucro’, comandado por uma aliança  
entre a técnica científica,  
a virtualidade monetária e o poder do Estado.

### **II6 |**

A potência do ato indígena de isolamento  
implica e decorre da produção de diferenças.  
Vai além das sociabilidades da expansão capitalista.  
Com seus gestos políticos, esses corpos estão a sinalizar  
a presença, em pleno século XXI, de outras “lógicas”, de outras  
“estratégias”, de alguma coisa diferente.

Sei-lá-o-quê ou quase nada. Lá no fundo,  
da floresta, eles tencionam a lógica da propriedade privada,  
da mercadoria e da aliança entre o Estado, a Ciência e o Capital.

### **117 |**

Com a urbanização, a distribuição global do espaço vital  
passa a ser comandada pela lógica do consumo.  
Até onde estender o mundo ocidental capitalista?  
Quem define os limites das terras indígenas demarcadas?  
Enquanto houver dissenso sobre a produção social,  
haverá luta por terra. E vice-versa.

### **118 |**

Em relação ao espaço, o que está em jogo,  
de modo global  
e de modo bem local, na Floresta Amazônica,  
é o ato e o efeito de tecer uma urbanização planetária.  
E isto não precisa ser necessariamente dominado  
por uma aliança entre  
técnicos, científicos, burocratas e capitalistas.

### **119 |**

A textura do espaço advém da tessitura do espaço.  
Do modo como vão integrando diferentes espaços,  
suprimindo sociabilidades distintas  
para dentro de um sistema supostamente coerente.  
Há uma trama em jogo.  
A aparência física, com seus aspectos macro e microscópicos?  
Sim, mas na medida em que as geometrias são pensadas,  
separadamente das relações sociais,  
entre mundos substancialmente disjuntos.

### **120 |**

Aos poucos Jandira R percebe a relevância  
de viver e pensar os espaços  
como o corpo inteiro de um organismo vivo.  
Há uma tessitura envolvida na produção do espaço planetário.  
Mas os ritmos dos mundos podem ser vividos,  
pensados e percebidos  
como espacialidades corporais socialmente produzidas.  
As espacialidades como práticas coletivas  
a partir dos corpos estendidas.

**121 |**

Espaços e tempos produzidos  
através,  
sobre,  
entre  
energias individuais e coletivas, sociais e humanas.  
Eis a centralidade do processo de urbanização.  
Eis a possibilidade de zelar pelas práticas  
produtoras de diferenças.

**122 |**

Jandira R encontra novamente a “diferença”.

A diferença? Ela foi produzida.  
Não como tal, concebida, representada.  
Ela nunca fez parte, a não ser tardia e indiretamente,  
de um saber, de uma sequência de enunciados,  
de um campo epistemológico associado ou não  
a um núcleo de saber. Uma diferença concebida  
já não é reduzida, pelo simples fato de que os dois termos entram,  
comparativamente, num mesmo pensamento, num ato intelectual?  
Por mais que esse ato preceda uma ação e que a ação prática  
venha realizar o ato intelectual, ainda assim,  
a diferença está sendo apenas induzida.<sup>192</sup>

**123 |**

Ivo C escuta com atenção.  
Enquanto Elvira C perfaz, em silêncio, a sua assimilação.  
O extermínio dos habitantes autóctones, nas Américas,  
sendo uma mistura de mortes intencionais e não-intencionais,  
ao ser, em alguma medida, pensada ou programada  
com semelhanças e diferenças, em cada canto do Planeta,  
por um grande projeto colonizador dos Estados europeus,  
implica uma diferença espacial induzida. É isso?

**124 |**

Enquanto que a diferença espacial produzida,  
residiria no movimento ininterrupto  
que permite aos corpos – cubanos, brasileiros, yaminawas,  
estadunidenses ou cherokees,  
entre outros – generalizarem a particularidade  
de seus ritmos cotidianos.

---

<sup>192</sup> LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p. 289; tradução minha.

## 125 |

As diferenças, sob a perspectiva de um corpo espacial,  
tornam ausentes a ilusória aparência  
de igualdade dos pontos de vista.  
As diferenças, uma vez socializadas,  
tornam aparentes a ausência real  
de semelhança entre os mundos.  
As diferenças territoriais, urbanas, domésticas  
uma vez temporalizadas, são cosmovisões e cotidianidades  
produzidas por energias que reúnem cosmos e mundos,  
sem precisar confundi-los.

## 126 |

Jandira R destaca mais um trecho de *La production de l'espace* (1974):

Entre o Cosmos e o Mundo, a diferença se cria  
ao longo de um processo dito “histórico”, sendo cada um destes  
termos ignorantes ou desconhedores um do outro.  
Pode-se assegurar, bem mais tarde, que uma imagem ou um conceito  
de espaço devia inspirar-se ou de baixo ou de cima – ou do abismo,  
ou do cume – dando ênfase a uma ou à outra direção,  
a uma ou à outra orientação. Sem dúvida. Mas essas imagens opostas  
não se constituíram uma contra a outra, diferindo-se mutuamente.  
A diferença advém espontaneamente, o que distingue a diferença  
produzida da diferença induzida, geralmente reduzida.<sup>193</sup>

## 127 |

A produção social de uma diferença espacial  
implica uma prática cotidiana que entrelaça apresentações  
e representações de uma certa espontaneidade política.  
A espacialidade da via que distingue, sem separar,  
reunindo sem confundir, os disjuntos mundos da “Terra”  
– o conjunto habitacional da humanidade.  
O que nada tem a ver com modelos impostos  
por um modo de produção Estatal, científico, internacional.

## 128 |

Mas este processo tende a ser estrangido por outrem.  
Pois a diferença produzida é um momento espacial ativo,  
que age segundo os princípios da vontade e da necessidade.  
Quando menos se pensa ela já está aí, feito uma experiência vivida,  
passando a integrar, agora, o momento do discernimento.

---

<sup>193</sup> LEFEBVRE, *La production de l'espace*, 2000 [1974], p. 290; tradução minha.

**129 |**

Quando pensada de antemão, uma diferença espacial  
não escapa à redução.

Quando uma diferença espacial é representada,  
através de imagens, mapas ou conceitos, isto implica  
uma redução em relação à diferença vivida,  
aquela que se faz presente,  
que se apresenta e assume uma presença distinta do que se pensou.  
A diferença vivida está aqui, agora, imediatamente presentificada.

**130 |**

Mas o que dizer daquelas situações em que o ato de pensar  
uma diferença  
é sucedido pelo o ato de fazer a diferença acontecer?  
Nesses casos, não há necessariamente a redução,  
mas a indução  
de uma diferença mínima  
em relação àquela que foi produzida.

**131 |**

Mesmo sendo impossível separar, mas apenas distinguir  
o gesto de encaminhar ideias e o caminhar gestual das matérias,  
é diferente aproximar-se de alguém, ou de um Abismo,  
com os pensamentos e com os pés,  
somente com os pés  
ou somente com os pensamentos.  
Ivo C parece ser alguém que pensa com os pés  
de seu Coletivo. E assim aprendeu até onde a tradução pode ir.

**132 |**

E o discernimento desta distinção  
entre atitudes diferentes e inseparáveis  
resguarda a possibilidade de cultivar a compreensão  
sobre um espaçamento, em termos práticos.  
Espace, Jean M! Eis o que Jandira R dirá.  
Espace, passe e fique por aqui, com a gente.  
Monsieur Jean dirá  
que o espaço, discernido como o  
imperativo do verbo espaçar,  
torna-se apropriado à produção da última fronteira.

133 |

Osmar X tenta sintetizar:

a diferença reduzida é uma diferença mínima  
e a máxima é a diferença produzida.

Há, portanto, uma diferença  
entre diferentes modos de comunicar as diferenças.

Através da tradução de uma reflexão infinita,

Ivo C transpõe uma rodovia finita, nos termos de uma viagem que  
também tem fim.

E sua finalidade é habitar o espaçamento,  
o lugar da mediação.

134 |

O Coletivo assimila, assim, a verdade espacial prometida  
por Jean M.

A rodovia Interoceânica, concebida como corredor global,  
de integração para o desenvolvimento,  
distingue-se minimamente  
daqueles burocraticamente planejados,  
em qualquer canto do Planeta.

Mas os ritmos cotidianos que ali se fazem,  
através de pontos de vista singulares e irreduzíveis,  
as vias de cada um,  
apontam o horizonte das diferenças espaciais produzidas.

135 |

Jandira R seleciona um trecho para dizer que  
a máxima diferença espacial  
envolve a produção do espaço da palavra.

O espaço da palavra?  
Fictício e real, ele desliza-se sempre  
no entre-dois,  
no interstício não atribuível  
entre o espaço do corpo e os corpos no espaço  
(o proibido)  
Quem fala?  
E de onde, de que lugar?<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*. 2000 [1974], p.290; tradução minha.

### 136 |

Lendo os trechos acima, Jandira R lembra-se de um poema de Leminski:

O mínimo do máximo.  
  
Tempo lento,  
    espaço rápido,  
quanto mais penso,  
    menos capto.  
Se não pego isso  
    que me passa no íntimo,  
importa muito?  
    Rapto o ritmo.  
Espaçotempo ávido,  
    lento espaçodentro,  
quando me aproximo,  
    apenas o mínimo  
em matéria de máximo.<sup>195</sup>

### 137 |

Mas não há motivos para supor que a prática do espaço diferencial restringe-se ao discurso sobre o espaço. Ela implica a gestualidade de corpos que falam enquanto produzem, se produzem, reproduzem:

Há um espaço da palavra que, como sabemos, supõe os lábios, as orelhas, as funções articuladoras, as camadas de ar, os sons. Mas estas condições materiais não são suficientes para definir: espaço de ações e de interações, de chamadas e de interpelações, de potência e de expressões, e ainda de violência latente e de revoltas, — espaço do discurso que não coincide com o discurso no espaço e sobre o espaço. O espaço da palavra envolve o dos corpos e se desenvolve através dos traços, espaço das escrituras, do prescrito e do inscrito.<sup>196</sup>

### 138 |

Produzir uma diferença: que gesto foi este?  
Uma diferença torna-se conhecida enquanto se cria.  
A diferença também é outro nome para a utopia.  
Não há pensamento que se desdobre  
sem que uma diferença seja desejada.  
Por menor ou por mais induzida que ela seja.  
Penso longo, difiro.

Estar alienado, não é 'tornar-se outro'.  
É se ver e se encontrar sendo levado para trás,  
bloqueado, impedido de seguir rumo ao possível  
(o outro da diferença). Sob esta perspectiva,  
todas as ideias podem se encontrar, mas diferentemente,

---

<sup>195</sup> LEMINSKI. *Toda poesia*, 2013, p.183

<sup>196</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*. 2000 [1974], p.463; tradução minha.

assumidas e consideradas de outra maneira que nos textos e nos contextos originais: arrancadas de suas separações, refutadas quanto a seus particularismos.<sup>197</sup>

### 139 |

A espacialidade da diferença busca superar as confusões,  
entre as coisas, os produtos e as obras.

O cosmos como um espaço luminoso.

O mundo como um espaço tenebroso.

O Planeta como um espaço ardiloso.

Nenhum lugar desapareceu,  
todos os lugares sofreram metamorfoses.  
Quem modela o espaço planetário?  
Ninguém."<sup>198</sup>

### 140 |

A abstração espacial aposta no repetitivo  
e tenta nos vender um certo espaço verdadeiro.

O corpo espacial aposta na diferença  
e tenta deslocar o anterior,

rumo às verdades do espaço da vida cotidiana.

Por que a diferença?  
Esta questão já não faz mais sentido.  
Você está nela, nós estamos nela e cada um, no diferente.  
Aquele que não quer e não pode imitar nem de longe  
um grande Modelo, nem se identificar com ele,  
não tem outra saída além de se desejar outro.  
Já é!<sup>199</sup>

### 141 |

O corpo espacial é vivido artisticamente,  
nas ruas, por usuários que apontam diferenças,  
enquanto qualificam ruas, estradas, praças e parques.

O corpo espacial é um contra-espaço disposto e disponível  
à produção das diferenças, através de seus usos.

Pois a pele de qualquer organismo vivo,  
não consegue evitar a transformação marcada por diferenças.

Matamos a potência espaço-temporal dos corpos,  
quando reduzimos suas diferenças.

---

<sup>197</sup> LEFEBVRE. *Le Manifeste Différentialiste*, 1970, p.179; tradução minha.

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> Ibid., p.51; tradução minha.

#### I42 |

Jandira R é quem ajuda Jean M a concluir sua reflexão,  
sobre as conjunções e disjunções do espaço.  
Arrematar a argumentação espacial,  
sobre a integração e a diferença.  
Apontando o argumento de Lefebvre  
sobre o corpo inteiro do organismo vivo.  
Apresentando outros sentidos à sociabilidade do espaço,  
do cosmos, do mundo, da natureza.  
Contrastando perspectivas dicotômicas.

#### I43 |

Via dos sentidos: quando o faro torna-se um teorizador espacial.

A integração opõe-se à diferença.  
Esta os poderes destroem.  
Eles sentem falta daquela;  
eles produzem somente a separação,  
a segregação, a decomposição da sociedade.  
E, no entanto, a sociedade urbana  
(em uma palavra: 'o urbano')  
tem como consequência necessária  
a formação 'na superfície mundana'  
de um espaço-tempo diferencial.<sup>200</sup>

#### I44 |

O Coletivo fala, do ângulo dos mundos possíveis,  
a respeito do zelo às diferenças.  
Há mundos por vir no Planeta atual: Ivo C já sabia?  
Ivo C se dá conta, pouco a pouco,  
que algo entre a singularidade de uma pessoa múltipla  
e o caráter fragmentado da urbanização planetária.

#### I45 |

Jandira R grifa as seguintes frases, do item I.20:

Contradições novas, referentes ao espaço, aparecem e se manifestam.  
O caos espacial produzido pelo capitalismo apesar da potência e da  
racionalidade do Estado, não se torna seu ponto fraco, seu corpo  
vulnerável? Ao procurar conceber a experiência mundial como tal –  
como conjunto de ensaios diferentes do espaço mundial – a hipótese  
se pronuncia contra a homogeneização pelo Estado, pelo poder  
político, pelo mercado mundial e pelo mundo da mercadoria,  
homogeneização que se traduz praticamente pelo e no espaço  
abstrato. A hipótese implica o zelo às diferenças, incluindo aquelas  
vindas da natureza e que a ecologia enfatiza isoladamente (regimes,  
países, sítios, etnias, recursos, etc.).

---

<sup>200</sup> LEFEBVRE, H. *Le manifeste différentialiste*. Paris: Gallimard, 1970, p.129.; tradução minha.

**146 |**

Diante da intensa difusão de informações,  
característica dos mundos contemporâneos,  
felizmente há pelo menos uma propriedade privada que ruiu:  
a das ideias. Que sentido há em cultivar uma longa bibliografia  
a não ser para compreender como “mudar a vida”?  
A livre apropriação das ideias nos coloca, contudo,  
um desafio enorme: que conceitos escolher?  
Como torná-los práticos?

**147 |**

Nada a ver com a reinvenção de antigas ideias,  
nem com o esmero de uma compilação.  
Precisamos deveras aprender como mobilizar  
raciocínios existentes, longamente elaborados,  
até dar conta da complexidade das questões  
atuais, concretas e possíveis.

**148 |**

De onde o enorme mal-estar que assola  
a contemporaneidade dos mundos modernos?  
Leituras de Freud e de Marx parecem balizar  
a compreensão ocidental da complexidade em jogo.  
Percebemos que se trata de diferentes jogos de diferenciação?  
Como desviar a possibilidade de que todas as sociedades sejam  
dominadas pela tecnocracia financeira?

**149 |**

Como desviar a tentativa de expansão rumo a sociedades distintas  
da racionalidade dogmática empresarial?  
De onde vem e para onde vai a razão social?  
Como resistir à racionalidade repressiva-opressiva?  
Quem se opõem às estratégias de homogeneização  
baseadas nos imperativos da indústria,  
da ordem e do crescimento máximo e ilimitado?  
Ainda sobrevive alguma arte rebelde apta a elaborar  
um princípio de resistência?

**150 |**

Nada do que tenha sido dito ou proposto, geohistoricamente, vem destituído de desejo e de sentido. A não ser os dogmatismos, as tentativas de término e de fechamento. Exceto isto, tudo mais indica uma diferença, mesmo em graus variados. Se há um sentido comum, que aparece muitas vezes reduzido por sentidos particulares, ele reside, aqui e agora, no que difere. A prática do espaço diferencial pode combater, eventualmente, as múltiplas estratégias de homogeneização (o inimigo a derrubar).

**151 |**

Ivo C e o Coletivo fazem apontamentos práticos e teóricos sobre a produção do espaço capitalista, com a intenção de aguçar uma tensão existente entre o produto-mercadoria e o produto-obra. Um espaço humano que se compra e se vende, vivido e pensado com destinos de troca, de comércio e de acumulação difere-se de um espaço humano que se usa, que se vive prazerosamente, criando relações singulares sem abrir mão da espontânea natureza.

**152 |**

Por essa via, buscam fazer distinções entre criação e produção, entre natureza e trabalho, entre repetição e diferença, entre outras, para constatar uma evidência: há uma prevalência do que é repetitivo (universal) sobre o que é diferente (singularidade). O artificial e sofisticado sobrepuja o espontâneo e o natural. O produto tende a triunfar sobre a obra.

**153 |**

O ato criativo cede lugar à inércia do desaparecimento.

Por que os espaços criados pelo conhecimento seriam menos variados, obras-produtos, que aqueles da natureza, paisagens, seres vivos?<sup>201</sup>

---

<sup>201</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.458

154 |

A obra é única e possui a assinatura de quem a tramou,  
em momentos que não mais voltarão.

O produto resulta de gestos repetitivos,  
cuja repetição cria a reprodução automática  
das relações sociais. Uma prática do espaço diferencial

significaria, portanto, no horizonte, no limite dos possíveis,  
produzir o espaço da espécie humana,  
como obra coletiva (genérica) desta espécie,  
à semelhança do que se chamou e ainda se chama “a arte”.  
E que não há mais sentido à escala do ‘objeto’ isolado,  
para e pelo indivíduo.<sup>202</sup>

155 |

Diante da mistura caótica pela barbárie produzida,  
talvez consigamos discernir, em algum momento,  
o duelo de titãs

entre incertos poderes homogeneizantes  
e certas potencialidades diferenciais.

Os poderes vêm transvestidos de modelos, aparelhos, ideologias;  
afeitos à centralidade, à cientificidade e ao produtivismo.

As potências apoiam-se em utopias, resistências, irredutibilidades,  
cultivando espontaneidade, poesia e pontos de vista irredutíveis.

156 |

Enquanto as abstratas práticas de integração  
preconizam “mais do mesmo”,  
as práticas dos espaços diferenciais almejam “outra coisa”.

Por menor que seja, enfim, mas que difira!

Nos horizontes deste horizonte,  
feito uma centralidade móvel,  
encontram-se a ideia da revolução total.

O impossível-possível, uma vivacidade renovada  
enquanto espaçamento, chamado e coabitação.

---

<sup>202</sup> LEFEBVRE. *La production de l'espace*, 2000 [1974], p.485.

# EPÍLOGO



## A TRADUÇÃO COMO PERFORMANCE DE FRONTEIRA: uma plataforma estético-epistemológica

Uma outra perspectiva cartográfica possível é apontada nessa *Viagem Interoceânica*: um mapa movediço, apto a acolher o acaso, sensível às experiências compartilhadas, sonoro e imagético; quase odorífero. Suas movimentações buscam expressar intervalos entre experiências espaciais de viagem e narrativas de espaços viajados por uma miríade de pessoas. Com o propósito de fazer ecoar vozes, o mapa deixa de ser uma mera representação espacial congelada, abrindo-se à possibilidade de ser vivido, percebido e concebido como prática. Para além do estatuto de uma carta corográfica, reivindica-se aqui um agenciamento de mensagens que, enquanto circulam, enfatizam a arte de compor uma fabulosa geografia de viagem.

A circulação de mensagens torna-se uma prática de tradução espacial graças ao suporte de uma *plataforma expositivo-epistemológica*: “um ato formal que lida com as informalidades vividas; que dá forma às experiências territoriais que não pertencem aos mapas existentes”.<sup>1</sup> Uma informalidade cujo valor é discernir a conjugação de uma multiplicidade de contextos (o empírico, o conceitual, o disciplinar, o estético, o textual, etc.) e de materiais (artigos, cadernos de campo, conversas, desenhos, fotografias, registros audiovisuais, filmes etc.). Afinal, como reunir sem confundir e como discernir sem separar a diversidade dos fios compositores de uma criação? Como fazer a passagem do processo ao produto? Não basta pensar e construir um espaço de pesquisa; é preciso habitá-lo até que a pesquisa passe a afetar o pesquisador.

Embora apoiada entre outras pelas ideias de Heidegger, esta prática tradutora cultiva o cuidado de não deixar de ir além delas. Uma artimanha operacionalizada pela ética que cultiva sentidos de morar, de “fazer morada”, de saber demorar, de ser

---

<sup>1</sup> Expressão cunhada por Renata Marquez (2013): “O artista-pesquisador performatiza a fronteira entre a arte e outros campos de estudo, propondo um construto que poderíamos definir como expositivo-epistemológico.” MARQUEZ, Renata, “Arte como prática de fronteira”, In.: BETHÔNICO, Mabe (org.) *Provisões: uma conferência visual*, Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2013, p.14-19. Consoante o contexto desta pesquisa, isto é, considerando que não estamos em um museu/galeria, mas em uma universidade, escrevendo textos (teses, artigos e livros), fico pensando se os termos “estético” e “comunicacional” poderiam ser ressonâncias possíveis para o termo “expositivo”?

cuidadoso até aprender a habitar poeticamente um espaço prático e sensível.<sup>2</sup> Ao tomar a consciência que uma tradução espacial acontece em uma zona de contato, passamos a compreender a metodologia aqui criada como prática de fronteira e esta como um espaço habitado pelos corpos que a produzem e reproduzem. Paulatinamente, o espaço reproduzido vai sendo percebido como ato tradutório e o gesto de viver, de pesquisar e de traduzir vão se revelando momentos produtivos muito afins. Diante do risco de se confundirem, eles precisam ser atravessados pela flecha da diferença, isto é, por algo que produza um furo. A prática de pesquisa como um espaço entre viver e traduzir. A vida cotidiana como gestos e opiniões de presença, aqui, no texto. Enquanto traduzir envolve criar *intervalos*, contemplar *abismos*, confabular *pontes* e outros modos de *performatizar* a fronteira.

Por se tratar de um conjunto de relações heterogêneas, de uma variedade de processos que vão se imbricando, até que uma prática espacial torne-se crítica e criativa, um “projeto de escrita e de pesquisa deve amadurecer tanto quanto possa.”<sup>3</sup> Dessa maneira, findam por assentar-se, sobre essa plataforma de pesquisa, diferentes linguagens, técnicas e processos epistemológicos amadurecidos em ritmos variados, durante anos e até os últimos dias, com o interesse de cultivar a compreensão sobre uma possível performance de fronteira: *a tarefa do tradutor*.

Em *Performing the border*, uma obra tocante ao aspecto performativo da fronteira, a artista-pesquisadora Ursula Biemann (2010) reúne experiências e ideias que auxiliam a compreensão da metodologia aqui construída como argumento de tese. Ao propor um vídeo-ensaio sobre Juarez, uma cidade na fronteira do México com os Estados Unidos, ela nos permite discutir alguns aspectos da relação entre geografia,

---

<sup>2</sup> Esta pesquisa não teria sido realizada como foi, nem chegado aonde chegou (muito além do pretendido), sem a compreensão da importância desta plataforma, de seu crucial valor de uso. Tal como outrora uma ponte, uma canoa, uma estrada ou um porto, ela serviu de abrigo ao pesquisador-tradutor que em meu corpo demora. “Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de de-morar-se, dos mortais sobre essa terra. “Sobre essa terra” já diz, no entanto, “sob o céu”. Ambos supõem conjuntamente “permanecer diante dos deuses” e isso “em pertencendo à comunidade dos homens”. Os quatro: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um ao outro numa unidade originária.” HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*, 1954 [Tradução de “Bauen, Wohnen, Denken”, por Marcia Sá Cavalcante Schuback. Conferência pronunciada por ocasião da Segunda Reunião de Darmstadt” publicada em Vortä geund Aufsätze, G. Neske, Pfullingen]. Disponível em: [www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,%20habitar,%20pensar.pdf](http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf). Um convite a uma “leitura desviante” desse artigo clássico é feito por: FUÃO, F. Fernando. “Construir, morar, pensar: Uma releitura de ‘construir, habitar, pensar’ (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger”, *Revista Estética e Semiótica*, v. 6, p. 1-30, 2016.

<sup>3</sup> HISSA, Cássio, *Entrenotas: compreensões de pesquisa*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013, p.11.

audiovisual e tradução, como por exemplo: a tentativa de representar a globalização, o papel de um corpo que ocupa um espaço de fronteira, a experimentação de topografias imaginárias, o dilema da autoria, a tensão entre a documentação de realidades e a organização de complexidades, a polifonia, o posicionamento dos sujeitos coabitantes de uma narrativa e o narrador incluído. Dali cabe destacar uma relação que aparece em filigrana e aponta um aspecto central desta tese: a relação entre um ato geográfico (gestualidade produtora do espaço), um ato vídeo-geográfico (performance de criação compartilhada) e um ato tradutório (enunciado de uma percepção).

Em *Performing the Border*, a geografia do ensaísta e a geografia transnacional convergem, ambas se exprimindo como construções artificiais. (...) O foco é deslocado de uma fixação nas forças divisórias do poder para a múltipla construção social do espaço, que se realiza através de atos de pessoas comuns ao mesmo tempo em que de agentes globais, descentralizando o poder. Além desses esforços desconstrutivos, o vídeo garante, simultaneamente, o movimento das pessoas e a circulação de sinais realmente efetivos. A ideia de que as fronteiras são construídas e praticadas socialmente não é somente inspiradora, mas realça o agenciamento dos artistas, visto que destaca seu envolvimento na produção simbólica como ato performativo de “fazer fronteira”, se quisermos adaptar a noção de Judith Butler de “fazer gênero” a este ato geográfico.<sup>4</sup>

Em *Viagem Interoceânica*, a intenção de transpor a espacialidade abstrata de uma rodovia para os termos da prática diferencial de uma viagem, precisou convocar uma plataforma de pesquisa atravessada por uma prática de criação audiovisual compartilhada. Um processo imaginado como um *road movie*, especialmente em termos fotográficos, mas que dessa concepção se desvia ao ser percebido como experiência epistemológica, com o interesse de criar uma metodologia de pesquisa extradisciplinar<sup>5</sup>. Uma prática que flerta com a cartografia, ao buscar produzir uma representação espacial da superfície terrestre, mas que desvia das aspirações dos atlas convencionais que estabelecem distância dos espaços vividos. Ela aproxima-se também de métodos biográficos, já que a história de vida das pessoas é convocada e acionada como fio condutor da interação. Para além da reificação dos testemunhos autobiográficos, trata-se de acompanhar o entrelaçamento de questões auto referenciadas de contextos sócio espaciais, adensando e deslocando, no calor da conversa, a compreensão dos assuntos que aparecem.

---

<sup>4</sup> BIEMANN, Úrsula. “Fronteiras Transnacionais”, *PISEAGRAMA*, n.1, Jan/2010. Belo Horizonte: ICC, 2010, pp.18-22.

<sup>5</sup> Este conceito forjado por Brian Holmes (2007) será apresentado e discutido mais adiante neste texto introdutório. Sucintamente, cabe adiantar que: “as formas de expressão, de intervenção pública, de representação crítica e de reflexividade desenvolvidas por aqueles que deixaram de ser simplesmente ‘artistas’ – mas também de ser simplesmente ‘pesquisadores’, ‘filósofos’, ‘terapeutas’, ‘militante’, ‘críticos’, etc. – podem muito bem se chamar extradisciplinares, sem fetichizar a palavra às custas do horizonte que ela tenta indicar.” HOLMES, Brian, “L’extradisciplinaire: pour une nouvelle critique institutionnelle”, In: *Multitudes*, n.28, 2007, p.15; tradução minha.

## O ato vidGeográfico

Ao apontar uma viagem de pesquisa como um *espaço prático de criação compartilhada*<sup>6</sup> entre seus diferentes coabitantes, *Viagem Interoceânica* pretende contestar as separações supostamente constituintes do cientificismo moderno. Estas que cultivam a ruptura entre o suposto saber dos *diplomados experts* – produtores de mercadorias, de casas, de cidades, de territórios e das redes de conexão – e os conhecimentos supostamente insuficientes dos *cidadãos comuns* – consumidores de objetos tecnológicos, de obras de arte e de conceitos (moda, publicidade, aplicativos etc.). Ciente da impertinência dessa hierarquização, a narrativa aqui produzida estimula leituras autocríticas das relações envolvidas na situação de pesquisa. Assimiladas como devires potenciais, pode-se dizer que coabitam o texto mais de um “Eu” e muitos “Outros”. Para além da separação dicotômica entre sujeito e objeto, este caminho situa a multiplicidade de subjetividades e de dessubjetivações como elemento central da situação de pesquisa, dando margem à composição de uma narrativa envolvida pelos referenciais e pontos de vista de uma miríade de pessoas.

As pesquisas feitas através de entrevistas tendem, de modo geral, a cultivar o interesse pela análise dos “discursos nativos”, oscilando entre duas hipóteses opostas, as quais giram em torno da presença ou ausência de equivalência em relação ao discurso dos “especialistas”. A primeira hipótese considera que a fala especializada possui um valor analítico superior e que, uma vez dotada de conceitos científicos, pode ter ascendência sobre os termos dos demais coabitantes da pesquisa. Em oposição a essa hierarquização, a segunda supõe valores equivalentes entre as palavras, o que pode ser confundido com o fortalecimento da fala nativa, a ponto de alcançar a força da fala do especialista, tal como sugere Jean-Yves Petiteau e Elisabeth Pasquier (2001):

A primeira é marcada pela etnologia clássica: o discurso é testemunho, a partir do qual a análise extrai fragmentos significativos a fim de restituí-los em relação às categorias exteriores. A segunda é fundada sobre um postulado de confiança: supõe-se que a palavra de alguém, caso ela interrogue suas próprias referências, é uma análise em si cujo valor e a coerência possuem tanto poder e interesse quanto aquelas de qualquer especialista. O *método dos itinerários* vai ser gerado por essa segunda hipótese.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> DELORY-MOMBERGER, Christine, “A criação compartilhada: uma biografização coletiva”. In: MARTINS, Raimundo et al. (org.). *Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação*, Santa Maria: Ed. UFSM, 2017.

<sup>7</sup> PETITEAU, Jean-Yves e PASQUIER, Élisabeth. “La méthode des itinéraires: récit et parcours”. In: GROSJEAN, Michèle e THIBAUD, Jean-Paul (org.). *L'espace urbain en méthodes*, Marseille: Éditions Parenthèses, p.64, 2001; tradução minha.

Para além da oposição desconfortável entre a presença ou a ausência de equivalência, a prática desta pesquisa procura deslocar a questão da relação entre falas nativas e falas estrangeiras. Primeiramente, assumindo o desinteresse por uma análise cientificista e acentuando a possibilidade de uma composição interpretativa, feita de maneira compartilhada. A palavra do outro não vem ao mundo para ser avaliada, separada, examinada detalhadamente com a pretensão de explicar ou de ser explicada. Todavia, ao ser simplesmente apresentada, de modo oral ou por escrito, quem sabe ela venha a contribuir à restituição das sociabilidades potenciais de uma prática coletiva? Além disso, há o desafio ético e pragmático de lidar não apenas com as palavras dos outros, mas também com as próprias palavras.

O deslocamento efetuado aponta outra premissa: não há equivalência, mas negociação de possíveis correspondências não-equivalentes entre as palavras singulares de uns e de outros. Não se trata de ir ao encontro do outro com o propósito de testar hipóteses ou de cultivar a definição de categorias. O caminho aqui traçado considera que um pesquisador precisa permanecer disponível às potências decorrentes da desestabilização de suas convicções conceituais e epistemológicas. E atentar-se aos inevitáveis conflitos de uma prática do espaço, através das situações discursivas com as quais nos envolvemos, para compreender as contradições espaciais que reproduzimos. Logo, o caminho metodológico aqui traçado procura acender as diferenças produzidas, apostando em vias que se abrem através de suas exacerbações.

Ao se deslocar pelo território dos outros, o pesquisador se coloca explicitamente diante de uma relação de poder que nem sempre evita o risco de se tornar exploradora. Risco que pode ser atenuado pela primazia da escuta e pela pragmática da humildade. Os sentidos de uma conversa mudam conforme as intenções de controle da situação. E se tornam mais pertinentes quando as partes envolvidas se dispõem a negociar os rumos da conversa. Uma negociação que aspira evidenciar os fundamentos de uma prática do espaço “real”, isto é, aqueles que se relacionam, de modo prático e sensível, aos gestos de coabitação, aos ritmos cotidianos, às libidos que circulam entre os corpos. Para além da idealização de um modo de se comportar durante uma interação, esta prática espacial não evita a ênfase nas contradições, nos conflitos, nas hesitações de uma situação de pesquisa. Com o intuito de facilitar a compreensão, emprego a expressão *ato vidGeográfico* para designar a energia-espaço-temporal em que o registro audiovisual acontece.

O *ato vidGeográfico* é uma negociação. Ele convoca a reunião de corpos diferentes em torno de um *espaço comum de pesquisa*; de uma *prática de fronteira* que

busca desconsagrar os especialistas e desconstruir a ideia de que o artista, o cientista e o filósofo ocupam lugares nobres no processo de produção do espaço. Não defendo, com isso, que as aptidões, as inteligências e as inventividades sejam todas iguais, nem que deveríamos desconsiderar a originalidade, a racionalidade e a sagacidade dos acadêmicos. Ao contrário: propondo que as concepções hegemônicas desçam do pedestal e venham se juntar, horizontalmente, àquelas que seguem de pé ao rés do chão, apostando na virtuosidade da invenção de um espaço dialógico. Trata-se de reativar a escrita dos espaços terrestres e as vidas cotidianas como obras (singulares, inalienáveis e prazerosas) e não como mercadorias; de gastar nossos excedentes de energia de outras maneiras; de expandir as consciências em relação ao mais valioso *bem comum* que nos pertence: *o tempo social compartilhado*.

Essas questões todas se inscrevem em uma concepção prévia, a de considerar o ato de criação compartilhada como um ato político, uma vontade de transpor uma linha, de criar desse exato jeito um ‘entre’, uma distância, “figura, não de acomodar, mas de incomodar, fazendo aparecer, assim, o que nomearei [...] uma fecundidade”<sup>8</sup>, o ‘entre’, um lugar de todos os possíveis. (...) É também nisso que reside a potência da criação compartilhada, pôr em ‘comum’ as singularidades, as capacidades para criar, os ímpetos, os projetos-de-si que são todos *figuras*<sup>9</sup> vindo convergir no tateamento, no ‘gaguejamento’<sup>10</sup> de uma língua a encontrar. A criação compartilhada vai, portanto, tomar formas que se constituirão, se elaborarão conforme o lugar em que é realizada e o projeto que ela almeja. Ela também é uma colocação em espaço, dos corpos e das vozes, uma territorialização efêmera dos lugares em um gesto artístico comum.<sup>11</sup>

O *ato vidGeográfico* é uma espécie de ritual de interação, com graus variados de espontaneidade e programação. Ele tende a ser precedido por uma ou mais conversas, com o intuito de deixar claros os motivos e as motivações do rito. A solicitação do “direito de imagem” é feita a cada ocasião, sem exceção, sendo confirmada e registrada oralmente ao final. A quantidade e a duração dessas conversas variam em função das possibilidades de entendimento mútuo, dos acasos e das trocas feitas. Durante as conversas prévias, as pessoas aprendem a se reconhecer, trocam ideias, fazem sondagens, esclarecem dúvidas, estabelecem limites e compreendem melhor os interesses em jogo. O *ato vidGeográfico* é um acontecimento em que o estabelecimento da confiança mútua se torna um fator diferencial.

As conversas são inteiramente registradas em áudio e vídeo. Durante o rito, os corpos que filmam guardam boa parte do poder da *representação*, enquanto os corpos

---

<sup>8</sup> JULIEN, F. *De l'intime: loin du bruyant amour*, Paris: Folio Essais, 2013.

<sup>9</sup> DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biographie et education: figures de l'individu-projet*, Paris: Anthropos, 2003.

<sup>10</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1996.

<sup>11</sup> DELORY-MOMBERGER, Christine, “A criação compartilhada: uma biografização coletiva”. In: MARTINS, Raimundo et al. (org.). *Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação*, Santa Maria: Ed. UFSM, 2017, p.173-4.

filmados protagonizam os rumos da *apresentação*. Variações de humor e outros movimentos ficam perceptíveis: o tom das vozes, o posicionamento dos corpos, a intenção dos gestos etc. Um *ato vidGeográfico* pode ser encenado novamente, mas na maioria das ocasiões isto não acontece: ele tende a ser único, valorizando o caráter experiencial da obra. Muitas vezes, para alguns de seus coabitantes, trata-se de uma iniciação à criação audiovisual compartilhada, momento em que se aprende a lidar com a compreensão da complexidade dialógica de um ambiente polifônico.

Os *atos vidGeográficos* podem acontecer como *paragens* ou como *deslocamentos*. As paragens, tal como o nome diz, são lugares em que paramos com a intenção de fazer um registro audiovisual, orientados por narrativas oriundas dos eventuais encontros, das interações entre os coabitantes da viagem, corpos que ocupam e centralizam uma prática espacial. Uma paragem é um lugar onde algo e alguém se encontram e se recriam. Quanto aos deslocamentos, trata-se de registrar narrativas em movimento, aguçando o sentido dinâmico dos territórios vividos. Enquanto percurso territorial e conforme cada situação, o *ato vidGeográfico* pode assumir sentidos que se aproximam e se distanciam daqueles propostos por Jean-Yves Petiteau e Elisabeth Pasquier (2001), com o *método dos itinerários*:

O percurso não é apenas o deslocamento sobre o território do outro, é ao mesmo tempo um deslocamento sobre seu universo de referências. O território é ao mesmo tempo aquele experimentado e percorrido no espaço-tempo do trajeto, e aquele da narrativa metafórica. O entrevistado nos oferece, no ato, uma história do presente e a encenação dessa jornada peculiar confere à sua narrativa a amplitude de uma parábola. A jornada do itinerário é uma transação. Ao se deslocar sobre o território do entrevistado, o sociólogo não apenas ultrapassa os limites espaciais do que lhe é familiar: torna-se explorador. Ao aceitar o percurso de um guia, ele aborda o território de um outro através de sua palavra, o território se revelando à leitura pelo fio de sua narrativa. O verdadeiro deslocamento consiste em abandonar sua própria leitura e aceitar a retórica do outro. A transação implica esquecer suas referências, guardando o traço dessa perda, significa identificar as marcas de um esquecimento.<sup>12</sup>

A repetição e a diferença se dão a perceber, num *ato vidGeográfico*, quando atentamos aos dilemas de eficácia das conversas, aos conflitos interacionais – chaves de compreensão para as contradições do espaço produzido (vivido, concebido e percebido). Um *ato vidGeográfico* aponta um contexto espacial cujas narrativas surgem de uma experiência negociada, de uma prática construída coletivamente. O sentido de percebê-la como uma prática de pesquisa afeita às diferenças produzidas, reside nos sentidos das negociações de uma apresentação espacial com finalidades de

---

<sup>12</sup> PETITEAU, Jean-Yves e PASQUIER, Élisabeth. “La méthode des itinéraires: récit et parcours”. In: GROSJEAN, Michèle e THIBAUD, Jean-Paul (org.). *L'espace urbain en méthodes*, Marseille: Éditions Parenthèses, p.65, 2001.; tradução minha.

representação audiovisual. E da ética que atravessa esses sentidos. Algo que nos levaria a conceber o corpo espacial da pesquisa como um organismo vivo. Uma produção territorial que aposta na intersubjetividade construída durante o *acontecimento*, mas sobre a qual não se tem garantia.

O sentido da entrevista muda consideravelmente caso a gente o considere como um modo de coletar, de explicitar e de estabilizar conteúdos objetivados pelo controle da situação de pesquisa, ou se a gente o considera como um evento ao longo do qual o informante e o pesquisador negociam juntos, com finalidades práticas, posicionamentos, pontos de vista, proposições contingentes sobre o mundo. No primeiro caso, a presença do pesquisador é notada como um viés que precisa ser reduzido, senão eliminado; no segundo caso, ela é um aspecto constitutivo da interação em curso. No primeiro caso, os conteúdos obtidos são considerados como válidos, de modo geral, podendo ser extraídos para serem utilizados como explicações, descrições de outras atividades em outros contextos, enquanto que no segundo caso os dizeres recolhidos constroem sua própria inteligibilidade, ajustando-se ao contexto específico da entrevista e, portanto, não podem ser descontextualizados. Estas duas concepções de entrevista carregam pressupostos radicalmente opostos em relação à comunicação e às atividades linguísticas.<sup>13</sup>

Um *ato vidGeográfico* revela que a alma dessa *Viagem Interoceânica* é inventada pela potência da interação. Para além das relações entre as palavras e as coisas, a atenção permanece orientada às possíveis trocas entre as pessoas presentes e ao modo como se constrói a encenação. Daí decorre uma versão territorial que se torna pública. Atentos à intersubjetividade em ato, a gestualidade da interação, isto é, a ação de dizer e de escutar importa mais do que o teor explicativo dos dizeres. Um *ato vidGeográfico* está mais interessado nas possíveis invenções narrativas compartilhadas do que em análises de discursos que visam descrições densas. Assim, a viagem de pesquisa encontra a possibilidade de ser melhor percebida como uma prática social, atenuando seu caráter exploratório, científico e assimétrico. Dito e feito. Aliás, algo dito, entendido como algo feito. E isso tudo dentro de contexto.

---

<sup>13</sup> MONDADA, Lorenza. "L'entretien comme événement interactionnel", In: GROSJEAN, Michèle e THIBAUD, Jean-Paul (org.). *L'espace urbain en methods*, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001, p.197.

## A perspectiva do espaçamento

“Espace” é o termo que, na língua francesa, corresponde ao substantivo “espaço”. Enquanto que, em português, “espace” é a conjugação do verbo “espaçar”, no imperativo afirmativo. Este mesmo verbo, conjugado na primeira pessoa do singular, do presente do indicativo, transforma-se novamente em “espaço”. Enquanto espaço, produzo espaçamentos, crio intervalos entre os momentos; focalizo os lapsos de tempo, proponho interrupções que discernem os acontecimentos. Através dessa *Viagem Interoceânica* busco enfatizar a *perspectiva do espaçamento*: um momento em que aprendemos a perceber os limites entre o possível e o impossível, compreendendo a invenção da Terra como um conjunto prático e sensível de mundos disjuntos. E a necessidade de criarmos intervalos, entre mundos, como um gesto espacial eminentemente político. Mas afinal, o que esse *espaçamento* pode vir a significar?

A perspectiva do espaçamento é aquela propícia ao exercício de tradução de diferentes espaços produzido, já que evita negligenciar as contradições entre os momentos espaciais vividos e concebidos, localizando-se precisamente entre ambos. Um espaçamento firma-se como lócus do discernimento (ou percepção em sentido ampliado), posicionando-se sob o ponto de vista de um terceiro momento produtivo, aquele que realiza a mediação entre vivências e representações espaciais específicas. Nesta prática de pesquisa, o discernimento em jogo diz respeito ao necessário posicionamento crítico à mercantilização das experiências de vida, em oposição à indiferença cultivada por viagens-modelo. Um caminho que propõe um modo de justapor acontecimentos e conceitos, com a intenção de aguçar a potência fabuladora dos espaços cotidianos dos viajantes. Habitar esse intervalo implica o trânsito entre diferentes modos de perceber o espaço das vias, traduzindo a espacialidade de uma rodovia como a prática espacial de uma viagem. A via como processo, gestualidade e energia que, enquanto produzem o espaço viajado e o corpo dos viajantes, também reproduzem as relações sociais decorrentes das diferentes maneiras de viajar.

Um intervalo é criado como lugar de passagem de fluxos, de abertura ao trânsito de fronteiras (territoriais, corporais e epistêmicas), lócus de circulação de uma multiplicidade de diferentes saberes espaciais. A solidariedade entre os saberes estimula e sustenta movimentos de dentro para fora que se tornam cada vez mais

afeitos à “partilha do sensível”<sup>14</sup> e ao livre sentido das reflexões. Uma prática espacial que convoca os cientistas a saírem de seus quadrados de conhecimento, um chamado a pular para fora, apostando na “utopia como força coletiva”, rumo à “terra distante da criação como resistência à mercantilização do mundo”<sup>15</sup>. Um *espaçamento* invoca a percepção de que cada corpo de mundo encerra uma verdade e que a tradução da escrita da Terra, antes de ocupar a cabeça de doutores em Geografia, Arquitetura ou Economia, passa primeiramente pelos pés de seus coabitantes.<sup>16</sup>

Esta obra cultiva um modo de compreender a viagem como uma prática espacial, a prática de pesquisa como um espaço produzido e a produção espacial como uma viagem de criação audiovisual compartilhada: eis uma maneira de sintetizar a argumentação metodológica aqui apontada. No cerne do trabalho encontra-se uma via interessada em discutir premissas, formas, processos e modos de comunicar um espaço produzido por diferentes corpos que, ao falar, inscrevem seus posicionamentos numa trama epistemológica. Este caminho é aberto por uma pergunta metodológica simples: como traduzir o caráter espacial de uma rodovia transcontinental?

Quando o propósito é cultivar a compreensão acerca de espaços sociais historicamente produzidos, torna-se uma questão central a relação entre os espaços vividos – onde se dão nossas apresentações e reapresentações cotidianas – e os espaços concebidos – o modo como representamos essas espacializações. Esta relação pode ser problematizada de diversas maneiras, sendo aqui abordada como uma questão paradigmática e epistemológica, questionando a própria produção do conhecimento sócio-espacial (ambiental, arquitetônico, urbanístico e territorial).

O que geralmente move esses estudos é a escolha de um modo de pensar e de agir que assume o teor de um *método*, sendo muitas vezes confundido com a ideia de *modelo*, de *técnica* ou de *sistema*. Em oposição a essas práticas reducionistas, este estudo

---

<sup>14</sup> “Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros toma parte nessa partilha. Cf. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*, São Paulo: Ed.34, 2005, p.15.

<sup>15</sup> DELORY-MOMBERGER, Christine, “A criação compartilhada: uma biografização coletiva”. In: MARTINS, Raimundo et al. (org.). *Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação*, Santa Maria: Ed. UFSM, 2017, p.178.

<sup>16</sup> Como diria ‘O Psicanalista’ do século XX, Jacques Lacan, sobre a alma: “Nós acreditamos pensar com nosso cérebro. Eu, quanto a mim, penso com meus pés.”. LACAN, Jacques “Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines”. In: *Scilicet* 6/7, Paris, Seuil, 1976, p.60. Disponível em: <http://aejcpp.free.fr/lacan/1975-12-02.htm>

ênfatiza a noção de *via* ou de *caminho* permitindo-se, assim, aguçar os desvios pelos diferentes posicionamentos de uma situação de pesquisa.

Qual a relevância das práticas de pesquisa que se reinventam durante o caminhar? Que proeminência alcançam as investigações que são espontaneamente vividas antes de serem concebidas, e depois repensadas para serem revividas de outras maneiras? Diante da necessidade e da vontade de discernimento, o caminho de pesquisa aqui percorrido situa-se entre as nossas maneiras de experimentar e de narrar os espaços, habitando assim os espaços entre os momentos vividos e os momentos concebidos, apontando as brechas que se dão entre as nossas apresentações cotidianas – os acontecimentos cotidianos – e as nossas maneiras de dar visibilidade a elas. A seguir, discutimos diferentes abordagens metodológicas possíveis para os estudos sócio-espaciais, intencionando esclarecer as nuances da perspectiva do espaçamento.

A questão da produção do espaço pode ser formulada da seguinte maneira: dado um espaço concebido e construído, ou seja, uma representação espacial materializada, como ele é vivido? Com essa pergunta, incute-se ocultamente na prática da pesquisa um modelo teórico, uma ilusão espacial, uma ideologia ligada a um certo espaço apriorístico, a crença de que um pensamento antecede uma experiência, de que um espaço concebido conserva em si o poder de iniciar um processo produtivo. Essas representações do espaço tendem a ser frequentemente assumidas como o ponto de partida para estudos ambientais, territoriais e urbanos. Os mapas, os desenhos, as fotos de satélite, os gráficos e as tabelas são as mais evidentes, mas há muitas maneiras de dar visibilidade aos espaços, fazendo aparecer na mente, uma situação espacial que ainda não foi percebida pela nossa consciência. As imagens, as ideias e os conceitos também são exemplos de representação espacial, na medida em que expressam concepções territoriais, cósmicas, mundanas, locais e globais. Mas há também certos discursos artísticos, científicos e filosóficos interessados em tornar inteligível a nossa desordenada realidade.

O posicionamento que não consegue sair do âmbito das representações do espaço tende a reproduzir um posicionamento reducionista em relação à complexidade do processo de produção espacial, iludido por uma suposta equivalência entre o modo em que um contexto de vida cotidiano é representado e os modos em que ele se apresenta. Esta postura extremista tende a ser praticada pela maioria dos cientistas modernos, especialmente por engenheiros, economistas e “físicos sociais”, cujas perspectivas são afeitas aos modelos matemáticos e às técnicas abstratas de planejamento territorial, regional e urbano.

Mas a produção do espaço urbano também pode ser estudada por uma postura diametralmente oposta, assumindo, como ponto de partida, as vivências espaciais. Dessa outra extremidade formula-se o seguinte: levando em conta um espaço vivido e habitado, ou seja, um conjunto repetido de apresentações cotidianas, como se dá a sua concepção espacial? O que significaria atribuir, com graus de determinismos variados, uma capacidade de auto-organização espacial oriunda dos hábitos, dos habitantes, das habitações, das cidades autogeridas pelos cidadãos, dos usos dos territórios, como se nossas experiências antecedessem nossas imaginações e o sentido primeiro residisse no espaço vivido. Os acontecimentos, as aparições e os eventos são as maneiras menos complicadas de apontar a complexidade de um espaço que está sendo vivido. Os encontros, as contingências e os acidentes também podem ser considerados como possíveis modos de apresentação espacial, já que fazem vibrar os sentidos e as sensações de existir, de ser e de estar, através dos ritmos mundanos e das sinergias cósmicas que circulam entre os lugares. Para além da individuação, há também todas as vivências coletivas, comunitárias, plenas ou parciais que persistem em cumprir a poética função da convivência, do compartilhamento, do ser-aí-com-os-outros<sup>17</sup>, nos mais diferentes espaços possíveis e imagináveis.

O posicionamento que se restringe ao âmbito dos espaços de apresentação tende a assumir uma postura que reduz a complexidade social ao âmbito da experiência, como se houvesse uma equivalência entre o que o mundo é e o modo como se pensa o mundo, entre o real e o modo como o imaginamos. Essa postura tende a ser praticada por quem não se interessa em discernir ou confunde o “ser” e o “pensar”, desconsiderando a distinção entre a multiplicidade de vivências e o pensamento sobre elas. Tende a ser o hábito da maioria das pessoas; a justificativa para o “silêncio dos usuários” e o terreno fértil para análises psicológicas e diagnósticos terapêuticos.

Por uma terceira via pode-se argumentar também que os estudos ambientais, territoriais e urbanos conseguem escapar desses posicionamentos extremos, ao se movimentarem entre as representações espaciais e os espaços da apresentação, circulando entre esses dois momentos da produção do espaço, de um para o outro, relacionando o *ser-no-mundo* com o *pensamento sobre* o ser-no-mundo. De uma maneira ou de outra, esforça-se para ir além das perspectivas reducionistas, embora não seja

---

<sup>17</sup> Para seguir com esta reflexão, ver NANCY, Jean-Luc. “O ser-com do ser-aí”, In: *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*, UERJ, v.6, n.1, 2017 [tradução de Carlos Cardozo Coelho].

Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/viewFile/30454/21736>

negligenciável o risco de enrijecimento do movimento dialético da produção do espaço, fruto das confusões e das separações inerentes à tomada de consciência.

Ao serem apresentados de maneira esquemática, esses posicionamentos são obviamente representações que não evitam o risco de reduzirem as realidades singulares e específicas de cada situação de pesquisa. A intenção de síntese é inexoravelmente reducionista. No entanto, mais do que afirmar categoricamente como as coisas são, o propósito dessa esquematização é apontar um possível caminho para sair dela, de ir além desses posicionamentos extremistas, enfatizando a percepção de um ponto de vista que escapa ao enquadramento tipológico.

A *perspectiva do espaçamento* é aquela que cria intervalos entre as apresentações (experiências) e as representações (narrativas) espaciais, não apenas para circular entre elas, mas para viver e pensar as diferentes possibilidades de perceber esta circulação. O ponto de vista singular e irreduzível entre os espaços que vivemos e as concepções espaciais que deles derivamos, geralmente contraditórias, pode ser habitado como um movimento incessante de ampliação das consciências espaciais – os discernimentos. Quando o espaço percebido assume o foco, cria-se um espaçamento entre os espaços da apresentação (vivididos) e as representações do espaço (concebidas), cuja função é sustentar um movimento circular, cuja forma é de uma espiral e cuja estrutura é a das (in)consciências. O discernimento é uma aposta na relevância do que move as relações. Eminentemente sociais, essas relações são produzidas e reproduzidas em momentos históricos e lugares geográficos distintos, mas inseparáveis: que acontecem sincronicamente deslocadas, mas diacronicamente situadas no mesmo processo criativo do corpo inteiro de um organismo vivo.

O sentido de espaçar, de criar um intervalo, de deixar um espaço *entre* as nossas apresentações e representações espaciais envolve e são envolvidos por uma ética do discernimento. O espaço percebido é aquele que expande os caminhos de conscientização a respeito das contradições do espaço, provocando eventualmente deslocamentos dos modos de se apresentar e se representar os lugares, as pessoas, os mundos e os cosmos. O discernimento passa a produzir um *espaçamento* entre um espaço vivido e um espaço concebido, estimulando seus *entrecruzamentos*. A imagem passa a produzir uma *mediação* entre uma experiência e a tomada de consciência dela oriunda e vice-versa. A experiência passa a produzir uma *fruição* entre um insight e a representação que dele decorre e vice-versa. Assim, a problemática do espaço produzido se desfaz da redução relativa de um objeto estudado por um sujeito, deslocando-se de eventuais tautologias e analogias (ambas potenciais operações

reduzidas das diferenças), rumo à assimilação de uma prática espacial coabitada por uma multiplicidade de devires.<sup>18</sup>

Enquanto prática sócio-espacial, nossas aparições e nossas imaginações espaciais tendem a ser percebidas como conjunções ou disjunções, de modo confuso ou cindido. É isto o que nos convoca a considerar a possibilidade de um espaçamento entre os espaços vividos (nossas experiências) e os espaços concebidos (nossas narrativas). Através de um intervalo criado entre os dois, de um terceiro engajado na superação de alteridades binárias ou dicotômicas, criam-se interrupções capazes de tornar as separações menos frequentes, por um lado, a ponto de serem percebidas com uma nuance, feitas distinções que não se separam e, por outro lado, abrem-se possibilidades de dilatações do tempo e do espaço, capazes de tornar mais ampla a nossa capacidade cognitiva, de reunir os momentos sem confundi-los (outra nuance).

Sob a *perspectiva do espaçamento*, isto é, com o discernimento de um “espaço entre dois”, a problematização da prática espacial cria afinidades com o problema da tradução dos espaços produzidos. A tradução como um modo de aguçar amplamente

---

<sup>18</sup> Estamos diante de um problema filosófico primordial. Com seu tradutório raciocínio metafilosófico, Henri Lefebvre desloca-o para através do ponto de vista de uma prática espaço-corporal sociohistoricamente produzida. “Durante dois mil anos, a filosofia tentou dar uma resposta à interrogação de Parmênides. Pensar e ser é simultaneamente o mesmo (a mesma coisa) e o outro (outra coisa). O que é o pensamento? O pensamento busca o que é; ele se considera e se diz pensamento do que é: do ‘ser’. E, no entanto, se o pensamento procura ‘o ser’ é porque ele não é (ou não é mais) o ser em questão. Este ser lhe falta; e a presença do pensamento é a própria ausência do ser. *O pensamento difere do ser*. Em que consiste essa diferença filosoficamente fundamental? Seria uma distância imperceptível ou ao contrário um buraco sem fim? Heráclito, entre outros, responde que entre o ser e o pensamento há um abismo infinito, o Devir. Enquanto Parmênides, por sua vez, afirma a quase nulidade de uma distância ínfima. Dois mil anos passam. A filosofia não chega a encontrar uma resposta, nem a sair de uma problemática que ela reformula indefinidamente, girando em torno de uma verdade que não se revela. Ora o filósofo responde que o conhecimento se afasta do ‘ser’, mas o reconhece ou o reflete. Ora ele responde que ‘o ser’ já é o pensamento. Estas duas atitudes são reducionistas. Elas apagam, via decreto especulativo, a *diferença* entre pensar e ser. Contudo esta diferença é um pressuposto da filosofia; ao apagá-la o filósofo se anula. No primeiro caso, isto é, a redução do pensamento ao ser, o filósofo anula qualquer outro conteúdo além dos atributos atribuídos ao ser, natureza e ou espírito. É o Sistema. Qual? Há vários, conforme a abordagem adotada pelo filósofo. Uns procedem pela afirmação da Substância eterna, outros pela exploração da angústia e do nada. Todos chegam à identidade: o ser é o ser; ele é o que ele é (sou o que sou). Como esta afirmação é vazia, ela não difere desta outra identidade: o nada é o nada. Os sistemas combatem-se, mas eles têm em comum a tautologia. Às vezes, o filósofo quer escapar da tautologia. Ele procura assim no terreno da analogia. O ser se define através e para o pensamento; mas os pensamentos possuem uma certa e uma incerta diversidade. O filósofo procura um ‘análogo’ do ser. Já não é mais para o âmbito do ser inicial que ele se orienta, mas para o ser terminal. O filósofo presente, descobre, capta este ser do fim, ao final de um percurso pela obscuridade do mundo. No entanto, ironicamente, surge o famoso problema do ‘surgimento’. (...). Dessa maneira, a filosofia clássica pairou entre a identidade, a dedução, a demonstração, a tautologia de um lado – e do outro a analogia, a indução, a descoberta. Oscilação sem fim, flutuação sem conclusões; pois a filosofia clássica esquiva-se da diferença. E esta é sua verdade, em torno da qual ela gira dissimulando esta evasão. Ela evade a diferença fundamental, tanto pela sistematização quanto pela promoção de um modelo, pelo dogmatismo e pela relação do Mestre ao discípulo.” LEFEBVRE, Henri. *Le manifeste différentialiste*, Paris: Gallimard, 1970, p. 71-3; tradução minha.

as percepções do espaço (perceptos), apoiando-se em todos os sentidos e os cultivando através das viagens, dos sonhos e das intuições, sem desconsiderar os raciocínios lógicos e dialéticos. O que exigiria não confundir, nem cindir os processos que cultivam a consciência geográfica (sentidos de localização históricos e sociais), a inconsciência geográfica (sentidos de localização psíquicos e econômicos) e a autoconsciência geográfica (sentidos de localização estéticos e políticos). Agora, sob essa perspectiva, a ênfase de um estudo sócio-espacial recai sobre a unicidade das práticas espaciais socialmente produzidas. Em suma: os *espaços-ritos* e os *espaços-ritmos* das sociabilidades sensíveis, criadas e compartilhadas por corpos cujas perspectivas são geohistoricamente produzidas. Dito de outra maneira: como habitar o espaço entre o espaço das apresentações (o vivido) e as representações do espaço (o concebido)?

Além da escuta sensível à diferença espacial e do olhar atento à diversidade dos modos de produção do conhecimento diferencial, o que precisa permanecer em foco é o sentido da inevitável coabitação de corpos que, ao pensarem numa rodovia, falam de viagens e, ao viverem uma viagem, falam de vias possíveis. Sendo as rodovias e as viagens produzidas através de espaços cotidianos mais ou menos interditados. Somente assim, o caráter espacial de uma estrada, de um transatlântico, de uma ponte aérea ou de um Boeing 747, pode vir a escapar ao mesmo tempo da prisão dos sentidos apriorísticos (a transparência do espaço) e da armadilha dos sentidos intraduzíveis (a opacidade do espaço). Enquanto dinâmica produtiva (ou criativa), a espacialidade da rodovia, não é apenas uma ideia, tampouco uma matéria, mas uma prática territorial, urbanística e arquitetônica, socialmente vivida, percebida e concebida de diferentes maneiras. Para traduzir o espaço cotidiano de uma rodovia, dentre as várias práticas sociais que se dão através dele, a viagem é exemplar, já que permite cultivar um alto teor de ressonância entre os pontos de vista dos viajantes. Este fato, conjugado com as especificidades de cada contexto, favorece as correspondências sem equivalências, entre as perspectivas viageiras dos coabitantes da pesquisa; favorecendo, assim, uma prática espacial comum, entre mundos disjuntos.

Por fim, deslocando o sentido de espaçamento, cabe dizer que *Viagem Interoceânica* mantém no horizonte de seus horizontes a possibilidade de criar um intervalo entre as perspectivas capitalistas contemporâneas e os pontos de vista ameríndios. Um espaço entre a multiplicidade de culturas e a multiplicidade de naturezas. Para ir além de um aprisionamento nos imbróglis das dicotomias, é recomendável tomar a via da produção do espaço. Ou seja: corpos diferentes, produzindo diferenças espaciais, através de vivências compartilhadas, de concepções

cósmicas e mundanas diversas, que não deveriam ser confundidas, mas que permanecem inseparáveis, na medida em que só existem de modo relacional, isto é, como um conjunto cósmico-mundano vinculado a variadas sociabilidades. Nesse sentido, a prática tradutora aqui gestada aponta a necessidade de um espaçamento entre pontos de vista oriundos de corpos de mundos distintos – o ocidental e o ameríndio. Trata-se, em outras palavras, de cultivar o cuidado que a perspectiva do tradutor exige, acolhendo, de maneira experimental e fabuladora, uma salutar provocação feita por Álvaro Faleiros (2012): “quem sabe agora estejamos começando a desenvolver um outro olhar antropofágico que nos permita ler não mais o mundo do índio pelos olhos ocidentais, mas o mundo ocidental por fractais ameríndios.”<sup>19</sup>

### O caminho das diferenças

Em seu livro *La pensée sauvage* (1962), Claude Lévi-Strauss (1908-2009) sugere um contraste entre a figura do *bricoleur* – um artista de gambiarras eficazes, e o *engenheiro* – um técnico de ciências supremas, um rigoroso tecnocrata –, cujas implicações merecem ser acentuadas, para que seja percebida a pertinência das diferenças de perspectiva. Com esse ato de contrastar, apontam-se dois modos opostos de pensar e agir, dois regimes de transformação do mundo, que dizem respeito à diferença entre posicionamentos epistemológicos localizados em extremidades associadas a vários pares de palavras opostas.<sup>20</sup>

Em sua conferência intitulada “O modelo e o exemplo: dois modos de mudar o mundo”, Eduardo Viveiros de Castro (2017) propõe um contraste entre o pensamento por *modelo* e o pensamento por *exemplo*, com a intenção de explorar e expandir essa contraposição feita por Lévi-Strauss. Segundo o pesquisador do Museu Nacional, um *modelo* resultaria de um pensamento normativo, de uma imposição orquestrada por alguém que se considera mais sábio que outrem, mais ignorante, subdesenvolvido, à margem de um sistema obviamente imposto por alguém. O *modelo* possuiria uma estrutura vertical e, através dela, uma doxa que dá ordens. Em oposição, um pensamento por *exemplo* seria aquele orientado pelos aspectos sensíveis das

---

<sup>19</sup> FALEIROS, Álvaro, “Apontamentos para uma poética xamânica do traduzir”, Revista Eutomia, Recife, 10 (1), 2012, p. 315. Livre acesso em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/829/0>, Acesso em: 14 jun. 2018.

<sup>20</sup> Um exemplo seria o par dominação e apropriação, apontado por Henri Lefebvre (1901-1991) em várias de suas obras, sintetizado através de sua teoria da produção do espaço.

experiências comuns, um posicionamento prático, interessado em seguir pelas brechas que escapam aos modelos impostos. Por *exemplo*, espalham-se ideias plurais, sem a pretensão de hierarquização, tal como é característico aos modos de vida de alguns povos ainda não capturadas pelo produtivismo capitalista. Um *exemplo* possui estrutura horizontal interessada apenas em dar pistas.

Segundo o antropólogo, *o pensamento por modelo* é aquele fundado em uma apreensão científica do mundo, uma simplificação da realidade e uma forma de dominação política, quando empregado pelas forças econômicas e culturais do imperialismo. “Modelos são, por definição, uma simplificação da realidade. Modelos podem ser usados para entender a realidade (heurística) ou, de forma normativa, para moldar a realidade, o que *sempre é uma simplificação violenta sobre o mundo e a vida em sociedade*. O modelo normativo impõe e sempre esteve na raiz do projeto modernista de achatar os muitos mundos, de modo a produzir um único *nomos global*”. Os *exemplos*, ao contrário, são ideias (técnicas, instituições etc.) que “funcionam como inspirações, pistas, sugestões, *convites para se fazer algo igualmente diferente ou diferentemente igual* em relação ao exemplo inicial”, explicou Eduardo Viveiros.<sup>21</sup>

Eduardo Viveiros de Castro parece estar a forjar<sup>22</sup> o conceito de *geobricolagem* e, através dele, apontar a possibilidade da inversão prática e teórica dos valores, das normas e dos interesses modernos ocidentais. Isto pode ser interpretado como uma tentativa de recolocar de pé a relação entre diferentes mundos contemporâneos, atualmente mantida de ponta-cabeça. A necessidade dessa reinversão justifica a concepção de *contra-projetos* à escala da Terra, engajados em produzir *contra-espacos de vizinhança*. Afinal, o que fazer com essa vontade de ir além da aliança estratégica entre o modo de produção capitalista, a tecnocracia estatal e a racionalidade científica? Como lidar com uma aliança que nos impõe a escassez de tempo e de espaço? Quem consome nossa energia comum de modo desigual? Quem nos coloca diante de incertas fruições climáticas? Enfim, é preciso construir outros caminhos para desviarmos desse caos notável, desse “grande desarranjo eopolítico”, nos temos de Félix Guattari.<sup>23</sup>

Viveiros de Castro destaca que os exemplos operam com os materiais “à mão”, remetendo à figura do *bricoleur* lévi-straussiano. “No contexto dos debates sobre a catástrofe do Antropoceno, quando o fantasma das soluções por ‘geoengenharia’ começa a se materializar sob formas as mais irresponsáveis, propomos o

<sup>21</sup> Cf. sua entrevista para a UFMG: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/viveiros-de-castro-propoe-formas-de-viver-em-paz-com-o-mundo-em-conferencia>

<sup>22</sup> Para que não haja mal-entendido quanto a esta colocação, Eduardo Viveiros de Castro sempre expressou adesão ao modo deleuziano de considerar os filósofos como ‘inventores de conceitos’ e nunca escondeu seu entusiasmo por este ofício. Quanto ao conceito em questão, ele parece estar ainda em gestação, já que não consta em seu Lattes quaisquer publicações referentes. Há apenas um rastro, via *Google*, de uma apresentação chamada “*Geobricolage against geoengineering: on practical ontologies at the interstices of Empire*”, no simpósio internacional da Wenner-Gren Foundation, Nova York, em setembro/2017. Mais detalhes em: <http://www.wennergren.org/events/patchy-anthropocene-frenzies-and-afterlives-violent-simplifications/participants/eduardo>

<sup>23</sup> GUATTARI, Félix. *As três ecologias*, tradução de Maria Cristina F. Bittencourt, Campinas: Papirus, 1990.

contraconceito de ‘geobricolagem’”, afirma o pesquisador. Ele acrescenta que esse conceito pode ser útil como ‘máquina de guerra’ contra a pressão crescente para elevar o projeto capitalista de geoenharia do mundo a uma escala propriamente planetária, de modo a suscitar um ‘bom Antropoceno’.<sup>24</sup>

Interpreto e conceituo a *geobricolagem* como uma prática de montagem geográfica, de combinação dos diversos elementos da Terra, realizada por quem repara e ajusta um pouco de tudo, e não se especializa em nada além da arte de fazer algo com o que encontra à sua frente, em companhia de quem o chama, enfim, com os diferentes agentes disponíveis, sem precisar apagar suas diferenças. Uma tessitura de relações territoriais através da arte e da ciência das gambiarras. O *geobricoleur* é uma costureirinha, para usar o termo que Antoine Compagnon<sup>25</sup> aponta como uma possível tradução ao *El hacedor* de Jorge Luís Borges. Desinteressado em aplicar um Modelo, o *geobricoleur* produz distorções subversivas em contraposição ao que lhe é imposto, abrindo vias de autonomia, traçando linhas de fronteiras abertas, criando interstícios, espaçamentos, caminhando através dos caminhos entre as heteronomias opressoras.

Assim, diante da necessidade de ampliarmos a arquitetônica do espaço moderno proposta por Henri Lefebvre (1974), apontamos aqui a possibilidade de densificação e deslocamento do conceito de produção do espaço social. Dentre vários, um possível caminho para a descolonização epistemológica de nossos pontos de vista decorre da disputa entre os antropólogos Eduardo Viveiros de Castro e Philippe Descola, acerca do alcance prático e teórico da prática ameríndia do *multinaturalismo*. Bruno Latour (2009) deixa claro, através de um breve texto sobre esta contenda, que a ideia moderna e ocidental de *natureza* se encontra arrasada tanto pelo ponto de vista “republicano” de animismo, quanto por aquele referente ao perspectivismo ameríndio. Esta crise generalizada da ideia de natureza, justifica a “bomba” armada, pelo antropófago antropólogo, nos pilares estruturais da filosofia ocidental de perspectiva grego-romana, judaico-cristã. Comentando este posicionamento, Latour (2009, p.2) afirma que:

Perspectivismo, em seu modo de ver [de Eduardo Viveiros de Castro], não deve ser visto como uma simples categoria dentro da tipologia de Descola, porém muito mais como uma bomba com o potencial de explodir a totalidade implícita na filosofia e tão dominante na maioria das interpretações dos materiais etnográficos. Se há uma abordagem totalmente *anti-perspectivista* é a própria noção de ‘tipo’ dentro de uma categoria, uma ideia que só pode ocorrer àqueles que Viveiros chama de ‘antropólogos republicanos’.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Cf. Entrevista para a UFMG: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/viveiros-de-castro-propoe-formas-de-viver-em-paz-com-o-mundo-em-conferencia>

<sup>25</sup> COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p.39.

<sup>26</sup> LATOUR, Bruno. “Perspectivism: ‘Type’ or ‘bomb’?”. In: *Anthropology Today*. n.25, 2009, p.2; tradução minha.

No princípio desta travessia de pesquisa, não havia os índios. Tal como na narrativa da História oficial, de origem europeia, que nos é imposta desde o colégio. Os índios só aparecem para os não índios, muito recentemente e ainda marginalmente, como possíveis protagonistas de suas produções espaciais e temporais (territoriais), orientadas por suas próprias ações e reflexões sociais, históricas e geográficas. Ao apontar o limite entre a ausência e a presença indígena, esta obra busca encaminhar uma crítica à “violência epistêmica”, ao “epistemicídio”, à “injustiça cognitiva” que segue nos assaltando, em pleno século XXI, através de processos de hierarquização e homogeneização, que produzem inferioridades e superioridades, conforme os termos de Boaventura de Souza Santos<sup>27</sup>. Portanto, a impossibilidade de seguirmos adiante sem os pontos de vista indígenas, contra seus pontos de vista ou apesar deles é um traço marcante do século XXI. A possibilidade de produção de espaços diferenciais implica a coabitação das diferentes sociedades ameríndias remanescentes. “Pensar por exemplo” é deixar-se afetar por contra-modelos. Considerando a presença de índios “não integrados”, ditos voluntariamente “isolados”, como realizar esta convivência, senão através da criação de intervalos? Sim, *espace!* Imperativo do verbo “espaçar”.

Partamos das experiências próprias e singulares com o propósito de elaborar pensamentos comuns e específicos. A contemporaneidade caótica que vivemos resulta, em alguma medida, dessa inversão: assumimos nossas ideias ocidentais, espaços mentais, como ponto de partida para a elaboração da vida comum. Não seria isto uma armadilha?<sup>28</sup> Claro que pode ser profícuo o trânsito por uma imagem para pensar uma experiência, induzindo assim as diferenças, mas ele será ainda mais rico e proveitoso quando vier como movimento de retorno, como gesto subsequente àquele que partiu de uma experiência.

*Viagem Interoceânica* cultiva uma prática espacial contra-hegemônica e concorda sobre a importância de partir dos espaços vividos. No entanto, mais que um *exemplo* que possa servir de *modelo*, o propósito aqui é apontar um pensamento “por caminho”, ou melhor, pelo *caminho das diferenças*. Para isto, um cuidado é fundamental: não romper o movimento dialético da prática espacial da diferença, social e

---

<sup>27</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa, *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>28</sup> “O conhecimento cai numa armadilha quando parte das representações do espaço para estudar a ‘vida’, reduzindo o vivido. A conexão entre as representações elaboradas do espaço e os espaços de re-apresentação (com seus suportes), conexão incerta e fragmentada, este é o *objeto* do conhecimento, ‘objeto’ que implica-explica um sujeito, aquele em que o vivido, o percebido, o concebido (o sabido) se encontram numa prática especial.” LEFEBVRE, Henri. *La production de l’espace*, Paris: Anthropos, 2000 [1974], p. 266-7.

historicamente produzida, que circula entre as experiências (os espaços vividos) e as narrativas espaciais (os espaços concebidos).

Henri Lefebvre (1974) aponta claramente a importância de evitar o risco de atribuir, abusivamente, realidade absoluta a um momento relativo do processo de produção do espaço; transformando, dessa maneira, uma relação lógica numa substância independente (no sentido ontológico da expressão); logo, considerando falsamente um conceito ou uma experiência como realidade. Dizendo o mesmo, mas com outras palavras, é preciso evitar o risco de *hipostasiar* os momentos produtivos do espaço, isto é, os tempos vividos, percebidos e concebidos. A prática espacial ou a prática territorial, considerada como a partilha do que é sensível, através das relações sociais que construímos, é um conjunto de *perceptos*, um entrelaçamento movente de experiências, de narrativas e de discernimentos. Um movimento social que não cessa, mas se retroalimenta historicamente.

A triplicidade: percebido – concebido – vivido (especialmente: prática do espaço – representação do espaço – espaços de representação) perde todo o seu alcance caso lhe seja atribuída o estatuto de um ‘modelo’ abstrato. Ou ela capta o concreto (e não o imediato) ou ela possui apenas uma importância restrita, aquela de uma mediação ideológica dentre muitas outras. É imprescindível que o vivido, o concebido e o percebido se reúnam, para que o ‘sujeito’, o membro de tal grupo social possa passar de um ao outro sem se perder por aí.<sup>29</sup>

Contra o *modelo*: há vias. Em contraposição aos pensamentos “por modelo”, há pensamentos “por caminho”, ou seja, pessoas e coletivos que constroem suas práticas de pesquisa em consonância com os ritmos próprios do caminhar, cultivando as possibilidades de ritos comuns de elaboração. A via: *caminho* que vai de onde estamos rumo a outro lugar: eis o que aponta esta obra.

Ao realizar um desvio em relação a um modelo de corredor global de integração, concepção oriunda de um planejamento territorial de grande escala, esta obra propõe um caminho de apropriação espacial singular. Os *atos vidGeográficos* apontam uma *via* afeita às diferenças produzidas e à espacialidade da fruição. Neste sentido, o Coletivo de *Viagem Interoceânica* vive uma *via*, percebe uma *via*, concebe uma *via*. O Coletivo é a *via*. Uma reunião de caminhos realizados pela via prática, produzindo repetições e diferenças, e pela via teórica, sem negligenciar a relevância dos conceitos, inclusive do próprio conceito de diferença. Enquanto *caminho*, encaminho, em cantos, acentuações das diferenças espaciais produzidas, primordialmente vividas.

---

<sup>29</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, Paris: Anthropos, 2000 [1974], p.50-1; tradução minha.

A *via* opõe-se ao *modelo*, intensamente. Específica, diferente, a *via* se discerne, se constrói, numa permanente invenção cotidiana. Ela encontra forma, conceitos, teoria, através de uma pesquisa incessante. Aniquilemos a hesitação que nos imobiliza diante de modelos frustrados, sem nos permitirmos tomar a *via*. O modelo obstrui a *via*, sobre ela instituído. *O modelo se pretende idêntico a todos*. Ele impõe a identidade ou a simulação. Ele manipula as pessoas e permite intimidá-las. A *via* não se impõe, ela propõe. *As vias diferem; a via é aquela da diferença.*<sup>30</sup>

A diferença é o delta para onde confluem *as vias* de *Viagem Interoceânica*. Assim como uma foz é sensível às forças de atração do Sol e da Lua (efeitos cósmicos), as *vias* ali traçadas também são sensíveis aos fluxos e aos refluxos energéticos dos espaços vividos, às forças do acaso e aos acontecimentos de corpos, às direções que por ventura eles tomem, às circunstâncias, aos humores. Um *caminho* é outro nome para uma *via* e a expressão de uma singularidade plural irreduzível. A espacialidade deste *caminho* possui a forma movente de um curso de rio heterogêneo – curvo e retilíneo; a estrutura de um contra-modelo espacial (uma epopeia acadêmica); e a função de um argumento de tradução (uma viagem interoceânica). Uma perspectiva bem diferente da filosofia clássica:

O pensamento diferencial e metafilosófico propõe a superação da incompatibilidade ‘natureza-cultura’, produto da época industrial, esta oposição caindo em si mesma, através da mútua destruição dos dois termos. Voltar atrás? Fugir adiante? Nem um, nem outro. (...). Os conceitos permanecem livres, no pensamento metafilosófico. Eles não entram numa estrutura fixa. O pensamento não os amarra uns aos outros, através de um discurso unitário. Portanto, eles vão *servir*. Como? Eles não servem a uma ordem pré-existente, mas a uma análise crítica. Mais que isto: eles fundem com a consciência, no duplo sentido mental e social. Eles a fermentam; nela fomentam eventos. Eles trazem um centro (momentâneo) aos desejos, às preocupações. Eles os qualificam. Até que esses conceitos percam a validade, eles desaparecem; como a levedura e o sal. Eles não possuem nome, nem data. Assim, ontem e hoje, os conceitos de *alienação*, de *cotidianidade*. Assim, hoje e amanhã, o conceito de *diferença*. Ou de *obra*.<sup>31</sup>

O caráter espacial do *caminho das diferenças* apoia-se e encontra sentido em cada momento da produção do espaço – os caminhos são vividos, percebidos e concebidos – desde que o movimento da diferenciação seja assimilado, isto é, com a sintonização do pensamento sobre o gesto de fazer distinções sem separações; e reuniões sem confusões. Discernir o caráter espacial das relações sociais sem apagar suas diferenças, significa viver e pensar um modo de apontar caminhos. Um posicionamento ético e cognitivo, político e estético que se contrapõe ao pensamento hegemônico por modelo.

Um *modelo* impõe-se, verticalmente. Um *caminho* é uma proposição horizontal. Os *modelos* exercem o poder de homogeneização. Os *caminhos* exercitam a potência da diferenciação. O pensamento por *modelo* invoca o ponto de vista do engenheiro, do

---

<sup>30</sup> LEFEBVRE, Henri, *Le manifeste différentialiste*, Paris: Gallimard, 1970, p.40; tradução minha.

<sup>31</sup> *Ibid.* p.139-40.

tecnocrata, do produtivista que habita em nós, enquanto o pensamento por *caminho* convoca bricolagens, sob a perspectiva do artista, do performer, do inventor que habita em nós. O pensamento por *caminhos* tende a se perpetuar, pois são feitos, perfeitos e refeitos durante a vida inteira. O pensamento por *modelo* tende a caducar, pois é programado como obsolescência de uma certa conjuntura. Os *caminhos* são expressões das práticas espaciais cotidianas de corpos que falam e amam. Os *modelos* são ecos de corporeidades espaço-temporais abstratas.

A partir desta síntese, alguém vai perguntar se podemos pensar um *modelo* como um *caminho*? Sim e não! Caso o pensamento siga sendo imposto verticalmente, sem assumir uma postura afeita às diferenças, ele não dá conta de ser pensado como caminho. Mas, sim, desde que seja pensado como um *modelo de diferenças* e assuma que, ao ser concebido dessa maneira, ele não consegue ir além das diferenças mínimas, isto é, daquelas reduzidas ou induzidas previamente pelos pensamentos.

E haverá também questionamentos invertidos: podemos pensar um *caminho* como um *modelo*? Sim e não, naturalmente! Sim, caso o caminho seja pensado como um *modelo de diferenças* e assuma, assim, que ele não consegue ir além das diferenças mínimas, aquelas reduzidas ou induzidas por pensamentos prévios. Mas não será sempre esse o caso, já que também é possível pensar o caminho como um *caminho das diferenças*. Nesse sentido, ele é movido pela potência dos desejos autênticos, esses que nos levam à produção da máxima diferença: conviver de outra maneira.

Assim se anuncia o terceiro momento, o da diferença. Se não há povo ou ‘cultura’ privilegiados, tampouco há identidade ou analogia fundamental entre as culturas, os modos de viver. Cada uma possui sua razão de existir, isto é, uma razão de não-identidade e de não-semelhança. A hipótese de uma estrutura intelectual idêntica seria ainda reducionista. Consequentemente, fica fora de cogitação substituir a tirania dos privilegiados por aquela dos modelos supostamente gerais e sempre enganadores. Que cada um descubra sua diferença, para cuidar dela utilizando de seus meios (a língua, as obras, o estilo). Que cada um possa situá-la e acentuá-la. Por sua conta e risco.<sup>32</sup>

Esta obra propõe um caminho de acentuação das diferenças espaciais produzidas, via prática, como extensão do meu corpo e do corpo espacial dos mundos que coabito. A última fronteira como a suprema diferença.<sup>33</sup> Há diferentes diferenças

---

<sup>32</sup> LEFEBVRE, Henri, *Le manifeste différentialiste*, Paris: Gallimard, 1970, p.183; tradução minha.

<sup>33</sup> “O enigma do corpo, seu segredo próximo e profundo, para além do ‘sujeito’ e do ‘objeto’ (e de sua distinção filosófica) é a produção ‘inconsciente’ das diferenças a partir das repetições, gestos e ritmos (linear e cíclico). Esta ‘produção’ fundamental, esta junção paradoxal entre o repetitivo e o diferencial acontece incessantemente no espaço desconhecido do corpo, vizinho e longínquo. Segredo dramático, já que o tempo assim engendrado, embora traga algo de novo – no movimento da imaturidade e da maturidade – traz também a velhice e a morte: a terrível e trágica e última repetição. *É a suprema diferença.* (...) Feito o corpo carnal do ser vivo, o corpo espacial da sociedade e o corpo social das necessidades

– reduzidas, induzidas e produzidas; mínimas e máximas – e precisamos ser cuidadosos para discernir cada uma delas.<sup>34</sup> Uma diferença espacial é produzida como um caminho vivido que se coloca, de forma prática, em contraposição a modelos abstratos previamente concebidos. A diferença produzida brota de nossos espaços vividos, individuais e coletivos, surgindo tanto de nossos acontecimentos de corpos, quanto da vida cotidiana compartilhada. E por concentrarem valiosos teores de acaso e de espontaneidade, as diferenças espaciais produzidas ativam possibilidades e abrem caminhos que poderiam ser considerados como medidas reais de democracia. Mais que o direito à diferença, evocam o zelo à diferença. Uma diferença espacial produzida tende a ser periférica, situando-se à margem dos mundos, opondo-se às tentativas de homogeneização. Por ser marginal, ela traz elementos novos ao conjunto, coisas vindas de outros mundos. Embora, cedo ou tarde, um centro tenda a engolir suas periferias, deslocando para novas margens as possibilidades de diferenciação sócio-espacial.

A potência de uma diferença sócio-espacial produzida tende a ser abalada pelo teleguiado poder da homogeneização, através de estratégias que se tornam táticas e operacionais de maneiras diversas. As iniciativas de integração (incorporação de um elemento num conjunto) são exemplos dessa operacionalização. Daí a importância de não tornar indiferente uma diferença, promovendo contra-ataques. A concepção das integrações espaciais segue na contramão da produção de espaços diferenciais. O que nos leva a argumentar contra as práticas de integração, sugerindo que elas sejam repensadas, a começar pela percepção da tendência ao apagamento ou à dissolução das diferenças. Este argumento é tencionado por um contra-argumento: os *atos vidGeográficos* promovem uma poética de transposição do espaço de um corredor global de integração numa prática do espaço diferencial – uma *Viagem Interoceânica*.

---

diferem de um 'corpo abstrato' ou 'corpo' de signos, (semântico ou semiológico, 'textual') no seguinte aspecto: eles não podem viver sem engendrar, sem produzir, sem criar diferenças. Impedi-los de fazer isto significa matá-los." LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, 1974, p.455-6, tradução minha.

<sup>34</sup> "A diferença? Ela foi produzida. Não desta maneira, concebida, representada. Ela nunca fez parte, a não ser tardia e indiretamente, de um saber, de uma sequência de enunciados, de um campo epistemológico associado ou não a um núcleo de saber. Uma diferença concebida, ela já não seria reduzida, pelo simples fato de que os dois termos entram, comparativamente, num mesmo pensamento, num ato intelectual? Por mais que esse ato preceda uma ação e que a ação prática realize o ato intelectual, ainda assim, a diferença está sendo apenas induzida. Entre o Cosmos e o Mundo, a diferença é engendrada ao longo de um processo dito 'histórico', cada um desses termos ignorando ou desconhecendo o outro. Bem mais tarde, pode-se afirmar que uma imagem ou um conceito de espaço devia inspirar-se ou de baixo ou de cima – ou do abismo, ou da cumeeira – dando ênfase a uma ou à outra direção, a uma ou à outra orientação. Sem dúvida. Mas uma das imagens opostas não se constituiu contra a outra, para dela diferir. A diferença acontece espontaneamente, o que distingue a diferença produzida da diferença induzida, geralmente reduzida." LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, 1974, p.289-90, tradução minha.

Este argumento recebe o suporte da teoria da produção do espaço diferencial proposta por Henri Lefebvre (1974). Uma teorização ampla e densa, gestada por décadas, com o desígnio de articular conceitos fundamentais à compreensão da extensão urbana do mundo capitalista de origem europeia às diferentes economias do planeta. Nela encontro uma citação a qual apresento como fundamento de ligação entre minhas afirmações e as evidências que reúno.

A integração opõe-se à diferença. Esta é destruída pelos poderes; que carecem daquela; eles produzem apenas a separação, a segregação, a dissociação da sociedade. No entanto, a sociedade urbana (“o urbano”: em uma palavra) tem como corolário a formação *in situ* de um tempo-espaço diferencial. Ao longo desta produção, as particularidades naturais se reúnem, enquanto sítios, situações, qualidades locais. Uma vez colocadas em relação umas com as outras, através de múltiplas redes, justapostas, superpostas, conexas e interferentes, elas mudam. Aquelas que resistem tornam-se *diferenças* no tempo-espaço urbano. Aqui, mais uma vez se revela o duelo de titãs entre potências homogeneizantes e capacidades diferenciais.<sup>35</sup>

A integração do espaço também tende a ser pensada como o inverso da fragmentação, equivocadamente, por muitos geógrafos, economistas, arquitetos, urbanistas e outros cientistas modernos.<sup>36</sup> Como se a fragmentação evocasse, por um lado, a ruptura, a desconexão dos elementos, a ausência de um sistema todo integrado, uma fraqueza ou um obstáculo que impediria as partes de se reconhecerem mutuamente. E, por outro lado, a integração designaria a força do elo entre as partes, as ligações, a união que projeta a formação de um sistema. A linguagem científica moderna, tornada senso comum, tende estritamente a considerar a integração como um valor positivo. O que permite confundi-la com sentidos de inclusão, com valores de coesão, ou até mesmo veiculando uma bandeira de justiça social. Isto quando a integração não é advogada como “a condição suprema da harmonia entre os homens”. Se por um lado a ausência de discernimento resulta em interpretações simplificadoras da complexidade política espacial (territorial, urbana, socioambiental, etc.), ocorre também a elaboração de uma contraposição, geralmente rasa, embora pertinente. É o que faz Bernard Bret (2005), ao destacar seu valor negativo:

A integração também pode significar assimetria do laço social, desigualdade e opressão. No sistema escravista em vigor sobre as terras latino-americanas durante muito tempo, havia um indivíduo ao mesmo tempo mais integrado a um sistema e mais vítima do sistema que o escravo das monoculturas? Ele era integrado localmente à plantação e a um sistema de trocas comerciais já globalizado. Ainda

---

<sup>35</sup> LEFEBVRE, Henri, *Le manifeste différentialiste*, 1970, p.129; tradução minha.

<sup>36</sup> Aponto aqui uma coletânea de artigos bastante emblemática: BRET, Bernard (org.), “Les notions d’intégration et de fragmentation, approche géographique”, *Bulletin de l’association de géographes français*, n. 82-4, dez/2005. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/bagf\\_0004-5322\\_2005\\_num\\_82\\_4\\_2473](http://www.persee.fr/doc/bagf_0004-5322_2005_num_82_4_2473)

hoje, e apesar da igualdade jurídica das pessoas, o clientelismo não é a integração dos mais fracos nas redes de controle social manipulados pelos poderosos?<sup>37</sup>

Para além desta oposição formal, proponho aqui a compreensão do processo de integração espacial como um movimento dialético composto de três processos distintos e indissociáveis: a fragmentação, a hierarquização e a tentativa de homogeneização, tal como apontado por Henri Lefebvre (1974) em sua teoria da produção social do espaço e tão bem sintetizado por Sandra Lencioni (2015).<sup>38</sup> Este movimento é, antes de mais nada, vivido e não se compreende através de um distanciamento do sujeito em relação a um objeto. Aqui, diferentemente de muitas práticas de pesquisa, cultiva-se a compreensão da integração espacial que se desdobra do corpo, envolvida por todos os sentidos, ideias e sensações que um pesquisador vive enquanto elabora sua argumentação.

A integração não deveria ser entendida como um processo lógico formal que se dispõe em sentido contrário à fragmentação. Ao contrário, argumento que a fragmentação é um momento dialético e necessário às estratégias de integração, assim como a hierarquização; e que esses processos, juntos, negligenciam muitas vezes o risco de apagamento das diferenças, colaborando para o aniquilamento do processo de diferenciação espacial dos cosmos, dos mundos, dos territórios, das comunidades e dos corpos. Como negatividade à integração encontra-se a diferença. Ou seja, um contra-projeto, contra-modelo ou contra-espaço de integração é aquele que luta e se orienta a favor e pela acentuação das diferenças produzidas.<sup>39</sup> De modo completo e mais complexo, a contraposição à hipostasia das representações do espaço, reduzidas por estratégias de integração, só pode ser feita via produção de diferenças espaciais que se organizam e partem dos espaços vividos.

Contra a tentativa de homogeneização dos diferentes mundos que há no Planeta, com seus espaços sociais diferenciais; contra as iniciativas de integração espacial abstratas, embora concretamente comandadas pela hegemônica aliança entre

---

<sup>37</sup> Ibid., p.388

<sup>38</sup> LENCIONI, Sandra. "Totalidad y triadas: comprendiendo el pensamiento de Lefebvre", In: DE MATTOS, Carlos et al. (org.), *Lefebvre revisitado: capitalismo, vida cotidiana y el derecho a la ciudad*. Santiago: RIL editores, 2015, pp.57-78

<sup>39</sup> "O 'contra-espaço' ultrapassa a oposição que passa por estabelecida entre 'reforma' e 'revolução'. Toda proposição de um contra-espaço, o mais insignificante em aparência, abala da base ao cume, o espaço existente, sua estratégia, seus objetivos: a homogeneidade, a transparência diante do poder e da ordem estabelecida. O silêncio dos usuários se explica desta maneira: eles pressentem que um menor movimento seu terá conseqüências ilimitadas, e que a ordem (o modo de produção) pesando sobre eles com todo seu peso, pode ser soerguida desde que eles comecem a se mover." LEFEBVRE, Henri, *La production de l'espace*, 1974, p.441-2; tradução minha.

corpos científicos, tecnocratas e capitalistas; ainda persistem os *caminhos da diferença*. Vias práticas espaciais criadas por corpos que não se escondem nas sombras dos modelos e lutam por fazer valer as suas diferenças, cuidando delas com carinho, atentos à possibilidade de encontrar nos “outros”, um “outro Eu”.

O avanço da técnica capitalista, do marketing estatal e do cientificismo abstrato aguça a ilusória separação entre a pele, a alma, o espírito, o coração, o corpo e o modo de produção do espaço. Como se um corpo espacial não fosse uno-múltiplo e não encarnasse uma singularidade plural que se reproduz socialmente, ao longo da história. Com os pensamentos divididos, são os próprios corpos dos pesquisadores que se encontram fragmentados.<sup>40</sup> Enquanto especialistas ensimesmados, corremos o risco de seguir a inércia do marasmo intelectual, da paralisia afetiva, da renúncia de escolhas prudentes para uma vida decente.<sup>41</sup> Um desafio real do século XXI parece ser, portanto, a formulação de princípios de resistência política capazes de transgredir a violência da sociedade de consumo burocraticamente dirigida. Ações comprometidas com estes princípios suscitam interesse ao encaminharem proposições fora das normas.<sup>42</sup> É a partir dessas evidências que esta pesquisa se afirma como um contra-espaço<sup>43</sup>.

Ademais, *Viagem Interoceânica* aponta um possível caminho *extradisciplinar*, no sentido proposto por Brian Holmes (2007). Interessado em compreender o que leva alguns artistas a se aventurarem para fora de seus próprios quadrados disciplinares e

---

<sup>40</sup> “Estamos divididos, fragmentados. Sabemo-nos a caminho, mas não exatamente onde estamos na jornada. A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas.” SOUSA SANTOS, Boaventura, *Um discurso sobre as Ciências*, Porto: Afrontamento, 10<sup>a</sup>.ed., 1998 [1987], p.58.

<sup>41</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Conhecimento prudente para uma vida decente: “Um discurso sobre as ciências” revisitado, Porto: Ed. Afrontamento, 2003.

<sup>42</sup> “Sem dúvida, o sujeito do século XXI se vê tentado pelo discurso que resulta da aliança entre ciência e capitalismo; discurso que promete poder subtrair seu corpo da contingência do encontro com as palavras, anulando o acontecimento de corpo e reduzindo-o a um puro organismo do qual poderá extrair gozo para sua conveniência, esquecendo que o corpo é mais continente do que conteúdo.” FREDIANI, Marta Serra Frediani, “Acontecimento de corpo”, In.: MACHADO, Ondina; RIBEIRO, Vera Lúcia Avelar, *Um real para o século XXI*, Belo Horizonte : Scritum, 2014, p.41

<sup>43</sup> “Contra a sociedade fundada sobre a troca, há a primazia do uso. Contra a quantidade: a qualidade. Os contra-projetos, o contra-espaço, por uma via prática sabemos em que consistem. Quando uma população se opõe a um programa de auto-estrada ou de extensão urbana, quando ela reclama ‘equipamentos’, lugares disponíveis aos jogos e aos encontros, percebemos como um contra-espaço se introduz na realidade espacial: contra o Olho e o Olhar, contra a quantidade e o homogêneo, contra o poder e a arrogância, contra a extensão sem limite do ‘privado’ e da rentabilidade empresarial – contra os espaços especializados, contra as funções estreitamente localizadas. Evidentemente, acontece das diferenças serem *induzidas*, portanto anteriores a um conjunto e provocadas por ele enquanto sistema, visando a se constituir e a se fechar (como no ‘mundo dos conjuntos habitacionais’ e nos subúrbios), delas discernirem-se mal das diferenças *produzidas*, escapando ao sistema, e das diferenças *reduzidas*, conduzidas pelo contrário e pela violência no interior do sistema. Evidentemente, acontece também do contra-espaço e do contra-projeto simular o espaço existente, parodiá-lo, demarca-lo sem sair dele.” LEFEBVRE, Henri, *La production de l'espace*, 1974, p.440; tradução minha.

depois retornar a eles com propósitos de mudança, o autor busca encaminhar uma nova crítica às instituições, de modo geral, e ao campo das artes, especificamente. Tomo emprestado o conceito de *extradisciplinaridade* com a intenção de fazer ecoar esta crítica ao reduto disciplinar da Geografia e ao campo das Ciências Humanas. Isto é possível por duas razões. Por um lado, porque os problemas das instituições disciplinares são análogos em diferentes campos do conhecimento: “o fechamento dos domínios de especialização sobre eles mesmo, a paralisia intelectual e afetiva daí decorrente e a alienação da decisão democrática resultante de tais condições.”<sup>44</sup> O conceito de *extradisciplinaridade* é sustentado por dois pilares, os quais Brian Holmes chama de “novo tropismo” e “nova reflexividade”:

O que vemos acontecer é um novo tropismo, mas também uma nova reflexividade, implicando artistas e também teóricos, engenheiros e militantes em ir além dos limites tradicionais definidos por sua atividade, com o objetivo explícito de acompanhar as evoluções de uma sociedade complexa. Se a palavra tropismo exprime bem a necessidade ou o desejo de se virar para alguma outra coisa, rumo a uma disciplina exterior, a noção de reflexividade indica o retorno crítico ao ponto de partida, procurando transformar a disciplina inicial, desencravá-la, abrir novas possibilidades de expressão, de análise, de cooperação e de envolvimento com o seu cerne.<sup>45</sup>

O argumento desta tese também vem sustentado pela necessidade e a vontade de se aventurar para fora de um campo de conhecimento científico hegemônico, rumo a outros modos de produção de conhecimentos. Através desta travessia, portanto, podemos ir além dos limites tradicionais conferidos à geopolítica, sem deixar de voltar nossa atenção a ela, embora de maneira diferente. Esta via é de mão dupla. Ao retornar à disciplina de partida, trago uma reflexividade crítica que procura transformar a prática geográfica e política, abrindo novas possibilidades de expressão, de compartilhamento e engajamento. “É esta circulação em duplo sentido, ou melhor dizendo, esta espiral transformadora, que podemos chamar de *extradisciplinar*.”<sup>46</sup> Partimos, portanto, de uma questão geopolítica, pensada em termos do planejamento territorial de integração rodoviária e concluímos argumentando de outro modo, também político e geográfico, via poética tradutória do espaço prático de uma viagem.

No horizonte dos horizontes abertos por esta via, reside o propósito de traduzir o caráter espacial de um corredor de integração, histórico e socialmente produzido. No entanto, queiramos ou não, a complexidade espacial dos mundos existentes através

---

<sup>44</sup> HOLMES, Brian, “L’extradisciplinaire: pour une nouvelle critique institutionnelle”, In: *Multitudes*, n.28, 2007, p.15; tradução minha.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p.13.

<sup>46</sup> *Idem*.

dos 5200 quilômetros entre os litorais do Atlântico e do Pacífico, via tríplice fronteira “MAP”, não se deixa reduzir por quaisquer “demonstrações”, tampouco pelos deslocamentos e pelas narrativas audiovisuais aqui reunidos. Esse traço constituinte da pesquisa, mais do que inventar uma desculpa para se esconder atrás dela, acaba se revelando como um estímulo favorável às coabitações epistemológicas.

A multiplicação de práticas de integração espacial, supostamente internacionais, interdisciplinares, interculturais, interétnicas, entre outras, seja no ambiente das nações, das escolas, das cidades, das vidas cotidianas, esta miríade de integrações, elas também são expressões particulares de uma certa estratégia global que, sob a égide do modo de produção capitalista, estão comprometidas com o apagamento das diferenças. Em oposição às práticas interdisciplinares, uma prática de pesquisa *extradisciplinar*, procura, através de diferentes caminhos, apontar explicitamente ambições estéticas para questões políticas, circulações por campos epistêmicos distintos, com interesses e engajamentos em prol das diferenciações. Uma via crítica à institucionalidade disciplinar e às redutoras tentativas de integração. O conceito de *extradisciplinaridade*, inicialmente apontado por Brian Holmes vem servir, portanto, como mais um fundamento às afirmações e às evidências aqui reunidas.

O conceito foi forjado na tentativa de ir além de uma dupla deriva que enfraquece as práticas culturais contemporâneas, sem efetuar a menor subversão das engrenagens perfeitamente lubrificadas, neste momento. Por um lado, trata-se da inflação de discursos interdisciplinares, através de combinações virtuosas que alimentam o produtivismo simbólico característico do capitalismo cognitivo. Por outro lado, trata-se da situação indisciplinar, como um efeito não desejado das revoltas antiautoritárias dos anos 68, onde o sujeito se dedica simplesmente às solicitações estéticas do mercado. Juntas, a interdisciplinaridade e a indisciplinidade promovem a neutralização de qualquer pesquisa aprofundada, enquanto se sucedem os apelos reacionários por um ‘retorno à arte’. No entanto, não há nenhuma razão para aceitar esta situação.<sup>47</sup>

Ao propor um encaminhamento geopoético a uma questão geopolítica, esta via desvia, com rigor e precisão, da suposta neutralidade da racionalidade científica. E propõe um modo de acenar à resistência política, ampliando um território de fronteira estratégico, no coração do mundo acadêmico. Uma zona de contatos afeita às diferentes práticas de fronteira, entre as diferentes acepções de ciência-saber<sup>48</sup>, entre campos disciplinares os mais variados possíveis. Como fazer isto a não ser saltando obstáculos e furando os muros que cercam as disciplinas? Mas, afinal, como habitar intervalos entre mundos disjuntos, sem a transformação dos corpos de pesquisadores ensimesmados? Como ir além da alienação do trabalho intelectual e da falsa

---

<sup>47</sup> HOLMES, Brian. “L’extra-disciplinaire: pour une nouvelle critique institutionnelle”, In: *Multitudes*, 2007/1, p.13

<sup>48</sup> HISSA, Cassio. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*, Belo Horizonte: UFMG, 2013.

democracia epistemológica? Ivo C permanecerá sucumbido à paralisia intelectual e afetiva que assalta a maioria das práticas de ensino, pesquisa e extensão?

### A diferença das perspectivas

Em suas *Questions de Méthode* (1960), Jean-Paul Sartre afirma que Henri Lefebvre inventara um método dialético “simples e irrepreensível para integrar a sociologia e a história”, que “seria válido a todos os domínios da antropologia”. Cerca de meio século depois, Eduardo Viveiros de Castro (2002), com suas proposições acerca do perspectivismo e do multinaturalismo ameríndio, argumenta que o pensamento ameríndio tem a potência de instalar uma bomba nos pilares da filosofia ocidental hegemônica.<sup>49</sup> Entre outras razões, ele aponta que a ontologia dos povos indígenas americanos considera a unicidade de uma cultura humana atravessando os diferentes seres do mundo e, simetricamente, a existência de uma multiplicidade de naturezas, sendo uma delas a que conforma, em termos ocidentais, a perspectiva do *Homo sapiens*.

Algo que talvez reúna os pensamentos de origem europeia é a possibilidade de diferenciar um homem de um macaco (mamíferos), de uma cobra (réptil) e de um pássaro (ave). Para nos colocarmos sob esses pontos de vista, experimentamos pensar como eles, isto é, encarnamos, por exemplo, o espírito de porco. Quem entra em estado de cólera vira uma onça porque sua alma parece se transformar a ponto de ficar uma fera. Isto só é possível porque o pensamento ocidental assume que temos em comum com os demais animais, a nossa corporeidade (o orgânico natural), sendo o modo de pensar o que nos difere (o inorgânico cultural). Logo, conseguimos assumir o ponto de vista de um transexual, de um negro ou de uma mulher, caso consigamos assumir seus modos de pensar, sem necessariamente precisarmos transformar nossos corpos.

Algo vem ao pensamento quando se evoca uma ponte ou uma via? Construimos mentalmente um espaço, induzido por espaços vividos, individual e coletivamente por nós, corpos produtores de coisas que viram mercadorias. O que nos leva inclusive a falar de sentidos metafóricos da ponte ou da via. No entanto, seria possível pensar sob a perspectiva da ponte e da via, assumindo seus pontos de vista? Isto exigiria perceber as construções arquitetônicas e urbanísticas como corpos espaciais de organismos vivos. De modo geral eles chegam a ser percebidos, no máximo, como trabalho morto

---

<sup>49</sup> LATOUR, Bruno. “Perspectivism: ‘Type’ or ‘bomb’?”. In: *Anthropology Today*. n.25, 2009.

ou como natureza morta. O que nos impede de pensar a potência agenciadora de uma ponte? E a via: poderia ela agir como agência tradutora que transporta mensagens entre mundos distintos? E um meandro de rio, é organismo vivo ou morto? Quem fala e traduz a língua meândrica? Enfim, são questões colocadas a título de provocação reflexiva, mas que não precisam ser imediatamente respondidas.<sup>50</sup>

A reflexão apontada por essa prática de tradução espacial visa justamente cultivar a possibilidade de aproximação e distanciamento entre perspectivas de corpos coabitantes de mundos disjuntos. Com a intenção de traduzir o caráter espacial dos mundos, o problema da tradução ganha densidade quando vem atravessada pela discussão sobre o perspectivismo. Uma reflexão que nos permite pensar socialmente o agenciamento dos reinos animal, vegetal e mineral, cultivando um ponto de vista humano radicalmente diferente do cientificismo ocidental. Com cuidado, de modo fabulador e experimental, é possível cultivar a confrontação entre perspectivas euramericanas e ameríndias. Isto implica perceber a prática tradutora proposta como a dinâmica de uma singularidade plural, como transitividade de uma pessoa múltipla. Assim, a discussão do problema da tradução espacial é ampliada pelo problema geral do perspectivismo, isto é, como um modo de generalizar pontos de vista singulares e irreduzíveis, através da procura de harmonia e de ressonância entre mundos.

Pois o problema geral do perspectivismo, aquele que Leibniz e Giordano Bruno descobriram, é justamente a questão da unidade, do invólucro, da convergência no sentido matemático, da série dos pontos de vista. Em suma, o problema da tradução.<sup>51</sup>

Eduardo Viveiros de Castro (1996; 2002) identificou como um traço comum aos diferentes pensamentos indígenas americanos a concepção de que “o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos.”<sup>52</sup> A partir deste princípio

---

<sup>50</sup> “Enquanto na correlação entre divisão e reunião, a ponte acentua o segundo termo e supera o distanciamento das suas extremidades ao mesmo tempo que o torna perceptível e mensurável, a porta ilustra de maneira mais clara até que ponto separação e reaproximação nada mais são do que dois aspectos do mesmo ato. O primeiro homem que construiu uma cabana revelou, como o primeiro que traçou um caminho, a capacidade humana específica diante da natureza, promovendo cortes na continuidade infinita do espaço e conferindo-lhe uma unidade particular conforme um só e único sentido. Uma porção do espaço se encontrava assim ligado a si e cindido de todo o resto do mundo.” SIMMEL, Georg, “A Ponte e a Porta”, In: *Revista Política e Trabalho*, n.12, set/1996, PPGS/UFPB, p.12

<sup>51</sup> CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução”, *Mana*, vol.4, n.1, p.7-22, abr./1998, p.17

<sup>52</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, 1996, p.115. O ponto de partida ou estímulo inicial desta reflexão é a constatação de que uma multiplicidade de teorias dispersas e implícitas ao pensamento ameríndio parece se apoiar numa premissa comum: há uma diferença profunda entre o modo como nós humanos vemos os animais e outras subjetividades que

fundamental, deriva-se uma concepção ontológica comum entre os povos ameríndios, que se localiza de modo perfeitamente ortogonal à oposição moderna ocidental entre pensamento relativista e pensamento universalista. Distintamente, o perspectivismo procede consoante ao princípio de que “o ponto de vista cria o sujeito”, não o objeto.

Todo ser a que se atribui um ponto de vista será assim sujeito, espírito; ou melhor, ali onde estiver o ponto de vista, também estará a posição do sujeito. Enquanto nossa cosmologia construcionista pode ser resumida na fórmula saussuriana: o ponto de vista cria o objeto – o sujeito sendo a condição originária fixa de onde emana o ponto de vista –, o perspectivismo ameríndio procede segundo o princípio de que o ponto de vista cria o sujeito; será sujeito quem se encontrar ativado ou “agenciado” pelo ponto de vista.<sup>53</sup>

Para compreender o perspectivismo ameríndio, cultivando um sentido de aproximação possível entre epistemologias espaciais, derivadas de ontologias distintas, temos a necessidade de assimilarmos um posicionamento filosófico fundamental: o ponto de vista não decorre de um pensamento abstrato separado de um corpo concreto.<sup>54</sup> Esta é a base do perspectivismo elaborado por Leibniz, assimilado, aguçado e ampliado não apenas por Gilles Deleuze, mas também por Henri Lefebvre.<sup>55</sup> Assimilar o perspectivismo significa compreender que não há um eventual sujeito

---

povoam o universo e o modo como esses seres se veem e nos veem. “Em suma: os animais são gente, ou se veem como pessoas.” Na Amazônia, relata Manuela Carneiro da Cunha (1998: 9), “todos os japós são humanos.” Ao perceber que o mundo é habitado por diferentes sujeitos e pessoas, humanas e não-humanas, os xamãs experimentam a possibilidade de ligar, de criar nexos e harmonizar pontos de vista distintos.

<sup>53</sup> CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana*, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, Out., 1996, p.126.

<sup>54</sup> Cf. Gilles Deleuze (1988, p.16): “le point de vue est dans le corps, dit Leibniz.” Apud, VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, 1996, p.115.

<sup>55</sup> A opção de Henri Lefebvre em assumir a compreensão de Leibniz acerca do espaço é elementar. Ela é assimilada e figura de maneira transversal em sua teoria da produção do espaço social. Isto fica evidente em muitos trechos de sua obra, dos quais destaco o seguinte: “Ora, o espaço ‘em si’ definido como infinito, não possui contornos quaisquer, pois ele não tem conteúdo. O espaço não possui nem forma atribuível, nem orientação, nem direção. É o incognoscível? Não, é o *indiscernível* (Leibniz). (...) A maioria dos filósofos assumem o espaço absoluto, de uma só vez, com tudo o que ele supostamente contém: as figuras, as relações, as proporções, os números. Contra eles, Leibniz sustenta que o espaço ‘em si’ não é ‘nada’, nem ‘uma coisa qualquer’, muito menos a totalidade das coisas ou a forma de seu somatório: ele é o indiscernível. Assim, para discernir “alguma coisa” através dele, é necessário introduzir eixos e uma origem, uma direita e uma esquerda, ou seja, uma direção dos eixos, uma orientação. Leibniz adotaria, assim, a tese ‘subjetivista’, segundo a qual o observador e a mensuração produzem o real? Ao contrário: Leibniz quer dizer que é preciso *ocupar o espaço*. Mas o que ocupa o espaço? Um corpo. Não um corpo qualquer, a corporeidade, mas um corpo definido, que indica uma direção de um gesto, uma rotação que baliza e orienta o espaço.” Mais adiante ele acrescenta, afirmando ainda mais o seu pensamento perspectivista em relação ao espaço: “O espaço: meu espaço, não é o contexto do qual eu seria o textual, é primeiramente *meu corpo*, e é o outro do meu corpo, que o segue como seu reflexo e sua sombra: a intersecção movente entre o que toca, alcança, ameaça ou favorece meu corpo e todos os outros corpos. Portanto, para retomar os termos já empregados, há intervalos e tensões, contatos e cortes.” LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, Paris: Anthropos, 2000 [1974], p.197-8, 213-4; tradução minha.

antecipadamente definido, mas ao contrário, que algo ou alguém se torna sujeito enquanto permanece ativado por um ponto de vista singular e irreduzível.

[O ponto de vista] não é exatamente um ponto, mas um lugar, uma posição, um site, um foyer linear, linha oriunda das linhas. É chamado de ponto de vista, desde que ele represente a variação ou inflexão. *Esta é a base do perspectivismo*. Este não significa uma dependência em relação a um sujeito definido de antemão: ao contrário, será sujeito aquele que alcança o ponto de visão, ou melhor, aquele que fica no ponto de vista. É por isso que a transformação do objeto se refere a uma transformação correlativa do sujeito: o sujeito não é um sub-jeito, mas um “superjeito”, um “superjato”, um “jeito super-sônico”, como diz Whitehead [segundo a minha tradução do original “superjet”]. Enquanto o objeto torna-se objetável, o sujeito vira superjeito. Há uma relação necessária entre a variação e o ponto de vista: não apenas devido à variedade de pontos de vista (embora exista uma variedade, como veremos), mas porque, em primeiro lugar, cada ponto de vista é ponto de vista sobre uma variação. Não é o ponto de vista que varia com o sujeito, pelo menos em primeiro lugar; mas, ao contrário, o ponto de vista é a condição sob a qual um eventual sujeito capta uma variação (metamorfose), ou algo = x (anamorfose).<sup>56</sup>

Em relação aos abismos (e ao Igarapé Abismo: um espaço físico, mental e social) entre o mundo capitalista ocidental e o mundo ameríndio, mais que pontes de integração, precisamos criar intervalos de diferenciação empenhados em cultivar cuidadosamente aproximações e distanciamentos. Eis o que proponho designar como a perspectiva do espaçamento. Para isto, o que aqui se realiza é a possibilidade de experimentar, ficcionalmente, um ponto de vista específico: aquele referente ao vértice que discerne, sem separar, o multiculturalismo do pensamento ocidental e o multinaturalismo do pensamento ameríndio.<sup>57</sup>

É importante atentar para o fato de que os dois pontos de vista cosmológicos aqui contrastados – o que chamei de ‘ocidental’ e o que chamei de ‘ameríndio’ – são, do nosso ponto de vista, impossíveis. Um compasso deve ter uma de suas pernas firmes, para que a outra possa girar-lhe à volta. Escolhemos a perna correspondente à natureza como nosso suporte, deixando a outra descrever o círculo da diversidade cultural. Os índios parecem ter escolhido a perna do compasso cósmico correspondente ao que chamamos ‘cultura’, submetendo assim a nossa ‘natureza’ a uma inflexão e variação contínuas. (...), Mas não devemos esquecer, em primeiro lugar que, se as pontas do compasso estão separadas, as pernas se articulam no vértice: a distinção entre natureza e cultura gira em torno de um ponto onde ela ainda não existe.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> DELEUZE, Gilles. *Le pli: Leibniz et le Baroque*. Paris, Ed. Minuit, 1988, p.27; tradução minha.

<sup>57</sup> A ponte teórica que permite a passagem dos corpos aos espaços, e vice-versa, e os deslocamentos de pontos de vista é sustentada, por um lado, pela epistemologia ontológica do perspectivismo ameríndio, sintetizado por Eduardo Viveiros de Castro (1996) e pela relação entre tradução e xamanismo, apontada por Manuela Carneiro da Cunha (1998); e por outro pela metafísica da produção do espaço, arquitetada por Henri Lefebvre (1974) e pela ontologia do devir concebida por Gilles Deleuze & Félix Guattari (1997), ao longo de várias obras.

<sup>58</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, 2002, p.398.

O perspectivismo ameríndio é uma teoria escrita por distintos etnólogos, vinculados a universidades e institutos de pesquisa públicos-privados, que detectaram, através de vários estudos etnográficos, a possibilidade de reunir numa teorização generalizadora, pontos de vista singulares e irreduzíveis. Quais? Os pontos de vista deles, os pontos de vista indígenas e os demais, cada um e cada conjunto com a sua diferença, apresentados como *perspectivas impossíveis*. Se por um lado, o pensamento ocidental considera a existência de múltiplas culturas humanas que se relacionam com uma única natureza (não humana), o pensamento perspectivista ameríndio tem como corolário principal a existência de um cosmos habitado por múltiplas naturezas humanas. Como já dito, o princípio fundamental que rege esta ontologia é o ponto de vista que, por estar no corpo, cria o sujeito e não o objeto.

O interesse em invocar essa reflexão está na possibilidade de exercitar a ligação entre pontos de vista singulares, envolvendo-se com a compreensão de corpos de perspectivas diferentemente produzidas. Isto se dá justamente através dos espaçamentos, uma produção de intervalos propícios à reunião de olhares irreduzíveis. Propomos apontar um modo de tradução do espaço que acolhe o Abismo que separa mundos e cosmos disjuntos, isto é, uma prática espacial entre dois diferentes modos de viver, de perceber e de conceber as relações sociais. Fitar esse intervalo é um exercício de reflexão sobre a distância existente entre as vidas, as percepções e os pensamentos ameríndios e euramericanos, em relação aos espaço-tempos produzidos cotidianamente, por pessoas com pensamentos radicalmente diferentes.

Ao ser considerado como uma questão de perspectiva, o problema da tradução expressa a procura de ecos entre mundos e linguagens distintas. Inspirando-se em Deleuze, Leibniz e Walter Benjamin, Manuela Carneiro da Cunha (1998), destaca sintetizando: “o que permite a totalização dos pontos de vista singulares e irreduzíveis é a ressonância, a harmonia (Benjamin 1968:79,81; Deleuze 1988:33). Na Amazônia, diríamos: é o xamã.”<sup>59</sup> Essa reflexão sobre o problema da tradução torna-se pertinente à *Viagem Interoceânica*, por vários motivos. O primeiro consiste em assumir a tradução em “um sentido forte, benjaminiano, de procura de ressonâncias e reverberações entre sistemas e códigos diversos, e de totalização de pontos de vista parciais”<sup>60</sup>, cultivando a tarefa de traduzir contextos espaciais como um exercício de procura pela correspondência relativa, entre pontos de vista que habitam corpos distintos. A construção de um certo nexos entre

---

<sup>59</sup> CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução”, *Mana*, vol.4, n.1, p.7-22, abr./1998, p.17.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p.22.

códigos espaciais movidos por modos de relação distintos. Sob esta perspectiva tradutora, o fundamento do exercício precisa ir além da ordenação das coisas vistas, ditas e ouvidas, pois “*a tradução não é só uma tarefa de arrumação, de guardar o novo em velhas gavetas; trata-se de remanejamento mais do que de arrumação*”.<sup>61</sup>

O tradutor está longe de agir como um legislador ou juiz que define e regula as leis gerais de transposição dos sentidos. O que mais lhe importa é assimilar e saber transmitir uma certa correspondência enunciativa, sendo a sua enunciação particularmente polifônica. É por isso que, tal como enfatiza Umberto Eco, ao tradutor só cabe dizer “*quase a mesma coisa*”. Ele vai necessariamente repetir algo já dito e dizer algo diferente, escutado, por sua vez, de maneiras variadas. Portanto, há de ser sempre um terceiro incluído, operando passagens. O ofício do tradutor implica a substituição de uma linguagem cotidiana, ordinária e direta, pela expressão das ressonâncias mais harmônicas possíveis, em relação aos contextos de partida e de destino. Isto passa pela escolha de uma linguagem aproximada, envolvida com a comunicação dos pontos de vista envolvidos na negociação. O que nos remete a perceber a tradução como uma versão de significantes manobráveis através de “*palavras torcidas*”.

Mas como isto acontece? Como realizar o manejo da transposição aproximada entre espaços-mundos distintos? Uma tradução tende a ser a manifestação de uma percepção de incertezas verdadeiras que assegura certas verdades abertas? A concepção de um novo modo de dizer possui sempre um ar misterioso, onde paira uma dúvida permanente, em relação ao que foi dito originalmente. Diante da impossibilidade da exatidão do que está sendo comunicado, o que fazer com os sentidos de origem e de destino de um enunciado específico? Estaríamos, enquanto tradutores, inevitavelmente comprometidos com o equívoco, com a traição ou com a vingança? Sim e não. A verdade das aberturas reside na harmônica dose de equivocações que se mantém presente, durante o ato tradutório. Esta condição incontornável pode nos levar à conscientização de um sentido possível do “*real*” da prática espacial tradutora, a saber, aquele referente à “*verdade da relatividade (e não a relatividade do verdadeiro)*” (Deleuze 1988:30, apud. Carneiro da Cunha 1998:13), em detrimento da “*verdade absoluta*”. Ao chegar neste ponto, alguém pode se perguntar: como assimilar o sentido de uma “*boa tradução*”?

---

<sup>61</sup> CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução”, *Mana*, vol.4, n.1, p.7-22, abr/1998, p.13.

Não é, dirá Benjamin, o que restitui fielmente os objetos designados, já que, afinal de contas, nas diferentes línguas todos os objetos fazem parte de conjuntos, de sistemas diferentes que expressam o que Benjamin chama de modos de intenção. (...) A boa tradução é, então, aquela que é capaz de apreender os pontos de ressonância, de fazer com que a *intentio* de uma língua reverbere em outra. (...) A tarefa do tradutor torna-se grandiosa, por ser ela a busca da verdadeira linguagem, da qual as línguas particulares seriam apenas fragmentos (Benjamin 1968:78).<sup>62</sup>

Sob as perspectivas reunidas pelos *atos vidGeográficos*, uma “boa tradução” deve buscar, portanto, um esmero da harmonia interna e externa entre códigos espaciais distintos. Encontramos a “verdadeira linguagem” quando identificamos e superamos as armadilhas existentes nas “passagens entre códigos que jamais são inteiramente equivalentes” a ponto de tornar possível “a transposição de contradições reais” para um conjunto de signos diferentes. A eficácia dessa transposição tem mais a ver com o reforço mútuo das perspectivas singulares e irreduzíveis do que com a hierarquização dos posicionamentos presentes.

Ao assimilar esta reflexão, esta tese busca apenas indicar um caminho de pesquisa afeito à *diferença das perspectivas*, uma via que não negligencia a importância de seguir cultivando a compreensão do xamanismo como uma prática de tradução sócio-espacial. Consoante os objetivos aqui propostos, a intenção de contextualizar o perspectivismo ameríndio em relação ao perspectivismo ocidental reside em apontar uma brecha aberta pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (1998). Algo que nos estimula a pensar um geógrafo como um tradutor. E nada mais.

Para o xamã de um mundo novo, de pouca valia serão seus antigos instrumentos, as escadas xamânicas que lhe dão acesso aos diversos planos cosmológicos (Weiss 1969; Chaumeil 1983)<sup>63</sup>, sua aprendizagem, seus espíritos auxiliares, suas técnicas; montagens de outras técnicas podem ser preferíveis. Mas, ainda assim, cabe-lhe, “por dever de ofício”, mais do que pelos instrumentos conceituais tradicionais, reunir em si mais de um ponto de vista. Pois, apenas ele, por definição, pode ver de diferentes modos, colocar-se em perspectiva, assumir o olhar de outrem (Viveiros de Castro 1996)<sup>64</sup>. E é por isso que, por vocação, desses mundos disjuntos e alternativos, incomensuráveis de algum modo, ele é o geógrafo, o decifrador, o tradutor.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução”, *Mana*, vol.4, n.1, p.7-22, abr/1998, p.12.

<sup>63</sup> CHAUMEIL, Jean-Pierre. 1983. *Voir, Savoir, Pouvoir*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales; WEISS, Gerald. 1969. *The Cosmology of the Campa Indians of Eastern Peru*. Ph.D. Dissertation, University of Michigan.

<sup>64</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio”. *Mana*, 2: 115-44.

<sup>65</sup> CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução”, *Mana*, vol.4, n.1, p.7-22, abr/1998, p.16-7.

Pensar o xamanismo como o horizonte dos horizontes de uma prática tradutora dos espaços produzidos entre mundos ocidentais e ameríndios implica repensar as raízes de nossas práticas cotidianas e, sobretudo, da noção de natureza hegemonicamente concebida por perspectivas multiculturalistas. Mas ainda daria tempo de cultivar a compreensão de que a condição comum aos seres humanos e não-humanos, inclusive de alguns artefatos e obras arquitetônicas, não é a naturalidade animal, mas a sociabilidade humana? Quem percebe a unicidade “cultural” humana que nos reúne? Que outro nome poderíamos dar à nova forma geral de sujeito que inevitavelmente emerge a partir desta perspectiva? A percepção do Planeta e de cada pessoa como o corpo espacial de um organismo vivo poderia ser um caminho? Estaria esta noção apta a considerar os corpos mundanos e cósmicos como pessoas múltiplas?

O perspectivismo ameríndio insere-se nesta plataforma de pesquisa, portanto, como uma singela e salutar provocação à ampliação da problemática da tradução espacial. Por enquanto, de modo sucinto e para a compreensão da prática tradutora aqui realizada, basta assimilarmos esse ponto de contato fundamental entre o perspectivismo ocidental e o perspectivismo ameríndio. Em suma: encarnar a proposição de um sentido abrangente de “*ser*”, isto é, como *um* corpo que torna possível *a coabitação de múltiplas existências*. Mais especificamente, isto pode ser compreendido através do deslocamento que a perspectiva ameríndia realiza em relação à problemática da globalização contemporânea, compreendida como a expansão planetária daquela *economia-mundo*<sup>66</sup> historicamente gestada no entorno do Mar Mediterrâneo. Um deslocamento que permite pensar a globalização de modo distinto do praticado pelas perspectivas modernas ocidentais, a saber, como tentativas de totalização. Sob o ponto de vista da tradução perspectivista, a globalização do espaço concerne um corpo que exercita a reunião de pontos de vista singulares e irreduzíveis.

---

<sup>66</sup> Conceito proposto por Fernand Braudel (1902-85), para apontar o contexto geopolítico e geoeconômico de produção do germe da expansão às diferentes “economias mundiais”, ou seja, aos demais mundos, das ideias, dos interesses e das instituições fundamentais do que posteriormente veio ser conhecido como “Europa” e “Sistema Capitalista”. Ao se posicionar sob a perspectiva do tempo histórico “longo”, portanto “lento”, Braudel não separa compreensões temporais de compreensões espaciais, nos permitindo perceber uma certa “geo-história” da globalização contemporânea. Sobre esse assunto, consultar: BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin. 1949; WALLERSTEIN, Immanuel. *The modern world-system: capitalist agriculture and the origins of the european world-economy in the sixteenth century*. New York: Academic Press. 1974; RIBEIRO, Guilherme. *Espaço, tempo e epistemologia no século XX: a geografia na obra de Fernand Braudel*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2008; GRATLOUP, Géohistoire de la mondialisation: le temps long du Monde, Paris: Armand Colin, 2007, 256p.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Pimentas**: para provocar um incêndio não é preciso fogo. São Paulo: Ed. Planeta, 2012.

AMPHOUX, Pascal. L'observation récurrente. In : GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul (orgs.). **L'espace urbain en méthodes**. Marseille : Ed. Parenthèses, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique, aide-mémoire. **Communication**, Paris, n.16, 1970.

BENJAMIM, Walter. **Rua de sentido único**. In: Imagens de pensamento: obras escolhidas de Walter Benjamin. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BIEMANN, Úrsula. Fronteiras Transnacionais. **PISEAGRAMA**, n.1, Jan/2010. Belo Horizonte: ICC, 2010, pp.18-22.

BOMFIM, Zulmira A. C. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: Ed. UFC, 2010.

BOOTH, W. C; WILLIAMS, J. M.G; COLOMB, G. G. **Arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRAUDEL, Fernand. La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. Paris : Armand Colin, 1949

BRET, Bernard (org.). Les notions d'intégration et de fragmentation, approche géographique. **Bulletin de l'association de géographes français**, n. 82-4, dez. 2005. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/bagf\\_0004-5322\\_2005\\_num\\_82\\_4\\_2473](http://www.persee.fr/doc/bagf_0004-5322_2005_num_82_4_2473)  
Acesso em : jun/2017.

BRIDGING THE LAST FRONTIER. Disponível em: <https://www.iadb.org/en/news/webstories/2005-11-01/bridging-the-last-frontier%2C5047.html> Acesso em : mar/2018.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1985].

\_\_\_\_\_. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. *Mana*, v.4, n.1, p.7-22, abr. 1998.

CESARINO, Pedro Niemeyer. **Oniska: poética do xamanismo na Amazônia**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CLAVAL, Paul. Le rôle du terrain en géographie. *Confins*, n.17, 2013.

CLIFFORD, James. **Itinerarios Transculturales**. Barcelona: Gedisa Ed., 1999.

COELHO, Maria E. Do Acre ao Pacífico, dos Andes à Amazônia. *Horizonte Geográfico*, s.n, 2010.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CORRÊA DA SILVA, Armando. **De quem é o pedaço?** Espaço e Cultura. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986.

COSTES, Laurence. **Lire Henri Lefebvre, Le droit à la ville, vers une sociologie de l'urbain**. Ellipses, 2009.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Le pli : Leibniz et le Baroque**. Paris, Ed. Minuit, 1988(a).

\_\_\_\_\_. **Nietzsche**. Lisboa, 1965.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 5, São Paulo: Ed. 34, 2000.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol.4, São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_; PARNET, Claire. **Dialogues**. Paris : Flammarion, 1996.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A criação compartilhada: uma biografização coletiva. In: MARTINS, Raimundo et al. (org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**, Santa Maria: Ed. UFSM, 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biographie et education: figures de l'individu-projet**, Paris: Anthropos, 2003.

ECO, Umberto. **Dire Presque la même chose : expériences de traduction**. Tradução de Myriem Bouzaher. Paris : Grasset, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FALEIROS, Álvaro. Antropofagia modernista e perspectivismo ameríndio: considerações sobre a transcrição poética desde Haroldo de Campos. **Revista IPOTESI**, Juiz de Fora, v.17, n.1, p. 107-119, jan./jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Apontamentos para uma poética xamânica do traduzir. **Revista Eutomia**, Recife, 10 (1), 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/829/o> Acesso em: jun/2018.

FAVRET-SAADA, J. Être Affecté. *Gradhiva. Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, n.8, 1990, pp. 3-9.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo – design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: **Ditos e escritos**, volume VI: Repensar a política. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel de Barros da Motta. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Surveiller et punir**. Paris : Gallimard, 1975.

FRAENKEL, Béatrice. A pesquisa sobre os escritos do trabalho na interface entre linguística e antropologia. In: MARINHO, Marildes (org.) **Cultura escrita e letramento**. Tradução de Guilherme Marinho Miranda. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p. 156-194.

FUÃO, F. Fernando. Construir, morar, pensar: Uma releitura de 'construir, habitar, pensar' (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger. **Revista Estética e Semiótica**, v. 6, p. 1-30, 2016.

FREIRE, Paulo Freire; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio e Janeiro: Paz e Terra. Coleção Educação e Comunicação: v. 15. 1985.

GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

GONÇALVES, Marco Antônio; HEAD, Scott. Confabulações da alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos. In: GONÇALVES, Marco Antônio; HEAD, Scott (org.).

**Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p.31.

GRATALOUP, Christian. **Géohistoire de la mondialisation : le temps long du Monde,** Paris : Armand Colin, 2007, 256p.

GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul (orgs.). **L'espace urbain en méthodes.** Marseille : Ed. Parenthèses, 2001.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt, Campinas: Papyrus, 1990.

HAESBAERT, Rogério. Espaço-Terra-Território: O dilema conceitual numa perspectiva latino-americana, In: BETHÔNICO, Mabe (org.). **Provisões: uma conferência visual,** Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2013, p.54.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar,** 1954. Tradução de "Bauen, Wohnen, Denken", por Marcia Sá Cavalcante Schuback. Conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em 1951, em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen. Disponível em: [www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,%20ohabitar,%20opensar.pdf](http://www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20ohabitar,%20opensar.pdf). Acesso em: jun/2016.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2a. ed., 1985

HERRMANN, Fabio. **Andaimos do real: o cotidiano.** São Paulo: Ed. Vértice, 1985.

HESS, Remi. **Produire son œuvre : le moment de la thèse.** Paris : Teraèdre, 2003.

\_\_\_\_\_. **Henri Lefebvre et l'aventure du siècle.** Paris : Métailié, 1988.

HISSA, Cassio. **Entrenotas: compreensões de pesquisa,** Belo Horizonte: UFMG, 2013(a).

\_\_\_\_\_. **A mobilidade das fronteiras,** Belo Horizonte: UFMG, 2013(b).

\_\_\_\_\_. **Conversações. De artes e de ciências.** Belo Horizonte: UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Breves Notas sobre a Ciência.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. **Transdisciplinaridade: a condição humana sob as referências da razão.** In: **Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2,** Vitória, 2005.

HOLMES, Brian. **L'extradisciplinaire : pour une nouvelle critique institutionnelle.** In : **Multitudes,** n.28, 2007.

IVEKOVIC, Rada. **Que veut dire traduire ? Les enjeux sociaux et culturels de la traduction.** **REVUE Asylon(s),** n°7, juin 2009.

\_\_\_\_\_. **Se mettre à traduire. Crosswords,** Congrès Eurozine Paris, sept. 2008(a).

\_\_\_\_\_. **Traduire les frontières. Langue maternelle et langue nationale,** **REVUE Asylon(s),** n°. 4, mai. 2008(b).

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. **Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien**. Paris : Ed. Seuil, Vol.3: La volonté de vouloir, 1980.

JULIEN, F. **De l'intime : loin du bruyant amour**, Paris : Folio Essais, 2013.

KAFKA, Franz. **Narrativas do Espólio**. tradução: Modesto Carone, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, Jacques. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. In: **Scilicet** 6/7, Paris, Seuil, 1976, p.60. Disponível em: <http://aejcpp.free.fr/lacan/1975-12-02.htm> Acesso em: jul/2016.

\_\_\_\_\_. Le séminaire XXII R.S.I [Réel, symbolique, imaginaire]. Texte établi par J. A. Miller. **Bulletin périodique du champ freudien**, 1-5, Paris, 1975.

LATOURE, Bruno. **Perspectivism: 'Type' or 'bomb'?**. In : *Anthropology Today*, n.25, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **Le droit à la ville**. Paris : Anthropos, 3e. edition, 2009 [1968].

\_\_\_\_\_. **La production de l'espace**, Paris: Anthropos, 2000(a) [1974].

\_\_\_\_\_. **Espace et politique**. Paris : Anthropos, 2000(b) [1973].

\_\_\_\_\_. **La présence et l'absence**, Paris : Casterman, 1980.

\_\_\_\_\_. **Tiempos equívocos**. Barcelona: Editorial Kairós, 1976.

\_\_\_\_\_. **Hegel, Marx, Nietzsche ou le royaume des ombres**. Paris : Casterman, 1975.

\_\_\_\_\_. **Le manifeste différentialiste**. Paris : Gallimard, 1970.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LENCIONI, Sandra. Totalidad y tríadas: comprendiendo el pensamiento de Lefebvre. In: DE MATTOS, Carlos et al. (org.). **Lefebvre revisitado: capitalismo, vida cotidiana y el derecho a la ciudad**. Santiago: RIL editores, 2015, pp.57-78

LETHIERRY, Hugues. **Penser avec Henri Lefebvre : sauver la vie et la ville?** Lyon : Chronique sociale, 2009.

LILA, Luana. **Da Floresta ao Pacífico**. Disponível em: [https://issuu.com/luana.lila/docs/da\\_floresta\\_ao\\_pacifico](https://issuu.com/luana.lila/docs/da_floresta_ao_pacifico) . Acesso em: jun/2018.

MACHADO, Ondina; RIBEIRO, Vera Lúcia Avelar. **Um real para o século XXI**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p.41.

MALABOU, Catherine. **Que faire de notre cerveau ?** Paris, Bayard, 2004.

MARQUEZ, Renata. Arte como prática de fronteira. In.: BETHÔNICO, Mabe (org.). **Provisões: uma conferência visual**. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Tese de doutorado, IGC/UFMG.

MARQUEZ, R.; CAMPOS, A.; TEIXEIRA, C.; CANÇADO, W. **Espaços Colaterais**. Belo Horizonte: ICC, 2008.

MEDEIROS, Ocelio de. **Jamaxi: a poesia do Acre**. [S.l.]: Brasiliense, 1979.

MERRIFIELD, Andy. **Henri Lefebvre a critical introduction**. New York, Routledge, 2006.

MONDADA, Lorenza. L'entretien comme événement interactionnel. In : GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul (org.). **L'espace urbain en methods**. Marseille : Éditions Parenthèses, 2001.

NANCY, Jean-Luc. O ser-com do ser-aí. Tradução de Carlos Cardozo Coelho. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, UERJ, v.6, n.1, 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/viewFile/30454/21736>>. Acesso em: abr/2017.

\_\_\_\_\_, Jean-Luc. **Être singulier pluriel**. Paris : Galilée, 1996.

NEYRAT, Frédéric. Ce qui arrive aux images (aux passages des frontières). **REVUE Asylon(s)**, N°7, octobre 2009. Disponível em: <<http://www.reseau-terra.eu/article919.html>>. Acesso em: set/2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zarathustra**. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

PAZ, Octavio. **Conjunções e Disjunções**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1979.

PELLEJERO, Eduardo. Entre dispositivos e agenciamentos: o duplo deleuziano de Foucault. **Revista Margens Interdisciplinar**, [S.l.], v. 6, n. 7, p. 11-22, maio 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2807>>. Acesso em: 14 jun/2018.

PETITEAU, Jean-Yves. La méthode des itinéraires ou la mémoire involontaire. In : BERQUE, Augustin; BONIN, Philippe; De BIASE, Alessia; LOUBES, Jean-Paul; PETITEAU, Jean-Yves. **Colloque Habiter dans sa poétique première**, Cerisy-La-Salle, sept/2006.

\_\_\_\_\_; PASQUIER, Élisabeth. La méthode des itinéraires : récit et parcours. In: GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul (org.). **L'espace urbain en methods**. Marseille : Éditions Parenthèses, 2001.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**, São Paulo: Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. **Le partage du sensible**. Paris : La Fabrique, 2000.

RIBEIRO, Guilherme. **Espaço, tempo e epistemologia no século XX: a geografia na obra de Fernand Braudel**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2008.

RICŒUR, Paul. **Sur la traduction**. Paris : Bayard, 2004.

ROCHA, Ava. Alto das Bacantes. In : **Ava Patrya Yndia Yracema**, São Paulo: Circus Produções Culturais & Fonográficas, 2015, faixa 5.

SANGLA, Sylvain. **Politique et espace chez Henri Lefebvre**. Tese de doutorado em Filosofia, Université Paris 8, Vincennes Saint-Denis, 2010.

SANTOS, Boaventura de S. **Épistémologies du Sud**. *Études Rurales*, 187, 2011.

\_\_\_\_\_. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Prática de Ciências Sociais*, 78, 2007, pp. 3-46.

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003(a).

\_\_\_\_\_. **Conhecimento prudente para uma vida decente: "Um discurso sobre as ciências" revisitado**, Porto: Ed. Afrontamento, 2003(b).

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed., São Paulo: EdUSP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. O tempo nas cidades. **Ciência e Cultura**, vol.54, 2002. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v54n2/14803.pdf> Acesso em: fev/2015

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_; HARAZIM, Dorrit. O mundo não existe. In: HISSA, Cássio E. V. (org.). **Conversações de artes e de ciências**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

SENNET, Richard. **Carne y piedra**. Madrid: Alianza Editorial. 1997.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, no 19, 2006, pp. 81-91.

SIMMEL, Georg. A Ponte e a Porta. **Revista Política e Trabalho**, PPGS/UFPB, n.12, set/1996. Disponível em: <http://www.oocities.org/collegetpark/library/8429/12-simmel-1.html> . Acesso em: nov/2017.

SOARES, Magda; FAZENDA, Ivani. Metodologias não convencionais em teses acadêmicas. In: FAZENDA, Ivani (Org.) **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2001, p.119-135.

SOUZA, Miguel de. (ed.). **A saída para o Pacífico**. Porto Velho : SEBRAE, 1993.

STEINER, George. **Après Babel**. Paris : Albin Michel, 1998.

SWYNGEDOUW, Erik. Neither global nor local: 'glocalization' and the politics of scale. In: COX, Kevin (org.). **Spaces of globalization: reasserting the power of the local**. New York/London: The Guilford Press, 1997, pp. 137-166.

TAVARES, Gonçalo M. **Aviação e pensamento**. Bahiaciência, Salvador, n.2, jul/ago 2014.

\_\_\_\_\_. **Uma viagem à Índia: melancolia contemporânea (um itinerário)**. São Paulo: Leya, 2010.

\_\_\_\_\_. **Breves notas sobre ciência**. Lisboa: Relógio D'água, 2006.

VAINER, Carlos. Lugar, região, nação, mundo: experiências históricas do debate acerca das escalas da ação política. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 2, v. 8, nov. 2006.

VALÉRY, Paul. **L'idée fixe ou Deux hommes à la mèr**. 1932.

VERNANT, Jean-Pierre. **A travessia das Fronteira: entre mito e política II**. São Paulo: EdUsp, 2009.

VIRILIO, Paul. **A Máquina de Visão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

\_\_\_\_\_. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Ed.34. 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Geobricolage against geoen지니어ing: on practical ontologies at the interstices of Empire. **Simpósio internacional da Wenner-Gren Foundation**, Nova York, set. 2017.

\_\_\_\_\_. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo, Cosac Naify. 2002.

\_\_\_\_\_. Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio. **Mana**, (2) 2, 1996, p. 115-144.

VOLVEY, Anne. Transitionnelles géographies : sur le terrain de la créativité artistique et scientifique. **Mémoire pour l'obtention de l'HDR**, Université Lumière – Lyon 2, Décembre/2012.

VON HUMBOLDT, Wilhelm ; THOUARD, Denis (Trad.). **Sur le caractère national des langues**. Seuil, Essais, 2000 (édition bilingue).

WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system: capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century**. New York: Academic Press, 1974.

WEISS, Gerald. **The Cosmology of the Campa Indians of Eastern Peru**. Ph.D. Dissertation, University of Michigan, 1969.